

TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE SOUZA

***ONDAS EM RESSONÂNCIA: LETRAMENTOS DIGITAIS DE
ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL***

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutora
em Educação.

Orientadora: Dr^a. Dulce Márcia Cruz –
CED/UFSC

Coorientadora: Dr^a. Lucia Amante –
UAb (Portugal)

Florianópolis – SC

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Terezinha Fernandes Martins de
ONDAS EM RESSONÂNCIA: : LETRAMENTOS DIGITAIS DE
ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL / Terezinha
Fernandes Martins de Souza ; orientadora, Dulce Márcia
Cruz ; coorientadora, Lucia Amante. - Florianópolis, SC,
2016.
364 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Cibercultura. 3. Mídias Digitais. 4.
Letramentos Digitais. 5. Educação Online. I. Cruz, Dulce
Márcia. II. Amante, Lucia. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

“ONDAS EM RESSONÂNCIA: LETRAMENTOS DIGITAIS DE ESTUDANTES NA
UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL”

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 07/03/2016

Dra. Dulce Márcia Cruz (PPGE/UFSC-Orientadora)
Dra. Lúcia da Graça Cruz Domingues Amante (UAB/Portugal-Examinadora)
Dra. Edméa de Oliveira Santos (UERJ – Examinadora)
Dra. Kátia Morosov Alonso (UFMT – Examinadora)
Dra. Araci Haek Catapan (UFSC-Examinadora)
Dra. Daniela Karine Ramos Segundo (UFSC-Examinadora)
Dr. Luis Otoni Meireles Ribeiro (IFSUL-Examinador)
Dr. Edla Maria Faust Ramos (UFSC-Suplente)
Dra. Maria Herminia Lage Fernandes Laffin (UFSC-Suplente)

Tereza
TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE SOUZA
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/MARÇO/2016

AGRADECIMENTOS

Cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. (...) chegar ao ponto em que não se diz mais eu, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer eu. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 11).

À minha orientadora, professora Dr^a. Dulce Márcia Cruz, pela maneira motivadora, pela proximidade e leveza com que conduziu a orientação, pelo incentivo constante a extrapolar os estudos circunscritos ao contexto brasileiro e pela maneira certa e humana com que lançou o olhar ao processo da pesquisa, dando-me liberdade para as artes de pensar, fazer, aprender, criar e (re)inventar o cotidiano de formação.

À minha orientadora do Doutorado Sanduíche, professora Dr^a. Lucia Amante, Universidade Aberta (UAb), Portugal, pela acolhida em Lisboa, pela amizade, pela maneira descontraída e ao mesmo tempo firme com que conduziu o processo de estudos, que, à maneira barbareana, me ensinou a desenhar novos mapas e cartografias para os caminhos da pesquisa. E a toda a equipe de professores da UAb, com quem foi possível aprender, em especial à Maria João Spilker e Maria Antonieta Rocha.

À banca de qualificação e de defesa: professoras Dr^a. Edméa Santos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Dr^a. Kátia Morosov Alonso, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Dr^a. Araci Hack Catapan, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelas contribuições valiosas para a qualificação e para a finalização da tese. Aos professores Dr^a. Daniela Karine Ramos e Dr^a. Edla Maria Ramos, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Dr. Luis Otoni Meireles Ribeiro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL), por terem aceitado participar da banca.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos (2012/2013), que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao CNPq, pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche (2014/2015) para a permanência em Portugal e realização dos estudos na Universidade Aberta (UAb).

À Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na gestão da Reitora professora Dr^a. Maria Lucia Cavalli Neder, por ter concedido o meu afastamento para a realização do doutorado no âmbito do Pródoutoral Docente. E aos meus companheiros de trabalho do Instituto de Educação (IE), do Departamento de Ensino e Organização Escolar (DEOE) e do Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), pela compreensão do meu afastamento do trabalho para a qualificação.

Aos meus colegas doutorandos do Brasil (UFSC), em particular à Eli Lopes da Silva, pela amizade, disponibilidade, companhia e parceria durante o percurso de estudos em Florianópolis - SC, e de Portugal, em especial, à Marcel Bruno Pereira Braga, pelas conversas e trocas, sobretudo pelas contribuições feitas ao trabalho no percurso final da pesquisa, que, no encontro das diferenças de nossas formações, à maneira deleuzeana, provocaram-me intensidades e ressonância.

Aos amigos e amigas que fiz pelo caminho, de diferentes universidades do Brasil e de Portugal, durante o período do Doutorado Sanduíche, professoras Dr^a. Daniela Melaré Barros, Elena Maria Mallmann, Fernanda Coutinho Campos, Edilene Rapolli, Elizabeth Orofino, Denise Rezende, Mara Denize Mazzardo e, em especial, à Diene Eire Melo, pelo tempo de convivência em Lisboa e pela possibilidade de construirmos juntas conhecimentos acadêmicos e interculturais.

Ao meu filho, José Rodolfo Fernandes de Souza, pela presença constante, mesmo distante física e geograficamente, pela admiração, apoio e compreensão madura sobre a importância da minha formação acadêmica e profissional.

A todos os meus familiares e amigos que de maneira silenciosa foram mestres, com uma palavra, um incentivo, um aconchego, um sorriso. Gratidão!

Não posso re-ler o mundo, vê-lo adequadamente ao novo tempo em que me acho, se não melhora os velhos instrumentos de análise, se não invento novos instrumentos, se não aprendo a melhor ligar e entender as potencialidades que se relacionam na totalidade que cindi para conhecer. Mas, a leitura nova que faço de meu mundo demanda igualmente uma nova linguagem – a da possibilidade, aberta é esperança [...] a possibilidade de ter o pequeno quintal da minha casa estudado de outra parte do mundo [...].
(FREIRE, 2012, p. 98).

RESUMO

ONDAS EM RESSONÂNCIA: LETRAMENTOS DIGITAIS DE ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL

O estudo foi realizado na Universidade Aberta (UAb) – Portugal, através do Módulo Introdutório de Ambientação *Online* (MAO) com vistas a analisar o processo de formação de estudantes *online* (idealização, práticas e discursos) ao uso das mídias digitais (MD), identificando a relação entre as competências a desenvolver nos estudantes e as dimensões, conhecimentos e habilidades mobilizadas durante a formação que se configuram em Letramentos Digitais (LD), destacando as contribuições para propostas de formação ao contexto brasileiro. A pesquisa foi desenvolvida com o apoio do referencial teórico-metodológico da sociologia do cotidiano de Certeau (1999) para conhecer as maneiras (operações) pelas quais os sujeitos (praticantes culturais) se apropriam, consomem e produzem em interação com as MD. E com inspiração na lógica cartográfica de Martin-Barbero (2004), para empreender o movimento da pesquisa e o papel do pesquisador-cartógrafo desenhando cartas e mapas dos percursos da investigação e formação. O uso de metáforas possibilitou o diálogo entre as artes de fazer e de cartografar com o cotidiano e a elucidação de conceitos relacionados ao tema. A investigação contou com etapas que se constituíram de levantamento bibliográfico e bibliométrico; análise documental; observação participante; e entrevistas com professores formadores. A interpretação dos dados foi realizada com técnicas que se aproximam da análise de conteúdo e redação escrita com características descritivas e narrativas. Com os resultados foi possível atualizar os conceitos de Prática de Letramento e Evento de Letramento considerando as novas questões que o digital traz. No primeiro caso, foi proposto o conceito de Práticas de Letramentos Digitais (PLD) como um fenômeno contextualizado social, política, econômica e culturalmente, que envolve identidade, discurso e poder, os quais configuram e determinam a interpretação e atribuição de sentido pelos participantes em eventos mediados por MD que mobilizam conhecimentos, habilidades, meios e gêneros multimodais e hipermidiáticos, circunstanciados pelo contexto sócio histórico do discurso e das condições de produção. No segundo caso, foi proposto o conceito de Evento de Letramentos Digitais (ELD) como uma situação em que um suporte (portador ou interface digital) se torna parte

integrante da interação entre os participantes e seus processos interpretativos e se constitui através de práticas sociais de uso de MD em contextos comunicativos como instâncias de uso em que a mensagem digital é a sua materialização. Os estudos durante o MAO apontaram para a materialização do conjunto de competências previstas pela UAb e outras que não estavam previstas emergiram nas práticas dos estudantes em formação, em convergência com dimensões, conhecimentos e habilidades dos LD. Com os resultados foram elaborados indicadores às propostas de formação aos LD para a universidade brasileira e outros contextos. Por fim, a questão de pesquisa se confirmou ao apontar que os LD na cibercultura implicam tanto a apropriação das novas linguagens do meio digital, quanto a prática efetiva de uso social destas em eventos que convergem diversos meios, recursos, interfaces, gêneros e linguagens digitais, e podem ser potencializadas na formação de estudantes *online* na universidade.

Palavras chave: Cibercultura. Mídias Digitais. Letramentos Digitais. Educação *Online*. Universidade. Estudantes.

ABSTRACT

WAVES IN RESONANCE: STUDENT'S DIGITAL LITERACIES AT THE OPEN UNIVERSITY OF PORTUGAL

The study was conducted at the Open University (UAB) - Portugal, through the Introductory Atmosphere Online Module (MAO), in order to analyze the online students training process (idealization, practices and discourses) for the use of digital media (MD), identifying the relationship between the skills to develop in students and dimensions, knowledge and skills mobilized during training that are configured in Digital Literacies (LD), highlighting the formation of the proposed contributions to the Brazilian context. The research was conducted with the support of theoretical and methodological framework of everyday sociology, by Certeau (1999), to understand the ways (operations) in which subjects (cultural practitioners) appropriate, consume and produce in interaction with the MD. And with inspiration in cartographic logic, Martin-Barbero (2004), undertake the movement of research and the role of researcher-cartographer, drawing charts and maps the pathways of research and training. The use of metaphors possibilitate dialogue between the arts of making and mapping daily life and the elucidation of concepts related to the topic. The investigation included steps that consisted of bibliographic and bibliometric survey; document analysis; participant observation; and interviews with former teachers. Interpretation of the data was performed with techniques that approximate the content analysis and essay writing with descriptive characteristics and narratives. With the results, it was possible to update the concepts of literacy practices and literacy event, considering the new questions that digital brings. In the first case, it was proposed the concept of Digital Literacy Practices (PLD) as a social contextualized phenomenon, politically, economically and culturally, which involves identity, discourse and power, which shape and determine the interpretation and attribution of meaning by the participants in events mediated by MD mobilizing knowledge, skills, media and multi-hypermedia genres, detailed the socio-historical context of the discourse and the production conditions. In the second case, Digital Literacy event concept was proposed (ELD) as a situation where a holder (bearer or digital interface) becomes an integral part of the interaction between the participants and their interpretative processes and is through social practices use of MD in communicative contexts, such as use of instances

where digital message is its materialisation. Studies during the MAO pointed to the materialization of the set of powers provided by the UAB, and others that were not foreseen emerged in the practice of students in training in convergence with dimensions, knowledge and skills of LD. With the results, indicators were developed for training proposals in LD, the Brazilian university and other contexts. Finally, the research question was confirmed by pointing out that LD in cyberculture, involving both the appropriation of new languages in the digital environment, as the effective practice of social use of these events that converge various means, resources, interfaces, genres and digital languages, and can be leveraged in the formation of online students at university.

Keywords: Cyberculture. Digital Media. Digital literacies. Online Education. University. Students.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Síntese Cartográfica das Metáforas: “Dobras e desdobras”	24
Quadro 02 – Síntese Teórico-Metodológica da pesquisa, adaptada da Perspectiva das “Artes de Fazer com o Cotidiano”	44
Quadro 03 – Síntese da Perspectiva Teórico-Metodológica na “Lógica Cartográfica”	49
Quadro 04 – Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) para a Formação de Estudantes Online na Universidade.....	50
Quadro 05 – Conceitos/Definições de Letramento.....	73
Quadro 06 – Enfoques, Abordagens, Modelos e Perspectivas.....	76
Quadro 07 – Tipos de Letramentos.....	79
Quadro 08 – Definições para Letramentos na Cultura Digital.....	83
Quadro 09 – Familiaridade de estudantes com o universo das TIC no PISA.....	92
Quadro 10 – Competências para o uso de Mídias Digitais (MD).....	93
Quadro 11 – Habilidades para Letramento Digital (LD).....	95
Quadro 12 – Dimensões, Pilares e Habilidades de LD.....	98
Quadro 13 – Eventos de Letramentos (Digitais) – ELD: Características, Estratégias, Recursos, Processos Interpretativos e sua Materialização.....	111
Quadro 14 – Referências às TICs na Educação, no Contexto Português (continua).....	121
Quadro 15 – Referências às TICs no Contexto Educacional Brasileiro.....	127
Quadro 16 – PUC-MAO– UAb – 2014/2015.....	152
Quadro 17 – Temas e Atividades do Plano do MAO.....	153
Quadro 18 – Avaliação das Aprendizagens no MAO.....	156
Quadro 19 – Evento de Letramentos Digitais (ELD).....	161

Quadro 20 – Temas do Guia do Estudante Online.....	166
Quadro 21 – Parâmetros de Organização Pessoal e a Gestão do Tempo.....	168
Quadro 22 – Competência de Gestão do Tempo e a Caracterização das Habilidades.....	173
Quadro 23 – Parâmetros de Gestão do Tempo.....	174
Quadro 24 – Comunicação Presencial e Comunicação Virtual: semelhanças e diferenças.....	180
Quadro 25 – Comunicação Assíncrona.....	185
Quadro 26 – Competência e Habilidades de Comunicação Online....	189
Quadro 27 – Competência e Habilidades de Comunicação Online....	192
Quadro 28 – Evento de Letramentos Digitais (ELD).....	197

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onda, Handmade, China, Mainland.....	37
Figura 2 – A Ilha da Vida, Arnold Böcklin, 1888.....	61
Figura 3 – Práticas e Eventos de Letramentos.....	107
Figura 4 – Esquema-Síntese do Capítulo 2	113
Figura 5 – O Mar. O’Keefe, Lake George, 1900.....	117
Figura 6 – Palavras mais citadas nos documentos oficiais.....	131
Figura 7 – Modelo de Comunidades de Inquirição de Garrison et al (2000).....	138
Figura 8 – Esquema – Síntese do Capítulo 3.....	139
Figura 9 – Interface de Abertura do MAO.....	150
Figura 10 – Abertura do Tópico 2.....	159
Figura 11 – Tópico 3 – Ser Estudante Online.....	165
Figura 12 – Tópico 4 – Estudar na UAb.....	177
Figura 13 – Esquema- Síntese do Capítulo 4.....	209

LISTA DE ABREVIATURAS

AMI - Matriz Curricular de Competências em Alfabetização Midiática e Informacional

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

AO - Ambientação Online

AV – Ambiente Virtual

AVEA - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem

CAP - Cartão de Aprendizagem

CMC Comunicação Mediada por Computador

CV - Classe Virtual

EFQM - European Foundation for Quality Management

EFQUEL – European Foundation for Quality in E-learning

ELD - Evento de Letramento Digitais

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IINAF - Indicador de Alfabetismo Funcional

ILD - Índices de Letramentos Digitais

IPM - Instituto Paulo Montenegro

LD - Letramentos Digitais

MAO - Módulo de Ambientação Online

MD - Mídias Digitais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOPTC - Ministério das Obras Públicas Transportes e Telecomunicações

MPV - Modelo Pedagógico Virtual

NLS - New Literacy Studies

NTIC - Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OED - Organização da Equipe Docente

OTA - Office of Technology Assessment

PAF - Plano de Atividades Formativas

PISA - Programme for International Student Assessment

PLD - Práticas de Letramento

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPP - Projeto Político e Pedagógico

PT - Portugal

PUC - Plano da Unidade Curricular

RA - Recursos de Aprendizagem (RA).

RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

SOL - Social Acadêmica

TCM - Teoria Conceitual da Metáfora

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UAb - Universidade Aberta

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNIQUE –Quality Label for the use of ICT in Higher Education
(Universities and Institutes)

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP

SUMÁRIO

METÁFORAS: “Mares e Intensidades”	23
CONSIDERAÇÕES INICIAIS: “Lançando-se ao Mar”	27
Objeto, Problema e Objetivos.....	27
Justificativa.....	30
Aspectos Metodológicos	31
Organização dos Capítulos	33
CAPÍTULO I	35
1 O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO: “No Movimento das Ondas”	35
1.1 INVESTIGAR COM O COTIDIANO: “Operando pela Fluidez das Águas”	38
1.1.1 As Artes de Fazer com o Cotidiano: “Mergulhos Profundos”	39
1.1.2 Cartografias Móveis: “Mapas para a Aventura Oceânica”	45
1.1.3 Narrativas com o Cotidiano: “Entrelaçando os Nós da Rede”	53
1.1.4 Etapas da Pesquisa: “Capturas por Entre as Ondas”	55
CAPÍTULO II	59
2 CIBERCULTURA: “Da Ilha ao Mar”	59
2.1 INFORMAÇÃO DIGITAL E CONHECIMENTO EM REDE: “Tens Carta de Navegação?”	62
2.2 LETRAMENTOS DIGITAIS: Ilhas Desconhecidas.....	69
2.2.1 Origem e Construção do Conceito de Letramento: “Propagação de Ondas”	69
2.2.2 Definições, Conceituações, Enfoques, Abordagens e Modelos: “Águas Contínuas”	72
2.2.3 Diferentes Letramentos: “Na Imensidão do Mar”	78
2.3 LETRAMENTO(S) NA CIBERCULTURA - Percursos e Transformações: “Ondas Incessantes”	81

2.3.1 Habilidades Relacionadas: “ <i>Sabes Navegar?</i> ”	90
2.3.2 Linguagens Híbridas Mobilizadoras de LD: “ <i>Ondas em Dobras e Desdobras</i> ”	100
2.4 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (PLD) E EVENTOS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (ELD): “ <i>Aprender no Mar</i> ”	105
2.4.1 Práticas de Letramento(s): “ <i>Embarcação e Tripulantes na Imensidão Oceânica</i> ”	108
2.4.2 Eventos de Letramento(s): “ <i>Operações Culturais dos Tripulantes</i> ”	109
2.5 ESQUEMA-SÍNTESE DO CAPÍTULO 2.....	113
CAPÍTULO III	115
3 LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES ONLINE: “No Enlace das Ondas do Mar”	115
3.1 FORMAÇÃO PARA OS LETRAMENTOS DIGITAIS: “No Enlace das Ondas do Mar”	118
3.1.1 O Contexto Português: “ <i>Rotas Portuguesas de Navegação</i> ”	121
3.1.2 O Contexto Brasileiro: “ <i>Rotas Brasileiras de Navegação</i> ”	127
3.2 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (PLD) E EVENTOS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (ELD) NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES ONLINE: “ <i>Desancorando Embarcações</i> ”	133
3.3 ESQUEMA-SÍNTESE DO CAPÍTULO 3.....	139
CAPÍTULO IV	141
4 LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES ONLINE NA UAb: “Além das Margens do Mar”	141
4. 1 O MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO ONLINE DA UNIVERSIDADE ABERTA PORTUGUESA.....	142
4.1.1 A Universidade Aberta (UAb) – As Artes de Pensar o Fazer: “ <i>Redes Lançadas ao Mar</i> ”	142
4.1.2 O Modelo Pedagógico Virtual (MPV) da UAb: “ <i>Rotas para a Viagem</i> ”	145
4.2 A UNIDADE CURRICULAR MAO: “ <i>Águas Contínuas</i> ”	149

4.2.1 O Plano de Unidade Curricular (PUC): “ <i>Direções para a Embarcação</i> ”	152
4.3 A AMBIENTAÇÃO ONLINE: “Praticantes Culturais em Navegação”	159
4.3.1 Ser Estudante <i>Online</i> – “Até no autocarro podemos estar na universidade”: “Pelas Vazantes do Águas”.....	165
4.3.1.1 A Gestão do Tempo e Organização Pessoal – “Já não andamos à deriva dos acontecimentos”: “Intensidade das Marés”	167
4.3.2 Estudar na UAb – “À distância, mas presentes em um clique”: “ <i>Transitando por entre Ondas</i> ”	176
4.3.2.1 Comunicação Virtual e Comunicação Presencial – “Em qualquer lugar e em diversos tempos”: “Outras Praias e Mares”	179
4.3.2.2 Comunicação Assíncrona – Diálogos, discussões e trocas de ideias: “Construindo Barcos”	183
4.3.2.3 Comunicação Online – “Netiqueta e Outros Valores: Águas Profundas”	192
4.4 OPERAÇÕES E FABRICAÇÕES CULTURAIS – Perspectivas às PLD e aos ELD: “ <i>Quebrando Ondas</i> ”	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Potencialidades para Continuar a Viagem”	211
REFERÊNCIAS	217
APÊNDICES	229
ANEXOS	265

METÁFORAS: “*Mares e Intensidades*”

As metáforas que apresento no decorrer do texto servem para dar concretude ao cenário e aos personagens conceituais, são como um espaço de potência e de diálogo com as artes de fazer e de cartografar e atuam como intensidades ao olhar, para a compreensão do objeto de estudo. Estas metáforas estão na abertura dos capítulos, nos títulos e subtítulos e em algumas partes do texto. As metáforas, sem suporte teórico-metodológico, povoam meus escritos pessoais desde que comecei a escrever as minhas memórias, há dez anos, nelas também moram outras criações chamadas “Mar de Devir”, que se traduzem também, desde que comecei o doutorado, nas infinitas possibilidades com o virtual e a cibercultura. As metáforas são uma possibilidade de “inventar o possível, ocupar um espaço de movimentação onde possa surgir a liberdade. A história nos ensina que o recurso mais difícil de ser posto em ação é a força para começar” (LUCE GIARD; CERTEAU, 1975, p. 14).

O filósofo clássico, Aristóteles, com a retórica tradicional, fez uma introdução aos estudos da metáfora e o filósofo da pós-modernidade, Deleuze, não só discutiu sobre a metáfora como fez uso delas para dizer sobre conceitos extremamente complexos, relacionando-os aos signos, por exemplo, as ondas do mar e os movimentos que o nadador executa ao aprender a nadar como constituindo o encontro com o heterogêneo. Para Deleuze, a violência travada no encontro com o diferente não impede que se entre em ressonância com ele (DELEUZE, 2010). Outro exemplo do encontro com o heterogêneo pela metáfora, para este autor, é o de que apaixonar-se por alguém é individualizá-lo pelos signos que este traz consigo ou emite.

No quadro a seguir, apresento uma síntese das metáforas usadas no texto.

Quadro 1 – Síntese Cartográfica das Metáforas: “Dobras e desdobras”.

Metáforas	O que dizem
<i>Ilha Desconhecida: o ponto de partida para a pesquisa</i>	Postura contemporânea de inquietação para compreender a cibercultura no contexto da pós-modernidade e as suas necessidades de conhecer para viver a/na sociedade da informação e do conhecimento em rede. Intentar conhecer uma ilha desconhecida implica buscar formas de movimentar-se nela e, ao mesmo tempo, de sair dela, explorar o seu entorno e aventurar-se pelas ondas, pois “(...) é necessário sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não saímos de nós” (SARAMAGO, 1998).
<i>Onda: o movimento do/no processo de pesquisa</i>	Olhar lançado ao movimento contínuo do/no processo de investigação e as possibilidades de acompanhamento, participação e formação, tal qual o virtual, que não pára de se atualizar em dobras e desdobras. Um movimento que provoca descontinuidades, estica e se contrai provocando ressonância (CALVINO, 1996). O movimento da onda é uma relação que só se aprende ou se prevê em relação aos signos que ela emite e se constitui em um encontro com o heterogêneo e com os seus movimentos incessantes no mar (DELEUZE, 2010).
<i>Mar: a universidade como espaço de formação e seus praticantes culturais</i>	Espaço de possibilidades e também não-lugar da virtualidade, por onde práticas e eventos de letramentos digitais se realizam em um <i>contínuum</i> . É uma vasta extensão de águas, é campo de potência, agência e criação. Não está nem lá, nem cá, mas no entremeio dos acontecimentos: o cotidiano de formação e seus praticantes culturais atuando com as multiplicidades do virtual e do atual (DELEUZE 1996).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2012 a 2015).

As metáforas, com a função de aclarar conceitos, são explicadas pela Teoria Conceitual da Metáfora (TCM), de George Lakoff e Mark Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002). Para os autores as

metáforas fazem parte da linguagem do dia a dia, têm valor cognitivo, estatuto epistemológico e são essenciais ao nosso processo de conceitualização do mundo, pois

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45-6).

Partindo desta compreensão, a metáfora está “infiltrada em nossa vida como uma espécie de agente inteligente coerente, sistemático e de ação parcial, nosso sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico por natureza”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45). A metáfora é, pois, uma operação cognitiva fundamental que consiste em “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48). Durante a narrativa feita neste estudo, as metáforas se materializam como a ilha desconhecida, o mar e a onda, para dar movimento às rotas experienciadas no processo de pesquisa, abrindo-se à dinâmica do olhar ao vivido e às aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: “*Lançando-se ao Mar*”

*Ondas cintilantes
Multiplicidades e reverberações
Vai e vem de transformações.
Enseadas de azuis, águas e sóis
Potências virtualizantes
Ressonância, sem fim.
(Mar de Devir, a pesquisadora, 2014).*

Objeto, Problema e Objetivos

No cenário da cibercultura surgem novos arranjos sociais que incidem nos modos como os sujeitos vivem e atuam em sociedade, bem como novas possibilidades de interatuação em espaços virtuais, tanto com os *softwares* sociais quanto com os *softwares* educacionais, abrindo possibilidades às universidades para atender as demandas de formação, com a mediação de mídias digitais (MD) pela educação *online*.

Neste contexto, considero necessário expandir o conceito tradicional de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para mídias digitais (MD). Dessa maneira, neste texto, as mídias digitais (MD) serão entendidas como as apresenta Cruz (2015, p.17):

não apenas como *hardware* (a base material, suporte e meios de distribuição), ou *software* (os programas e aplicativos que nela rodam), ou artefatos (os produtos criados com os programas nos equipamentos), ou mesmo linguagens (as diferentes formas de expressão e seus gêneros em constante mutação e suas possibilidades de interação), mas também como cultura, que inclui as práticas sociais (modos de uso, consumo, apropriação e produção de informação) que se reconfiguram em novos espaços e eventos a partir de habilidades e competências que são exigidas para a operação dessas várias instâncias.

Emergem na cibercultura, e em resposta às demandas do desenvolvimento das MD, novos modos dos sujeitos se relacionarem com esta cultura digital, que abarca a cultura escrita e a analógica, ressignificando e atualizando as práticas e dinâmicas sociais de interação mediadas por tais mídias nos processos de comunicação e usos

sociais, configurando-se em conhecimentos e habilidades que podem ser traduzidas como letramentos digitais (LD).

Desde a segunda guerra mundial, de acordo com Palandr  (2009), os letramentos e a escolaridade se situam entre os índices que podem refletir o grau de desenvolvimento socioecon mico na maioria dos países, havendo correlação entre desenvolvimento econ mico, cultural e social. Nesse sentido, a compreensão sobre os níveis de letramentos da população pode contribuir para a formulação de políticas de desenvolvimento mais adequadas. No Brasil, com base nos resultados do Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF¹, o desenvolvimento de maior ou menor grau de alfabetismo pode estar relacionado às condições socioecon micas, grau de instrução e tipo de atividade profissional das pessoas que se utilizam com maior frequência de artefatos técnicos como computadores e outras máquinas. Estas circunstâncias que contribuem para os letramentos estão também ligadas ao acesso,   apropriação, ao consumo e   produção de produtos culturais, implicando conhecer e poder utilizar socialmente os objetos e discursos da cultura escrita e digital, o que requer saber deter a informação, saber manipul la e saber inseri-la em universos referenciais específicos (BRITO, 2004).

A análise dos dados do INAF permite, conforme Brito (2004), recolocar a questão dos letramentos para  l m daquilo que uma pessoa é capaz de fazer sozinha usando a leitura e a escrita, apontando também para os modos como os sujeitos se inserem nas esferas públicas, se localizam nos espaços sociais e participam ou não dos benefícios dos avanços tecnológicos e econ micos. Tal perspectiva põe em evidência as práticas e eventos sociais que os sujeitos participam individual e coletivamente, dentro dos quais habilidades individuais e coletivas se manifestam de formas diferentes daquelas que são captadas pelos testes de competência. Nos resultados do INAF, a escolarização formal não é determinante na capacidade de os sujeitos usarem socialmente os conhecimentos mediatizados por meios eletrônicos e digitais.

Estes aspectos reforçam a opção deste estudo pelos letramentos na cultura digital, e não apenas na cultura escrita, por acreditarmos que, no contexto da cibercultura, os LDs abarcam os demais letramentos e também que o seu desenvolvimento não pressupõe nível de escolarização, de leitura ou de escrita convencionais como ponto de

¹ Calculado anualmente pelo Instituto Paulo Montenegro - IPM, organização de responsabilidade social do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE, o INAF mede o  ndice de alfabetismo funcional - habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática - de pessoas entre 15 e 65 anos de idade.

partida, pois os precede. Os sujeitos não alfabetizados convencionalmente operam dispositivos digitais para se comunicar com o teclado e a tela de computador e de outros dispositivos eletrônicos e digitais, fazendo uso de recursos icônicos e imagéticos para aceder informações, jogar, enviar mensagens, navegar em rede, dentre outros gestos e ações. Esta opção pelos LD está também relacionada à possibilidade de especificação dos domínios em que eles funcionam (universidade, escola, comunidade etc), às dimensões em que se localizam os conhecimentos e às habilidades mobilizadas pelos sujeitos nas práticas de usos de MD em contextos educativos.

Com essa intenção, desenvolvemos este estudo na Universidade Aberta (UAb), Portugal (PT), através do Módulo de Ambientação *Online* (MAO), para conhecer o processo de formação *online* (idealização, práticas e discursos) com o uso das mídias digitais (MD) pelos estudantes. O MAO é um módulo prévio, de caráter prático, obrigatório e gratuito aos estudantes ingressantes em todos os cursos da UAb, com o objetivo de desenvolver competências digitais, que neste estudo se configuram como letramentos digitais (LD).

Com isso formulei uma questão para nortear a investigação e o problema a resolver: os Letramentos Digitais (LD) na cibercultura implicam tanto a apropriação das novas linguagens do meio digital (multimodais e hipermidiáticas) quanto a prática efetiva de uso social destas em eventos que convergem diversos meios, recursos, interfaces e gêneros digitais?

Para nortear a investigação elaborei como objetivo geral relacionado ao problema: analisar as práticas dos sujeitos envolvidos no processo de formação *online* através do Módulo de Ambientação *Online* (MAO), relacionando as competências para o uso de MD previstas pela UAb com as dimensões, conhecimentos e habilidades mobilizadas neste evento, traduzidas em letramentos digitais (LD), evidenciando a sua importância, contribuições e limitações (uso de MD, aspectos pedagógicos e sociais) para propostas de formação a outros contextos, em especial o brasileiro.

Desdobrei este objetivo geral nos objetivos específicos a seguir:

- a) Investigar a proposta de formação da UAb-PT (idealização) para a inserção global de estudantes em cursos *online*, descrevendo e analisando os seus aspectos mais relevantes do ponto de vista dos LDs;
- b) Identificar as dimensões, os conhecimentos e as habilidades de LD mobilizadas nas práticas e discursos dos participantes

- durante o desenvolvimento do MAO, e a sua relação com as competências digitais previstas pela UAb;
- c) Atualizar os conceitos de prática e evento de letramento para Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) considerando as novas questões que o digital traz;
 - d) Organizar indicadores para a mobilização de LD com estudantes universitários discutindo a sua importância em propostas de formação para cursos *online* na universidade.

Justificativa

A investigação que realizei sobre os processos de formação de estudantes *online na universidade* para o uso de mídias digitais (MD) passou pela análise da idealização e constituição de um componente curricular, Módulo de Ambientação Online (MAO); das práticas desenvolvidas durante a formação; e dos discursos dos sujeitos envolvidos. A pesquisa é relevante, em primeiro lugar, pela sua importância e implicações em nível social, tanto para a inserção de estudantes no contexto de cursos *online* quanto pelos conhecimentos e habilidades necessárias para atuar na cibercultura, que vão além dos aspectos funcionais, comunicacionais e informacionais comuns no uso de plataformas de ensino e aprendizagem virtuais em processos de educação formal.

Em segundo lugar, pelos resultados apurados em pesquisas acadêmico-científicas, que demonstram que este é um campo emergente e com espaço para novas pesquisas. A pesquisa de Vieira (2002) referente ao período de 2000 a 2002, em cinco eventos científicos, nacionais e internacionais, sobre a relação entre educação, cultura digital, TIC e letramentos digitais, evidencia que a representatividade de pesquisas nesta área ainda é pouco significativa, sendo que apenas 3% dos estudos analisados em três anos eram focados nesta temática, indicando a necessidade de pesquisas para fundar uma tradição mais sedimentada na área.

Com base em estudos da produção da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) sobre a relação entre tecnologias digitais (TIC) e educação, cobrindo o período de dez anos, Bonilla (2012) aponta fragilidades dos processos de inserção das TIC na educação e na formação de sujeitos, seja pela escola básica, seja pela universidade, destacando a ausência de temas como os letramentos

digitais (LD) e indicando espaço às pesquisas e políticas públicas para formação de professores e estudantes para o uso de TIC na educação.

Para conhecer a situação das pesquisas sobre LD no Brasil, referente ao período de 2009 a 2013, fizemos um levantamento nas bases de dados Capes e Scielo; Souza, Marques e Cruz (2013) mostraram que as publicações dos estudos sobre esse tema concentram-se nas áreas de educação, linguística e letras, focadas nos processos de aprendizagem com o uso de TD, em práticas escolares no ensino fundamental, na web e em espaços sociais. A formação de estudantes e de professores na universidade vem sendo pouco abordada no universo dos estudos sobre LD, o que representa uma lacuna a ser preenchida com novas pesquisas.

Em um levantamento da produção acadêmico-científica sobre literacias digitais, no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), na área de educação e tecnologias digitais, referente ao período de 2008 a 2013; Souza, Marques e Amante (2014) apontam uma pequena produção, com escala crescente nos últimos anos, distribuída entre diversos autores, situando as literacias digitais em suas dimensões, habilidades e competências no ensino secundário, educação básica, ensino sênior (idosos) e na universidade, com profissionais, professores e alunos. Todavia, não contemplam a formação de estudantes em cursos de graduação nem a formação continuada de professores. O estudo destaca os desafios à universidade em desenvolver investigações e proposições às literacias digitais de professores e estudantes para atuar com TD.

E, por fim, se justifica pela minha motivação pelo tema na seara profissional, como professora formadora na Universidade Federal de Mato Grosso, onde atuo com estudantes nas modalidades presencial e a distância, cuja experiência com a comunicação é viabilizada por plataformas virtuais nas quais o uso de MD requer conhecimentos e habilidades, tanto de estudantes quanto de professores formadores, para a atuação nos processos de ensino e aprendizagem no âmbito de cursos com metodologias híbridas, tendo em vista as potencialidades da cibercultura a serem exploradas nos processos de formação traduzidas em LD.

Aspectos Metodológicos

Para as definições do referencial teórico-metodológico, busquei na arte de fazer, em Certeau (1998), possibilidades de conhecer as maneiras pelas quais os sujeitos (praticantes culturais, como propõe o

autor) se apropriam, consomem e produzem com mídias digitais (MD) em práticas (operações) de formação *online* na universidade. Na cartografia de Martin-Barbero (2004) e em Deleuze e Guattari (2000), empreendi o movimento da pesquisa, em suas múltiplas direções, e a possibilidade de colocar-me no lugar de pesquisadora-cartógrafa, recorrendo aos dispositivos de registro dos percursos com a inspiração cartográfica para desenhar cartas e mapas durante a investigação.

Faço uso também de metáforas que elegi ao longo dos estudos: a ilha desconhecida, o mar e a onda, que se traduzem nas múltiplas possibilidades da cibercultura, virtual, educação *online* e atuação dos sujeitos (praticantes culturais) que vivenciam estes fenômenos na contemporaneidade. Tais metáforas estão em algumas partes do texto, com mais ênfase nos títulos e subtítulos dos capítulos, e são potencializadoras do diálogo entre as artes de fazer e de cartografar com o cotidiano, para a compreensão do objeto de estudo e suas intensidades.

A investigação se deu através das técnicas de levantamento bibliográfico, para a construção do referencial teórico, e levantamento bibliométrico de pesquisas científicas e acadêmicas da área e do tema, no contexto brasileiro e português; análise documental em cinco documentos relacionados ao desenvolvimento do Módulo de Ambientação *Online* (MAO): a) Modelo Pedagógico Virtual (MPV) da Universidade Aberta (UAb); b) Plano da Unidade Curricular (PUC); c) Plano de Atividades Formativas (PAF); c) Registros escritos dos fóruns desenvolvidos na plataforma virtual; d) E-fólios A (finais) contendo as atividades avaliativas finais; observação participante no decorrer do MAO; e entrevistas com professoras formadoras.

Realizei a interpretação dos dados produzidos durante a pesquisa estabelecendo um diálogo entre o referencial teórico e a empiria, levando em conta a análise de documentos, o referencial teórico e as diversas produções feitas no processo de observação e acompanhamento (uma leitura de realidade), que se transformou num processo participativo, reflexivo e formativo, com registros escritos das produções dos praticantes culturais, resultando numa escrita com características descritivas e narrativas. Com os resultados destas interpretações feitas durante o caminho de investigação, estruturei os capítulos do relatório de pesquisa, que apresento de forma panorâmica a seguir.

Organização dos Capítulos

Nas considerações iniciais apresento brevemente o objeto de estudo, o problema e os objetivos. Justifico as opções, as escolhas e a metodologia para o desenvolvimento da pesquisa. E anuncio o modo como o texto está estruturado para abarcar as interpretações, os significados e os sentidos atribuídos durante o processo de interpretação dos dados produzidos pelos praticantes culturais envolvidos na investigação.

No capítulo 1 apresento a metodologia para o desenvolvimento do estudo realizado na Universidade Aberta (UAb), Portugal (PT), no Módulo de Ambientação Online (MAO), passando pelas artes de fazer e inventar com o cotidiano, pela lógica cartográfica e o papel do pesquisador-cartógrafo, as metáforas como intensidades ao olhar para o objeto de estudo e a narrativa como possibilidade de contar sobre os acontecimentos e interpretações feitas e, por fim, as etapas que percorri para a realização da investigação.

No capítulo 2 aponto para o cenário da cibercultura; o conceito de Letramentos Digitais (LD), fazendo um retorno ao seu surgimento e transformação, para situá-lo no presente; as linguagens híbridas que surgem com o meio digital; e a proposição da atualização dos conceitos de Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD), bem como os conhecimentos e habilidades a eles relacionadas.

No capítulo 3 discuto a formação para os LD, trazendo um breve panorama das diretrizes oficiais para a formação com mídias digitais (MD) no ensino superior, nos contextos brasileiro e português, como possibilidade para pensar a formação de estudantes *online* na universidade e propor indicadores para a formação aos LD, na perspectiva das PLD e dos ELD, em uma comunidade de inquirição.

O capítulo 4 destinei às interpretações das PLD e ELD vivenciados no processo de observação e formação, durante o desenvolvimento do MAO, abarcando a apresentação da UAb-PT e o seu Modelo Pedagógico Virtual (PMV); a unidade curricular MAO com sua organização na plataforma virtual; os tópicos 3 e 4 com os fóruns sobre Aprender na UAB e Ser Estudante Online; o conjunto de documentos analisados; as entrevistas com as professoras formadoras; e as operações dos sujeitos da pesquisa (praticantes culturais) com o uso de MD, com base nas competências propostas pela UAb, relacionando-as às dimensões, conhecimentos e habilidades que se traduzem em LD.

Nas considerações finais aponto as compreensões sobre os LD, fazendo uma síntese dos principais resultados do estudo, destacando as contribuições, os limites e perspectivas para futuras pesquisas sobre o tema; apresentando a atualização teórica dos conceitos de PLD e de ELD e indicadores para a mobilização de LD com estudantes universitários, discutindo a sua importância em propostas de formação para cursos online na universidade.

CAPÍTULO I

1 O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO: “*No Movimento das Ondas*”

A Onda

Palomar queria observar uma onda, não eram todas as ondas, era uma onda em particular. Para isso fixou um quadrado ao redor de uma onda, delimitou seus atos e definiu um objetivo preciso. Mas a onda se aproximava, crescia, mudava de cor, mudava de forma, revolia-se sobre si mesma, quebrava-se e desfazia-se. Ainda assim a intenção de Palomar era de isolar aquela onda e não a que a precedia, nem tampouco a que se seguia. A amplitude e os movimentos complexos da onda variavam continuamente, se repetiam, se diferenciavam e se distribuíam irregularmente no espaço e no tempo. Palomar não conseguiu padronizar a complexidade da onda que se estendia e continuava onde se separavam e se segmentavam novas ondas, em velocidade, força e direção, sem ponto de partida ou de chegada em cada maré. Palomar percebeu que cada onda mantinha todos os aspectos das demais e se desfazia no todo do mar para continuar seus movimentos de dobra e desdobra operando pela multiplicidade. (Síntese interpretativa de “Palomar na Praia”, Ítalo Calvino, 1994, p. 7-11).

Figura 1 – Onda, Handmade, China, Mainland.



*“Nada do que foi será
De novo do jeito
que já foi um dia
Tudo passa,
tudo sempre passará.
A vida vem em ondas,
como um mar
Num indo e vindo
infinito (...)
Como uma onda no
mar(...)”. (SANTOS;
MOTTA, 1983).*

Fonte: Aliexpress (Divulgação)².

² Disponível em: < <http://pt.aliexpress.com/item/Hand-Painted-Ocean-Waves-Oil-Painting-On-Canvas-Mural-3-Panels-Modern-Wall-Painting-Wall-Picture/1820852375.html> >. Acesso em: 19.12.2015.

1.1 INVESTIGAR COM O COTIDIANO: “Operando pela Fluidez das Águas”

A meditação das ondas da tarde é uma meditação móvel, que depende da capacidade do praticante de casar intenção com sensibilidade – vontade com passividade. Nesse sentido o especialista atinge um equilíbrio perfeito entre o ego e o universo, e imerge intencionalmente num sistema incrivelmente caótico para consegui-lo. É uma viagem (...). (RUSHKOFF, 1999).

Para o desenvolvimento da investigação optei por construir as bases teórico-metodológicas a partir da sociologia do cotidiano, de Michel de Certeau (1925–1986), partindo de sua obra “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (1998). As implicações desta perspectiva possibilitaram-me compreender um modo de olhar para o tema em estudo, o contexto, os participantes e suas práticas de formação, como partes integrantes de uma estrutura de poder no campo de uma cultura digitalizada, a cibercultura. O objeto de investigação é um recorte contemporâneo, com suas características nas práticas culturais de estudantes (praticantes culturais) em formação na universidade, conforme a epistemologia social de Certeau.

Posteriormente estabeleci uma associação com o Ofício de Cartógrafo, de Martin-Barbero (1935), em sua obra publicada em 2002, para potencializar o olhar teórico-metodológico sob o viés da cartografia e do papel do pesquisador-cartógrafo. Para dialogar com a proposta metodológica, usei metáforas relacionadas à ilha desconhecida, ao mar e à onda, como possibilidade de aclarar conceitos e por suas intensidades como linguagem cotidiana, conforme os estudos de Lakoff e Johnson (2002).

Ao final de cada abordagem - As artes de fazer com o Cotidiano: “mergulhos profundos”; Cartografias Móveis: “mapas para a aventura oceânica; Narrativas com o Cotidiano: “entrelaçando os nós da rede”; e Etapas da Pesquisa: “capturas por entre as ondas”-, apresento um quadro-síntese, desenho ou mapa cartográfico de correspondência com a proposta metodológica pela qual encaminhei a investigação.

1.1.1 As Artes de Fazer com o Cotidiano: “*Mergulhos Profundos*”

a) **A investigação desenvolvida por Certeau (1998) em sua obra A invenção do cotidiano: artes de fazer**

A pesquisa desenvolvida pelo autor encaminhou-se pelo método etnográfico, usando técnicas como diálogos (lembranças e testemunhos), observações e conversas com os praticantes culturais ou homens ordinários (estudantes, professores, passantes de rua e outros). O praticante cultural (participante) é inserido nas estruturas de poder e nas operações (práticas concretas) que realizam no campo disciplinar de uma economia escrita. Com isso o autor busca formas e possibilidades de agentividade (maneiras pelas quais os praticantes produzem), em interação com a leitura e a escrita impressa.

[...] é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com as “maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática” [...] é necessário voltar-se para a “proliferação disseminada” de criações anônimas e perecíveis que irrompem com vivacidade e não se capitalizam [...] as “operações culturais que são movimentos” e cujas “trajetórias são indeterminadas, mas insuspeitáveis” constituindo aquilo cuja formalidade e modalidades se deve estudar para dar-lhes o estatuto de inteligibilidade. (LUCE GIARD; CERTEAU, 1998, p. 13-14, grifo do autor).

Nos estudos do autor, os praticantes culturais (atentos às práticas e artimanhas presentes no cotidiano) reinventam o lugar praticado e organizam-se em um novo espaço. A estratégia dos praticantes culturais é o cálculo das relações de forças e dos objetivos. Nesta relação de forças têm-se as operações (práticas concretas) guardadas pela instituição e o poder que a sustenta. O autor dá visibilidade às práticas dos participantes (praticantes culturais) pelos seus movimentos, astúcias e táticas, pois considera que por meio delas se tornam sujeitos de querer e de poder; assim, dá voz à multidão anônima. Para dar voz a essa multidão anônima de praticantes culturais inventivos e astutos, produtores desconhecidos, o autor se utiliza de mitos e figuras

arquetípicas – portadores metafóricos de sentidos –, dando densidade poética às suas ações por meio de narrativas (CERTEAU, 1998).

Esses destinatários multiformes arriscam-se a ser bastante efêmeros, assim como seus discursos, quando mudam de ouvintes; as palavras flutuam vagas, quando não são destinadas a ouvidos definidos. [...] uma análise ou um discurso se instala no “não-lugar” da utopia, quando não delimita seus destinatários, e, por isso mesmo, a sua própria condição (CERTEAU, 1975, p. 224).

Dessa forma, o autor considera que as práticas culturais são plurais e diversificadas, ou seja, quanto mais os praticantes fabricam produtos culturais a partir de suas ações (operações), mais são os modos de apropriações e de transformação individual na extensão de suas vidas no contexto social. Uma topografia de questões, um campo de possibilidades, estratégias, táticas e implicações políticas. Um campo infinitamente aberto, de complexas redes de subjetividade dos praticantes culturais (mídias e demais produtos culturais), espaços de diálogo, de acontecimentos e de negociações que se entrecruzam. Nas práticas culturais cotidianas, se situam “micro-resistências, as quais fundam por sua vez microliberdades, mobilizam recursos insuspeitos e assim deslocam fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima”. (LUCE GIARD; CERTEAU, 1998, p. 18).

[...] a cultura comum cotidiana enquanto apropriação (ou reapropriação), o consumo ou recepção considerada como “uma maneira de praticar”, [...] esboçar uma teoria das práticas cotidianas para extrair de seu ruído “as maneiras de fazer” que, majoritárias na vida social, aparecem muitas vezes senão a título de “resistências” ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção sócio-cultural (LUCE GIARD; CERTEAU, 1998, p. 16-17).

O espaço-lugar da investigação é, para Certeau (1998), um cenário transitório de ideias e de cooperação. É pluralizador de processos e métodos que se entrelaçam com percursos e com a informação circulando em redes, com uma população heterogênea e móvel (lugar de experimentação e a câmara de ressonâncias das artes de fazer em práticas concretas e em lugares diversos - países de onde os praticantes têm origem, etc). O lugar é o contexto das práticas, no qual são produzidas as operações (práticas) orientadoras diante das circunstâncias que os levam a exercer sua função cultural, ligadas à

existência, a univocidade e estabilidade de um “próprio” (CERTEAU, 1998).

Neste ambiente (espaço-lugar) se encontram os jogos: “a cultura pode ser comparada com essa arte [arte social] condicionada pelos lugares, regras e dados; ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” (CERTEAU, 1975, p. 219). Nas relações entre cultura e o real se encontra a condição de possibilidade de toda a sua transformação ou renovação, que traz conflitos e vitórias políticas, permeada por diferenças, articulações, vida cotidiana e desvios.

As operações (ações) dos praticantes culturais criam seus usos e estabelecem consumos de produtos culturais próprios, pelas conversações no espaço-tempo, fabricados e significados pelas redes individuais e coletivas de saberes e, assim, possibilitam “inventar a sua própria liberdade para criar para si um espaço de movimentação” (LUCE GIARD; CERTEAU, 1995, p. 7).

As artes de inventar o cotidiano pela cultura ordinária são percursos operados pela diversidade e multiplicidade das diferenças; são ciência prática do singular, rearticulação de situações concretas particularizantes, com seus próprios instrumentos, técnicas e critérios. São operações (práticas) em jogos, registros e combinações feitas pelos sujeitos que praticam o cotidiano, fazendo a reflexão na ação; como uma política emancipatória, como redes, movimento de tessitura entre saberes e fazeres tecidos e partilhados para uma passagem às práticas de significação (operações produtoras); como um “mar anônimo no qual a criatividade murmura um canto violento” (LUCE GIARD; CERTEAU, 1975, p. 14).

Na investigação das artes de fazer no cotidiano para as formalidades das práticas, Certeau (1998, p. 42) caminha por dois tipos de técnicas para a investigação, destacando os seus aspectos: 1) *mais descritivos* (relacionado às práticas de leitura, práticas de espaços urbanos, utilização das ritualizações cotidianas, entre outras); 2) da *literatura científica* (incluindo as teorias da enunciação, da recepção e dos estudos sociolinguísticos).

Com a análise das práticas (operações) dos praticantes culturais, Certeau (1975) busca refutar a tese de passividade dos consumidores e da massificação dos comportamentos. Estas análises se apresentam em três níveis: 1) das modalidades de ação - os domínios da ação ou da modalização (rua, escola, universidade, etc); 2) das formalidades das práticas - operações multiformes, modos de usar, utilização cotidiana, táticas da arte de fazer (enquetes descritivas); 3) dos tipos de operações especificados pelas maneiras de fazer – operações que caracterizam o

consumo na rede de uma economia para reconhecer nessas práticas de apropriação alguns indicadores (criatividade, astúcia, crítica e outros).

Esse tipo de análise serve para “especificar esquemas operacionais, procurar [...] categorias comuns [...] e explicar o conjunto das práticas [...] no vaivém do teórico para o concreto; depois, do particular e do circunstancial ao geral, bem como quanto “[...] à imagem móvel que procura captar” (CERTEAU, 1998, p. 20 e 21). Para isso, afirma o autor (1998), é necessário o descentramento do olhar das respostas às perguntas, das certezas às evidências, buscando indícios e vestígios das experiências do cotidiano dos praticantes culturais.

O olhar para os discursos dos praticantes culturais foi dado por Certeau (1998, p. 40), pela perspectiva da enunciação, na qual “privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação; [...] instaura um presente relativo a um momento e um lugar; e estabelece um contato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações”

Com as contribuições da sociologia do cotidiano, de Certeau (1998), e por ela inspirada, apresento a seguir o modo como esta pesquisa foi concebida em termos de orientação teórico-metodológica, trazendo também um quadro síntese para orientar as artes de fazer a investigação no e com o cotidiano de formação junto aos praticantes culturais e suas operações com as mídias digitais, durante o seu processo de formação.

b) A inspiração deste estudo a partir da invenção do cotidiano e as artes de fazer em Certeau (1998)

Para esta investigação adaptei da sociologia do cotidiano, de Certeau (1998), diversos aspectos. Dentre eles, a compreensão de que a minha imersão no contexto pesquisado para a observação e construção de dados no e com o cotidiano, no Módulo de Ambientação Online (MAO), não se caracteriza como uma pesquisa fundamentada no quadro metodológico etnográfico. De modo que desenvolvi a investigação em cruzamento e em diálogo com pesquisas qualitativas, sem contudo adotar uma abordagem específica, por compreender também que a inspiração na sociologia do cotidiano oferece outro modo de olhar e conceber o percurso e o processo de pesquisa (contexto, participantes, práticas), atualizando também as orientações do autor para o contexto da cultura digital. Destaco a seguir aspectos considerados norteadores ao olhar que lancei ao objeto de estudo durante a investigação.

As práticas culturais são as diversas ações praticadas pelos participantes da pesquisa (praticantes culturais): os diálogos, os acontecimentos, as negociações, os modos de apropriações e de transformação individual e coletiva, no contexto de suas experiências, durante o processo de formação, mobilizando aprendizagens para o uso, o consumo e a produção com mídias digitais (MD) e demais produtos culturais.

O espaço-lugar da investigação é um cenário com percursos e informações circulando por meio de redes, pelas artes de fazer, em práticas concretas. Um lugar como campo de possibilidades, como agência e como acontecimento. O contexto das práticas, no qual foram produzidas as operações (práticas), foi o MAO, ofertado no início dos diferentes cursos pela Universidade Aberta de Portugal (UAb).

Os estudantes de diversos lugares e de difentes países (de onde eles têm origem), as monitoras do módulo e a pesquisadora/observadora (participantes da pesquisa) são concebidos como praticantes culturais, aqueles que reinventam o lugar praticado e organizam-se em um novo espaço por meio de suas relações, interações, mediações e objetivos de formação. Estes praticantes culturais, inseridos em um contexto cultural e em uma instituição de ensino com as estruturas de poder em que suas práticas (operações) estão submetidas, buscam a agentividade (maneiras pelas quais se apropriam, aprendem e produzem) em interação com as MD.

As operações (práticas) produzidas pelos praticantes culturais são seus movimentos, suas trajetórias, suas ações e experiências ao praticar o cotidiano vivido durante a formação, captadas pela observação das práticas, saberes, reflexões e significações sobre seus produtos e seus rastros, os quais são captados em/pelos seus discursos sobre os usos, consumos e produções, em redes individuais e coletivas, durante o percurso de formação.

A observação das operações dos praticantes culturais se deu levando em conta a modalidade de ação no domínio da UAb, por meio das ações cotidianas no MAO, as quais mobilizaram conhecimentos e habilidades com MD, no ambiente virtual de aprendizagem Moodle, usado na formação.

A interpretação (análise das práticas ou operações) possibilitou levantar temas e categorias comuns para explicar o conjunto das práticas em diálogo com a teoria em estudo, buscando indícios e vestígios das experiências dos praticantes culturais vivenciadas no cotidiano do MAO. Apresento a seguir a síntese das idéias que nortearam o processo de investigação.

Quadro 02 – Síntese Teórico-Metodológica da pesquisa, adaptada da Perspectiva das “Artes de Fazer com o Cotidiano” (continua)

As Artes de Investigar com/o Cotidiano
<p>a) <i>Mergulhar</i> no cotidiano das práticas de produção da vida cultural estudada;</p> <p>b) <i>Olhar</i> para o cotidiano das práticas como o vivido com aqueles que compartilharam processos, experiências e saberes;</p> <p>c) <i>Apresentar</i> teorias, conceitos e noções como possibilidades de fazer nexos com o que se pretende tecer textualmente, usando uma complexidade de fontes para lidar com a diversidade, as diferenças e as heterogeneidades;</p> <p>d) <i>Capturar</i> as microdiferenças que marcam as sutilezas das falas, dos gestos, das imagens que habitam o cotidiano em seus usos, as contingências e transgressões como condição efêmera nos movimentos diários;</p> <p>e) <i>Evidenciar</i> as práticas do homem ordinário, buscar indícios das astúcias sutis e das táticas de resistências pelas quais se alteram os objetos e códigos, reapropriando-se do espaço e do uso das mídias digitais (MD) a seu jeito;</p> <p>f) <i>Comunicar</i> o observado no cotidiano, narrando o processo vivenciado com os praticantes culturais (como expressões dos praticantes narradores – as artes de dizer).</p>
As Artes de Capturar as Operações com/o Cotidiano
<p>a) <i>Observar</i> as práticas e os padrões de atividades, nos usos cotidianos das mídias digitais (MD), dos praticantes culturais, bem como os seus significados;</p> <p>b) <i>Conceituar</i> as práticas de letramentos digitais (PLD) e eventos de letramentos digitais (ELD) com a observação das operações dos praticantes culturais;</p> <p>c) <i>Destacar</i> o que as PLD e os ELD significam para os praticantes culturais do contexto cultural e social observado;</p> <p>d) <i>Fabricar</i> contribuições metodológicas para o ensino, currículo e avaliação de estudantes <i>online</i>, para a formação de habilidades com MD.</p>

Quadro 02 – Síntese Teórico-Metodológica da pesquisa, adaptada da Perspectiva das “Artes de Fazer com o Cotidiano” (conclusão).

As Artes de Criar com/o Cotidiano
<p>a) <i>Pensar o cotidiano de formação</i> – formalidades ou modalidades das práticas culturais (de que modo foram instituídas): o que dizem, como dizem, por que dizem;</p> <p>b) <i>Fabricar produtos</i> – as operações dos praticantes culturais (a fabricação de produtos com os artefatos culturais que têm a disposição): o que produzem/recriam, como produzem/recriam, por que produzem/recriam;</p> <p>c) <i>Reinventar com as práticas</i> – as apropriações e reapropriações (aquilo que os praticantes culturais ressignificam nas práticas a partir de suas astúcias e táticas para criar e reinventar): o que ressignificam; como ressignificam, por que ressignificam;</p> <p>d) <i>Comunicar o vivido</i> – os modos como os enunciados dos praticantes culturais (estudantes, professores, pesquisadora) emergem no/pelo cotidiano vivido em interação com os outros: o que comunicam; como comunicam; por que comunicam.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Certeau (1995; 1998).

Para criar desenhos e mapas com as artes de fazer dos praticantes culturais, no cotidiano das práticas de formação, recorri às orientações metodológicas das cartografias, como dispositivo para a construção dos caminhos percorridos na investigação, conforme o item seguinte.

1.1.2 Cartografias Móveis: “Mapas para a Aventura Oceânica”

A reinvenção de mapas fixos para a construção de caminhos móveis se desdobrou como “ondas”, em um movimento de exploração do mundo pela pesquisa. Algumas possibilidades surgiram a partir de uma intenção inicial, que foi se modificando e ganhando novos contornos, seguindo o movimento das ondas do mar ao escapar dentre os nós e nexos da rede, deixando escapar as águas incessantes e contínuas, para seguirem seu percurso, à maneira certauneana, “brincalhona, fujona”.

O percurso que realizei na pesquisa pode ser comparado a um “exercício artesão de cartografia³” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 10), ligado à ideia de romper com mapas fixos e buscar o movimento

³ A cartografia é a ciência técnica de elaboração de cartas geográficas (mapas). (AULETE, 2012, p. 160).

contínuo, redesenhando rotas e criando novas expressividades, a partir do lugar onde se pensa e se atua, para chegar ao não-lugar, como horizonte de deslocamento pelos caminhos empreendidos na investigação.

Os caminhos moventes e labirínticos de um estudo na perspectiva das cartografias de Martin-Barbero (2004), ao encontro das proposições de Certeau (1998), possibilitaram-me lançar um olhar retrospectivo para o desenvolvimento do percurso da investigação, que não tem a linearidade como princípio, mas sim a abertura para as múltiplas direções de um olhar também prospectivo.

[...] a cartografia abriu-se a uma ambiguidade ilimitada, já que o que as tecnologias aclaram, no plano da observação e seu registro, é borrado pela estetização digitalizada de sua forma [...]. Uma lógica cartográfica que se torna fractal – nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas e oceanos – e se expressa textualmente, ou melhor, textilmente: em pregas e (de)ês-pregas, revéses, intertextos e intervalos. (MARTIN-BARBERO, 2004, pp. 11-12).

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio, para uma abertura máxima sobre um plano de consistência. O mapa é aberto, é conectável, em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 22).

Pela cartografia que se torna fractal (MARTIN-BARBERO, 2004), é possível desenhar itinerários, captar singularidades, transitar pela transversalidade, capturar intensidades e ir além do horizonte previsível, em uma construção que é feita no próprio caminho da pesquisa. A partir do olhar para o percurso vai se criando e inventando instrumentos para redirecioná-lo. Esse percurso pode ser de diversidades, de encontro com o inesperado, com as redes de agenciamento e com a conexão de devires. O desenho de mapas conectáveis e abertos (DELEUZE; GUATTARI, 2000) possibilita a construção de um plano de pesquisa flexível e sujeito a mudanças em seu decorrer.

A pesquisa com inspiração cartográfica requer um plano inicial para a investigação, o acompanhamento do processo, o registro do percurso e a implicação do pesquisador-cartógrafo para lançar um olhar de observador atento e crítico às nunces, imprevistos e aos movimentos em múltiplas direções, para que, além de traçar mapas sobre o que é encontrado no território, possa fazer o próprio caminho ao andar (MARTIN-BARBERO, 2004).

O exercício de cartografar conceitos, apreender uma teoria e olhar para uma prática é um movimento de criação e de possibilidade de dar significado e sentido ao objeto estudado, produzindo articulações entre diferentes pontos de uma rede de heterogeneidades, linhas de intensidades ou platôs. Nessa perspectiva, Deleuze e Guattari (2000) propõem como desafio à ação de buscar agenciamentos no acontecimento, fazer desterritorializações, hibridizações e, ao mesmo tempo, operar por dobras e desdobras.

O caminho móvel da investigação permite renovar constantemente o mapa, conectando-o às contingências que surgem no caminho; fazendo um mergulho intelectual em conceitos e teorias; operando pelo desafio de fazer escolhas; atuando na transversalidade e no movimento para não manter o mapa fixo; desenhando linhas de potência para diluir fronteiras; olhando para o entorno e para as práticas para enxergar os indícios que procura; criando a sua obra.

O pesquisador-cartógrafo (MARTIN-BARBERO, 2004) utiliza-se de mapas e cartas para fazer novos desenhos e, a partir de experiências na pesquisa, realizar a leitura do entorno e o registro do percurso de navegação, como importantes modos de mergulho intelectual, que se movem em múltiplas direções, pois “a cartografia se movimenta re-desenhando o mapa [...] e o exercício de arteção de cartografia inspira a renovar o mapeamento dos estudos” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.14-17).

Pela lógica cartográfica, renovar o mapeamento é fazer “minar as seguranças que o objeto próprio procura, abrindo orifícios por onde oxigenar o campo [...]” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 20), em um movimento que envolve subjetivação e escolhas dentre as diversas possibilidades que são produzidas no caminho percorrido. Ramos (2006) destaca os estudos de Rolnik (2006) e Robinson (2003) para apresentar três princípios orientadores da ação do pesquisador-cartógrafo:

- a) o *extramoral* – o trabalho do cartógrafo não tem a ver com a normatividade, julgamento ou interpretação;

b) o *ético* – deve-se ao fato de que a análise do cartógrafo sobre o desejo e as linhas de fuga dos territórios mutantes está longe de sustentar valores, mas pretende criar territórios de existência que sustentem a vida em seu movimento de expansão, o que se relaciona com a escuta da diferença;

c) o *político* – o compartilhamento das intensidades do indivíduo que constitui o campo de criação são, como uma obra de arte, ou seja, possuem um rigor estético, o qual remete ao político por ser uma luta contra forças, em nós, que obstruem as nascentes do devir. (RAMOS, 2006, p. 45-6).

Além dos aspectos citados acima, a cartografia tem a característica de ser processual, por ser determinada pelas circunstâncias do caminho da investigação. A pesquisa com inspiração cartográfica, como campo da criação consoante à sociologia do cotidiano, de Certeau, (1998) também percorre etapas como a definição de um problema para a observação-participação, a produção de dados durante o percurso da pesquisa com as operações cotidianas dos participantes e a análise desse conjunto de produções pelo pesquisador cartógrafo.

Para fazer pesquisa com inspiração cartográfica, inspirados em Deleuze, os autores Passos, Kastrup e Escóssia (2010) destacam oito pistas que consideram significativas ao pesquisador: o método, o papel do cartógrafo, o acompanhamento do processo, a função do dispositivo cartográfico, o coletivo de sujeitos e a dissolução do ponto de vista do observador.

Com a compreensão da lógica cartográfica e do papel do pesquisador-cartógrafo, coloquei-me no lugar de observadora participante, para olhar as operações realizadas nas práticas de formação durante a pesquisa como praticante cultural que participou do/no cotidiano pesquisado com suas múltiplas redes de conhecimentos e saberes, operando por desenhar cartografias móveis (MARTIN-BARBERO, 2004) e mapas conectáveis e abertos (DELEUZE; GUATTARI, 2000), traduzindo-os em potências e intensidades registradas em um diário de navegação para a criação, conforme explicito no quadro síntese a seguir.

Quadro 03 – Síntese da Perspectiva Teórico-Metodológica na “Lógica Cartográfica”.

Plano para a Investigação: Características
<ul style="list-style-type: none"> a) produzido no caminho da investigação (processual); b) pressupõe o registro do percurso (descritivo e interpretativo); c) implica no envolvimento do pesquisador-cartógrafo; d) requer observação atenta e crítica aos acontecimentos, em múltiplas direções; e) possibilita desenhar cartas e mapas interpretativos.
O Acompanhamento do Processo: papel do pesquisador-cartógrafo
<ul style="list-style-type: none"> a) definição do problema; b) cartografar conceitos para atribuir significado e sentido ao objeto de estudo; c) observação participativa, dialógica e de escuta com os praticantes culturais em seus percursos e acontecimentos cotidianos; d) produção de dados com as contingências e circunstâncias com o cotidiano; e) operar pelo olhar crítico para percorrer pistas, buscar indícios e evidências; f) fazer escolhas para renovar os mapas com as possibilidades encontradas no percurso; g) autoria com o coletivo de praticantes culturais sobre os acontecimentos.
O Registro do Percurso: desenhando mapas
<ul style="list-style-type: none"> a) anotações diárias (diário de navegação) das operações dos praticantes culturais – a cena em ação; b) descrição dos dados com olhar atento aos mapas e cartas de observação; c) interpretação feita ao captar perspectivas e nunces dos acontecimentos com o coletivo dos praticantes culturais; d) teoria coerente com o objeto de estudo; e) criar uma obra.
Implicação do Pesquisador-Cartógrafo: inquietações e intensidades
<ul style="list-style-type: none"> a) motivações e inquietações; b) ética e escuta da diferença; c) rigor estético; d) compartilhamento de intensidades.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) inspirada em Deleuze e Gatarri (2000) e Martin-Barbero (2004).

Para orientar a investigação como quem habitou o território existencial do Módulo de Ambientação Online (MAO) junto com os estudantes e professoras formadoras (praticantes culturais) para participar das práticas cotidianas de formação e como pesquisadora-observadora busquei nas artes de fazer e na lógica cartográfica a inspiração para desenhar mapas para olhar para estas práticas de letramentos digitais (PLD) e eventos de letramentos digitais (ELD) e construir indicadores para uma proposta teórico-metodológica com tais fundamentos, conforme apresento a seguir.

Quadro 04 – Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) para a Formação de Estudantes *Online* na Universidade (continua)

Práticas de Letramentos Digitais (PLD)	Características
<p>É fenômeno relacionado às práticas culturais plurais (CERTEAU, 1995), contextualizadas social, política, econômica e culturalmente (FREIRE) e relacionadas ao modelo de letramento ideológico que as configuram, determinam a sua interpretação e possibilitam a atribuição de sentido pelos participantes aos usos das mídias digitais em uma dada situação (STREET, 1999; 2007) que envolve cultura identidade, discurso e uma concepção ampla de mídias digitais que norteiam a constituição do evento (HAMILTON, 2000); mobilizam redes complexas e heterogêneas que conectam diversos Letramentos Digitais (LD), envolvendo gêneros do discurso, sujeitos, meios e habilidades (BUZATTO, 2007).</p>	<p>Conjunto amplo de práticas (como um módulo ou disciplina <i>online</i>) por onde ocorrem situações de interação mediadas por mídias digitais (MD) circunstanciados pelo contexto sócio histórico do discurso e das condições de produção.</p>

Quadro 04 – Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) para a Formação de Estudantes Online na Universidade (continua)

Eventos de Letramentos Digitais (ELD)		Características
São qualquer situação em que um suporte, portador ou interface digital se torna parte integrante da interação entre participantes e de seus processos interpretativos (HEALTH, 1982) e constitui-se através das práticas sociais de uso de mídias digitais (MD) em contextos comunicativos (STREET, 1999); a instância de uso do letramento é mediado pela mídia digital (sendo a mensagem digital sua materialização) (HAMILTON, 2000).		Atividades de formação com mídias digitais (MD) diretamente observáveis (como uma aula virtual, um chat, um fórum etc,) orientadas por princípios, regras e sentidos entre os participantes na interpretação de enunciados, textos e mensagens.
Ponto de Partida	Escolhas	
<p>1. <i>Que tipo?</i></p> <p>2. <i>Qual o enfoque adotado?</i></p>	<p>1) Letramentos Digitais (LD) (no plural), por ser próprio da cibercultura comportando suas multiplicidades de gêneros e linguagens;</p> <p>2) Ideológico, pois leva em conta as estruturas culturais e de poder; a variedade de práticas culturais com MD; os diferentes contextos; e a ação consciente e crítica dos sujeitos.</p>	
Por onde caminhar? O que levar em conta		
<p>Elementos envolvidos nas Práticas de Letramentos Digitais (LD):</p> <ul style="list-style-type: none">- os eventos de letramentos digitais (PLD);- os estudantes e professores envolvidos (praticantes culturais);- as mídias digitais (MD), seus suportes e interfaces por onde circulam mensagens;- os referentes de sentido;- os gêneros do discurso;- as práticas (operações) dos envolvidos (praticantes culturais) com o uso de mídias digitais (MD);- as dimensões dos LD que emergem das práticas;- os conhecimentos e habilidades de LD mobilizados nas práticas.		

Quadro 04 – Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) para a Formação de Estudantes *Online* na Universidade (continua)

Como caminhar?	
<i>Evento de Letramentos Digitais (ELD)</i>	Módulo ou Disciplina de Ambientação <i>Online</i>
<i>Domínio ou esfera da atividade (dentro da qual o ELD acontece com sentidos e propósitos pedagógicos)</i>	Universidade (ambiente e circunstâncias físicas imediatas em que se dá a interação entre os envolvidos - praticantes culturais)
<i>Participantes (o coletivo de sujeitos – praticantes culturais)</i>	Estudantes, professores e outros envolvidos (praticantes culturais) nas relações de compreensão, uso, produção e distribuição com mídias digitais (MD)
<i>Princípios teórico-metodológicos norteadores das PLD</i>	Modelo Pedagógico e Virtual (MPV) Projeto Político e Pedagógico (PPP)
<i>Estruturação (conteúdos, metodologia, avaliação, etc.)</i>	Plano da Unidade Curricular (PUC), Plano de Atividades Formativas (PAF) e outros documentos que orientam as operações (ações) dos envolvidos (praticantes culturais)
<i>Suporte Material</i>	Plataforma de ensino <i>online</i> e suas interfaces digitais Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA)
<i>Artefatos culturais materiais envolvidos na interação</i>	Mídias Digitais (MD), códigos, linguagens, gêneros digitais da plataforma <i>online</i> (webmail, fóruns, chat, e-fólio, wiki e outros)
<i>Atividades realizadas no ELD (e nos microeventos)</i>	Atividades planejadas e estruturadas para orientar as ações de ensino e aprendizagem dos sujeitos envolvidos (praticantes culturais)
<i>Dimensões dos letramentos digitais (LD)</i>	Funcional, Comunicacional, Informacional, Cognitiva, Linguística, Multimidiática, Social e outras que emergem das operações com os sujeitos envolvidos (praticantes culturais)

Quadro 04 – Práticas de Letramentos Digitais (PLD) e Eventos de Letramentos Digitais (ELD) para a Formação de Estudantes *Online* na Universidade (conclusão).

<i>Conhecimentos, habilidades e atitudes</i>	Complexa participação em rede (operações dos praticantes culturais) e seus mecanismos mobilizadores de letramentos digitais (LD), conforme as dimensões de LD
<i>Ideologias, valores, relação de poder</i>	Interações, negociações e atribuições de sentido aos processos interpretativos pelos envolvidos (praticantes culturais)
Onde se pretende chegar?	
Na elaboração de indicadores para uma proposta teórico-metodológica de formação aos LD, sob o viés das PLD e dos ELD, podendo serem associados ao modelo de comunidade de inquirição de Garrison (2000), contemplando as presenças de ensino, cognitiva e social.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) inspirada em Heath (1982), Street (1999; 2003), Hamilton (2000) e Garrison (2000).

1.1.3 Narrativas com o Cotidiano: “*Entrelaçando os Nós da Rede*”

As narrativas foram as primeiras formas de o ser humano materializar suas experiências, seja por meio da pintura em cavernas, seja pelo discurso da oralidade. A Grécia, por exemplo, era organizada com as narrativas épicas, e os filósofos gregos faziam seus textos em forma de narrativas; posteriormente é que passaram ao discurso argumentativo. Péricles, Aristóteles, Van Dijk e Propp fizeram estudos em tempos históricos diferentes sobre as narrativas como forma de estruturação de textos, e apresentam contribuições valiosas para os estudos atuais.

Qué estudian los narratólogos del siglo XXI? Las historias que se expresan en relatos orales, novelas, cuentos, largometrajes, series televisivas, cómics e incluso videojuegos. Las especies narrativas nos rodean (...). Algunos investigadores de las ciencias cognitivas, interesados en conocer cómo pensamos, también han terminado por anclar sus naves en las costas narrativas. Por

ejemplo, Jerome Brunner sostiene que hay dos formas de dar sentido al mundo que nos rodea: una manera lógico - formal, basada en argumentos, y otra narrativa, fundada en los relatos. Estamos hablando dos modalidades diferentes de funcionamiento cognitivo, dos formas de pensar y entender lo que pasa a nuestro alrededor (...) Un buen relato y un buen argumento son diferentes, pero ambos pueden usarse como un medio para convencer a otro (...). Las narrativas nos rodean, pero también deambulan por los recovecos de nuestra mente. (SCOLARI, 2013, p. 18).

Para Murray, atualmente há grande influência das mídias digitais (MD) nas narrativas. As narrativas digitais trazem o poder de tornar a tecnologia transparente, não se nota o meio em uso (impressão, digital, filme, videogame, etc.), o que se ressalta é o poder da história que está sendo contada. “Histórias escritas em hipertexto geralmente têm mais de um ponto de entrada, muitas ramificações internas e nenhum final bem definido” (MURRAY, 2003, p. 65).

Em pesquisas com o cotidiano, por estarem voltados para o acontecimento, para as intensidades, para o “aqui e agora” no processo de acompanhamento e registro, ao mesmo tempo participativo e formativo, a agência do pesquisador e o agenciamento dos sujeitos praticantes culturais se entrelaçam para fazer entrar em cena as operações do coletivo dos participantes. Estes deixam seus rastros, os quais são capturados pelo olhar e registro narrativo do pesquisador, durante o processo de investigação, podendo ser enriquecidos com outros recursos digitais como vídeos, imagens, simulações ou outros recursos estéticos que possam contribuir para a legibilidade do texto escrito em forma de narrativa.

Esta descrição e narrativa da interpretação dos dados resultou “numa espécie de artesanato interpretativo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 260). Assim, fiz a opção pela escrita do relatório final na primeira pessoa do singular (observei, participei, conclui), pelas próprias características de proximidade da narrativa; embora, em algumas passagens do texto, coloque-me como parte do coletivo de praticantes culturais em formação no MAO e faço uso da narrativa na primeira pessoa do plural (fomos, realizamos, tivemos).

As artes de fazer pesquisa com o cotidiano, com a lógica cartográfica e com as intensidades das metáforas possibilitaram-me

comunicar os resultados transitando pela descrição e pela narrativa, operando por uma escrita experiencial e, de certo modo, criativa, em um texto horto conclusivo.

1.1.4 Etapas da Pesquisa: *“Capturas por Entre as Ondas”*

As etapas que compuseram a pesquisa que realizei no doutorado tiveram algumas mudanças durante o seu percurso. Ingressei no curso com um projeto que tinha a intenção de investigar letramentos de estudantes em módulos introdutórios para o uso de mídias em plataformas virtuais, comparando os contextos da Universidade Federal de Mato Grosso e a Universidade Federal de Santa Catarina. A minha ida ao doutorado sanduíche em Portugal se deu no sentido de integrar um contexto internacional para a comparação com as experiências brasileiras. Neste percurso reuni dados junto aos estudantes das duas primeiras instituições, por meio de questionário e análise do desenvolvimento dos referidos módulos, e, durante o período de realização do sanduíche, fiz a observação participante no Módulo de Ambientação *Online* (MAO). Ao perceber a relevância e a singularidade da Universidade Aberta (UAb), como uma universidade virtual, e do MAO, para a formação de competências de literacias digitais nos estudantes, optei por reservar os dados reunidos nas demais instituições para posterior divulgação e passei a considerar somente a realidade portuguesa para compor a tese, buscando suas possíveis contribuições para a realidade brasileira.

Desse modo, o local desta investigação foi o Módulo de Ambientação *Online* (MAO) da Universidade Aberta (UAb) de Portugal, um componente curricular prévio, obrigatório e gratuito aos estudantes que iniciam todos os cursos na universidade, com duração de duas semanas e com características de um módulo prático, centrado em desenvolver competências em vários níveis. O módulo foi desenvolvido no semestre 2014/2015, através de um ambiente virtual, a plataforma *Moodle* e suas interfaces digitais. A turma em que desenvolvi a pesquisa era composta por 62 estudantes matriculados, uma professora formadora (monitora) e uma pesquisadora em observação participante.

O problema e os objetivos que nortearam o olhar para o objeto de estudo, durante o processo de investigação, foram gradativamente sendo revistos e refinados e chegaram à forma com que os apresentei na introdução. A seguir descrevo as etapas que compuseram o processo de pesquisa no espaço de acontecimento do MAO como agência, com seus desdobramentos e agenciamentos. Junto aos estudantes e monitoras,

incluo-me como observadora e, ao mesmo tempo, como participante que, assim como os demais, é praticante cultural em formação.

O *levantamento bibliográfico* para compor um referencial de apoio à compreensão do tema letramentos digitais (LD), realizei-o por meio estudos que visaram à compreensão do conceito de letramentos, situando-o na cultura digital, na convergência de mídias e tecnologias, no currículo, na cibercultura, nas práticas cotidianas de comunicação e linguagens, na formação inicial e na educação *online*. Ao longo do processo, os estudos resultaram na elaboração e publicação de artigos científicos da área, e, na medida do possível, busquei possíveis caminhos para a sua ampliação (SOUZA; CRUZ, 2012; SOUZA; CRUZ, 2013a; SOUZA; CRUZ, 2013b; SOUZA; RAMOS; CRUZ, 2013c; SOUZA; SILVA; CRUZ, 2014; SOUZA; CRUZ, 2014; SOUZA; AMANTE; CRUZ, 2015; SOUZA; SPILKER, AMANTE, 2015). Estes estudos de revisão bibliográfica foram o ponto de partida para conhecer a produção científica e acadêmica sobre o tema e para construir um referencial teórico que desse sustentação à sua compreensão inicial.

O *levantamento bibliométrico* para mapear a produção acadêmico-científica sobre letramentos digitais (LD) no Brasil, que desenvolvi inicialmente consultando as bases de dados Capes e Scielo, resultou na produção de um artigo conjunto, publicado em evento científico na área de educação e tecnologias digitais (SOUZA; MARQUES; CRUZ, 2013). Posteriormente realizei o levantamento da produção acadêmico-científica sobre literacias digitais com base no acervo do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), que também resultou na elaboração e publicação conjunta de um artigo em evento científico da área de educação e tecnologias digitais (SOUZA; MARQUES; AMANTE, 2014). Estes levantamentos possibilitaram-me conhecer os autores mais produtivos dos dois países, a procedência geográfica e/ou institucional dos autores mais influentes, idade média da literatura utilizada, periódicos que compõem o campo, entre outros aspectos importantes para mapear o tema.

Realizei a *análise documental* com base em cinco tipos de documentos diferentes, todos relacionados ao desenvolvimento do MAO:

- a) Modelo Pedagógico Virtual (MPV) da UAb, que define a existência e os princípios teórico-metológicos que orientam o Módulo de Ambientação *Online* (MAO);

- b) Plano da Unidade Curricular (PUC), documento que abarca o planejamento, objetivos, metodologia, avaliação, recursos e competências a desenvolver nos estudantes;
- c) Plano de Atividades Formativas (PAF), que traz as atividades, critérios de acompanhamento, avaliação, tempos etc;
- d) Registros escritos dos Fóruns com as interações e mediações feitas durante o processo de ensino e aprendizagem entre os praticantes culturais (estudantes, monitora e pesquisadora) no processo de ensino e aprendizagem *online*;
- e) E-fólios A (finais), que são sínteses reflexivas sobre as aprendizagens, produzidas pelos estudantes como avaliação escrita final do módulo.

As *entrevistas*, encaminhei-as com duas professoras formadoras, que no contexto dos cursos da UAb são chamadas de monitoras, as quais fizeram o acompanhamento das classes virtuais no período da pesquisa. Para a elaboração do roteiro com oito questões abertas, segui as orientações de Bogdan e Biklen (1994), privilegiando as perspectivas dos próprios sujeitos da investigação quanto aos significados e sentidos atribuídos às práticas desenvolvidas. O roteiro das entrevistas é apresentado no apêndice I.

Para a *observação participante*, fui inscrita como estudante em formação no MAO e, ao mesmo tempo, atuei como observadora do/no processo de formação. “Ad-mirar a realidade significa objetivá-la, apreendê-la como campo de ação e reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos” (FREIRE, 2011, p. 30). Foi como fazer “a leitura de uma onda” (CALVINO, 1994, p.8); o movimento de estar dentro-fora do MAO abriu-se para ver as singularidades que escapam ao recorte feito na onda. O mover-se no cotidiano é pela curiosidade do olhar e do desafio, é uma curiosidade estética e não epistemológica, com rigorosidade de método, mas carrega em si um método (FREIRE, 2012).

A *interpretação dos dados* realizou-se pela análise temática das mensagens produzidas nos documentos e pelos sujeitos em seus discursos. Como orientam os autores citados, este tipo de interpretação do conteúdo das mensagens é feita na medida em que os dados vão sendo agrupados e inter-relacionados com a teoria que sustenta o estudo. Desse modo, busquei “perceber aquilo que eles [os sujeitos] experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem”. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51).

Para fazer esta interpretação dos dados produzidos pelos sujeitos (praticantes culturais), segui os protocolos de Denzin (1989), que, segundo Stake (2007), contribuem com a triangulação das diversas fontes de dados analisadas: documentos institucionais e pedagógicos; entrevistas; registros da observação participante; registros das interações nos fóruns *online* e *e-fólios A* (finais), operando por um movimento de idas e vindas no percurso de interpretação.

Para a análise de conteúdo propriamente dita, optei por destacar frases como unidades de análise, seguidas da análise temática destas unidades, fazendo interpretações e identificando temas e categorias, os quais foram sendo revistos conforme o referencial teórico se tornava mais consistente e claro. Para perceber os temas recorrentes em contextos, situações e fontes diferentes (documentos, interações, observações, comentários, entrevistas), busquei fazer relações, associações e agrupamentos em quadros com tais temas e categorias, os quais são apresentados nos resultados deste estudo.

A interpretação das operações, para Certeau (1998), coloca em cena o fazer dos praticantes culturais como singular, para buscar as evidências e regularidades, dando visibilidade às suas vozes e discursos. Com tais interpretações, elaborei mapas com os temas e os conceitos relacionados ao objeto de estudo, os quais apresento no capítulo seguinte, bem como recorri a fragmentos das falas dos praticantes culturais, que apresento no decorrer do capítulo quatro, em *itálico*, para diferenciá-las das citações teóricas, as quais servem para elucidar a interpretação feita. Este conjunto de dados produzidos nos documentos e pelos sujeitos em seus discursos e entrevistas foram os elementos que, a par com a teoria estudada, deram base para a escrita do relatório final deste estudo.

CAPÍTULO II

2 CIBERCULTURA: “Da Ilha ao Mar”

A Ilha Desconhecida

Um homem vai ao rei lhe pedir um barco para lançar-se ao mar em busca de uma ilha desconhecida. O rei lhe pergunta como sabe se tal ilha existe, já que é desconhecida. O homem argumenta que assim são todas as ilhas até que alguém desembarque nelas. O rei concedeu-lhe um barco que não era grande, mas navegava bem e era seguro; não lhe concedeu tripulação (marinheiro, comandante, capitão etc), pois estes seriam de competência do homem conseguiu-los. O rei também não deu certeza ao homem de que, em sua aventura oceânica, as ondas e os ventos o levariam a um porto seguro. Mas o homem acreditava que “há sempre alguém atrás de nós a estender a mão para tocar-nos o ombro”. Surgiu então a mulher da limpeza disposta a também lançar-se aos desafios pelo mar. Ela lhe perguntou: “sabes navegar? Tens carta de navegação?” E ele respondeu: “aprenderei no mar”. Então, lançaram-se à imensidão das águas, levados pelos movimentos das ondas e pelo desejo de conhecer. (síntese interpretativa de “A Ilha Desconhecida”, de José Saramago, 1998, a pesquisadora, 2015).

Figura 2 – A Ilha da Vida, Arnold Böcklin, 1888.



*(...) esse lugar é uma maravilha
Mas como é que faz
pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte
(...).*
(A Ponte, Lenine).

Fonte:<http://www.brasil247.com/images/0/ad/0adfe2896a96b78f2337d96b0075e8b47e530f52.jpg>.

2.1 INFORMAÇÃO DIGITAL E CONHECIMENTO EM REDE:

“Tens Carta de Navegação?”

Na era dos computadores, temos mais ideias e sonhos. Agora estamos diante do desafio do amanhã. Com o aumento do conhecimento e da tecnologia, nós mudamos nossas vidas (nossas ilhas) e nossos mundos. Dos confins do espaço às profundezas do mar. Nós construímos numa vasta rede. (Pierre Bardin).

Vivemos intensas mudanças sociais, econômicas e culturais no contexto da pós-modernidade (séc XX), uma ideia ou forma crítica na mente dos intelectuais e nos meios de comunicação a partir da qual acredita-se que os conceitos se movem para uma incredulidade e que há uma perda dos fundamentos filosóficos como verdades absolutas, definidas e estáveis. A multiplicidade de realidades, fluidas e oscilantes, os sistemas de persuasão (vontade de poder) e os discursos flexíveis passam a predominar. A sociedade com contornos tênues inaugura um novo estágio do capitalismo, com duas questões cruciais: a) a proeminência das novas tecnologias da informação e da comunicação facilitando extensões maiores como a globalização; b) o consumismo eclipsando a centralidade convencional da produção (LYON, 1998).

Concomitantemente a tais mudanças acontecem transformações nas tecnologias da informação e comunicação que, desde a oralidade primária até a invenção da escrita e da computação eletrônica, foram as grandes revoluções do espírito aliadas às necessidades humanas historicamente situadas (LÉVY, 1993). A primeira e a segunda revolução tecnológica ocorreram entre os séculos XVIII e XX e introduziram um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. A terceira revolução tecnológica, concebida como um processo de mudanças sem precedentes pelos grandes avanços científicos relacionados ao desenvolvimento das tecnologias digitais, ainda está em curso. Os principais eixos desta transformação são: geração/processamento/transmissão da informação digital e deslocamento rumo à formação de um novo paradigma sociotécnico, com dois grandes agentes de transformação dos homens e das estruturas sociais: a tecnologia e a informação (CASTELLS, 1995).

No contexto destas transformações, há o aprimoramento das tecnologias computacionais e a expansão da internet, possibilitando a emergência da *cibercultura* como o conjunto de técnicas (materiais e

intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço* e implicaram mudanças e transformações culturais nas diversas dimensões da vida humana, em que a virtualização e o digital em rede trouxeram consigo a convergência dos meios, a inteligência coletiva, a cultura participativa, a aprendizagem colaborativa, dentre outras, como lugar das multiplicidades de meios/mídias, de suportes, de interfaces, de eventos e de práticas dos sujeitos em novos modos de apropriação de conhecimentos para o consumo, produção e compartilhamento de bens culturais (LÉVY, 1999).

A velocidade das transformações nos modos, tempos e espaços da comunicação, após a era analógica e a eletrônica, com o advento da era digital, favoreceram o surgimento do homem planetário (CASTELLS, 1999). Com tais mudanças e transformações socioculturais na chamada galáxia da internet, de Castells, houve também transformações nos modos de se comunicar e distribuir a informação, com fluxos virtuais em rede contínua que aceleraram a participação e a interação entre as pessoas em qualquer espaço e tempo.

No contexto da pós-modernidade, são três as importantes questões a analisar: o conhecimento que é provisório; os discursos que reaparecem insistentemente; o significado dos discursos que flutuam livremente (LYON, 1998). A busca do saber (saber fazer, saber viver, saber escutar, etc.) é uma competência que permite “boas” performances (conhecer, decidir, avaliar, transformar e outras) que resultam, segundo o autor, de uma formação que o sujeito deve receber e ser constituído. O saber tem um valor de troca expressa pelo trabalho humano socialmente necessário para produzi-lo, é uma força de produção. A exteriorização deste saber, de modo mais abundante e mais acessível, traz maior responsabilidade à universidade, como produtora de ciência e como instituição importante para os esforços estratégico-políticos dos Estados. O saber é produzido para ser vendido, consumido para ser valorizado numa nova produção. Este saber informacional é um desafio importante e indispensável para a competição mundial pelo poder (LYOTARD, 2004).

O conhecimento, como um conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, é traduzido em linguagem de máquina, e tanto produtores quanto consumidores devem ter os meios de traduzir tais linguagens com a hegemonia da informática. Para construir este conhecimento consoante às novas exigências em termos de formação, seja de pesquisadores, seja de profissionais, requer-se investimento na infraestrutura, material e humana, para formar competências capazes de

saturar as funções necessárias ao bom desempenho da dinâmica institucional. O ensino com o uso e manejo de diversos e heterogêneos jogos de linguagem-máquina é realizado com um novo modo de organização de disciplinas e metodologias, mais flexíveis e próximas à realidade dos sujeitos em formação (LYOTARD, 2004).

O cenário pós-moderno, com pretensões atemporais e universalizantes, traz consigo o cenário cibernético-informático e informacional. Expandem-se os estudos sobre a linguagem e as compatibilidades com a máquina informática, estudos sobre inteligência artificial em cotejo com a estrutura e funcionamento do cérebro. Os esforços científicos, tecnológicos e políticos são produzidos para informatizar a sociedade. O papel da ciência, como qualquer outra modalidade de conhecimento, é de organizar, estocar e distribuir informações, como um conjunto de mensagens que pode ser traduzido em quantidade (bits) de informação. Impõe-se a concepção de ciência como tecnologia intelectual que possui valor de troca desvinculada do produtor e do consumidor, submetida ao capital e ao Estado, atuando como força de produção (LYOTARD, 2004).

Os critérios de desempenho e tecnológico concorrem com o concreto, com o presente e o “aqui e agora”, cooperando com as forças do acontecimento e da cotidianidade, e algumas palavras de ordem são intempestividade – descontinuidade, atualidade, inatualidade, cesura, nuance, limiar; ágio “à vontade” – dissociação, desconexão, deslocamento, anacronismo, reatualização (rechamar, re-evocar, revitalizar); distância e proximidade – reencontro, desomogeneidade, interpolação, temporalidade, dentre outras. O contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos passado, presente e futuro; e não apenas no tempo cronológico, mas em um tempo indeterminado, atemporal, onde há quebra, cesura, e que passa a ser o lugar de reencontro entre os tempos na relação consigo mesmo. O devir histórico não cessa de operar e pulsar com força no presente (AGAMBEN, 2009).

A compreensão da realidade é radicalmente revista e dominada por imagens dos meios de comunicação, com força imediata que acontece a enormes distâncias, assumindo a forma de montagem que se unem para produzir efeito (LYON, 1998). O computador e a internet constituem a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a era da informação e do conhecimento em rede, como um conjunto de nós interligados, ferramentas organizativas flexíveis e adaptáveis, características essenciais da comunicação para sobreviver em uma sociedade que sofre mudanças e transformações a toda velocidade (CASTELLS, 2003).

O espaço de comunicação por onde circulam as informações é o espaço virtual ou ciberespaço, aberto pela intercomunicação mundial de computadores e de suas memórias. O ciberespaço (ou rede) “especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17). É um espaço virtualizado de potências simbólicas que configura linguagens que se entrecruzam, anunciam e coexistem incessantemente, se acoplam, se interpõem e se capturam, em contínuo processo de construção ou de colapso. Os espaços virtuais fazem rearranjos de velocidade e flutuação em formações e composições intensas e contínuas,

[...] quando ele avança diferenciando-se segundo duas grandes vias: fazer passar o presente e conservar o passado, em um movimento contínuo [...] eis por que o virtual é “efêmero” [...] não cessa de continuar no “menor” seguinte, que remete a uma mudança de direção. (DELEUZE, 1996, p. 54-55).

Por carregar a ideia de múltiplo, no virtual atuam elementos atuais e virtuais, reagindo um sobre o outro em circuitos moventes e em troca perpétua. Eles coexistem no lugar do devir produtivo, onde novas práticas são produzidas; o novo (de novo), onde o passado é recriado, na lógica da mutação criativa, no plano da proliferação e do povoamento, da dobra e desdobra. O virtual é potência, transferência virótica, multiplicidades, redes sem fronteiras (DELEUZE, 1996).

O desenvolvimento deste espaço aberto e fluido de intercomunicação abre novos planos de existência com a chamada cibercultura. Para Lévy (1999), cibercultura é o “centro da gravidade da galáxia cultural” do século XXI, percebida em suas múltiplas dimensões: a essência, o movimento social, o som, a arte. No campo epistemológico, emanam considerações sobre a nova relação com o saber e seus consequentes desdobramentos na educação, na formação e na construção da inteligência coletiva, situando a simulação como o modo de conhecimento próprio da cibercultura.

Esta complexificação promove também uma reorganização da economia das informações e nos modos de relação - comunicação interativa e comunitária, de todos com todos, no centro de espaços informacionais coletiva e continuamente reconstruídos; nos modos de conhecimento, de aprendizagem e de pensamento - simulações,

navegações transversais em espaços de informação abertos, inteligência coletiva; nos gêneros literários e artísticos - hiperdocumentos, obras interativas, ambientes virtuais e criação coletiva distribuída (LÉVY, 1999).

O conceito de inteligência coletiva aponta novas formas de organização e de coordenação flexíveis do conhecimento, em tempo real e em colaboração entre as pessoas, em tempos e lugares diferentes. Os desdobramentos da cibercultura trazem novas nuances na relação da educação com o saber, pois a velocidade do surgimento e renovação de sistemas de comunicação, com múltiplas plataformas virtuais e meios que se misturam, estão cada vez maiores, e seus os processos de formação, que se desenvolvem no ciberespaço, nunca chegarão ao fim (LÉVY, 1999).

Ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial de computadores e da memória dos computadores, [...] conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos o conjunto de sistemas de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização [...], condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação. (LÉVY, 1999, p. 92-93).

O espaço virtual ou ciberespaço permite a co-presença de diversas linguagens, fazendo com que a comunicação se dê em outra escala, outra órbita, outra lógica. Como um conjunto aberto e infinito, permite a organização de signos digitais de diversos modos, por meio de *links*, sites, páginas pessoais, redes sociais e outras dimensões que compõem esta rede plástica, fluida e interativa em que se veicula a informação digitalizada que é o ciberespaço (LÉVY, 2009).

O ciberespaço, onde se promove a cibercultura, tem no virtual a força propulsora da informação que gera conhecimento. Neste espaço de potência (DELEUZE, 1996), há forças que não param de se atualizar. Tais forças simbólicas reconfiguram-se, entrecruzam-se, anunciam e coexistem incessantemente com diversas linguagens que se acoplam, se interpõem e se capturam, e estão continuamente em construção ou em colapso. Os espaços virtuais fazem rearranjos de velocidade e flutuação em formações e composições intensas e contínuas.

Com isso as mudanças nos modos de vida e de interação dos sujeitos são significativas, refletindo-se nas formas de se comunicar e compartilhar conhecimento em redes sociais, em cooperar na inteligência coletiva, em promover a cultura participativa e com novas formas de aprendizagem, transitando por diversos meios e interfaces. O desenvolvimento deste espaço aberto e fluido de intercomunicação mundial abre novos planos de existência com a cibercultura. A internet é fonte fundamental para a circulação de informações e para a perene transformação do ciberespaço, em que tais informações multiplicam-se e atualizam-se de modo exponencial nas sociedades (LÉVY, 1999).

A sociedade em rede é dividida em sociedade da informação - aquela que recebe os impactos informacionais - e em sociedade informacional - aquela cuja estrutura básica é apresentada em redes. A rede, como conjunto de “nós interconectados”, é uma estrutura aberta capaz de expandir-se de forma ilimitada, integrando novos nós que se comunicam e compartilham os mesmos códigos de comunicação. Este processo de transformação tecnológica se expande exponencialmente em razão da capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos em linguagem digital, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, trabalhada e disseminada (CASTELLS, 1995). Na sociedade do conhecimento há duas questões centrais, a geração do conhecimento e a difusão da informação, que é, por sua vez, matéria prima do conhecimento. Diante dessas questões, Castells (1999, p. 58) afirma:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação para o aparelho de geração de conhecimento e processamento de informação/comunicação em um ciclo de realimentação cumulativo entre inovação e seus usos.

A inovação tecnológica passa a ser um fator importante para a produtividade e para o desenvolvimento econômico dos países. As matérias-primas e o capital são considerados como o principal fator de produção, impulsionado por contínuas mudanças tecnológicas, como a internet, e econômico-sociais, como a globalização, na qual as possibilidades são abertas para as aprendizagens colaborativas em rede. Os elementos que caracterizam a sociedade do conhecimento são: conhecimento como motor econômico das comunidades e rede como o

veículo que potencia a partilha da informação. O que define a sociedade em rede é o movimento, a desconstrução e a reconstrução contínua, novos valores, mudança da noção de tempo e espaço, convergência das tecnologias da informação e das relações de poder. As redes concretas são as arquiteturas das relações sociais, econômicas, políticas e culturais possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz e configuram os processos e funções predominantes nas nossas sociedades (CASTELLS, 1999).

Para Lévy (1999), são inúmeras as potencialidades da educação na cibercultura, tendo em vista a abertura das possibilidades do ciberespaço. A primeira forma diz respeito à potencialidade da educação a distância hipermediática para formar um novo estilo de pedagogia, na qual o professor exerce papel importante na mediação entre a informação e o estudante para a construção do conhecimento. A segunda forma incide sobre a experiência adquirida na educação a distância, na medida em que o ciberespaço possibilita que os grupos trabalhem com sistemas compartilhados e automatizados, para a construção do conhecimento (LÉVY, 1999).

Nessa direção, a educação *online* pode potencializar outros modos de fazer formação e promover aprendizagens, por meio de encontros a distância, face a face ou em situações híbridas mediadas por tecnologias digitais (SANTOS; WEBER, 2014). Como um evento da cibercultura, a educação *online* se dá pela mediação das interfaces digitais e que se configuram como espaços formativos. Na educação *online*:

os sujeitos em potência estão juntos e próximos, compartilhando informações, conhecimentos (...) a partir de mediação tecnológica e com as interfaces e dispositivos de comunicação síncronas e assíncronas e de conteúdos hipertextuais disponíveis no ciberespaço a partir do AVA⁴. (SANTOS, 2006, p. 126).

Tais plataformas são usadas, de acordo com Santos (2006), para disponibilizar informação a partir de fontes que possibilitam aceder,

⁴ Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA (*Virtual Learning Environment*) são *softwares* que auxiliam na montagem de cursos acessíveis pela Internet, com integração de ferramentas textuais, gráficas e visuais, desenvolvidos para a gestão de recursos digitais e organização do espaço, do tempo e dos meios digitais de comunicação.

agregar, configurar e manipular artefatos digitais para experiências de aprendizagem, com interfaces constituídas por meios estáticos e dinâmicos, mensagens instantâneas, organização de grupos com interesses comuns e interação social, em processos de formação, tanto na educação a distância *online* quanto na educação presencial, tendo em vista suas potencialidades de reorganização dos processos de comunicação, operando com uma multiplicidade de códigos, hibridização de linguagens e signos próprios da cibercultura.

Esta vasta rede de possibilidades ainda se encontra nas profundezas do mar; por isso, no próximo item, apresento os conceitos de letramento, letramento(s) e letramento(s) digitais (LD) em seus processos de surgimento, constituição e transformações, para seguirmos a navegação às profundezas do mar e contruirmos vastas redes.

2.2 LETRAMENTOS DIGITAIS: *Ilhas Desconhecidas*

2.2.1 Origem e Construção do Conceito de Letramento:

“Propagação de Ondas”

*Vimos estrelas e ondas,/ E enfim vimos também
alvíssimas areias/(...). A glória ébria do sol por
sobre um mar violeta,/ As cidades em glória ante
o sol a se pôr,/ Nos acendiam na alma uma
vontade inquieta/ De mergulhar num céu de
aliciante esplendor.*

(A Viagem, Charles Baudelaire).

A sociedade grega dos séculos V e VI a.C era, de modo geral, letrada, tendo passado por transformações culturais e político-sociais em que a escrita fonética estivera presente e, principalmente, não havia monopólio sobre a leitura e o conhecimento nesse período (TFOUNI, 2006). Níveis e graus de letramentos estavam relacionados a um processo inicial de aquisição da leitura e da escrita que permitiam ao sujeito elevar-se na escala de conhecimento; mas, sobretudo, estavam relacionados às práticas sociais em que o sujeito estava engajado.

O termo *literate* era usado desde o século XVII, nos Estados Unidos, segundo Velloso e Marinho (2011), para se designar o indivíduo que sabia ler e escrever. *Literate* (letrado) é a

[...] pessoa que, além de saber ler e escrever, faz uso frequente e competente da leitura e da escrita, [...] passa a ter uma outra condição social e

cultural [...], muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais [...]. (SOARES, 2002, p. 36-7).

Já o termo *literacy* surge, segundo Soares (2002), somente no século XIX nos Estados Unidos e servia para designar a condição de *literate*, ou seja, a pessoa que, além de saber ler e escrever, sabe fazer o uso competente em situações sociais. Seria um oposto positivo de *illiteracy*, que na Inglaterra designava a falta de capacidade de ler e escrever, desde 1960. Assim,

O termo letramento surgiu nos Estados Unidos na década de 1930 e foi utilizado pelo exército norte-americano durante a segunda guerra mundial para indicar a capacidade de os soldados entenderem instruções necessárias à realização de tarefas militares. A partir de então, este termo tem sido empregado para designar a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins específicos relacionados ao desenvolvimento de atividades de trabalho e da vida diária, passando a ser referência para programas educativos, voltados notadamente à população adulta com níveis de escolaridade considerados insuficientes. Difundiu-se nos anos 1960, principalmente devido à ação da UNESCO para reafirmar a importância da missão que lhe conferira sua assembleia de fundação – ampliar as bases de educação no mundo. (PELANDRÉ, 2009, p. 74).

Desse modo, na literatura de língua inglesa, uma única palavra, *literacy*, “designa o processo de inserção no mundo da escrita, referindo-se tanto a aquisição da tecnologia da escrita quanto a seu uso competente em práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES; RIBEIRO, 2004, p. 91). Em complemento, Marinho e Carvalho (2010, p. 74) destacam que o termo *literacy*

faz referência de forma abstrata a todos os possíveis aspectos de envolvimento social e individual com a prática de escrever (...) *écriture*, *script*, *writing* (escrita, escritura) fazem referência tanto a atividade concreta de escrever quanto ao produto concreto de tal atividade.

Esse fato pode ter contribuído para uma diversidade de modos de tradução, que indicam, por sua vez, modos diferentes de apropriação do conceito.

A criação do neologismo *illettrisme* (analfabetismo funcional) em 1970 na França, conforme destacam Marinho e Carvalho (2010), é um fenômeno linguístico e a construção social de um discurso, numa analogia ao fenômeno do letramento. Em Portugal, de acordo com Marinho e Carvalho (2010), é usual o termo *literacia*, mais próximo ainda do termo inglês *literacy*. A utilização do neologismo *literacia* denota uma percepção e compreensão do processo de alfabetização diferentes do caso brasileiro.

No Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, segundo as autoras, em meio ao movimento da luta pela democratização do ensino fundamental, há o ressurgimento do conceito de letramento, a partir de estudos do conceito de *Literacy* em países de língua inglesa. Como informa Rojo (2009), o primeiro uso da palavra letramento no meio acadêmico brasileiro foi feito por Mary Kato, em 1986, com a tradução literal do inglês *Literacy*, cujo o conceito abarca, ao mesmo tempo, os significados de alfabetização e letramento.

Para Marinho e Carvalho (2010, p. 72), “ao traduzirmos no Brasil a palavra *literacy* como *escrita ou cultura escrita*, estaríamos assumindo que *literacy e writing culture* se correspondem, na sua origem”, ou seja, com a tradução do termo *literacy* para letramento, este foi compreendido, como destacam as autoras, diferentemente dos países de onde a palavra teve origem; tendo sido empregado como mescla ou superposição aos conceitos de alfabetização e cultura escrita, favoreceu a heterogeneidade das interpretações, a confusão com o conceito de alfabetização e a opacidade de sua especificidade.

Em estudos e pesquisas sobre letramento no Brasil, segundo Soares (2004), passa a ser corrente também o uso de categorizações oficiais e disseminadas pela mídia como “semianalfabetos”, “analfabetos funcionais”, “iletrados” e “analfabetos”, considerados destituídos de conhecimentos, habilidades, capacidades e acesso às tecnologias da escrita, portanto marginalizados da cultura escrita. Para a autora, a busca por compreender os condicionantes do aprendizado ou do fracasso do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, nos anos 1980-1990, no Brasil, formou um campo propício à recepção de estudos em torno da diversidade de compreensões e aplicações do conceito de letramento relacionado à cultura escrita.

Para além do processo de surgimento e construção dos termos *literacy*, *literacia* e *letramento*, marcado pela diversidade de modos de

apropriação e de uso, emergiu também uma diversidade de definições e conceituações, enfoques, abordagens e modelos para o termo na cultura escrita, os quais são fundamentais para compreendê-lo no contexto atual, conforme apresento no próximo item, para auxiliar a vontade inquieta de mergulhar nestes mares e ondas em propagação.

2.2.2 Definições, Conceituações, Enfoques, Abordagens e Modelos: “Águas Contínuas”

Nos meios acadêmicos brasileiros, segundo Rojo (2009, p. 97), o conceito de letramento começou a ser usado “numa tentativa de separar os estudos sobre o ‘impacto social da escrita’ dos estudos sobre alfabetização, cujas conotações escolares destacavam as competências individuais no uso e na prática da escrita”. Mas, segundo a autora, o divisor de águas para uma compreensão mais clara sobre letramento no Brasil são os estudos de Kleiman (1995) e Soares (1998) com base na obra de Brian Street (1984), nos quais dois enfoques de letramento são defendidos: o autônomo e o ideológico.

As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas (escolares e outros lugares) vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita. É possível não ser escolarizado (analfabeto), mas participar de práticas de letramento, ou seja, ser letrado de certa maneira.

O termo iletrado não pode ser usado como antítese de “letrado”. Isto é, não existe, nas sociedades modernas, o letramento “grau zero”, que equivaleria ao “iletramento”. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são “graus de letramento”, sem que com isso suponha sua inexistência; (...) lado a lado com o desenvolvimento científico e tecnológico, decorrente do letramento, existe um desenvolvimento correspondente, a nível individual, ou de pequenos grupos sociais, desenvolvimento este que independe da alfabetização e escolarização. (TFOUNI, 2006, p. 23-27).

Assim, o uso do termo letramento, segundo Soares (2004), vem distinguir os processos de alfabetização e de letramento, atribuindo não só especificidade, mas também visibilidade ao processo de

desenvolvimento de habilidades e atitudes de uso da tecnologia da escrita em práticas sociais que envolvem a língua. Para programas de inserção de indivíduos no mundo da escrita, essa distinção é útil, sobretudo em países que ainda enfrentam altos índices de analfabetismo, como é o caso do Brasil; em países em que praticamente já não existem analfabetos, a distinção pode parecer desnecessária. Para Tfouni (2006, p. 25-27) é salutar “considerar o letramento como um *continuum* [e] alfabetização e letramento como processos interligados, porém separados enquanto abrangência e natureza”.

O desafio a partir de então se dá pela necessidade de alargar as fronteiras em torno das definições e conceituações do termo letramento, partindo do pressuposto de que estas definições estão relacionadas às suas diversas aplicações e espaços culturais, sociais, educacionais etc. Como destaca Brito (2004, p. 51-52), não é uma tarefa simples

delimitar o valor exato de cada uma das expressões em questão, nem mesmo sustentar uma interpretação em que sejam complementares. Parece necessário, portanto, uma melhor delimitação do conceito – ou dos conceitos que ele abarca (letramento) – percebendo seus usos e especificidades.

Nessa direção, os quadros que apresento a seguir têm a intenção de aclarar os conceitos/definições de letramento, letrado e suas características no âmbito da cultura escrita, para ampliar a compreensão desse fenômeno mais adiante, na cultura digital.

Quadro 05 - Conceitos/Definições de Letramento (continua)

Autor	O que é letramento?
SOARES (2004).	Conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos; práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social e histórico da escrita em uma sociedade. São as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada.

Quadro 05 - Conceitos/Definições de Letramento (conclusão).

ROJO (2009).	São os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais (família, igreja, trabalho, mídia, escola, etc.), práticas e poderes diversos numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural, variando através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura.
PICCOLI (2010).	É constituído por três elementos: as práticas sociais, os eventos e os textos, já que as práticas são observadas em eventos mediados por materiais escritos.
BRITO (2004).	Como ações político-sociais e pedagógicas de formação dos sujeitos na cultura escrita - remete ao conceito (ampliado) de alfabetização e de escolarização e supõe um agente formador, que define os modos de levar a cabo a tarefa do letramento. Como a condição em que se encontram indivíduos ou grupos sociais e que lhes permite utilizar as competências de ler e escrever para atuar nos espaços sociais organizados em função da escrita - associa-se a ideia de alfabetizado, letrado, educado, e supõe aquilo que uma pessoa é capaz de fazer com seus conhecimentos de escrita.
XAVIER (2005).	É uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida que permite ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade a qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base na literatura da área (2015).

Para estes autores, à ação do sujeito que vivencia o uso da leitura e da escrita em situações sociais e históricas é possível atribuir características, estado, condição e habilidades que estão relacionadas ao exercício de práticas letradas. Para Soares (2002), ser letrado é o estado

ou condição de quem exerce (indivíduos ou grupos sociais de sociedades letradas) efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa competentemente de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação.

O exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita implica, conforme relata Soares (2002), habilidades de ler e escrever para atingir diferentes objetivos, dentre os quais informar ou informar-se, interagir com os outros, ampliar conhecimentos, interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros de textos; orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto, lançando mão desses protocolos ao escrever. De igual modo, prevê atitudes de inserção efetiva no mundo da leitura e da escrita, sabendo utilizá-las para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo, segundo as circunstâncias, objetivos e interlocutores. Nessa mesma direção, Xavier (2005) assinala que um sujeito letrado é aquele que tem a capacidade de enxergar além dos limites do código, que faz relações com informações fora do texto falado ou escrito e vincula-o à sua realidade histórica, social e política.

Para Brito (2004), a duplicidade reforçada pelo sufixo – mento, tanto pode sugerir um estado (como em firmamento) quanto um processo (como em indiciamento), de modo que o sentido se define conforme o contexto em que se encontra. Processo/ação e estado/condição estão diretamente imbricados, e um remete ao outro: a) o processo (de letramento) diz respeito às políticas educacionais e culturais, metodologias de ensino e seleção de conteúdos. Esse processo pode estar subordinado a agências formativas institucionais (por exemplo, a escola, a universidade) como pode ocorrer em função de ações socioculturais difusas e igualmente significativas (mídia, imprensa, indústria de entretenimento, serviços públicos, etc); b) a condição (de letramento) diz respeito à capacidade objetiva de uma pessoa ou grupo social e remete a um movimento mais geral, que se relaciona com a percepção da ordem da escrita, de seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita, sugerindo uma multiplicidade de níveis e graus em função do quanto o indivíduo realiza com seus conhecimentos de leitura e escrita.

Em síntese, com base na compreensão dos autores citados acima, letramento é um contínuo não linear, multidimensional, ilimitado, que envolve múltiplas práticas, eventos, funções e objetivos. Se desenvolve em diversas situações e contextos e requer habilidades e conhecimentos de leitura e de escrita demandadas socialmente. É um processo em que

não há gradação nem progressão que possa fixar um critério objetivo do ponto que separa letrados de iletrados, e que não chega a um produto final. Envolve instâncias ou agências que propiciam o seu desenvolvimento nas práticas sociais exercidas pelos sujeitos que vivenciam os eventos em que o letramento acontece, mediados por materiais escritos.

Nesse contexto, há também os diversos enfoques, abordagens, perspectivas e modelos para o letramento, os quais estão relacionados ao viés pelo qual se analisa o fenômeno: antropológico, linguístico, psicológico, sociológico, filosófico, educacional, entre outros, como os que apresento no quadro a seguir.

Quadro 06 – Enfoques, Abordagens, Modelos e Perspectivas (continua)

Autor	O que diz
ROJO (2009).	O <i>enfoque autônomo</i> vê o letramento em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca.
ROJO (2009).	O <i>enfoque ideológico</i> vê as práticas (múltiplas) de letramento como indissolivelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos. Se aproxima da visão paulo-freireana de alfabetização, revolucionária, crítica, na medida em que colabora para o resgate da autoestima, construção de identidades, potencialização de poderes dos agentes sociais, da cultura local e da contra-hegemonia global.
ROJO (2009).	A <i>abordagem dominante</i> está associada a organizações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias, preve agentes (professores, autores de livros didáticos, especialistas, pesquisadores, burocratas, padres e pastores, advogados e juízes) que, em relação ao conhecimento, são valorizados legal e culturalmente, tendo em vista o poder da sua instituição de origem.

Quadro 06 – Enfoques, Abordagens, Modelos e Perspectivas (conclusão).

ROJO (2009).	A <i>abordagem vernacular</i> tem sua origem na vida cotidiana e nas culturas locais. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência.
ROJO (2009).	O <i>modelo dos letramentos críticos e protagonistas</i> requer trato ético dos discursos, capacidade de lidar com os textos e discursos neutralizados, percebendo seus valores, suas intenções, suas estratégias e seus efeitos de sentido. Leva em conta textos e produtos das diversas mídias e culturas para desvelar suas finalidades, intenções e ideologias (textos discursivos, localizados histórica e ideologicamente, produzindo efeito de sentidos).
MARINHO; CARVALHO (2010).	O <i>modelo alternativo ou ideológico</i> de letramento oferece uma perspectiva cultural mais sensível das práticas de letramento, que variam segundo os contextos sociais.
MARINHO; CARVALHO (2010).	A <i>perspectiva dos letramentos contextualizados</i> situa-os nas esferas da vida cotidiana, nas quais a escrita está presente; não veem o letramento como um progresso relacionado às práticas orais e escritas de linguagem, e sim como complementar a elas.
MARINHO; CARVALHO (2010).	A <i>perspectiva de letramento social</i> abarca as funções que as atividades e as habilidades de leitura e de escrita exercem na vida social. A ênfase é nos usos que dele fazem os indivíduos e as suas funções para grupos específicos. É uma prática social sustentada por princípios epistemológicos socialmente construídos.
SOARES (2010).	A <i>perspectiva educacional de letramento</i> está presente nos parâmetros curriculares nacionais, nos programas e avaliações nacionais, estaduais e municipais, designando as habilidades de leitura e de escrita de crianças, jovens ou adultos em práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base na literatura da área.

Diante dos diversos enfoques, abordagens, perspectivas e modelos para o letramento, neste estudo, faço a opção pelo enfoque ideológico, que se aproxima da visão freireana de alfabetização em sentido mais amplo, na qual se leva em conta os múltiplos letramentos em uma perspectiva crítica. O desenvolvimento de habilidades em práticas sociais e eventos, por este ponto de vista, colabora para a transformação, a autonomia, a construção de identidades e a potencialização de poderes (empoderamento) dos agentes sociais no contexto da sua cultura. Desta concepção decorre a compreensão de que há diferentes letramentos, como destaco no próximo tópico, como a multiplicidade de ondas que fazem o movimento contínuo das águas do mar e aguçam a vontade inquieta de mergulhar.

2.2.3 Diferentes Letramentos: “*Na Imensidão do Mar*”

Como apresentei no item anterior, a ampliação do significado original do termo letramento foi rompendo gradativamente o limite de sua prática, inicialmente restrita aos usos da leitura e da escrita na cultura impressa, caminhando para uma multiplicidade de outras práticas sociais,

para designar práticas de interação de outra natureza, além das práticas “visuais” que são a leitura e a escrita (interação pelas linguagens musical, corporal, gestual, etc.), [por estas razões] tem se optado pelo uso da palavra no plural: é frequente o uso de *literacies*, em bibliografia de língua inglesa, e o do plural *iletrismes*, em bibliografia de língua francesa. (SOARES, 2004, pp. 91-92).

Conforme Soares (2002, p. 156) “letramento é fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo”. A autora ressalta que diferentes perspectivas na caracterização do fenômeno estão associadas aos aspectos relacionados aos novos ou diferentes letramentos que foram surgindo e que,

- a) diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condição naqueles que fazem uso dessas tecnologias em suas práticas de leitura e de escrita;
- b) diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão resultam em diferentes

letramentos;

- c) diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais são percebidos em função, ora dos contextos de interação com a palavra escrita, com a comunicação visual, auditiva e espacial, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo.

Ao tratar dos letramentos em diversos contextos, Rojo (2009) destaca que as abordagens dos letramentos têm apontado para uma heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem em geral nas sociedades. Para a autora, estas abordagens apontam para o caráter sociocultural e situado das práticas de letramento, de modo que, nesse movimento, o conceito passou a ser usado no plural: letramentos.

Partindo da compreensão de que há diversos letramentos, conforme as diferentes tecnologias empregadas em seu uso; diversos espaços e eventos em que estes se desenvolvem; vários suportes e interfaces por onde veiculam mensagens; diferentes contextos em que tais práticas estão inseridas; a multiplicidade de linguagens usadas para a comunicação (verbal, visual, sonora e seus desdobramentos); as diversas formas de interação humana envolvidas no processo, etc., foram surgindo também diferentes formas de nomeá-lo, como apresento no quadro seguinte:

Quadro 07 – Tipos de Letramentos (continua)

Multiletramentos	Um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, envolve além da multisssemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade, pois diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente.
Letramentos múltiplos	Podem ser entendidos na perspectiva multicultural (multiletramentos), vivenciados por diferentes culturas, nas diversas esferas da sociedade, diferentes práticas e diferenciados textos em gêneros dessa esfera.

Quadro 07 – Tipos de Letramentos (conclusão).

<p>Letramentos multissemióticos</p>	<p>Ampliam a noção de letramento para o campo da imagem, da música, das outras semioses, não somente a escrita, mas também a produção de textos em diversas linguagens, como:</p> <p>a) verbal oral e escrita, musical, imagética - imagens estáticas e em movimento, nas fotos, no cinema, nos vídeos, na TV, nos games;</p> <p>b) corporal e do movimento - nas danças, performances, esportes, atividades de condicionamento físico, matemática digital, etc.</p> <p>As capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos.</p>
<p>Letramentos multiculturais</p>	<p>Podem ser entendidos como uma triangulação entre cultura local, global e valorizada que pode contribuir para a formação de um cidadão ético, democrático, crítico e isento de preconceitos, disposto a ser multicultural em sua cultura, marcado pelas diferenças socioculturais.</p>

Fonte: Rojo (2009).

Para Marinho e Carvalho (2010), essas muitas modalidades de interação social mediadas pela leitura e pela escrita em outras formas de linguagem abarcam a multimodalidade das mídias digitais (MD), ao indicar o caráter multimodal das representações e da comunicação, de outros sistemas semióticos que convivem com a linguagem oral e verbal.

Em virtude deste estudo voltar-se aos letramentos na cultura digital, a opção que faço para discuti-los, daqui em diante, é pela denominação de letramentos digitais (LD), também no plural. Um dentre os diversos tipos de letramentos, que se amplia para outras semioses que não somente a escrita, abarcando as múltiplas linguagens, meios, recursos e interfaces da comunicação digital e das diversas habilidades que são requeridas para com ele atuar, desde a sua

apropriação, consumo e produção com MD, como requer a contemporaneidade.

Mas o que diferencia o letramento na cultura escrita dos letramentos na cultura digital? Para o estudo do fenômeno da alfabetização, quando ocorreu a ampliação da cultura escrita na sociedade, foi necessário pensar o que distinguiu o sujeito alfabetizado (que possuía domínio da técnica de ler e escrever) daquele que possuía conhecimentos para ir além desse domínio restrito, até alcançar as práticas de uso da leitura e da escrita em situações sociais (letramento). Os LD continuam ligados à ideia de letra, de escrita, e seus usos sociais se ampliam até atingir outras linguagens do meio digital, através de práticas de uso destas linguagens em diversas situações sociais, como destaque no item a seguir, movimentando-se como ondas em dobras e desdobras, as quais possibilitam aos sujeitos atuar na imensidão do mar.

2.3 LETRAMENTO(S) NA CIBERCULTURA - Percursos e Transformações: *“Ondas Incessantes”*

*E todas as lamentações do mar, do vento, do céu,
das aves, das estrelas
Serão a tua voz presente, a tua voz ausente, a tua
voz serenizada. (Vinicius de Moraes).*

Mesmo com uma razoável literatura sobre o conceito de letramentos (Brasil) ou literacias (Portugal), os autores da área concordam que estamos longe de um consenso quanto a sua definição, conhecimentos, dimensões e habilidades requeridas, e os domínios em que as práticas e eventos se realizam, bem como dos modos como se avaliam as práticas de letramentos para aferir níveis ou graus que indiquem que um sujeito pode ser considerado letrado, tendo em vista os diferentes contextos sociais, culturais, tempos e espaços e as implicações dos usos sociais de tais conhecimentos.

Para uma melhor compreensão sobre o modo como o conceito de letramentos digitais (LD) foi se constituindo social e historicamente, considere necessário fazer uma breve retomada ao seus percursos e transformações no contexto da cultura digital. As diversas mídias digitais (MD) remontam ao ábaco, a mais antiga máquina de fazer cálculos usada pela humanidade, uma espécie de sistema precursor do

computador analógico, aplicado na Máquina de Turing⁵, aparelho codificador e decodificador de mensagens criptografadas, considerado o modelo básico para a criação dos computadores digitais atuais. Os *mainframes*, computadores eletrônicos, surgiram na década de 1950, e o embrião da internet, a ARPANET, surgiu em 1969, usada como tecnologia de estratégia e controle militar. Mas foi com o movimento do *personal computer* (PC), por volta da década de 1980, que a tecnologia digital começou a ganhar força (SAITO; SOUZA, 2011).

Na década de 1990 aconteceu a propagação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), com computadores conectados à internet. Foi nesse período que os conhecimentos da oralidade, da leitura e da escrita, presentes nas interações humanas na cultura escrita, passaram a fazer parte, também, mediados pelo computador e pela internet, de processos e interfaces que convergem diferentes linguagens. A partir de então, com o uso do teclado do computador de base alfabética, o usuário precisava ser alfabetizado para usufruir plenamente seus recursos, o que requer um mínimo de letramento para tais domínios (SAITO; SOUZA, 2011).

Em contexto internacional, o registro do termo *Computer Literacy*, relacionado ao uso do computador, vem do *Computerized Manufacturing Automation: Employment, Education, and the Workplace*, documento preparado pelo *Office of Technology Assessment* (OTA) para o Congresso Norte-Americano, em meados da década de 1970.

Nos Estados Unidos da América, na década de 1980, vivenciou-se o crescimento do uso de computadores no trabalho, em casa, na escola, etc., o que já requeria uma população letrada computacionalmente; daí a razão de o governo implementar políticas de inclusão de conhecimentos computacionais na educação, para capacitar os sujeitos em habilidades básicas para o uso do computador.

No Brasil, com a publicação do Livro Verde da Sociedade da Informação, de 2000, o Ministério da Ciência e Tecnologia discutiu a implantação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) e a promoção do desenvolvimento de uma Sociedade Informacional, utilizando o termo “Alfabetização Digital” associado à

⁵ Um tipo de máquina inventada por Alan Turing em 1937, com dispositivos computacionais abstratos simples destinados a ajudar a investigar a extensão e os limites da noção formal de computação <http://plato.stanford.edu/entries/turing-machine/>

tradução do termo inglês *digital literacy*, que suporta tanto a ideia de alfabetização quanto a de letramento.

Em Portugal, a partir da década de 1980, houve a emergência de programas e iniciativas, no âmbito das políticas públicas, para levar as tecnologias da comunicação e informação até a escola (infraestruturas tecnológicas). Posteriormente, de 2007 em diante, ocorreu a distribuição de computadores portáteis aos alunos nas escolas, para que se alcançasse a meta de ocupar um lugar entre os cinco países europeus mais avançados quanto à modernização tecnológica do ensino (PEREIRA, 2013). Com a Estratégia de Lisboa (2010), busca-se uma sociedade e uma economia baseadas na informação e no conhecimento, com indivíduos capacitados para o uso das tecnologias digitais, visando elevar os níveis de literacia digital.

O desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação e comunicação (TIC), até os anos 1990, levou ao desenvolvimento de ações e políticas públicas em torno da universalização do acesso. A partir de então, o foco passa do acesso (ações e políticas públicas de inclusão e criação de infraestrutura) para o desenvolvimento das habilidades individuais e sociais da população na utilização das TIC, principalmente depois dos resultados de pesquisas de mensuração de habilidades e competências de caráter geral. Nesse contexto, considero a universidade como uma importante agência para o desenvolvimento da população quanto ao uso das TIC.

Diante das mudanças nos processos de comunicação do âmbito da cultura impressa para o âmbito da cultura digital, busco mapear nomenclaturas e definições levantadas durante a pesquisa sobre a literatura da área, organizado-as, no quadro a seguir, como uma síntese que tentar chegar o mais próximo possível de uma definição, ainda que provisória, do conceito de LD, o qual passo a trabalhar mais adiante.

Quadro 08 – Definições para Letramentos na Cultura Digital (continua)

Autor	Definição/Conceituação
<i>Takahashi (2000, pp. 31-35, 165).</i>	<i>Alfabetização Digital</i> é o processo de aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores, redes e serviços de Internet; meio de acesso e de capacitação dos indivíduos para tornarem-se usuários, como provedores ativos dos conteúdos que circulam na rede, em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania.

Quadro 08 – Definições para Letramentos na Cultura Digital (continua)

<p><i>Soares</i> (2002, pp. 2, 146-151).</p>	<p><i>Letramento digital</i> é o estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela. A tela como espaço de leitura e de escrita traz novas formas de acesso à informação, novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, um novo letramento, o letramento na cibercultura.</p>
<p><i>Saito; Souza</i> (2011, p. 125).</p>	<p><i>Fluência em TIC</i> é a capacidade de reformular conhecimentos, expressar-se criativa e apropriadamente, bem como de produzir e gerar informação (em vez de meramente compreendê-la). Implica a mudança do paradigma de consumo para o de produção de informação na Internet.</p>
<p><i>Wilson</i> (2013, pp.16-18).</p>	<p><i>Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)</i>, proposta pela UNESCO, são as competências necessárias para buscar e usufruir plenamente dos benefícios desse direito humano fundamental. Empodera as pessoas de todos os estilos de vida para que procurem, avaliem, usem e criem informação de forma efetiva, conforme suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais.</p>
<p><i>Buckingham</i> (2010).</p>	<p><i>Letramento Midiático</i> é uma abordagem mais crítica e produtiva sobre a mídia digital, no sentido do enfrentamento das desigualdades de acesso à tecnologia surgida na sociedade. Acesso não só como disponibilidade de equipamentos, ou como uma questão de habilidades técnicas, mas também como uma questão de capital cultural – a capacidade de usar formas culturais de expressão e comunicação, buscando parceria com bibliotecas, centros de tecnologia da comunidade, projetos de arte, museus e <i>Cybercafés</i>, espaços liminares situados no intermédio da casa, da escola e da rua etc.</p>

Quadro 08 – Definições para Letramentos na Cultura Digital (continua)

<p><i>Rojo</i> (2009, p. 105).</p>	<p><i>Letramento Multissemiótico</i> (multiplicidade multimidiática e hipermidiática do texto eletrônico com diversas modalidades de linguagem - imagem estática, imagem em movimento, música, fala - que extrapola os limites dos ambientes digitais e invade os meio impressos: jornais, revistas, livros didáticos) é a capacidade de lidar com linguagens para além da leitura e da escrita convencionais (imagem, música, cores, sons, design, meios semióticos) em uso na linguagem tecnológica disponível na tela do computador e na internet, com as diversas mídias e suportes em que os textos e mensagens circulam: mídias analógicas (TV, rádio, vídeos, cinema, fotografia) e, sobretudo, digitais.</p>
<p><i>Xavier</i> (2005, p. 9).</p>	<p><i>Letramento Digital</i> práticas sociais de uso da linguagem na sociedade, por meio das tecnologias de comunicação digital (computadores, cartão magnético, caixa eletrônico, rede mundial de computadores, internet, etc.); requer o domínio de habilidades para operar máquinas eletrônicas e digitais (intercâmbio de informações na rede, participar de salas virtuais) e dos vários gêneros digitais. É condição para a sua apropriação a assimilação e a avaliação crítica das informações, para transformá-las em conhecimento útil. Está na esfera do letramento alfabético (usar um processador de texto: escrever na tela, editar partes do texto, selecionar trechos, colá-los em outro documento, transportar frases, parágrafos e capítulos inteiros) e na esfera da internet (entender como funciona os sistemas de navegação, saber buscar uma informação na rede digital, utilizar mecanismos de buscas em sites, etc.). Contribui para a capacidade analítica e crítica do cidadão.</p>

Quadro 08 – Definições para Letramentos na Cultura Digital (conclusão).

<p><i>Rosa</i> (2013, p. 17).</p>	<p><i>Letramento Digital</i> é a condição que permite ao sujeito usufruir das tecnologias de informação e de comunicação para atender às necessidades do seu meio social, desenvolvendo-se autonomamente na sociedade da informação. A sua operacionalização se dá por meio da conjunção de duas dimensões complementares de habilidades funcionais: habilidades técnico-operacionais em TIC e habilidades informacionais em TIC</p>
<p><i>Buzato</i> (2009a, p. 21).</p>	<p><i>Letramentos Digitais</i> são práticas sociais amplas que se situam no bojo dos processos de convergência de mídias, interligadas a sistemas de representação, produção e circulação de linguagens e mensagens com mediação digital. Um critério de especificidade para os letramentos digitais é a sua propriedade de hibridizar elementos constitutivos de quaisquer letramentos: (i) formas de mediação (tais como a imprensa, o vídeo, a fotografia, o rádio, o cinema, etc.); (ii) sistemas de representação (tais como a escrita alfanumérica, as diversas linguagens imagéticas, os diversos tipos de cartografia e infografia, a música); (iii) gêneros oriundos de diferentes esferas de atividade social e de diferentes tradições culturais que se conectam via TIC; (iv) atitudes ou disposições frente ao texto (ler para procurar informação, ler para criticar, ler para se divertir, etc.), compartilhadas em eventos coletivos de LD e (v) letramentos diversos praticados por um mesmo sujeito que transita entre contextos culturais e de prática diferentes.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base na literatura da área.

Analisando o quadro acima, levanto alguns pontos que considero interessantes: o termo alfabetização digital, usado pela UNESCO, é reducionista, no sentido de que carrega em si a ideia de aquisição de habilidades básicas relacionadas apenas às dimensões funcional (técnica e operacional) do uso da mídia digital (MD) e informacional do uso da internet.

Outras dimensões dos LD devem ser consideradas, como a multissemiótica, cultural, social, cognitiva, crítica, etc., que estão imbricadas no processo e envolvem a interação e a participação dos sujeitos no uso das MD; o empoderamento por meio da apropriação de conhecimentos para uso nas diversas esferas da vida (pessoal, social, trabalho, universidade, etc.) e com fins distintos (atingir metas, procurar, avaliar, criar) requer o alargamento da concepção e a adoção do termo LD, devido à diversidade de letramentos que ele abarca.

O reconhecimento do conceito de multiletramentos, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, reafirma o entendimento de letramento como multiplicidade, em que configurações específicas de nós dessa rede são acionadas em situações, para finalidades e/ou em por sujeitos/grupos específicos. (BUZATO, 2007, p.166).

Como se pode observar com a análise, no atual contexto da cibercultura, os processos de comunicação requerem dos sujeitos conhecimentos específicos para operar com diferentes meios, tecnologias, dispositivos e suportes, com diversos modos de interação, gêneros e linguagens, transitando entre diferentes contextos, práticas culturais e eventos em que os LD se desenvolvem. Nesse sentido, a discussão sobre os conhecimentos e as habilidades requeridas é fundamental e possibilita compreender como, onde e em que condições as apropriações podem ocorrer em tais processos.

Para Buzato (2010), letramentos digitais (LD), enquanto letramentos apropriados ao contexto do uso das TD, necessitam do desenvolvimento de estratégias relacionadas aos letramentos informacional, multimidiático, comunicacional, linguístico, multissemiótico, etc. No contexto educacional, afirma o autor, deve-se desenvolver uma metodologia própria para os LD, ou seja, investir em certos tipos de letramentos, em um contexto determinado, visando certos efeitos. Estes diversos letramentos ou multiletramentos requerem estratégias pedagógicas específicas, necessárias para que se dê conta do aumento da complexidade dos textos (impressos, digitais ou de outra natureza) que circulam nas sociedades contemporâneas, apontando para um repertório de capacidades relacionadas às especificidades de cada linguagem (fotografar, assistir a um filme, produzir um vídeo-clipe, jogar vídeo-game) (BUZATO, 2007).

Os sentidos polissêmicos atribuídos ao termo letramentos, no plural, (SOARES, 2002) evidenciam o seu caráter de processo sócio-histórico, e as práticas e habilidades a ele relacionadas reforçam que

os usos da língua oral e escrita misturam-se, confundem-se e variam na medida das mudanças na situação de linguagem, e estas complexidades precisam ser consideradas se quisermos entender as demandas dos letramentos que ocorrem em uma cultura tecnológica. (TFOUNI, 2006, p. 48).

Surgem também as discussões sobre os diversos letramentos que emergem com a cultura digital e em resposta às demandas do desenvolvimento das mídias digitais (MD), que trazem novos modos de os sujeitos se relacionarem com as culturas oral, escrita e analógica, ressignificando e atualizando as práticas e dinâmicas sociais mediadas por tais mídias na interação entre interlocutores no processo de comunicação.

No entanto, nesse universo oceânico dos letramentos, priorizamos, no presente estudo, o recorte no letramento digital (LD) para especificar um tipo entre tantos outros (letramento, letramentos, multiletramentos, etc.), os domínios em que ele funciona (trabalho, escola, vida pública, universidade) e as habilidades mobilizadas em ações, gestos, usos, participações, produções, publicações (técnicas, comunicacionais, linguísticas, cognitivas, etc.), sobre a tela, sobre a internet e sobre os gêneros do discurso, desde a sua fase motora até a complexa participação na rede (RIBEIRO, 2009).

As novas modalidades de leitura e de escrita propiciadas pelas tecnologias de comunicação, como o computador e a rede (web), sugerem um momento privilegiado para captar a natureza, o estado ou a condição de um processo em andamento, e também para identificar as mudanças nos processos envolvidos na escrita e na leitura, como nos hipertextos, indicando as mudanças culturais, sociais, cognitivas, educacionais, discursivas, etc (SOARES, 2002).

No contexto da cibercultura, há diversos letramentos, em função das variadas e múltiplas formas de interação com o mundo pela leitura e escrita e pela comunicação visual, auditiva, espacial, etc. Dentre os diversos letramentos, o letramento digital é característico da cibercultura, pelos processos por quais os sujeitos se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de

leitura e de escrita na tela. (SOARES, 2002, p. 151).

Os letramentos digitais (LD) emergem em práticas sociais e culturais que têm sentidos e finalidades específicos dentro de um grupo social, ajudando a manter sua coesão e identidade. São aprendidas em eventos coletivos de uso das mídias digitais (MD) e, por isso, são diferentes em diferentes contextos socioculturais. É uma forma de agir, afirmar-se, construir e sustentar uma visão de mundo compartilhada por um grupo e carrega traços identitários e significados compartilhados por esse grupo (BUZATO, 2007, 2009a). Portanto, assim como se observou a necessidade do uso do termo letramentos (no plural) na cultura escrita, na cibercultura também “há diferentes letramentos digitais praticados para finalidades diferentes em contextos diferentes. Por esta razão a opção pelo uso de letramento digital também no plural, letramentos digitais”. (BUZATO, 2009a, p. 16).

Ao partir de tais compreensões, situadas no momento histórico, social e cultural contemporâneo, percebo que estamos diante dos desafios do uso de mídias digitais (MD) na universidade. Em consonância com o que ocorre socialmente, estas se ampliam para outras linguagens e semioses, por diversos meios, recursos e interfaces, na comunicação, nos processos formativos, nas práticas pedagógicas e de ensino e aprendizagem. Ao considerar tais questões, adoto a concepção provisória de que

Letramentos Digitais não são simplesmente letramentos convencionais transpostos para novas condições técnicas de mediação, são **redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude e influência das TIC** considerando ainda os diferentes contextos culturais e situacionais. (BUZATO (2007, p. 328; 2009a, p. 22, grifos do original).

Ao situar o conceito de LD no cenário da cibercultura, em que as condições técnicas de mediação são a infraestrutura para o acesso, consumo e atuação em uma sociedade virtualizada (que tem a informação como força propulsora para os sujeitos construir conhecimentos) considero que o enfoque ideológico (STREET, 2003) seja importante de ser considerado por levar em conta as dimensões

sociais, políticas e culturais das práticas de letramentos ligadas às estruturas de poder da sociedade, reconhecendo a variedade de práticas culturais, que, neste estudo, ampliam-se às mídias digitais (MD). Esta abordagem é também consoante às proposições de Freire, para quem os processos de aprender a leitura e a escrita são baseados na atividade do sujeito situado histórica, social e culturalmente, propulsores de seu desenvolvimento, mediados pela ação consciente e crítica ao atuar em sociedade.

Independentemente do modo diverso com que os autores citados anteriormente denominam o fenômeno dos letramentos na cultura digital, estes estão de acordo quanto à necessidade de ampliação do repertório de conhecimentos e habilidades dos sujeitos para promover o seu estado ou condição de cidadão cada vez mais letrado digitalmente, para exercer a crítica, a autonomia, o empoderamento e o exercício da cidadania. Para que esse processo ocorra, destaco o papel da universidade como agência de formação que pode atuar na formação para os LD, utilizando metodologias híbridas com o uso de plataformas virtuais de ensino e aprendizagem (computador e internet), que convergem diversas MD e requerem novas habilidades, tanto dos professores quanto dos estudantes.

No próximo item, destaco as habilidades relacionadas aos LD, com enfoque especial para o termo “competências”, pois, embora não seja adotado neste estudo, considero necessária a sua discussão, pelo fato de que a Universidade Aberta (UAb) de Portugal, local em que esta pesquisa foi realizada, trabalha com uma metodologia centrada em competências. O mesmo se observa em alguns autores, quando tratam do desenvolvimento de LD; ora usam o termo habilidades, ora usam o termo competências, para designar os conhecimentos e saberes atribuídos aos letramentos. Busco, assim, um canto para soar nos ouvidos às lamentações do mar, à sua voz presente e ausente, para continuar a viagem.

2.3.1 Habilidades Relacionadas: “Sabes Navegar?”

As práticas de uso de mídias digitais (MD) em processos de formação estão associadas a agentes sociais, instituições e objetos relacionados aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, linguísticos e cognitivos deste fenômeno. O acesso, apropriação, consumo e produção com o uso de tais mídias implicam domínios e saberes específicos, pois o que caracteriza a cultura digital é o processo de produção, processamento, armazenamento e distribuição da

informação, com uma hibridez e diversidade de linguagens veiculadas por diversos meios, suportes e interfaces digitais, influenciando e atualizando o que se chama de letramentos com mídias digitais.

Ao buscar resposta para a questão: “com que nível de habilidade um indivíduo utiliza os meios digitais para resolver problemas que lhe são colocados no dia-a-dia?”, Rosa (2013) desloca o debate do acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs) para o nível de habilidades em TICs da sociedade brasileira, no sentido da qualificação do seu uso, o mensurado por meio de Índices de Letramentos Digitais (ILD), na intenção de contribuir para diagnosticar o cenário atual. Estes indicadores são voltados ao uso social dos recursos digitais, com enfoque nos benefícios que agregam à vida cotidiana, no campo da prática da educação e da inclusão digital, incluindo uma matriz de habilidades e competências composta por dimensões e pilares, além de seus respectivos descritores.

Rosa (2013) afirma que um ILD, como ferramenta no monitoramento e avaliação de políticas públicas de inclusão digital no Brasil, pode contribuir para identificar como o indivíduo utiliza as tecnologias digitais (TD) (apropria-se, consome e desenvolve-se) para inserir-se numa sociedade cada vez mais letrada e informacional, com conteúdos em rede, que requer uma participação diversificada e ativa do sujeito frente à realidade social. A autora defende que, para que um ILD possa servir como ferramenta para mensurar o nível de LD, é necessário:

[...] levar em consideração não apenas o uso, mas também a produção ou a transformação autoral de conteúdo em rede feita pelo indivíduo em seu contexto social. Tal fato reitera que as estatísticas que indicam o acesso às TICs são insuficientes para traduzir o nível de inclusão digital da população quando esta é entendida como letramento digital. (ROSA, 2013, p. 15).

Nessa direção, o exame *Programme for International Student Assessment* (PISA) elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), voltado à avaliação de sistemas educacionais, possui um questionário que visa aferir a familiaridade de estudantes com o universo das TIC. O teste do PISA para os estudantes é aplicado e analisado, sinteticamente, conforme quadro abaixo:

Quadro 09 – Familiaridade de estudantes com o universo das TIC no PISA.

Ação	Indicadores de desempenho do estudante durante a navegação
Acessar as páginas necessárias como blogs e <i>sites</i> de uma organização;	a) número de páginas visitadas; b) número de visitas a páginas relevantes (perguntas frequentes da organização (FAQ) ou a página “sobre” - que apresenta a instituição); c) número de páginas relevantes visitadas.
Mensuração	a) habilidades técnico-operacionais em TIC – ao solicitar que páginas e links sejam reconhecidos e acessados; b) habilidades informacionais em TIC - na medida em que conteúdos das páginas precisam ser identificados e compreendidos como informações relevantes, numa linguagem multimodal, para que sejam dadas respostas corretas às perguntas de conteúdo propostas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) a partir da síntese dos testes do PISA.

O exame do PISA se aproxima de um Índice de Letramento Digital (ILD), pois reconhece a necessidade de focar as habilidades dos indivíduos para a utilização de tecnologias digitais (TD), para aceder sites da internet, identificar conteúdos e compreender a informação com diversas linguagens, com o propósito de responder as questões solicitadas.

Diante das novas exigências de atitudes, condutas, criatividade e habilidades cognitivas para permanecer no mercado de trabalho, permeado pelas Tecnologias Digitais (TD) potencializadoras da produção, da produtividade e também do controle, o sujeito precisa ter ou buscar outros modos de desempenho para consumir e produzir conhecimento sobre as redes de comunicação. Há uma busca pela formação de competências para a eficiência da qualificação técnica. Mas há também uma busca dos sujeitos por uma competência em conhecer, decidir, avaliar, participar e transformar, voltada à eficácia de suas ações (BIANCHETTI, 2008).

Na área educacional, o conceito de competência recebe diversas conotações. No quadro a seguir, apresento a definição do termo para alguns autores:

Quadro 10 – Competências para o uso de Mídias Digitais (MD).

Autor	Definição de Competência
<i>Ferrés; Piscitelli (2012).</i>	Difundido no contexto dos países da união européia “competencia (es) una combinación de conocimientos, destrezas y actitudes que se consideran necesarios para un determinado contexto (...). La competencia mediática ha de contribuir a desarrollar la autonomía personal de los ciudadanos y ciudadanas, así como su compromiso social y cultural”.
<i>Rivoltela (2005).</i>	Em contexto educacional e de mídia e educação, competência midiática é um sistema complexo de dimensões: objetiva, intersubjetiva, subjetiva (global e integrada).
<i>Bianchetti (2008).</i>	Competência tem o seu sentido dentro de uma situação dada e uma ação determinada, é testemunho de nossa época, utilizada em diferentes esferas e atividades em substituição à noção de saberes e conhecimentos, na esfera educativa ou de qualificação, na esfera do trabalho.
<i>Ferrés; Piscitelli (2012).</i>	Competência gira em torno de seis dimensões: linguagens; tecnologia; processos de interação; processos de produção e difusão; ideologia e valores; e dimensão estética. Estruturada em torno da produção de mensagens próprias em interação com mensagens dos outros, na perspectiva da cultura participativa, une espírito crítico e estético com a capacidade expressiva, para o desenvolvimento da autonomia e de compromissos sociais e culturais.
<i>Zarifian (2001, p. 68).</i>	Competência é a capacidade de tomar iniciativa, de assumir responsabilidades, de entendimento prático de situações e, em especial, “de mobilizar redes de atores em torno de situações que lhes sejam comuns, acompanhada do (com)partilhamento das implicações de suas ações, fazendo-os assumir áreas de co-responsabilidade”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base na literatura da área.

As definições do termo competência para o uso de MD, segundo o entendimento dos autores apresentados, pode abarcar uma combinação de conhecimentos, destrezas e atitudes (FERRÉS; PISCITELLI, 2012), sendo considerada como um sistema complexo de dimensões (Rivoltela, 2005), de conhecimentos e saberes (BIANCHETTI, 2008). Estas competências podem estar relacionadas a diversas dimensões: objetiva, intersubjetiva, subjetiva (global e integrada) (RIVOLTELA, 2005); envolvem linguagens, tecnologia, processos de interação, processos de produção e difusão, ideologia, valores e estética (FERRÉS; PISCITELLI, 2012). Podem estruturar-se na cultura participativa, para desenvolver o espírito crítico, estético, a expressão, a autonomia pessoal e o compromisso social e cultural (Ferrés; Piscitelli, 2012); também como iniciativa, responsabilidade, mobilização de redes de atores e para fazer compartilhamentos de informação e conhecimento (ZARIFIAN, 2001).

No âmbito da formação educacional no Brasil, o Conselho Nacional de Educação destaca que competência

envolve o agir numa situação determinada (...) inclui decidir e agir em situações imprevistas, mobilizar conhecimentos, informações e hábitos, para aplicá-los, com capacidade de julgamento, em situações reais e concretas, individualmente e com sua equipe de trabalho. (BRASIL, 1999, p. 32).

No sentido de mobilizar conhecimentos relacionados ao uso de mídias digitais (MD) em processos de formação, com base no ensino e aprendizagem *online*, as habilidades para analisar criticamente mensagens produzidas por si e pelos outros, disseminá-las com criticidade, autonomia, responsabilidade e ética *online* também são importantes. No quadro a seguir, apresento definições de habilidades para o desenvolvimento de LD:

Quadro 11 – Habilidades para Letramento Digital (LD) (continua)

Autor	Conceito/Domínio
<p><i>Eshet-Alkalai (2004) citado por Veloso e Marinho (2011); Rosa (2013).</i></p>	<p>Habilidades de sobrevivência na era digital é mais do que uma proficiência física em operar programas de computadores. É um tipo especial de mentalidade, uma forma especial de pensar. É o conjunto de seis letramentos (<i>literacies</i>): letramento foto-visual, letramento de reprodução, letramento ramificado, letramento da informação, letramento socioemocional e habilidade de pensar em tempo real.</p>
<p><i>Gilster (1997) citado por Veloso e Marinho (2011).</i></p>	<p>Habilidade para compreender a informação em múltiplos formatos e fontes: selecionar informações que tenham utilidade prática e que sejam importantes para a vida; saber construir sentido a partir das informações disponibilizadas pela internet, através de hipertextos, links, hiperlinks, elementos sonoros e pictóricos em um mesmo espaço; localizar, filtrar e avaliar criticamente a informação disponibilizada eletronicamente; fazer o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital com domínio dos diferentes estilos de textos - imagens estáticas e dinâmicas, som, hipermídia e realidade virtual; que são marcas da tecnologia atual.</p>
<p><i>Warschauer (2006) citado por Veloso e Marinho (2011).</i></p>	<p>É domínio das habilidades de encontrar, organizar e fazer uso de informações (pesquisa), para produzir conteúdos através de seus recursos multimidiáticos (coautor, produtor). O conjunto de categorias para o domínio do letramento digital seria:</p> <p>a) <i>Letramento computacional</i>: refere-se à capacidade de ligar e utilizar o computador para operar programas simples, o que é criticado por não considerar o letramento digital como um fator importante para o sucesso no mundo atual;</p> <p>b) <i>Letramento informacional</i>: refere-se à capacidade de selecionar as informações necessárias, analisá-las eficazmente, tendo em vista suas fontes e, sobretudo, incorporar as informações obtidas a uma base de conhecimentos e utilizá-las de forma eficaz em situações outras, com fins específicos;</p>

Quadro 11 – Habilidades para Letramento Digital (LD) (continua)

	<p>c) <i>Letramento multimidiático</i>: consiste na capacidade de interpretar, criar e produzir uma variedade de recursos semióticos, incluindo textos digitalizados, sons e vídeo;</p> <p>d) <i>Letramento para comunicação mediada por computador (CMC)</i>: são as competências necessárias para se comunicar eficazmente através da mídia <i>online</i> (interpretação e escrita, as regras sociais da comunicação <i>online</i>, a pragmática, a argumentação e persuasão nos diversos tipos de mídia na internet).</p>
<i>Rivoltela (2005).</i>	Habilidade ou capacidade do sujeito de relacionar-se criticamente com os meios, intervindo e relacionando-se de maneira produtiva e eficaz, na perspectiva do conhecimento que produz elevação da consciência, adequado aos desafios dos meios e das tecnologias de comunicação atuais.
<i>Buckingham (2010).</i>	Habilidades funcionais para operar com computadores e teclados, <i>softwares</i> , e realizar tarefas básicas de recuperação de informações, fazendo buscas eficientes, comparando fontes. Habilidades técnicas para recuperação da informação, como separar documentos confiáveis dos não confiáveis, os relevantes dos irrelevantes; fazer pesquisas na web, selecionar material, usar navegadores, fazer hiperlinks, usar mecanismos de procura, etc. Habilidades de usos culturais para reconhecer aspectos simbólicos ou persuasivos das MD, as dimensões emocionais dos usos, das interpretações e representações do mundo e a sua relação com as formas sociais, políticas e econômicas mais amplas. Avaliação crítica da informação formulada na ideologia, levando em conta o contexto político, econômico e social, que molda e adapta textos e informações a diferentes propósitos sociais para transformá-los em conhecimento.

Quadro 11 – Habilidades para Letramento Digital (LD) (conclusão).

<p><i>Jenkins (2009).</i></p>	<p>Habilidades de leitura, escrita, análise linguística, análise literária, edição, editoração, consumo e expressão; participação plena na cultura da convergência; participar da inteligência coletiva:</p> <p>a) compartilhar e comparar sistemas de valores por meio da avaliação de dramas éticos (Spoiling Survivor);</p> <p>b) formar conexões entre pedaços espalhados de informação (Matrix, Pokemon);</p> <p>c) expressar interpretações e sentimentos por meio de sua própria cultura (Guerra das Estrelas);</p> <p>d) fazer circular as criações na internet, compartilhando com os outros (narrativas transmídias);</p> <p>e) interpretar papéis como meio de explorar o mundo ficcional e desenvolver a compreensão de si mesmo e da cultura a sua volta (narrativas transmídias).</p>
<p><i>Spitzer, Eisenberg e Lowe (1998); Livingstone (2003) citado por Rosa (2013).</i></p>	<p>Habilidade de localizar, usar, avaliar e filtrar informações pertinentes - letramento informacional. Ter criticidade perante fontes escritas e audiovisuais tradicionais da televisão, rádio e internet, ser ativo e menos consumidor de informação – letramento informacional. Ser participante na construção da informação e do conhecimento (desde a capacidade de acessar, entender e criar em ambiente <i>online</i>) - letramento midiático.</p>
<p><i>Xavier (2005).</i></p>	<p>Habilidades para articular os elementos que compõem o projeto político do poder constituído pelo letramento digital (LD) e que se mantém na gerência das políticas econômicas, culturais, educacionais e sociais, desenvolvidas em três dimensões dos letramentos: a) as práticas sociais; b) os eventos de letramentos; e c) os gêneros textuais/digitais.</p>
<p><i>Rosa (2013, p. 14-5).</i></p>	<p>Habilidades para o manuseio básico das ferramentas, entendido pela maioria como alfabetização digital ou técnico operacional em TIC. Habilidades de apropriação das novas tecnologias relacionadas ao uso social do conhecimento, entendido como letramento digital ou habilidades informacionais em TIC.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base na literatura da área.

Como pode ser visto no quadro acima, a maioria das definições de habilidades para os letramentos digitais (LD) está centrada nos aspectos técnicos, informacionais, comunicacionais e nas dimensões de uso do computador e de outros meios. Rosa (2013) ressalta que estes aspectos são alicerces para o desenvolvimento dos LD, e não seus componentes.

Com as seis dimensões dos letramentos digitais (LD) apresentados por Eshet-Alkalai (2004), Veloso e Marinho (2011) e Rosa (2013), elaborei o quadro abaixo, para expandir as compreensões sobre as dimensões, pilares e habilidades de LD que apresentei até aqui:

Quadro 12 – Dimensões, Pilares e Habilidades de LD (continua)

Dimensão	Pilares	Habilidades
<i>Técnico-operacional em TIC:</i> <i>envolve os conhecimentos necessários para manuseio das tecnologias de informação e comunicação e de suas ferramentas para lograr alguma ação em ambiente digital;</i>	<i>Reconhecimento</i>	<ul style="list-style-type: none"> - saber trafegar minimamente no ambiente digital; - entender os tempos de funcionamento da máquina; - ligar e desligar; - identificar ícones e nomenclaturas de programas e aplicativos, <i>online</i> e <i>offline</i>, e suas funções; - identificar um processo operacional de comando em andamento;
	<i>Uso</i>	<ul style="list-style-type: none"> - utilizar as funcionalidades em programas e aplicativos, <i>online</i> e <i>offline</i>; - fazer <i>upload</i> e <i>download</i> de arquivos, programas e aplicativos; - usar funcionalidades de ferramentas.
	<i>Sensório-motor-digital</i>	<ul style="list-style-type: none"> - coordenar e manipular interfaces; - postura corporal-cinestésica frente a câmeras de captação de movimento e reconhecimento facial.

Quadro 12 – Dimensões, Pilares e Habilidades de LD (continua)

<p>Informacional em TIC: <i>“implicam a capacidade de manusear e integrar informações de diferentes níveis e formatos em ambiente digital, para que estas se transformem em conteúdos úteis que respondam a finalidades intencionais do indivíduo; aludem também à capacidade de avaliar informações e situações a que se está submetido no uso das TICs, em termos de validade e segurança, e de compreender padrões de funcionamento que o permitam se desenvolver autonomamente neste ambiente”</i> (ROSA, 2013, p. 23).</p>	<i>Foto-visual</i>	<ul style="list-style-type: none"> - ler intuitivamente interfaces gráficas; - compreender instruções e mensagens visuais; - compreender ícones e símbolos utilizados; - deter os significados decifrados como alfabetos e desenhos.
	<i>Reprodução</i>	<ul style="list-style-type: none"> - criar um trabalho de interpretação significativo, autêntico e criativo, com base no original, integrando informações já existentes.
	<i>Ramificação</i>	<ul style="list-style-type: none"> - navegar em ambientes hipertextuais e construir a partir de informações independentes, acessadas de maneira não-linear (pensamento multimendional).
	<i>Informação</i>	<ul style="list-style-type: none"> - avaliar informações (capacidade cognitiva) identificando erros, informações irrelevantes, atestando de maneira crítica a qualidade da informação.

Quadro 12 – Dimensões, Pilares e Habilidades de LD (conclusão).

<p><i>Dimensão social no uso de mídias digitais</i></p>	<p><i>Mediação e Interação</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - interagir com outras pessoas; - lidar com situações pessoais em ambientes virtuais; - analisar e reconhecer as consequências e vantagens que o uso das MD para si e para outras pessoas; - fazer escolhas em função das consequências éticas e atitudes para si e para os outros (simbólicos e persuasivos); - saber agir emocionalmente e pensar em tempo real.
--	------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base em Eshet-Alkalai (2008) citado por Rosa (2013).

Como se pode concluir pela análise das habilidades necessárias para o uso das MD nesta nova cultura midiática, como sistemas culturais complexos, exigem novos modos de se relacionar, consumir, participar, aprender, produzir, fazer conexões e criar em comunidades de conhecimento em rede. Nesse sentido, para incluir a dimensão social do uso das MD, torna-se relevante compreender que a sua mediação é feita por seres humanos e máquinas, e as interações entre os participantes exigem habilidades de trocas que entrelaçam cada vez mais informação, participação e colaboração em rede para produzir e distribuir conhecimento.

Pela diversidade de proposições do que seja ter habilidades para o uso de (MD) em práticas culturais, é necessário ainda ir para além dos perigos do mar e seguir adiante, a outras compreensões.

2.3.2 Linguagens Híbridas Mobilizadoras de LD: “*Ondas em Dobras e Desdobras*”

No processo de comunicação com as diversas linguagens e mídias em contexto educativo, é necessário tratar como prioridade o projeto de formação, para possibilitar a “leitura do mundo” pela compreensão crítica da realidade. Para (re)ler a realidade, o que pressupõe o aprendizado de uma nova linguagem, é preciso que se leve em conta o tempo em que os sujeitos se encontram e os instrumentos de

análise da realidade abertos às possibilidades que se pretende conhecer (FREIRE, 2012).

É interessante perceber, no contexto contemporâneo, a relação da cibercultura, como espaço de comunicação viabilizado pela internet ou rede, e os seus múltiplos pontos ou nós, as linguagens que se abrem em janelas e superlinks (palavras, sons, imagens e outros signos), em um movimento que não cessa de se atualizar, para podermos perceber os modos como estas linguagens são mobilizadas na comunicação/interação entre interlocutores em seus processos dialógicos de produção e construção de sentidos. Na rede, as vozes sociais e os seus diversos discursos polifônicos circulam em um fluxo livre de informações materializado pelo hipertexto (evento comunicacional), como uma teia de múltiplas conexões, que tem no computador e na internet uma forma de organizar e produzir conhecimento com diversas linguagens, suportes, interfaces e gêneros digitais (SANTAELLA, 2005).

A linguagem, como um processo de interação social, leva em conta as situações de interação, focalizando o contexto sócio-histórico (condicionantes políticos, ideológicos, culturais etc) (VIGOTSKY, 1987), a sua situação imediata de comunicação, em uma abordagem dialógica e polifônica em que os gêneros do discurso são fundados na heterogeneidade (BAKHTIN, 2011), base para a compreensão dos letramentos digitais e suas práticas e eventos, pois as mídias digitais são instrumentos mediadores do/no processo dialógico de interação entre sujeitos. Esta rede em constante movimento se caracteriza pela multilinearidade, heterogeneidade, interatividade, intertextualidade e interdisciplinaridade, dialogismo e polifonia. Toda mensagem é construída na interação entre os sujeitos no processo comunicacional, no qual todos figuram como autores e coautores, em um processo dialógico da linguagem. No processo dialógico (BAKHTIN, 2011), a interação entre os interlocutores é um princípio fundamental para que a linguagem possibilite a comunicação, o sentido e a significação que levam à compreensão do diálogo, que é ininterrupto.

É necessário conceber “a linguagem como integrando e compreendendo suas próprias variações constitutivas de uma história universal e fazendo com que cada fragmento fale por sua própria voz” (DELEUZE, 2010, p. 15). De modo que os signos lingüísticos, significado/conceito e significante/imagem sonora, sejam percebidos como unidades portadoras de sentido nos processos de comunicação, por meio das diversas linguagens.

Na cultura as linguagens se diferenciam e se dividem. Recebemos várias linguagens culturais pelos diversos meios, o dia todo. (BARTHES, 2004). Nos espaços virtuais contemporâneos, as participações, interações, produções, autorias e recriações comportam múltiplos jogos de linguagens que ecoam simultânea e sincronamente, longínquas e próximas, anônimas e personalizadas, inapreensíveis e compreensíveis, multiplicando-se em um movimento contínuo. Os processos virtuais e convergentes das linguagens operam forças que se atualizam e sintetizam-se por meio das mudanças nos sistemas de representação (escrita, pintura, desenho, fotografia, arte) e se intercambiam em novos espaços e artefatos de comunicação, pois “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. (BAKHTIN, 2011, p. 259).

Nas práticas discursivas e eventos realizados no ciberespaço, de modo análogo ao discurso polifônico (BAKHTIN, 2011), as linguagens são praticadas por sujeitos sociais, históricos e ideológicos; por isso, refletem vozes sociais. O ciberespaço é um espaço-lugar de encontro destas diferentes vozes que mantêm relações de controle, negociação, compreensão, concordância, discordância e discussão em práticas cotidianas de uso, apropriação, em produções coletivas e colaborativas, resultantes de trocas e interações construídas socialmente.

No contexto da cultura digital, toda a complexidade de linguagens se multiplica e se desdobra em outras linguagens, por meio de um processo de virtualização que se processa na e pela interação entre interlocutores nos processos de produção de discursos e atribuições de sentidos, mediados pelos contextos social, ideológico, cultural, tecnológico, etc. Os formatos das linguagens digitais que permeiam os processos de comunicação, cuja informação é distribuída por servidores interconectados pela internet, articulam o hipertexto e a hipermídia e operam pela estrutura complexa e não linear da informação, misturando textos escritos, grafismos, símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras e todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, música, sons, imagens fixas e animadas) (SANTAELLA, 2005).

As misturas das linguagens, para Santaella (2005, p. 21),

se constituem numa chave para a compreensão das linguagens híbridas, tais como, por exemplo, a dança (entre o visual e o sonoro), a linguagem verbal oral (mistura do verbal, sonoro e mesmo visual, na gestualidade de que se faz acompanhar), etc.

As linguagens híbridas (literatura, música, teatro, desenho, pintura, gravura, escultura, arquitetura, etc.), segundo a autora, e a variedade de suportes, meios e canais (foto, cinema, televisão, vídeo, jornal, rádio, computador etc) pelos quais se materializam e são veiculadas, se originam de apenas três matrizes de linguagem e pensamento: a verbal, a sonora e a visual. Combinadas e misturadas em diversos processos, originam todas as demais formas de linguagens e processos sógnicos produzidos historicamente pelos seres humanos.

A vitalidade da digitalização permitiu a distribuição da informação em rede até “desembocar na explosão da internet”, como resultado da conjunção de duas ideias simples: 1) a informação distribuída em rede; e 2) o hipertexto (texto digitalizado, fluido, reconfigurável à vontade, que se organiza de modo não linear, em arquiteturas reticulares). Essas duas aplicações já eram úteis isoladamente, mas sua associação criou uma nova rede, uma rede viva e dotada de propriedades emergentes (SANTAELLA, 2005, p. 24).

Nas linguagens da multimídia e da hipermídia:

os programas multimídia (*softwares*) literalmente programam as misturas de linguagem a partir de fontes primordiais; os signos audíveis ou sonoros (sons, músicas, ruídos), os signos imagéticos (todas as imagens - de imagens fixas a animadas) e os signos verbais (orais e escritos). (SANTAELLA, 2005, p. 25).

As linguagens híbridas (som, imagem, verbo, números, cores, luzes, formas e movimentos), em redes, estão sempre organizadas em estruturas *hiper*. Nas redes, segundo a autora, as arquiteturas são sempre *hiper*, visto que cada informação estocada é sempre recuperada por cada usuário por caminhos alineares e percursos próprios, em um vasto labirinto de possibilidades.

Em um cenário cibercultural atravessado pela hibridez das linguagens, a interatividade, os processos de recepção, as transformações tecnológicas e socioculturais geram outras formas de conhecimento, possibilitando cada vez mais o incremento de velocidade na comunicação, o acesso às informações e a construção de conhecimentos. Em espaços e combinação de artefatos de comunicação atuais

o caráter e as formas das linguagens são tão multiformes quanto os campos da atividade humana, realizada através da enunciação ou

enunciado, como o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, quer para o discurso da cultura (...)" (BAKHTIN, 2011, p. 259).

A multimodalidade dos gêneros do discurso presentes na hipermídia e no hipertexto é um aspecto importante a ser considerado nos letramentos digitais, em razão dos seguintes aspectos:

- 1) forma: em diferentes tipos de discursos (dissertativos, argumentativos, informativos, comparativos, interpretativos);
- 2) organização: em arquiteturas flutuantes de nós e nexos;
- 3) complementaridade: atrações, repulsas e fusões entre o verbal, o sonoro e o visual, em uma mistura de infinitas linguagens em ambientes hipermídia. (SANTAELLA, 2005).

Com as possibilidades das linguagens em contextos virtuais, na comunicação *online* assíncrona e, mais acentuadamente, nos diálogos pela comunicação síncrona, torna-se possível suprir a ausência da linguagem corporal, o tom de voz, as expressões faciais, o olhar e a emoção, utilizando símbolos que simulam as expressões da fala. Marcuschi (2006) destaca que tais marcas podem ser verbais, não lexicais, não-verbais e supra-segmentais. Por exemplo: *verbais* - estereotipação por conectores, preposições, advérbios – “só acho”; *não-verbais* – gestos \o/, olhares ;), risos :D; e as *supra-segmentais* - com características prosódicas – pausas, tons, ritmos, elipses, hesitações, ênfases, que são mais observadas na comunicação síncrona em que os diálogos se dão em um *chat* ou *hangout*.

Na inter-relação entre as diversas linguagens e seus desdobramentos nos novos espaços incorpóreos da virtualidade, esse leitor/usuário/navegador da hipermídia também coloca em ação diversos mecanismos e habilidades de leitura, escrita e produção-autoria. As habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas (novas formas de percepção e cognição que os atuais suportes eletrônicos e estruturas híbridas e alineares da hipermídia estão fazendo emergir) possibilitam desenvolver determinadas disposições que habilitam os sujeitos à recepção e à resposta aos signos das mídias digitais e a navegar por fluxos informacionais híbridos, voláteis e líquidos – sonoros, visuais e textuais (SANTAELLA, 2004; 2005).

O fato de uma pessoa não possuir o domínio da leitura e da escrita convencionais, mas acessar os teclados e as telas dos computadores, celulares, tablets, etc.; utilizar jogos, vídeos, informação digital e outros; navegar na internet por meio da iconicidade presente na

tela do dispositivo ou interface, tudo isso reforça a ideia de que os letramentos prescindem de alfabetização convencional. As habilidades (topográficas) de acionar comandos (ver e ouvir histórias, assistir vídeos, ver fotografias, jogar...) são letramentos que não dependem, inicialmente, da leitura e da escrita. Os letramentos revelam um estado ou condição de quem usa as múltiplas linguagens em situações sociais (imagética, icônica, sonora, verbal etc), tais como os leitores imersivos no universo labiríntico de convergência das mídias e linguagens digitais (SANTAELLA, 2004; 2005).

Com a convergência de mídias e suas linguagens, é possível desenvolver habilidades de planejamento de um produto de comunicação como um site ou um projeto gráfico; bem como a usabilidade para a internet, a aplicação de recursos de interatividade disponíveis na rede, a prática de produção de conteúdo, a experimentação de linguagens sincréticas em ambientes virtuais digitais, a escrita colaborativa, o uso de recursos para construção de textos digitais hipertextual, hipermodal e interativo com recursos visuais, gráficos, sonoros, tabelas, formas estéticas, gêneros textuais; fazer editoriais, análise de programas televisivos, criação multi e hipermediática, produção de recursos audiovisuais para veiculação na internet, a diagramação, a análise, a produção e o compartilhamento de produtos midiáticos em formatos digitais, etc. Estas são mudanças nas maneiras de os sujeitos atuarem no mundo, promovendo potencialidades e novos efeitos de sentidos na cultura digital, construindo habilidades para o uso social de mídias digitais (MD) que, por sua vez, são mobilizadoras de letramentos digitais (LD).

Com esse olhar, acompanho o fluxo incessante das águas para cartografar possibilidades de conhecer os meandros das práticas de letramentos e de eventos de LD no próximo tópico.

2.4 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (PLD) E EVENTOS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (ELD): “Aprender no Mar”

*Mas viajantes de fato apenas são aqueles/
Que partem por partir; de coração flutuante,/
Jamais hão de aceitar ser outros senão eles/
E, sem saber por quê, ordenam sempre: Adiante!
(A viagem, Charles Baudelaire).*

Os termos prática de letramento (*Literacy Practices*) e evento de letramento (*Literacy Events*) fazem parte de uma opção conceitual dos

novos estudos do letramento - *New Literacy Studies* (NLS), propostos respectivamente por Brian Street e Shirley Brice Heath, entre outros autores de expressão internacional⁶, e reúnem um “conjunto de estudos cuja base fundamental é a perspectiva etnográfica de letramento e da alfabetização”. (MARINHO; CARVALHO, 2010, p. 68).

Foi o inglês Brian Street que cunhou a expressão práticas de letramento, na obra "*Literacy in theory and practice*", publicada originalmente em 1984, revisada e ampliada em 1999. O autor faz uma distinção entre os modelos autônomos e ideológicos de letramento. Para Street (1999), em uma perspectiva ideológica, letramento é uma prática social contextualizada, por isso varia conforme contexto, tempo e relações de poder.

O conceito de evento de letramento foi proposto por Shirley Heath, a partir de uma perspectiva sociolinguística, inspirada no conceito de evento de fala proposto pela sociolinguísta Hymes, com sua origem nos estudos sobre etnografia da fala ou da comunicação em duas comunidades dos Estados Unidos, de 1969-1978. Para Heath (1982), o termo evento de letramento descreve uma situação de interação mediada pelo texto escrito, uma ferramenta conceitual para examinar, dentro de comunidades específicas de uma determinada sociedade, as formas e funções das tradições orais e letradas e as relações coexistentes entre a linguagem falada e escrita.

Conforme Street (2003), as abordagens dominantes do letramento focam na aquisição de competências, enquanto que os *New Literacy Studies*, entre as décadas de 1970 e 1980, focam na sua natureza social e seus múltiplos desdobramentos. Letramento, entendido como prática social, segundo Street (1999), supõe conhecer como se concretizam as práticas, tendo em vista questões como conhecimento, identidade, autonomia, poder, ou seja, pressupostos ideológicos e políticos, o que leva à proposição das noções de práticas e de eventos de letramento.

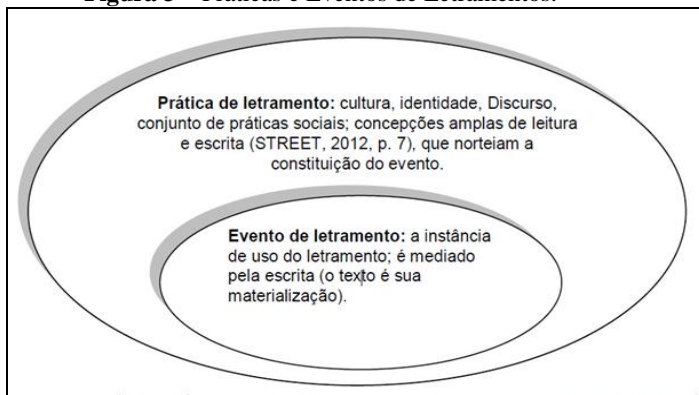
Para Street (1999; 2003) o modelo ideológico vê as práticas de letramento como indissolivelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade, reconhecendo a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos, assumindo assim a importância do processo de socialização na construção do significado

⁶ Reino Unido (BARTON; HAMILTON, 1998); Estados Unidos (COLLINS, 1995; HEATH, 1993) África do Sul (PRINSLOO; BREIER, 1996), Irã (STREET, 1984); Índia (MUKHERJEE; VASANTA, 2003); México (KALMAN, 1999); América do Sul (AIKMAN, 1999) citado por (MARINHO; CARVALHO, 2010, p. 72).

do letramento para os participantes. Assim, as práticas de letramentos seriam indissociáveis das instituições sociais onde ocorrem, dos seus usos em cada contexto cultural específico, relacionados às relações de poder, associados a políticas e ideologias. Diferentemente do modelo de letramento autônomo, proposto anteriormente pelo mesmo autor, que vê o letramento em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, como uma variável autônoma de construção de significados e sentidos pelos participantes em sua dimensão individual, cujas consequências para a sociedade e para a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca.

Em síntese, essa relação pode ser visualizada na figura a seguir, sendo o evento de letramento, mediado pela escrita, parte constitutiva da prática social que o engloba:

Figura 3 – Práticas e Eventos de Letramentos.



Fonte: Bevilaqua (2013, p. 105).

Essa compreensão do letramento envolve as práticas, os eventos e os padrões de atividades nos usos cotidianos da leitura e da escrita pelas pessoas, bem como os seus significados. Em termos empíricos e metodológicos, é possível observar eventos para conceituar as práticas de letramento nas aplicações práticas que possibilitam intervenções, no ensino, no currículo, nos critérios de avaliação e na formação de professores, nos setores formais e informais de educação, podendo ser observado o que eles significam para os usuários, em diferentes contextos, culturais e sociais (STREET, 2003).

As práticas de letramento como uma concepção cultural mais ampla abrangem as formas de pensar e realizar a leitura e a escrita em

contextos culturais (Street, 2003, p. 79). Eventos de letramento são ocasiões passíveis de serem observadas, e a escrita desempenha papel fundamental nos processos interativos e interpretativos entre os participantes (BEVILAQUA, 2013).

Diante de tais conceitos de práticas e eventos de letramento como indicadores analíticos a serem utilizados para pesquisar e compreender os usos e os significados da escrita e da leitura para diferentes grupos sociais, bem como os seus desdobramentos educacionais, políticos e sociais, como viajante de coração flutuante e adiante, continuo pelo mar em busca de outras nuances sobre as práticas e eventos de letramento(s).

2.4.1 Práticas de Letramento(s): *“Embarcação e Tripulantes na Imensidão Oceânica”*

As práticas de letramento são um fenômeno relacionado às práticas plurais, contextualizadas social e culturalmente, e estão, como destaquei anteriormente, relacionadas ao modelo de letramento ideológico. Para Street, (1999, 2003) é nas práticas de letramento que os participantes dos eventos lhes dão sentido.

Conforme Marinho e Carvalho (2010, p. 78), para Street (2003), práticas de letramento se referem

a uma concepção cultural mais ampla de formas particulares de pensar, de ler e de escrever com contextos culturais. Elas incluem os modelos sociais de letramento utilizados pelos participantes e os significados atribuídos aos eventos de letramento.

Desse modo, as práticas de letramento podem ser compreendidas tanto pelo comportamento dos participantes em um evento de letramentos quanto pelas concepções sociais e culturais que o configuram, que determinam a sua interpretação e possibilitam a atribuição de sentido aos usos da leitura e da escrita em uma dada situação. Como formas culturais de uso, de caráter abstrato, as práticas de letramento não são atividades diretamente observáveis, porque envolvem processos internos, muitas vezes inconscientes, valores, atitudes, sentimentos e relações sociais.

Tanto o conceito de práticas de letramento proposto por Street quanto o conceito de eventos de letramento proposto por Heath tiveram a cultura escrita como o contexto para as suas aplicações empíricas.

Mas, com relação ao contexto da cultura digital, como podemos pensar e aplicar tais conceitos?

Diante dessa nova realidade de uso de mídias digitais (MD), a observação direta dos eventos dessas práticas sociais é de extrema relevância para verificar, descrever, caracterizar e analisar quando, onde e como os sujeitos interagem por meio de MD e quais são os conhecimentos neles e por eles mobilizados que podem ser considerados letramentos digitais (LD).

Assim, nesta pesquisa situada no cenário da cibercultura, passo a considerar as práticas de letramentos (PLD) no âmbito do digital, as concepções que o configuram e as ações dos participantes em situações de aprendizagem com o uso de MD compreendidas como eventos de letramentos (ELD), ambos no plural.

Faço, assim, a atualização do conceito para Práticas de Letramentos Digitais (PLD) que são contextualizadas social, política, econômica e culturalmente, envolvendo identidade, discurso e poder, os quais configuram e determinam a sua interpretação e atribuição de sentido pelos participantes em eventos mediados por mídias digitais (MD) que mobilizam um conjunto amplo de conhecimentos, habilidades, meios, gêneros e linguagens multimodais e hipermediáticas, circunstanciadas pelo contexto sócio histórico do discurso e das condições de produção.

Assim, sigo pela viagem de intensidades nas ondas dos LD para discutir sobre o conceito de eventos de letramentos, chegando à atualização do conceito para a cultura digital.

2.4.2 Eventos de Letramento(s): *“Operações Culturais dos Tripulantes”*

Um evento de letramento é qualquer situação em que um suporte ou portador de escrita se torna parte integrante da interação entre participantes e também de seus processos interpretativos; é regrado e estruturado em qualquer espaço social, em qualquer situação de interação, e permite examinar as formas e funções das tradições orais e letradas, bem como as relações entre a linguagem falada e escrita (HEATH, 1982). São situações observáveis que se formam por meio das práticas sociais, onde o texto escrito faz parte da interação do sujeito com o contexto comunicativo (STREET, 1999). Esses eventos resultam e são modelados pelas práticas em que o letramento tem função e papel importante, em atividades de rotina e procedimentos, em espaços formais e informais (trabalho, escolas, lares e outras instituições), em

diferentes tempos, espaços e contextos sociais e culturais (BARTON; HAMILTON, 2000).

Para Marinho e Carvalho (2010, p. 78), compreender as regras “subjacentes a um evento de letramento remete às práticas, ao contexto sociocultural das instituições nas quais esses eventos ocorrem, assim como (a necessidade de) confrontá-las com as relações de poder”. Os letramentos estão relacionados a contextos, práticas e situações/acontecimentos sociais, tendo a escola, a família, a universidade, entre outros, como agências nas quais se realizam. Os sujeitos envolvidos, professores, membros da família, amigos, estudantes, etc. são considerados agenciadores destas práticas, nos eventos de letramentos.

Nesse sentido, para demonstrar uma ocasião em que a linguagem escrita é parte integrante da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos, Heath (1982) e Street (1999) servem-se do exemplo de uma aula (na escola ou na universidade), que pode ser concebida como um evento de letramento. Sinteticamente, este evento consitui-se de:

- a) *macroevento* – a aula realizada em um espaço social - em seu interior ocorre um conjunto de microeventos;
- b) *microeventos* - atividades e rotinas desenvolvidas no interior da aula mediadas pela escrita e leitura para interpretação de textos;
- c) *características* – algo observável, estruturada por princípios, regras e sentidos, objetivada em uma situação de interação mediada pelo texto escrito, circunstanciados pelo contexto sócio-histórico do discurso e das suas condições de produção;
- d) *ações* – usos e processos interpretativos dos participantes por meio de textos, leitura, escrita, etc.

Baseada em Street, Piccoli (2010, p. 271) afirma que os letramentos adquirem sentido quando situados em um determinado contexto que influencia suas formas e usos, seja na oralidade, leitura e escrita e nos demais elementos que o constituem, como o cenário, os participantes e outros objetos, seções e sequências, regras, interpretações e contextos. Assim, os eventos dão concretude ao desenvolvimento dos letramentos e são episódios observáveis que emergem de práticas e são por elas moldadas. São atividades regulares repetidas, ligadas às sequências rotineiras próprias de locais de trabalho, de escola e de outras agências sociais em que o texto escrito está presente, desencadeando interações entre os participantes. A análise da produção e do uso da

leitura e da escrita nestes eventos foi usada como importante ferramenta conceitual para a realização de pesquisas sobre o letramento.

Para fazer a observação/participação em eventos de letramento neste estudo, conforme proposto por Heath (1982) e Street (1999), concebendo-o como um fenômeno que ocorre contextualizado às práticas culturais, sociais e históricas, atualizei o termo para o contexto da cultura digital em que estes se desenvolvem, emergindo de práticas contextualizadas neste cenário, conforme sintetizo no quadro a seguir:

Quadro 13 – Eventos de Letramentos (Digitais) – ELD: Características, Estratégias, Recursos, Processos Interpretativos e sua Materialização (continua)

Características (como constituem?)	Estratégias, Recursos e Processos Interpretativos (como se processam?)	Materialização (como se apresentam em produtos?)
<i>1 – qualquer situação em que um suporte de linguagem digital (multimodal e hipermidiática) se torna parte integrante de uma interação entre participantes e de seus processos interpretativos.</i>	1 – um evento de letramentos (digitais), os sujeitos envolvidos, o material digital utilizado, suportes e interfaces materiais, objetivos, referente de sentido/objeto de interação.	1 – módulo ou disciplina de ambientação <i>online</i> , plataforma de ensino <i>online</i> , materiais e mídias digitais (MD), conhecimentos e habilidades, sujeitos participantes.
<i>2 – são regrados e estruturados em qualquer espaço social e em qualquer situação de interação.</i>	2 – interação dos sujeitos mediados pelas MD – as interações verbais evidenciadoras das negociações de significados e de efeitos de sentido que se constituem em torno ou a partir de textos digitais.	2 – plano da unidade curricular, códigos e mídias, suportes, interfaces digitais, gêneros digitais e sujeitos participantes em interação.

Quadro 13 – Eventos de Letramentos (Digitais) – ELD: Características, Estratégias, Recursos, Processos Interpretativos e sua Materialização (conclusão).

<p><i>3 – constitui-se em atividades diretamente observáveis.</i></p>	<p>3 – os modos de relações e comportamentos dos sujeitos em interação e uso com as MD.</p>	<p>3 – as interações, negociações e atribuições de sentido aos processos interpretativos pelos participantes em interações mobilizadoras de letramentos (digitais).</p>
---	---	---

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2015) com base em Heath (1982) e Street (1999; 2003), atualizado para a cultura digital.

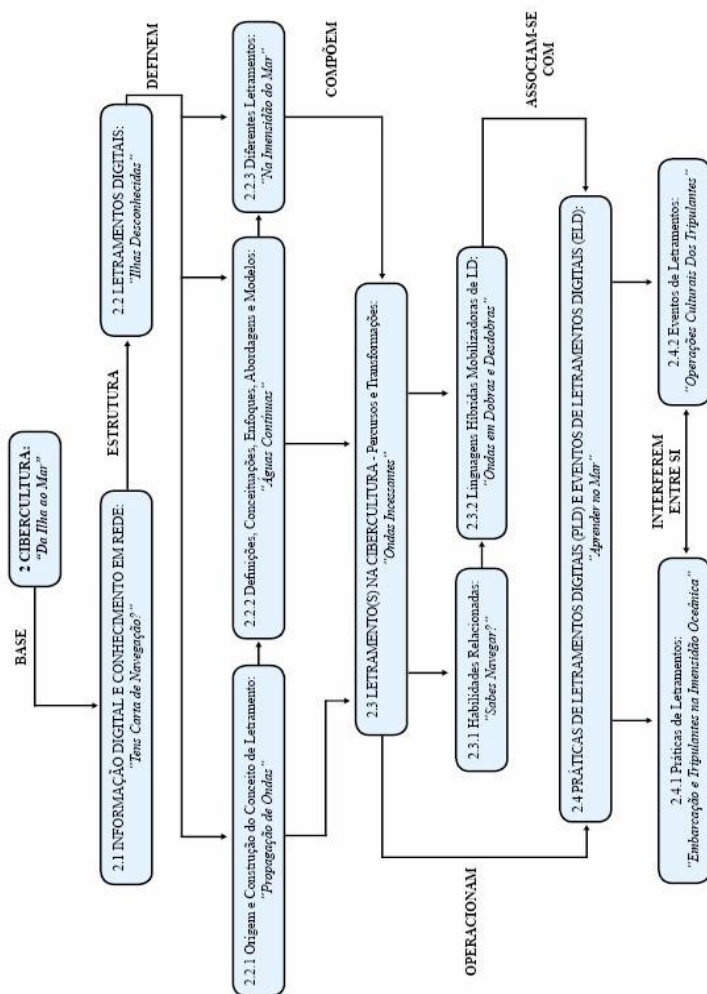
Como mostro no quadro acima, como um macroevento, um evento de letramentos (digitais) pode se materializar em um módulo ou disciplina realizado na universidade, por exemplo, com microeventos em seu interior, que seriam as atividades envolvendo o uso de MD. É uma atividade observável, que se estrutura por um planejamento, com objetivos, temas, conteúdos, etc., e se realiza com a interação e mediação entre os participantes envolvidos, os quais fazem suas apropriações, usos e produções com gêneros e linguagens. É, sobretudo, situado no interior de práticas mais amplas, as práticas de letramentos (digitais) em um contexto social, histórico, econômico e cultural chamado cibercultura.

Assim, ao considerar que os eventos de letramentos têm o digital como mediador das interações nos processos de comunicação e que as práticas de formação são organizadas para favorecer a apropriação de conhecimentos relacionados ao uso de MD, proponho que um Evento de Letramentos Digitais (ELD) é uma situação em que um suporte, portador ou interface digital se torna parte integrante da interação entre os participantes e seus processos interpretativos, constituindo-se através de práticas sociais mais amplas de uso de mídias digitais (MD) em contextos comunicativos, como instâncias de uso, em que a mensagem digital é a sua materialização.

Estas idéias e proposições, que apresentei também no capítulo metodológico deste estudo, com a intenção de nortear o olhar aos dados produzidos durante a empiria são discutidas no capítulo a seguir quando tratamos da formação aos LD na intenção de construir cartas para a navegação.

2.5 ESQUEMA-SÍNTESE DO CAPÍTULO 2

Figura 4 – Esquema-Síntese do Capítulo 2



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2016).

CAPÍTULO III

3 LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES ONLINE: “No Enlace das Ondas do Mar”

O Mar

É o *entremeio*, não está nem lá, nem cá, mas no entrelugar do acontecimento, o cotidiano e seu conjunto de singularidades. O não lugar das virtualidades, de descontinuidades, de projetos de resistências, de investigação, de reflexão, de buscas e mergulhos livres, onde nascem e crescem as potencialidades, no enlace das ondas. Transita no prolongamento da heterogeneidade de seres que nele habitam, pensam, agem e criam. É espaço de interstícios, interfaces, descobertas, invenções e problematização. Incita a atualização, inspira, provoca movimento, produz efeitos e se diferencia de modelos que aprisionam. Provoca a transcendência e o transbordamento que atravessam continentes. Transforma os sujeitos para seguirem o fluxo contínuo de águas não lineares, labirínticas e arriscadas. Às vezes assenta suas práticas na tranquilidade da areia, outras vezes se arrisca com a chegada de uma nova onda para impulsionar rupturas e rasgos nos seus moldes, para os seus sujeitos moverem-se como nômades desterritorializados. Às avessas, é um campo polifônico, ultrapassa a disciplinarização, o saber cristalizado e a homogeneidade; a corrente de suas águas leva ao conhecimento em um tempo intensivo, qualitativo, da experiência e da criação. O currículo não aprisiona o conhecimento, é uma rede que se expande e se entrecruza, produz-se pela diversidade. Os deslocamentos entre os campos de saberes fazem conexões entre os nós da rede, formando rotas de navegação múltiplas. Os modos de ensinar e aprender escapam ao espaço circunscrito do real, do possível e do atual, são virtualizantes. Os limites e as fronteiras das suas margens não formatam, são campos de saberes abertos, na relação com outros saberes e seres diversos, vidas e culturas. A avaliação é desancorada assim como são os navios nele lançados, sai da moldura, do território e da objetividade para viajar por novos rumos em busca da ressignificação de objetivos e finalidades. Suas embarcações, em águas calmas, deixam-se ir à deriva fazendo descobertas e novas

ancoragens; em águas turbulentas, operam pela criação para gerir mudanças em si e nos sujeitos em formação. Comporta uma imensidão de grãos de areia que se movimentam em mediações e interações sem fim. Na superfície flutuante de suas águas estes seres se movem e misturam vozes, pensamentos, visões, sensações, interpretações, significados e sentidos, fazendo agenciamentos em acontecimentos, potências e possibilidades que seguem viagem em rotas móveis. (A pesquisadora, 2015).

Figura 5 – O Mar. O’Keefe, Lake George, 1900.



*Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior, me causa um efeito
De concha no ouvido, barulho de mar
Pipoco de onda, ribombo de espuma e sal (...)
Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta, nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta (...)
Eu caio na rede
Não tem quem não caia (...).
(A Rede, Lenine).*

Fonte: <https://sinteseastrovadoristas.wordpress.com/page/5/>.

3.1 FORMAÇÃO PARA OS LETRAMENTOS DIGITAIS: “No Enlace das Ondas do Mar”

O movimento do nadador não se assemelha ao movimento da onda; e, precisamente, os movimentos do professor de natação, movimentos que reproduzimos na areia, nada são em relação aos movimentos da onda, movimentos que só aprendemos a prever quando os aprendemos praticamente como signos. Os nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos proporem gestos para reproduzir, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.
(DELEUZE, 2003, p. 7).

Neste capítulo discuto a formação para o uso de mídias digitais (MD) em contextos de cursos *online* na universidade, destacando as diretrizes oficiais que orientam a elaboração de currículos com recomendações para as habilidades específicas ao uso MD nos processos de comunicação em situações pedagógicas, buscando uma relação com a proposição feita para práticas de letramentos digitais (PLD) e eventos de letramentos digitais (ELD) apresentados no item anterior, como possibilidade para a elaboração de uma proposta de formação.

No âmbito dessa discussão, uma Matriz Curricular de Competências em Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)⁷ é apresentada pela UNESCO (2013) visando contribuir para a construção de um programa de formação de professores e de estudantes alfabetizados em mídia e informação, e enfrentar o desafio de participar do processo coletivo de adaptar e enriquecer o currículo, tornando-o um documento vivo, respondendo à cidadania informada e racional e às mudanças em seu papel.

⁷“No Brasil, os termos *alfabetização* e *letramento* são usados em referência a habilidades de leitura e escrita. Este documento não trata das nuances dessas duas expressões. Segundo o documento, os editores optaram pelo termo *alfabetização* para aproximar-se da expressão que tem sido usada em língua espanhola e praticada na Espanha e em países da América: *alfabetización* ou ALFIN” (UNESCO, 2013, p. 18).

Por se tratar de uma diretriz que tem como objetivo nortear os currículos dos cursos de licenciaturas, a AMI define duas necessidades de alfabetização:

- a) informacional: a localização e acesso, organização, comunicação e uso das habilidades de TICs no processamento da informação;
- b) midiática: a compreensão do papel, funções, condições, avaliação de conteúdo, autoexpressão, participação democrática e habilidades para a produção de conteúdos com mídias.

O currículo para formação, tanto de professores quanto de estudantes, foi estruturado com base em três áreas temáticas/curriculares inter-relacionadas com a sua política e visão, currículo e avaliação, pedagogia, mídia e informação, organização e administração e desenvolvimento profissional dos professores:

- 1) o conhecimento e a compreensão das mídias e da informação para os discursos democráticos e para a participação social;
- 2) a avaliação dos textos de mídias e das fontes de informação;
- 3) a produção e o uso das mídias e da informação.

A matriz curricular de AMI e os módulos curriculares, de acordo com a proposta, são prescritivos e flexíveis para facilitar a adaptação às estratégias globais, nacionais e regionais, aos diferentes sistemas educacionais e institucionais e às necessidades locais. Com isso, podem ser aplicados para todo tipo de mídias, não estando a formação reservada apenas aos que têm acesso a tecnologias avançadas, sendo utilizável em contextos nos quais o uso delas é limitado. A ênfase na importância da apropriação das mídias digitais (MD) fica explícita neste enunciado:

À medida que os professores desenvolvem competências e tornam-se confiantes para produzir e usar mídias e informações para práticas instrutivas, eles passam a ser líderes na promoção da alfabetização midiática e informacional dentro do currículo escolar. Quanto mais os professores aumentam sua proficiência no ensino de AMI para uma série de funções, mais são referências em AMI no sistema escolar e nas suas sociedades. (UNESCO, 2013, p. 28).

Por tais características e intenções, a AMI apresenta-se como um conjunto integrado de habilidades e capacidades propostas ao currículo

de formação, tanto de professores quanto de estudantes, e se propõe a formar para

reconhecer suas necessidades informacionais; localizar e avaliar a qualidade da informação; armazenar e recuperar informações; fazer um uso efetivo e ético da informação; aplicar a informação para criar e comunicar conhecimentos. (UNESCO, 2013, p. 41).

Ao apresentar as orientações metodológicas para a sua aplicação na formação e prática pedagógica do professor, a AMI está focada nos conteúdos que abrangem o domínio de habilidades funcionais para o uso, para a preparação e planejamento pelo professor e a aplicação destes conhecimentos em situações pedagógicas e de ensino e aprendizagem.

Consoante às proposições destacadas até aqui, Cruz (2007) ressalta que a tendência é aproximar tais práticas de formação do professor, das práticas pedagógicas e de ensino e aprendizagem, em que estes processos ocorrem via computador e internet com a sustentação de ambientes virtuais de aprendizagem que, por sua vez, exigem a potencialização da interatividade e mediação com usuários experientes para produzir, publicar, compartilhar e gerenciar livremente a informação e o conhecimento. Estas questões são fatos que, no contexto atual, apresentam-se como uma necessidade na educação superior, tendo em vista as práticas ciberculturais em que os estudantes estão inseridos.

Nessa mesma direção, Amante (2011) destaca que, assim como as comunidades criadas no ciberespaço, os processos de ensino e aprendizagem na educação dão lugar às salas virtuais, em que as relações espaço-tempo ganham novos contornos e a interação se diversifica. Com a experiência desenvolvida em Portugal pela Universidade Aberta (UAb) entre as décadas de 1980 e 1990, a autora destaca que é necessário redefinir uma proposta de formação que contemple princípios educacionais mais coletivos, participativos e socialmente contextualizados, tendo por base o contexto *online* de formação, desenvolvendo um conjunto de competências relacionadas com a utilização de tecnologias digitais, as quais podem ser levadas pelos professores às práticas pedagógicas, tanto na escola quanto na universidade.

Para acompanhar o “movimento das ondas” e dos signos emitidos pelos sujeitos do processo de formação, desenvolvidos no encontro com o heterogêneo (DELEUZE, 2003), apresento a seguir orientações

oficiais dos contextos Brasil e Portugal relacionado às habilidades para o uso de mídias digitais (MD) como rotas de navegação ao processo de formação.

3.1.1 O Contexto Português: “Rotas Portuguesas de Navegação”

*Quem quer passar além do Bojador/
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Fernando Pessoa).*

Como integrante da Comunidade Europeia e membro da UNESCO, Portugal tem como diretrizes, nessa questão, as recomendações da Comissão Europeia (2010) e do Conselho da União Europeia (2012), onde se estabelece que seus estados-membros devem desenvolver políticas de longo prazo em matéria de competências digitais e de literacia digital até o ano de 2020, destacando a necessidade do desenvolvimento das competências dos professores e dos estudantes.

Sintetizo, no quadro abaixo, aspectos relacionados às literacias midiáticas observadas em um conjunto de documentos oficiais do contexto português, quais sejam: Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu (2007); Comissão das Comunidades Europeias (2007, 2010); Conselho da União Europeia & Comissão Europeia (2010); e Plano Tecnológico da Educação (2008).

Quadro 14 – Referências às TICs na Educação, no Contexto Português (continua)

PARÂMETROS LITERACIAS	CONSIDERAÇÕES
<i>Literacia mediática em ambiente digital</i>	É a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos.
<i>Competência digital</i>	Envolve a utilização segura e crítica das tecnologias da sociedade da informação (TSI) no trabalho, nos tempos livres e na comunicação. É sustentada pelas competências em TIC: ou uso do computador para obter, avaliar, armazenar,

Quadro 14 – Referências às TICs na Educação, no Contexto Português
(continua)

	<p>produzir, apresentar e trocar informações e para comunicar e participar em redes de cooperação via Internet. Competências digitais são uma combinação de conhecimentos, aptidões e atitudes adequadas ao contexto, sendo consideradas oito competências essenciais, dentre elas as literacias digitais as quais são necessárias a todas as pessoas para a realização e o desenvolvimento pessoais, para exercerem uma cidadania ativa, para a inclusão social e para o emprego.</p>
<p><i>Finalidades da literacia em ambiente digital</i></p>	<p>Uma das competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida, necessária à realização pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade na sociedade do conhecimento. Com três linhas de orientação: transformação na educação; mudança tecnológica; e cooperação política.</p>
<p><i>Conhecimentos, capacidades e atitudes requeridas para a competência digital</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Uma boa compreensão e sólidos conhecimentos da natureza, do papel que desempenham e das oportunidades que oferecem as TSI em situações do quotidiano: tanto na vida pessoal e social como no trabalho; - Uma compreensão do potencial das TSI (Tecnologias da Sociedade da Informação) para apoiar a criatividade e a inovação, e a consciência das questões ligadas à <i>validade</i> e à <i>fiabilidade</i> da informação disponível e aos princípios jurídicos e éticos ligados ao uso interativo das TSI; - A capacidade de investigar, coligir e processar informação e usá-la de maneira crítica e sistemática, avaliando a pertinência e distinguindo o real do virtual, mas reconhecendo as ligações;

Quadro 14 – Referências às TICs na Educação, no Contexto Português (conclusão).

	<ul style="list-style-type: none"> - A capacidade de utilizar as ferramentas para produzir, apresentar e compreender informações complexas, e de aceder, pesquisar e usar serviços baseados na Internet; - A capacidade de usar as TSI para apoiar o pensamento crítico, a criatividade e a inovação; - Uma atitude crítica e refletida face à informação disponível e um uso responsável dos meios interativos.
<i>Níveis de capacidades a serem desenvolvidas nos processos de formação</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar à vontade com todos os tipos de media; - Utilizar ativamente os media; - Ter uma visão crítica dos media no que respeita à qualidade e ao rigor do conteúdo; - Utilizar criativamente os media; - Compreender a economia dos media; - Estar consciente das questões dos direitos de autor.
<i>Eixos de atuação</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia; - Conteúdos; - Formação com projetos e agências de fomento específicas para a implementação.
<i>Formação de professores e de estudantes</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Atualização dos métodos de avaliação; - Novas formas de organização da aprendizagem em um ambiente escolar inovador.
<i>Finalidades da formação</i>	Oferecer aos estudantes e professores ferramentas básicas para a aprendizagem e formação em tecnologias da informação e comunicação (TIC), por meio de uma disciplina obrigatória, acesso a equipamentos e infraestrutura física escolar, conteúdos digitais e distribuição de computadores portáteis a estudantes de primeiro e segundo ciclo do ensino básico.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em documentos oficiais de Portugal (2015).

A partir dos documentos que apresentei, é possível verificar um conceito de literacia em ambiente digital, competências, finalidades,

conhecimentos, capacidades e atitudes, níveis de capacidades, eixos de atuação, formação de professores e estudantes, finalidades da formação, conforme o quadro acima. Tais aspectos possibilitam vislumbrar a sua aplicação em propostas de formação com o uso de MD.

Para Pereira e Melro (2012), as quatro fases das políticas europeias para a promoção da literacia mediática, a partir de 1999, são: (1) oferecer acesso e conectividade; (2) desenvolver competências básicas para o uso das TIC; (3) atender às necessidades específicas de cada grupo social; (4) preocupação com a qualidade do uso das novas tecnologias. Para as autoras, o acesso e a conectividade são a face mais visível do programa de *eLearning*, baseado no determinismo tecnológico e na crença na ideia de que as novas tecnologias têm o poder para mudar a educação e a aprendizagem em benefício da economia europeia e da qualidade de vida, tratando-se de uma mentalidade que não contempla uma abordagem crítica das TIC ou do seu uso educacional.

Para que as políticas tecnológicas destinadas à educação, na União Europeia, passem das questões tecnológicas para as questões culturais seria necessário, conforme Pereira e Melro (2012), levar em conta a aprendizagem ao longo da vida como uma cultura, e não como uma questão de formação instrumental, indo além da vertente individual (aquisição individual de capacidades) para trabalhar as tecnologias como um fenômeno social e cultural, numa perspectiva de literacia digital.

Perante a União Europeia, por meio da Estratégia Lisboa, Portugal assumiu o compromisso de atuar na promoção de uma sociedade sustentada no conhecimento e na inclusão social, desde o ano de 2000. Na Estratégia Europa 2020, as nações devem trabalhar para o desenvolvimento de diversas competências e aptidões, dentre elas as competências digitais para a aprendizagem ao longo da vida (Conselho da União Europeia, 2011) e (Conselho da União Europeia & Comissão Europeia, 2010), para realização pessoal, cidadania ativa, inclusão social e empregabilidade na sociedade do conhecimento, através da formalização da aprendizagem em TIC nos currículos escolares.

Para Pereira e Melro (2012), na Estratégia de Lisboa busca-se uma sociedade e economia baseadas na informação e no conhecimento, nas quais a capacitação dos indivíduos para o uso das tecnologias digitais é interpretada como uma força com impactos econômico e social no desenvolvimento da sociedade da informação. Define que o sucesso da sociedade do conhecimento depende dos elevados níveis de literacia digital. Mas seria necessário criar condições para a generalização do acesso à internet e ao computador, bem como capacitar os cidadãos para

o uso destas tecnologias, promovendo a sua inclusão na sociedade da informação pelo aumento dos níveis de literacia. Para Melão (2010), o sucesso em literacia digital passa também pelo reequacionamento de contextos e práticas que acompanhem as mudanças e integrem a escola, a universidade, os seus profissionais e as comunidades envolventes, como participantes ativos na construção do conhecimento.

O processo de inserção de tecnologias na educação, iniciado na década de 1980, se acentuou nas últimas três décadas em Portugal, conforme relata Pereira (2013), com a emergência de programas e iniciativas no âmbito de políticas públicas para levar as tecnologias da comunicação e informação para a escola. Foi um movimento que contribuiu para que grande parte das escolas do ensino básico e secundário fossem equipadas com infraestrutura tecnológica. Segundo o autor, o Plano Tecnológico da Educação, iniciado pelo governo em 2007, tinha como meta para três anos colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados quanto ao nível da modernização tecnológica do ensino. Como parte da estratégia europeia, tais políticas incluíram a distribuição de milhares de computadores portáteis aos alunos nas escolas no interior dos programas “e.escola” e “e.escolinha”.

Sobre estes programas, Pereira e Melro (2012) destacam que o enfoque estava centrado no acesso à tecnologia em detrimento da formação, de práticas pedagógicas e de dimensões da literacia digital. Para as autoras, essa política sustenta-se na ideia de que, no século XXI, os cidadãos devem adquirir determinadas competências sobre as tecnologias, contribuindo em nível macro para o fortalecimento de uma economia competitiva e dinâmica, baseada no conhecimento, com a capacidade de adquirir e aplicar competências associadas ao uso dos meios digitais, condição essencial para sobreviver em sociedade.

Pereira e Melro (2012) ressaltam que a literacia digital foi discutida com base nestas políticas de implementação da tecnologia na educação, em uma tendência para reduzi-la aos componentes técnicos dos ambientes digitais, nos quais o acesso está ligado à ideia de modernização tecnológica do ensino. A crítica das autoras é de que tais programas nasceram sob a tutela do Ministério das Obras Públicas Transportes e Telecomunicações (MOPTC) e não do Ministério da Educação.

O surgimento de movimentos académicos e sociais que dotam os agentes sociais de competências para acesso, avaliação e produção de mensagens mediáticas, em Portugal, pode ser observado, segundo Braga

e Lopes (2009), em exemplos como o site “Fórum Cidadania”⁸ que visa incentivar a participação efetiva dos cidadãos, através de discussões, envio de opiniões, votações acerca de temas de interesse público realizadas por *email* e fóruns. As autoras apontam ainda que, para as instituições de ensino superior que implementam programas educativos articulados para o ensino da literacia, é necessário o trabalho conjunto de vários intervenientes: (1) estudantes – os protagonistas ativos do processo de ensino-aprendizagem; (2) professores, bibliotecários, direções, famílias; (3) as instituições – escolas, universidades, ministérios, associações da comunidade civil, etc.

Para alcançar uma reforma significativa na educação, com a integração das tecnologias digitais, que leve ao enfrentamento dos desafios da aprendizagem no século XXI, conforme as diretrizes/metastas da União Europeia, estabelecidas na Estratégia de Lisboa em 2000, é necessário preparar os estudantes com competências de literacia digital coerentes com o desenvolvimento da sociedade da informação e do conhecimento, despertando neles o pensamento criativo, a comunicação eficaz e a alta produtividade, como aspectos fundamentais à formação ao longo da vida (PEREIRA; MELRO, 2012).

Em síntese, os documentos oficiais no contexto português, como parte da comunidade europeia, destacam o desenvolvimento de programas educativos que se sustentam na compreensão de literacias e de competências digitais no uso do computador para:

- 1) obter, avaliar, armazenar, produzir, apresentar e trocar informações;
- 2) se comunicar e participar em redes de cooperação via internet, destacando os conhecimentos, as capacidades e as atitudes a elas relacionadas.

As linhas de orientação de tais políticas seguem enfoques como: transformação na educação; mudança tecnológica; e cooperação política para:

- a) acesso e conectividade;
- b) competências básicas;
- c) necessidades específicas;
- d) qualidade do uso das TIC.

A formação é centrada nos aspectos tecnológicos relacionados às dimensões funcionais (acesso e uso), comunicacionais e informacionais

⁸ Disponível em: <<http://www.forumcidadania.org>>. Acesso em 22.04.2015.

para aquisição de competências em algumas dimensões das literacias digitais.

Continuando na rota de navegação no mar, passo adiante, para apresentar e discutir os documentos oficiais para os letramentos digitais no Brasil.

3.1.2 O Contexto Brasileiro: “Rotas Brasileiras de Navegação”

*O universo se iguala ao seu vasto apetite./
Ah, como é grande o mundo à tibia luz das velas!/
E na saudade quão pequeno é o seu limite!
(A Viagem, Charles Baudelaire).*

No Brasil, entre os documentos oficiais pertinentes à inclusão das mídias no contexto educacional, analisei: Conferência Nacional de Educação (BRASIL, 2010); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica em Nível Superior, Curso de Licenciatura, de Graduação Plena (BRASIL, 2001); Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007) e Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006).

Quadro 15 – Referências às TICs no Contexto Educacional Brasileiro
(continua)

DOCUMENTO	TEXTO REFERENTE ÀS TICs
<i>Conferência Nacional de Educação (CONAE) (BRASIL, 2010, p. 125).</i>	(...) promover o desenvolvimento de competências e habilidades para o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) (...) na formação inicial e continuada dos/das profissionais da educação, na perspectiva de transformação da prática pedagógica e da ampliação do capital cultural dos/das professores/as e estudantes.

Quadro 15 – Referências às TICs no Contexto Educacional Brasileiro
(continua)

<p><i>Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena (BRASIL, 2001)</i></p>	<p>O uso das TICs situa-se como importante recurso para a Educação Básica, por conseguinte o mesmo deve valer para a formação de professores que atuam neste nível de educação. [...] sentido educativo ao conteúdo das mídias, por meio da análise, da crítica, e da contextualização, que transformam a informação veiculada, massivamente, em conhecimento (p. 25).</p>
<p><i>Plano Nacional de Educação – PNE de 2011-2020 (BRASIL, 2010).</i></p>	<p>[...] a relevância do trabalho com as TIC, nos distintos níveis, esferas e dimensões da educação, de modo a abarcar tanto alunos quanto professores.</p>
<p><i>Plano Nacional de Educação – PNE de 2011-2020 (BRASIL, 2010).</i></p>	<p>VII – promoção humanística, científica e tecnológica do país; (p. 19)</p> <p>12.14 [...] considerando as necessidades do desenvolvimento do país, a inovação tecnológica e a melhoria da qualidade da educação básica.</p> <p>12.15 Institucionalizar programa de composição de acervo digital de referências bibliográficas para os cursos de graduação (p. 41).</p> <p>15.4 Consolidar plataforma eletrônica para organizar a oferta e as matrículas em cursos de formação inicial e continuada de professores, bem como para divulgação e atualização dos currículos eletrônicos dos docentes (p. 43-44).</p>
<p><i>Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p. 10) (continua)</i></p>	<p>[...] o uso inovador da tecnologia aplicada à educação [...] ancorado em um sistema de comunicação que permita ao estudante resolver, com rapidez, questões referentes ao material didático e seus conteúdos, bem como aspectos relativos à orientação de aprendizagem como um todo, articulando o estudante com docentes, tutores, colegas,</p>

Quadro 15 – Referências às TICs no Contexto Educacional Brasileiro
(continua)

<p><i>Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p. 10) (continua)</i></p>	<p>coordenadores de curso e disciplinas e com os responsáveis pelo sistema de gerenciamento acadêmico e administrativo. [...] oferecidas e contempladas, prioritariamente, as condições de telecomunicação (telefone, fax, correio eletrônico, videoconferência, fórum de debate pela Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.), promovendo uma interação que permita uma maior integração entre professores, tutores e estudantes. [...] desenvolver habilidades e competências específicas, recorrendo a um conjunto de mídias compatível com a proposta e com o contexto socioeconômico do público-alvo (p. 13)</p> <p>Infra-estrutura material que dá suporte tecnológico, científico e instrumental ao curso, [...] suporte técnico para laboratórios e bibliotecas [...], equipes multidisciplinares [...], integrar as diferentes mídias, explorando a convergência e integração entre materiais impressos, radiofônicos, televisivos, de informática, de videoconferências e teleconferências, dentre outros, sempre na perspectiva da construção do conhecimento e favorecendo a interação entre os múltiplos atores. Função do tutor: [...] capacidade para estimular a busca de conhecimento e habilidade com as novas tecnologias de comunicação e informação.</p>
---	--

Quadro 15 – Referências às TICs no Contexto Educacional Brasileiro (conclusão).

<p><i>Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007, p. 10) (conclusão).</i></p>	<p>Em função disto, é indispensável que as instituições desenvolvam planos de capacitação de seu corpo de tutores. Um programa de capacitação de tutores deve, no mínimo, prever três dimensões: - capacitação no domínio específico do conteúdo; - capacitação em mídias de comunicação; e - capacitação em fundamentos da EaD e no modelo de tutoria (9 p.22).</p>
<p><i>Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006).</i></p>	<p>(...) competências em habilidades para relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias da informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base em documentos oficiais do Brasil.

Para ressaltar as ideias trazidas pelos documentos analisados, apresento uma nuvem de palavras, que mostra visualmente os termos mais citados e, ao mesmo tempo, destaca questões importantes que foram consideradas nos documentos e também aquelas que são por eles silenciadas, como aprendizagem, crítica, dentre outras.

das tecnologias da informação e comunicação (BRASIL, 2006).

Outros pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) que destaquei no quadro anterior contemplam um componente curricular e/ou atividade complementar voltado ao uso de TIC para os diversos cursos de licenciaturas e designam-se como: habilidades e competências para o ensino com os recursos da informática; ou com a utilização da informática; ou com os recursos da tecnologia da informação e da comunicação; ou com as linguagens dos meios de comunicação, ou, ainda, com as inovações tecnológicas. Dentre elas podemos destacar a necessidade de “relacionar linguagens dos meios de comunicação à educação (...) domínio das tecnologias da informação e comunicação” (BRASIL, 2006). De forma ampla, essa recomendação traz implicações para os projetos de cursos superiores, seja licenciatura ou bacharelado, em especial sobre os processos de formação docente e organização dos currículos disciplinares e programas de ensino.

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007) também destacam o uso inovador das mídias ancorado em um sistema de comunicação que permita ao estudante resolver, com rapidez, questões referentes ao material didático e seus conteúdos, bem como aspectos relativos à orientação de aprendizagem como um todo. Faz também recomendação quanto às condições de telecomunicação (telefone, fax, correio eletrônico, videoconferência, fórum de debate pela Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.) para a interação e integração entre professores, tutores e estudantes. Diante disso, apresenta recomendações institucionais para que seja desenvolvido um plano de formação de professores/tutores em mídias de comunicação.

O PNE (BRASIL, 2010) destaca a relevância do trabalho com as TICs, nos distintos níveis, esferas e dimensões da educação, envolvendo tanto alunos quanto professores na promoção da inovação tecnológica por meio da diretriz de institucionalização de programa de composição de acervo digital de referências bibliográficas para os cursos de graduação. O programa aposta também na consolidação de plataformas eletrônicas para organizar a oferta de vagas e as matrículas em cursos de formação inicial e continuada de professores, bem como para a divulgação e atualização dos currículos eletrônicos dos docentes.

Em síntese, os documentos que orientam a formulação do currículo para cursos superiores no Brasil prevêem: (1) um componente curricular e/ou atividade complementar para tratar do uso de TIC; (2) e duas dimensões dos letramentos digitais (LD):

- a) *Funcional* (técnica e operacional): infraestrutura física, recursos tecnológicos e suas interfaces;
- b) *Comunicacional*: uso de TICs no processo de formação visando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e domínios como a análise, a crítica, a contextualização e a transformação dos conteúdos das mídias para aplicação na educação.

Para continuar a rota pelos mares da formação de estudantes *online* para os LD na universidade, diante das suas implicações, complexidades e tensões, faço algumas considerações a seguir, com base na análise dos documentos oficiais feita anteriormente, ainda que à tibia luz das velas.

3.2 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (PLD) E EVENTOS DE LETRAMENTOS DIGITAIS (ELD) NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES *ONLINE*: “Desancorando Embarcações”

[...]Há mares que ela não cruza
 Por não ser eu a estar lá
 É de mim que ela precisa
 Para lhe dar o que não quer
 Talvez lhe mostre caminhos
 Onde se queira perder.
 (Tiago Bettencourt).

Sobre as diretrizes oficiais de Brasil e Portugal para Letramentos Digitais, analisadas no tópico anterior, no contexto português, destaquei que as diretrizes estão voltadas aos programas educativos que sustentam uma formação centrada em competências tecnológicas para “promover mudanças na educação”. No contexto brasileiro, as diretrizes recomendam o desenvolvimento de competências e habilidades em TIC na perspectiva de “transformação da prática pedagógica”. Em ambos os casos, as competências destacadas configuram-se em literacias ou letramentos digitais (LD) nas dimensões:

- a) funcionais: acesso e uso de recursos e mídias digitais;
- b) comunicacionais: aquisição de competências básicas para se comunicar;
- c) informacionais: aquisição de competências básicas para gerir a informação.

Destaco, para a atual realidade cibercultural, outras dimensões dos LD que são imprescindíveis em processos de formação *online* e

podem ser contempladas em propostas e currículos na universidade, tendo em vista a participação dos sujeitos e as diversas maneiras de integrá-los na sociedade da informação e do conhecimento. Assim, investir na proposição de políticas públicas para a inclusão digital possibilita promover mudanças e transformações da educação, como destacam as diretrizes do contexto português e brasileiro, importantes estratégias para o crescimento econômico em longo prazo. Mas não são suficientes; há a necessidade do desenvolvimento de outras ações, como a formação de professores e de equipes multidisciplinares e currículos que contemplem os LDs de forma transversal, com vistas a um processo de ensino e aprendizagem com mídias digitais (MD) em um *continuum*, para levar o estudante ao exercício da cidadania ativa na cultura digital. É necessário também que se desenvolvam programas e projetos de investigação das práticas desenvolvidas, para acompanhamento e avaliação das ações implementadas, bem como a proposição de novas ações.

Os aspectos que destaco acima relacionam-se ao fato de que a cibercultura, como um espaço aberto de intercomunicação, apresenta múltiplas possibilidades na relação com o saber e com os seus desdobramentos na educação. Abre-se, como ressalta Lévy (1999), um leque de possibilidades como a inteligência coletiva, a convergência de mídias, as linguagens e as mensagens sustentadas por computadores, que funcionam como meios de geração e acesso, manipulação, transformação e intercâmbio de seus fluxos de informação, passíveis de ser potencializados em processos de formação pela educação *online*.

Da mesma maneira, a educação *online*, como um evento da cibercultura, pode ser concebida, conforme afirma Santos (2009, p. 563), como “um conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais”. É praticada, segundo a autora, em um contexto onde computador e internet são instrumentos culturais de aprendizagem, e os sujeitos em potência estão juntos e próximos, compartilhando informações e construindo conhecimentos por interfaces e dispositivos diversos e com conteúdos hipertextuais.

Com relação às práticas de letramentos digitais (PLD) e eventos de letramentos digitais (ELD), a universidade pode construir suas práticas pedagógicas na cultura midiática, como destaca Amante (2014, p. 28):

[...] a vida social contemporânea requer considerar o estudo das redes sociais *online* já que estas

alteraram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informações entre si.

A autora destaca as razões sociais, educacionais e informacionais das interações *online* de estudantes universitários no *facebook* e conclui que, ainda que estas interações não estejam diretamente ligadas a questões de aprendizagem formal, elas podem contribuir para a participação e o desenvolvimento de criticidade na aprendizagem universitária, uma vez que a rede social não se separa da vida *offline* dos estudantes.

Para que a universidade possa aproveitar os conhecimentos vivenciados pelos sujeitos em contextos sociais nos processos de ensino e aprendizagem, é necessário que a formação dos estudantes para o uso de mídias digitais (MD) seja realizada com enfoque no desenvolvimento de letramentos digitais (LD) em suas diversas dimensões. Dentre as contribuições associadas ao processo de letramentos digitais (LD) na universidade, Souza e Cruz (2012) destacam as funções político-sociais e pedagógicas ligadas aos processos de formação no contexto social, econômico, científico e tecnológico em que estes estão inseridos e que alteram o modo como os sujeitos se relacionam em práticas sociais.

As práticas sociais de letramentos, em uma abordagem ideológica, para Street (2003), são processos internos, de caráter abstrato, muitas vezes inconscientes tais como valores, atitudes, sentimentos e relações sociais utilizados pelos participantes e os significados por eles atribuídos dentro dos eventos de letramentos. Os letramentos digitais (LD) como “práticas sociais que se situam no bojo dos processos de convergência de mídias, interligadas a sistemas de representação, produção e circulação de linguagens e mensagens com mediação digital” (SOUZA; SILVA; CRUZ, 2013, p. 11) e como cultura (CRUZ, 2013) são reconfiguradas em diversos eventos que exigem diferentes habilidades aos sujeitos (modos de uso, consumo, apropriação e produção da informação) para atuar em sociedade.

Com a atualização dos eventos de letramentos na cultura escrita proposta por Heath (1982) para eventos de letramentos na cultura digital (ELD), considero que estes podem se constituir de situações e atividades cotidianas de formação na universidade, por exemplo, um encontro ou aula virtual que tenha como suportes as mídias digitais (MD) situadas e contextualizadas nas práticas de letramentos digitais (PLD) mais amplas em que os sujeitos estão inseridos, como uma disciplina ou módulo. Envolvem também os processos de apropriação e produção de

significados e sentidos pelos participantes, relacionados às operações de que os sujeitos fazem uso para atuar em sociedade, como propõe Freire (2012, p. 66):

[...] reconhecendo no novo tempo histórico, provocada pelo avanço tecnológico, a exigência ou a necessidade de rápidas decisões, afirmam a atualidade de uma pedagogia crítica, que ajudaria exatamente a formação de mulheres e de homens capazes de constatar, de avaliar, de comparar, de decidir, de optar, e finalmente, de agir.

A articulação entre cibercultura, educação *online* e os conhecimentos e habilidades digitais requeridos para atuar socialmente com mídias digitais (MD) norteará o olhar lançado às práticas que observaremos no capítulo quatro, contribuindo com a elaboração de possíveis indicadores às propostas teórico-metodológicas sob o viés das práticas de letramentos digitais (PLD) e dos eventos de letramentos digitais (ELD), conforme sintetizo a seguir:

- a) a formação aos LD deve ser concebida como uma *prática social* em que conhecimentos e habilidades de LD são mobilizadas;
- b) em seu interior são promovidos *eventos* (com microeventos) de uso de MD nas práticas pedagógicas e de ensino;
- c) comporta um conjunto de referentes de sentido (temas, conteúdos com MD), para a atribuição de significados e sentidos pelos sujeitos (praticantes culturais) envolvidos;
- d) é mediada por um *coletivo de sujeitos* (professores, estudantes e outros grupos envolvidos) praticando ações, interações e mediações no processo de ensino e aprendizagem;
- e) é mediatizada por um *conjunto de MD* (computador, internet, *softwares*, ambientes virtuais de aprendizagem), meios, interfaces (*chat*, fórum, blog, etc.);
- f) é mediada por um conjunto de *gêneros digitais* (textos multimodiais, som, imagem, etc.) usados nas participações e produções dos praticantes culturais;
- g) comporta diversas *dimensões dos LD* – comunicacional, pedagógica, cognitiva, linguística, informacional, multimidiática, social, etc.;

- h) visa desenvolver um conjunto de *conhecimentos e habilidades* para o uso de MD (operar com dispositivos digitais, criar produtos com MD e seus gêneros e linguagens, participar em rede, colaborar entre pares, usar diversos gêneros digitais e exercer a capacidade reflexiva).

Como fundamento para nortear o desenvolvimento de processos de formação *online*, Quintas-Mendes, Morgado e Amante (2010) propõem o uso do modelo de Garrison *et al* (2000), com as noções de distância e proximidade, ausência e presença na Comunicação Mediada por Computador (CMC) e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. Para Garrison,

educação *online* possibilita níveis de interação elevados entre os participantes (entre professor e estudante, entre estudantes e entre estudantes e conteúdos), possuindo, por isso, potencialidades para expressar modelos de aprendizagem baseados em uma forte interação social. (QUINTAS-MENDES; MORGADO; AMANTE, 2010, p. 267).

Segundo os autores, o modelo apresentado por Garrison tem fortes implicações para o desenho de cursos de moderação *online* e conceitua um conjunto de princípios pedagógicos que configuram uma comunidade de inquirição.

A comunidade de inquirição de Garrison (2000), segundo Quintas-Mendes, Morgado e Amante (2010) se sustenta em três pilares que formam a arquitetura básica da experiência de educação *online*: a presença cognitiva, a presença social e a presença de ensino, conforme a figura abaixo:

Figura 7 – Modelo de Comunidades de Inquirição de Garrison *et al* (2000).



Fonte: Quintas-Mendes; Morgado; Amante (2010, p. 268).

O modelo de comunidade de inquirição, conforme figura acima, constitui-se de professores e estudantes, que são considerados elementos-chave no processo educacional *online*; a interação e o ensino e aprendizagem, por sua vez, se definem pelas presenças cognitiva, de ensino e social:

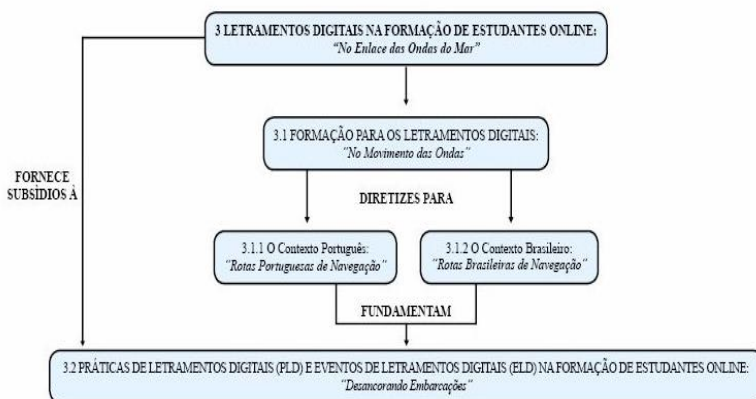
- 1) a *presença cognitiva* define-se pelo fato dos participantes do processo educativo construírem o significado e o conhecimento por meio da comunicação;
- 2) a *presença de ensino* se define pela participação ativa do professor como um componente crítico no contexto educativo, revestindo-se de importância, em corresponsabilidade com os estudantes, no contexto *online*;
- 3) a *presença social* define-se pela capacidade dos participantes projetarem-se pessoalmente (social e emocionalmente) na comunidade, funcionando como suporte da presença cognitiva, para promover indiretamente o pensamento crítico empreendido pela comunidade de aprendentes e, quando conjugada com a presença de ensino, possibilita o desenvolvimento de altos níveis de presença cognitiva. (QUINTAS-MENDES; MORGADO; AMANTE, 2010, p. 268-269).

Uma experiência de formação na educação *online* concebida como práticas de letramentos digitais (PLD), que envolvam eventos de letramentos digitais (ELD) em que estudantes e professores são corresponsáveis no processo de ensino e aprendizagem (presença de ensino), e as interações e mediações feitas durante o processo contribuam para o desenvolvimento pessoal e emocional dos participantes (presença social), nos quais os diversos conhecimentos e significados são construídos no processo de comunicação (presença cognitiva), certamente pode adotar o modelo de Garrison (2000) como importante fundamento para apoiar a sua concepção e desenvolvimento como uma comunidade de inquirição.

Para desancorar embarcações e seguir cruzando os mares, passo ao próximo capítulo, no qual os LD são vivenciados em uma prática de formação *online* na universidade.

3.3 ESQUEMA-SÍNTESE DO CAPÍTULO 3

Figura 8 – Esquema – Síntese do Capítulo 3.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2016).

CAPÍTULO IV

4 LETRAMENTOS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES *ONLINE* NA UAb: “Além das Margens do Mar”

4. 1 O MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO *ONLINE* DA UNIVERSIDADE ABERTA PORTUGUESA

4.1.1 A Universidade Aberta (UAb) – As Artes de Pensar o Fazer: “*Redes Lançadas ao Mar*”

*“Caminhante, são teus passos o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar.
Ao andar se faz o caminho, e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca se voltará a pisar.
Caminhante, não há caminho, mas sulcos de espuma ao mar”.*
(Antonio Machado).

A Universidade Aberta de Portugal (UAb) – “Uma Universidade em Qualquer Lugar do Mundo” – foi fundada pelo Decreto-Lei nº 444, de 2 de dezembro de 1988. Pelas informações disponíveis no site institucional, ela “é a única universidade pública do país com oferta de educação a distância *online*, uma das instituições europeias de referência no domínio avançado do *e-learning* e da aprendizagem *online*”⁹.

Pela especificidade do trabalho de formação superior em regime de *e-learning* integrada ao processo de Bolonha, no nível de licenciaturas, mestrados, doutoramentos e cursos de aprendizagem ao longo da vida, a UAb¹⁰ afirma que:

Conta com metodologias e tecnologias de ensino a distância orientadas para a educação sem

⁹Informações obtidas no site oficial da Universidade Aberta de Portugal. Disponível em: <http://www.uab.pt/web/guest/uab/apresentacao>. Acesso em: 22/04/2015. A educação a distância oferecida pela UAb recebeu o Prêmio da EFQUEL – *European Foundation for Quality in E-learning*, com a certificação da UNIQUE – *The Quality Label for the use of ICT in Higher Education (Universities and Institutes)*, qualificada por um painel internacional de especialistas independentes como instituição de referência para o ensino em regime de *e-learning* em Portugal, ambos em 2010. Também foi alçada ao 1º Nível de Excelência da *European Foundation for Quality Management (EFQM)*, no ano de 2011 (<http://www.uab.pt>).

¹⁰ Ver em: (<http://www.uab.pt/web/guest/uab/apresentacao>). Acesso em: 22/04/2015.

fronteiras geográficas nem barreiras físicas, e dando especial enfoque à expansão da língua e da cultura portuguesas no espaço da lusofonia (comunidades migrantes e países de língua oficial portuguesa).(...) assume como missão fundamental formar estudantes que, por várias razões, não puderam, no seu tempo próprio, encetar ou prosseguir estudos universitários (...) procura corresponder às expectativas de quantos, tendo eventualmente obtido formação superior, desejam reconverter ou atualizar essa mesma formação. O que significa que, por vocação, a Universidade tenta ir ao encontro das expectativas de um público adulto, com experiência de vida e normalmente já empenhado no exercício de uma profissão.

A UAb,¹¹ como um centro de produção, conservação e disseminação do saber, compreende a educação na modalidade regular e a distância, considerando o processo de ensino e aprendizagem como um todo integrado. Dessa forma, a UAb atua como uma universidade em rede, compreendendo o ensino *online* mediado pelas TICs digitais como um viés para a inclusão dos estudantes no contexto da sociedade do conhecimento.

A universidade conta com um Modelo Pedagógico Virtual (MPV) próprio, para orientar suas ações educativas. Este documento foi elaborado por um grupo de professores e especialistas da UAb, citado como Pereira *et al* (2007). Conforme Amante (2011), foi a acelerada transformação tecnológica, em especial a comunicação mediada por computador, que impulsionou a UAb a criar seu próprio modelo, o qual norteia todas as suas ações e práticas, consoante às mudanças e inovações da atualidade.

O Modelo Pedagógico que agora se dá a conhecer nesta publicação é um marco na vida da universidade. (...) elaborado no quadro do Programa de Inovação Tecnológica em Ensino a Distância, desenvolvido em sintonia com as grandes orientações estratégicas da Universidade Aberta para 2006-2010. (...) e implicou (e está a implicar) ações de formação do nosso pessoal

¹¹ Disponível em: <http://www.uab.pt/web/guest/uab/apresentacao>. Acesso em: 22/04/2015.

docente, bem como procedimentos de ambientação de nossos estudantes. (PEREIRA *et al*, 2007, p. 3).

Ou seja, o MPV proposto pela UAb responde a uma necessidade de produzir literacias em seus estudantes e professores diante das mudanças ocorridas na cultura digital, pois trata-se de um problema a ser resolvido para atender a demandas: a) sociais de inclusão digital, permitindo que os sujeitos envolvidos possam atuar na cibercultura; b) educacionais: para que estes indivíduos possam atuar no processo de formação pela educação *online* viabilizada por plataforma virtual, com suas diferentes mídias, interfaces e gêneros digitais materializados na formação, o que requer desenvolvimento de competências para o uso de mídias digitais (MD), que neste estudo configuram-se como letramentos digitais (LD), razão pela qual realizei este estudo na UAb.

O MPV é concebido como um instrumento ativo de inclusão digital, que prevê um programa para formação de docentes e de estudantes, desenvolvido pelo Laboratório de Educação a Distância da UAb, buscando padrões de qualidade internacionais, com equipes multidisciplinares e oferta de cursos de regime *online*, com atualizações, ajustes e avaliação permanentes¹².

Entende-se assim que se torna fundamental que a educação de adultos a distância contribua para o desenvolvimento de literacia digital, impulsionando-o a partir da motivação e necessidade do uso das novas ferramentas. Neste sentido, e tendo em conta que o ensino online exige competências específicas por parte do estudante, todos os programas de formação certificados pela Universidade Aberta incluirão um módulo prévio, designado “módulo de ambientação”. Este módulo, realizado online, permite aos novos estudantes adquirir essas competências antes da frequência do curso ou programa de formação em que se inscreveram. (AMANTE; CABRAL, 2014, p. 67).

A seguir, apresento aspectos detalhados do MPV, documento que orienta as ações de formação para as literacias digitais através do Módulo de Ambientação *Online* (MAO) na UAb, pois não há caminhos prontos a serem seguidos, e sim, sulcos de escuma ao mar.

¹² Disponível em: <http://www.uab.pt>. Acesso em 22.04.2015.

4.1.2 O Modelo Pedagógico Virtual (MPV) da UAb: “Rotas para a Viagem”

Viagem no mesmo lugar, esse é o nome de todas as intensidades, mesmo que elas se desenvolvam também em extensão. Pensar é viajar...
(Deleuze e Guattari, 1997).

Realizei a análise do Modelo Pedagógico Virtual (MPV) da Universidade Aberta de Portugal (UAb) porque se trata de um documento de referência para as atividades educativas naquela universidade, uma vez que explicita fundamentos e princípios norteadores da concepção, planejamento e ações de formação, exercendo também um papel organizador das práticas pedagógicas nos seus diferentes cursos e componentes curriculares como o Módulo de Ambientação Online (MAO) que apresento mais adiante.

O MPV compreende o conhecimento e a informação em rede como um fenômeno da contemporaneidade e propõe desenvolver um trabalho voltado para a integração social dos estudantes, enfatizando novas formas de interação, mediação e colaboração, com acompanhamento personalizado das aprendizagens, em consonância com o contexto específico das suas experiências de vida situadas em seu lugar, seu tempo e no mundo atual (PEREIRA *et al*, 2007).

O MPV situa-se no âmbito das tecnologias e da construção de um espaço europeu de ensino superior onde a mediação tecnológica e as diversas formas de interação virtuais ganham relevância para a comunicação bidirecional (entre estudante e professor) e multidirecional (entre professor-estudante, entre estudante-estudante e entre estudante-professor-estudante), em qualquer lugar e momento. “(...) É um modelo centrado no desenvolvimento de competências com recurso integral aos novos instrumentos de informação e comunicação” (PEREIRA *et al*, 2007, p. 8).

Com uma concepção pluralista sobre educação a distância, o modelo adota posturas pedagógicas comprometidas com o estudante, no sentido de sua participação ativa, desenvolvimento de suas competências metacognitivas (aprender a aprender), capacidade de autorealização da aprendizagem, da autonomia e de atitudes responsáveis em contextos de grupos, para conduzir seus percursos de aprendizagens (PEREIRA *et al*, 2007).

O modelo é consubstanciado em um conjunto de princípios pedagógicos que orientam o contexto dos diversos cursos e classes totalmente virtuais e mistas, geralmente compostas por 50 estudantes na graduação e por 30 estudantes, no máximo, na pós-graduação. Para nortear a organização do ensino, o papel do estudante e do professor, o planejamento, a concepção e a gestão das atividades de aprendizagem, os materiais e recursos, a avaliação das aprendizagens e as competências a desenvolver no estudante, no âmbito da missão e da formação oferecidas pela universidade, o MPV baseia-se em quatro linhas de força, como destaque a seguir, de acordo com Pereira *et al* (2007, pp. 10-15): (1) A aprendizagem centrada no estudante; (2) O primado da flexibilidade; (3) O primado da interação; (4) O princípio da inclusão digital.

1. *A aprendizagem centrada no estudante* concebe-o como sujeito ativo, que constrói seu conhecimento, empenha-se e compromete-se com o seu processo de ensino e aprendizagem. Ao grupo envolvido no processo de ensino e aprendizagem cabe fazer a gestão do tempo, a monitoração e a definição de metas de aprendizagens, planejamento do percurso de estudos, formação de comunidades de aprendizagens, etc. Na pedagogia *online*, o professor tem papel de mediador do processo de ensino e aprendizagem e auxilia o estudante a desenvolver suas capacidades metacognitivas e de reflexão sobre as suas práticas. As situações de aprendizagem em cada unidade curricular são delineadas em função do estudante e de seu percurso de aprendizagens na aquisição de competências transversais para sua vivência na sociedade do conhecimento, e de competências específicas das diversas áreas do saber. A aprendizagem se realiza por um processo independente (autonomia, criatividade), de diálogo e de interação entre pares, por meio de recursos diversificados, estratégias de aprendizagem cooperativa e colaborativa (trabalho em conjunto, partilhamento e negociação em grupo) para a gestão do conhecimento socialmente contextualizado.

2. *O primado da flexibilidade* permite que o estudante participe dos cursos, unidades curriculares e módulos onde e quando quiser, em qualquer lugar e tempo, pois trata-se de um adulto com responsabilidades profissionais, familiares, dentre outras, usando a comunicação e a interação de natureza assíncrona, a qual não exige simultaneidade dos interlocutores. A comunicação síncrona é facultada às interações em tempo real, conforme a necessidade dos estudantes. A flexibilidade temporal da comunicação assíncrona possibilita a gestão do tempo de estudos, ao passo que a flexibilidade de espaço contribui

para a partilha e o não-isolamento intelectual e afetivo na educação *online*. A flexibilidade de acesso aos materiais é facilitada pelas redes digitais de bibliotecas para estudos e leituras a distância.

3. *O primado da interação* é subjacente ao processo de ensino e de aprendizagem, planejado e desenhado de modo a contemplar estratégias para estimular nos estudantes o envolvimento com seus pares e em grupos de discussão virtual. A comunicação síncrona, efetivada pela interação escrita realizada pelos estudantes e acompanhada pelo professor, potencializa a capacidade de reflexão crítica e contém três aspectos fundamentais: tipo de mensagens públicas feitas pelo professor na classe virtual; modelação feita pelo professor no contexto da interação; e contributo à redução do isolamento. A interação estudante-professor é realizada de forma direta no contexto da classe virtual e os momentos de contato são definidos com clareza nas discussões gerais do grupo-turma e na tutoria para acompanhamento individualizado dos trabalhos e atividades.

4. *O princípio da inclusão digital* é entendido como a facilitação do acesso aos estudantes (adultos) à utilização das tecnologias da informação e comunicação, tendo em vista que as relações sociais, de trabalho, de trocas comerciais, de serviços e bens da vida cotidiana exigem cada vez mais o uso das redes virtuais e do acesso aos sistemas de comunicação mediada pelo computador e internet. Com este princípio, a universidade visa contribuir para a construção da sociedade do conhecimento, atribuindo importância às tecnologias da informação e comunicação na formação dos estudantes com modernos meios de comunicação e de trabalho em rede. A promoção de estratégias educativas contribui para o desenvolvimento da literacia digital dos estudantes, como um objetivo educacional central da universidade, realizada por meio de uma rede de pontos de acesso virtual. Os espaços de acesso digital são equipados com computadores ligados à internet e funcionam em horários pós-laborais, em um sistema informático tipo *Helpdesk* permanente (PEREIRA et al, pp. 10-15).

Essas quatro linhas de força têm a finalidade de atuar transversalmente nos processos de formação oferecidos pela universidade em seus diversos cursos. Para aplicação do MPV ao primeiro ciclo de Estudos Superiores, o documento traz as orientações relacionadas aos elementos pedagógicos para a organização dos processos pedagógicos e de ensino em seus diferentes componentes curriculares: a) Plano da Unidade Curricular (PUC); b) Plano de Atividades Formativas (PAF); c) Cartão de Aprendizagem (CAP); d) Classe Virtual (CV); e) Organização da Equipe Docente (OED); f)

Ambientação *Online* (AO); g) Equipe do Curso (EC); i) Planejamento; j) Patrono; l) Recursos de Aprendizagem (RA). Estes são explicitados a seguir e são também observados no MAO, que apresento no próximo item:

a) O *Plano da Unidade Curricular (PUC)* como o documento norteador do processo de ensino e aprendizagem fornece as orientações para a elaboração do Plano de Atividades Formativas (PAF). O PUC deve contemplar:

- (1) As competências a desenvolver no estudante;
- (2) Os temas a estudar;
- (3) A bibliografia a trabalhar;
- (4) O que o professor espera por parte do estudante;
- (5) O que o estudante pode esperar do professor;
- (6) As orientações sobre o plano de atividades formativas;
- (7) O calendário que o estudante deve cumprir;
- (8) Os modos de avaliação e os respectivos critérios;
- (9) A organização do cartão de aprendizagem do estudante, com as indicações para a elaboração dos e-fólios adstritos a este elemento. (PEREIRA et al, p. 17).

b) O *Plano de Atividades Formativas*, como um desdobramento do PUC constitui-se em um conjunto de atividades formativas de diversos formatos como resolução de problemas, mapas conceituais, relatórios, comentários, resumos, testes corretivos e auto avaliação organizadas na plataforma de ensino *online*;

c) O *Cartão de Aprendizagem (CAP)* “baseia-se na metáfora do cartão de crédito”, seu objetivo é valorizar o percurso pessoal de aprendizagem do estudante” (PEREIRA et al, p. 18). É eletrônico, personalizado e contém os resultados dos produtos dos processos de aprendizagens no decorrer dos cursos – um sistema de avaliação das aprendizagens. São instrumentos de avaliação por unidade curricular: dois ou três *e-fólios* (texto *online* com uma reflexão crítica, etc.), para avaliação contínua das *competências* adquiridas pelos estudantes, e um *p-fólio* que é uma atividade presencial (relatório, projeto, etc.). O estudante pode optar por fazer o *p-fólio* durante o percurso de aprendizagem, ou ao final. A classificação final do processo avaliativo é o somatório dos *e-fólios*, que somam oito valores, e do *p-fólio*, que soma 12 valores, totalizando 20 valores. A não obtenção da classificação necessária para aprovação não exclui os créditos do CAP do estudante, que poderão ser utilizados quando este fizer nova inscrição na mesma unidade curricular.

d) A *Classe Virtual*, tendo em vista o cunho colaborativo e construtivista do modelo da universidade, é estruturada e organizada em uma lógica de autodireção e autogestão pelo estudante, assentada no *e-learning* avançado, utilizando-se da plataforma *Moodle* customizada, para interação, distribuição da informação e gestão dos espaços de aprendizagem com a mediação do professor na interação entre os estudantes. A classe virtual contempla: o PUC, com suas diversas atividades formativas, os fóruns moderados pelos professores; os *e-fólios* realizados pelos estudantes.

No item a seguir apresento os aspectos relacionados ao Módulo de Ambientação *Online* (MAO) e o modo como foi desenvolvido no semestre 2014/2015 na UAb, tendo como base o MPV, como a intensidade do mar para pensar e conceber a viagem.

4.2 A UNIDADE CURRICULAR MAO: “*Águas Contínuas*”

*¡Mis hombros de hombre de mar!
(Un manto de agua salada, para vosotros,
mis hombros).
¡Mi frente de rey del mar!
Una corona de algas,
para ti, mi sola frente.
(Marinero em Tierra, Rafael Albertí).*

O Módulo de Ambientação Online (MAO) é um módulo prévio de frequência gratuita e obrigatória para os novos estudantes que estejam inscritos e frequentando qualquer programa ou curso da UAb, tendo como objetivo trabalhar com as competências específicas da educação *online*, com a característica de um componente curricular prático e orientação centrada no saber-fazer, pois pretende que o estudante domine os conhecimentos relacionados ao ambiente *online* que irá utilizar durante a realização do seu curso (PEREIRA et al, 2007).

O Módulo de Ambientação *Online* (MAO) delineado para o 1º ciclo de estudos, realizado totalmente *online*, tem a duração de duas semanas, sendo destinado a todos os estudantes que ingressam na UAb, com o objetivo principal de introduzir e apresentar aos estudantes o ambiente de aprendizagem *online*, e apoiá-los no desenvolvimento de competências a vários níveis. O MAO decorre com o apoio e sob orientação de

um monitor e supervisionado por um coordenador. (SOUZA; SPILKER; AMANTE, 2015).

São previstas competências mais gerais no MPV; as competências específicas são previstas no MAO, apresentadas mais adiante, as quais busco comparar e analisar neste item, tendo em vista os conhecimentos e habilidades para o desenvolvimento dos letramentos digitais (LD) propostos pela teoria em estudo e os dados advindos da empiria nas práticas de formação durante o módulo.

Figura 9 – Interface de Abertura do MAO.



Fonte: <http://elearning.uab.pt/>.

No que diz respeito às interações e participações entre estudantes e professores formadores, a gestão da informação e os processos de comunicação, a unidade curricular – MAO, é desenvolvida na plataforma *Moodle*, na qual são organizadas as diferentes situações de aprendizagem previstas no Plano de Unidade Curricular (PUC), fazendo uso das interfaces digitais disponíveis nesta plataforma virtual. Em relação às competências a adquirir no final do módulo o estudante deverá ter:

- a) adquirido competências no uso dos recursos tecnológicos disponíveis neste ambiente *online* (saber-fazer);
- b) adquirido confiança e competências de socialização *online* (formal e informal) nas diferentes modalidades de

comunicação disponíveis no ambiente virtual (saber-relacionar-se); d) adquirido competências em diferentes modalidades de aprendizagem e trabalho *online* (aprendizagem independente, aprendizagem colaborativa, aprendizagens a pares, aprendizagem com apoio de recursos); e) demonstrado competências de comunicação da presença social através da interação em contexto informal; f) aplicado as competências gerais de utilização de Internet (comunicação, pesquisa, gestão e avaliação de informação) no ambiente virtual onde irá decorrer o seu curso (uso efetivo do correio-eletrónico, saber trabalhar em grupos online, saber-fazer pesquisa e consulta da informação na internet); f) aplicado as regras de convivência social específicas da comunicação em ambiente online. (PEREIRA et al, p. 23-24).

Desenvolvido de acordo com os princípios do MPV, o MAO tem como objetivo fazer a ambientação *online* na perspectiva da inclusão digital, o que implica o desenvolvimento da literacia digital dos novos estudantes, antes da sua frequência no curso ou programa de formação que irá cursar na universidade.

Entende-se assim que se torna fundamental que a educação de adultos a distância contribua para o desenvolvimento de literacia digital, impulsionando-o a partir da motivação e necessidade do uso das novas ferramentas. Neste sentido, e tendo em conta que o ensino *online* exige competências específicas por parte do estudante, todos os programas de formação certificados pela Universidade Aberta incluirão um módulo prévio, designado “módulo de ambientação”. Este módulo, realizado *online*, permite aos novos estudantes adquirir essas competências antes da frequência do curso ou programa de formação em que se inscreveram. (AMANTE; CABRAL, 2014, p. 67).

Tais competências são desenvolvidas durante o processo de formação no MAO para o seu uso em contextos reais, percebidas como um fator de inclusão digital, na medida em que visa contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens das literacias em vários níveis e do desenvolvimento social dos estudantes. No item seguinte, apresento o

Plano de Unidade Curricular (PUC), que dá materialidade ao desenvolvimento do MAO, como ombro de homens ao mar, uma carona de algas para seguir em frente.

4.2.1 O Plano de Unidade Curricular (PUC): “Direções para a Embarcação”

(...) Mar azul, desconhecido. Toda história em silêncio (...). É simples, é mar e onda. Mesmo sem você me ver. Eu me confirmo em seu olhar. (Tonio Luna).

Conforme o Plano da Unidade Curricular (PUC)¹³, o Módulo de Ambientação *Online* (MAO) tem como objetivo principal:

introduzir e apresentar aos estudantes o ambiente *online* onde irá decorrer todo o curso, com o apoio e orientação de um tutor, bem como familiarizar os estudantes com a aprendizagem em ambiente virtual e com o modelo pedagógico adotado pela Universidade Aberta. (PUC-MAO, 2014/2015).

Do PUC destaco no quadro abaixo a apresentação, as competências a serem desenvolvidas pelos estudantes, os tópicos trabalhados e o que eles contemplam:

Quadro 16 – PUC-MAO– UAb – 2014/2015 (continua)

Tópicos	O que contemplam
<i>Competências específicas a desenvolver no estudante no MAO</i>	Pretende-se que, no final deste módulo, o estudante tenha adquirido as seguintes competências: - Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho);

¹³ O Plano do Módulo de Ambientação *Online* – MAO semestre 2014/2015 na íntegra encontra-se no anexo 1.

Quadro 16 – PUC-MAO– UAb – 2014/2015 (conclusão).

	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências de comunicação <i>online</i> (aplicar as regras de etiqueta <i>online</i>, fazer uma apresentação <i>online</i>, participar numa discussão <i>online</i>, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão); - Desenvolver competências de gestão do tempo online e de organização pessoal; - Aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa consulta online); - Desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas.
<i>Roteiro de conteúdos a trabalhar</i>	<p>Neste módulo de ambientação <i>online</i> serão trabalhadas as seguintes temáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema 1 - Familiarização com o ambiente <i>online</i> - Tema 2 - Ser estudante <i>online</i> - Tema 3 - Estudar na Universidade Aberta.

Fonte: PUC-MAO-UAb (2014/2015).

O plano do módulo foi estruturado no ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* com uma divisão que contou com uma parte geral e três temáticas específicas. Cada temática concentrou de uma a cinco atividades, como apresento a seguir.

Quadro 17 – Temas e Atividades do Plano do MAO (continua)

Temática	O que se espera do estudante
<i>Tema 1: Familiarização com o ambiente online (15 a 16 de setembro)</i>	<p>Para além das Boas Vindas e de uma primeira exploração do que está disponível, espera-se que participe no fórum Quem sou eu? com uma breve apresentação. No mesmo período espera-se que responda ao Questionário Diagnóstico e participe no referendo Experiência anterior.</p> <p>Explore em profundidade o Plano do Módulo de Ambientação</p>

Quadro 17– Temas e Atividades do Plano do MAO (conclusão).

	<p>Atualize o seu Perfil.</p> <p>Se tem dúvidas sobre este módulo, sobre a plataforma ou sobre os procedimentos do perfil, coloque as suas dúvidas no fórum Dúvidas.</p> <p>Esteja sempre atento às Notícias.</p> <p>Entretanto vá ao Café Virtual “tomar um café!”</p> <p>Veja o documento “Símbolos mais usados na plataforma”.</p>
<p><i>Tema 2:</i> <i>Ser estudante online</i> <i>(17 a 22 de setembro)</i></p>	<p>Espera-se que leia os documentos Guia do Estudante Online e Gerir o tempo e participe numa discussão em pequeno grupo sobre as condições de sucesso do estudante <i>online</i>. No fórum Ser Estudante Online troque impressões com o seu grupo e discuta os assuntos abordados nos documentos.</p> <p>No final do debate preencha o documento A gestão do meu tempo. Guarde-o para si.</p>
<p><i>Tema 3:</i> <i>Estudar na UAb</i> <i>(23 a 26 de setembro)</i></p>	<p>Espera-se que leia os documentos Aplicação do Modelo Pedagógico e Normas a observar e participe activamente no fórum de discussão Aprender na UAb.</p> <p>Espera-se também que elabore o e-fólio “O que aprendi” e o submeta à apreciação do professor, até às 23h e 55 min do dia 26/09/2014. Tome nota que poderá fazer a submissão a partir do dia 25/09/2014.</p> <p>Por fim, responda ainda ao Questionário Final.</p>
<p><i>Participe na Festa Virtual</i> <i>(27 de setembro)</i></p>	<p>Quatro fóruns para socialização e partilhamento vivências pessoais com temáticas festivas: histórias, pratos favoritos, viagens, lugares a conhecer, músicas preferidas e desportos praticados.</p>

Fonte: (PUC-MAO-UAb, 2014/2015).

Na parte geral da plataforma foram apresentadas as “*Orientações do Docente (notícias)*”, espaço disponibilizado para a interação entre a monitora do módulo e os estudantes: boas vindas; orientação à atualização de perfil; temas para estudo; tempos para as atividades; prazos e fusos horários (de estudantes de diversos países); uso de interfaces da plataforma; encerramento do módulo; e avaliação da participação dos estudantes. Bem como o Plano da Unidade Curricular - PUC, com as competências a desenvolver; o roteiro de estudos; a metodologia; a avaliação; o cartão de aprendizagem – CAP; o plano de trabalho e o calendário de atividades, conforme apresentado no tópico anterior.

Nesta parte geral foi proposto ainda o fórum “*Café Virtual*”, uma parada nas atividades para a descontração, socialização e troca informal entre os estudantes sobre temas diversos. Este fórum permaneceu aberto durante todo o módulo para que os estudantes pudessem interagir entre si e com a monitora. Foi também disponibilizado arquivos em pdf contendo os símbolos mais usados na plataforma, o guia de iniciação *online*, os recursos e ferramentas *online* para estudantes, o despacho de correio eletrônico, entre outros.

Outro espaço para os estudantes transitarem durante o MAO é a Social Acadêmica – SOL, localizada na página inicial do Campus Virtual da UAb com *link* ao módulo. Neste espaço os estudantes podem interagir uns com os outros e acessar um conjunto de funcionalidades, tutoriais e temas para discussões informais. Na SOL, as informações relacionadas às literacias estão presentes nas trocas, interações e conhecimentos relacionados ao uso de mídias digitais, materiais para leitura, *links* e arquivos digitais, dentre outras contribuições entre a comunidade de estudantes.

Para o processo de acompanhamento e avaliação das aprendizagens durante o MAO, foram disponibilizados, no PUC alocado na plataforma, os critérios de avaliação à participação do estudante e o nível de significação da apreciação feita pelo professor, a qual é atribuída um valor que vai de 1 a 5, conforme definição que destaco abaixo, no texto e no quadro que o segue, ambos retirados do ambiente virtual do curso.

A avaliação neste módulo tem uma componente de autoavaliação e uma componente de avaliação feita pelo docente. A primeira, de autoavaliação, baseia-se na realização de um e-fólio, no último dia de actividades. O e-fólio é um pequeno documento digital elaborado de forma pessoal de

acordo com as especificações indicadas em tempo oportuno, no final da segunda semana de actividades. A segunda componente será realizada em função da sua participação nos diversos espaços deste módulo e da intensidade dessa participação. Da realização do e-fólio resultará uma apreciação qualitativa registada pelo docente/monitor no Cartão de Aprendizagem. A avaliação da participação será traduzida num nível qualitativo registado igualmente no CAP, por aproximação à tabela seguinte: (PUC-MAO-UAb 2014/2015).

Quadro 18 – Avaliação das Aprendizagens no MAO (continua)

Participação	Nível (qualitativo)	Significado da apreciação
<i>Apenas entrou no módulo e fez a sua apresentação</i>	1	Muito fraco; é previsível que possa ter muitas dificuldades na gestão das suas unidades curriculares.
<i>Fez a sua apresentação, teve uma intervenção no Café Virtual e submeteu o e-fólio</i>	2	Fraco; não entrou nos espaços onde decorreram as actividades. Poderá sentir muitas dificuldades no seu percurso.
<i>Além da sua apresentação, de ter intervindo no Café Virtual e ter submetido o e-fólio, participou de forma escassa nos temas 2 e 3.</i>	3	Suficiente; poderá sentir algumas dificuldades e poderá não tirar partido de interacções com os colegas.

Quadro 18 – Avaliação das Aprendizagens no MAO (conclusão).

<p><i>Além do referido no nível anterior, fez pelo menos duas intervenções no tema 3 e uma intervenção no tema 2. Interveio várias vezes no Café Virtual.</i></p> <p><i>Além do referido no nível anterior, participou com várias intervenções nos temas 2 e 3</i></p>	<p>4</p> <p>5</p>	<p>Bom. A sua prestação indica que participou nos diversos espaços e indicia que não terá dificuldades.</p> <p>Muito bom. A sua prestação faz prever que se sentirá à vontade no seu percurso.</p>
<p><i>Cartão de Aprendizagem</i></p> <p><i>Avaliação Contínua</i></p>	<p>Salienta-se que só se considera participação os contributos registados nos fóruns que tragam valor acrescentado ao debate dos temas. A mera inclusão de mensagens sem essas características, publicadas apenas para cumprir tarefa, não serão apreciadas como se de participação se tratasse.</p> <p>A avaliação neste módulo de ambientação <i>online</i> não tem efeitos de classificação; por isso não há lugar a creditação. Contudo, serão registados no CAP um comentário sobre o e-fólio realizado e uma nota quantitativa expressando o nível de participação atingido. Após entrega do trabalho e sua apreciação pelo docente, cada um poderá consultar o seu Cartão de Aprendizagem, utilizando o menu à esquerda.</p>	

Fonte: PUC-MAO-UAb (2014/2015).

O acompanhamento sobre a participação e a avaliação da aprendizagem do estudante, realizado pelo professor nos diversos espaços da plataforma, foi feito após observação das atividades realizadas, das dificuldades e dos avanços no percurso de estudos, apontando caminhos para desenvolver habilidades, progredir na

aprendizagem e continuar participando. Também são objetos de avaliação por parte dos professores os *e-fólios*, atividades avaliativas que fazem parte do sistema previsto no MPV da UAb, realizados durante o seu desenvolvimento e ao seu término, com o objetivo de levar os estudantes a adquirir uma das competências previstas para o MAO, qual seja, “desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas”. Este percurso é registrado no CAP e o destaque como relevante sistemática de avaliação qualitativa, visto que a participação do estudante deve acrescentar valor ao debate dos temas, de maneira que a mera inclusão de mensagens sem as características de contribuição não é apreciada pela monitoria como participação.

A proposta para a realização desta atividade teve como tema “O que aprendi?”, por meio de uma produção textual de uma página, de acordo com as indicações para forma, conteúdo e formatação, gravado em arquivos doc ou pdf para a postagem no espaço indicado na plataforma, no prazo indicado em calendário do módulo.

São objetivos dos *e-fólios* conforme consta no Guia do Estudante *Online*:

- a) fazer uma autoavaliação sobre o modo como tirou partido do módulo de ambientação;
- b) permitir que possa sentir como é que irá funcionar a avaliação eletrônica no curso;
- c) proporcionar uma oportunidade para visualizar como funciona o Cartão de Aprendizagem no Modelo Pedagógico da Universidade Aberta. (PORTUGAL, 2014).

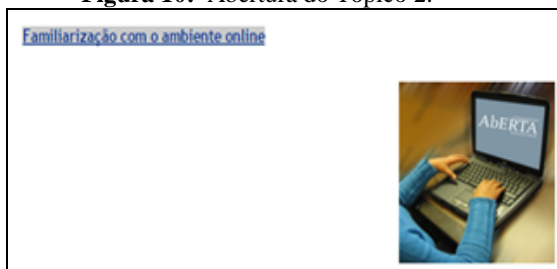
Após a análise dos *e-fólios* pelo professor, o estudante recebe um *feedback* por meio de comentário e nota. Ao todo foram 28 *e-fólios* entregues até a data de encerramento do MAO. O conteúdo destes *e-fólios* é discutido mais adiante, em conjunto com as interações dos fóruns e entrevistas.

Das atividades desenvolvidas durante o MAO, destaco, no próximo item, a Temática 2 – Ser Estudante *Online*; a Temática 3 – Estudar na UAb, e os *E-fólios A* (finais), que juntamente com os documentos relacionados ao MPV e ao MAO - entrevistas e registros de observação - traduzem-se como fontes de dados para a interpretação. Fiz a escolha destas atividades após análise do conjunto de atividades PUC, no sentido de reconhecer que estas permitem uma aproximação e um diálogo com as competências para o desenvolvimento de literacias propostas pela UAb, bem como com as dimensões dos letramentos digitais (LD) que são o foco deste estudo, como mar azul desconhecido e onda que dão o movimento ao meu olhar.

4.3 A AMBIENTAÇÃO ONLINE: “Praticantes Culturais em Navegação”

A grande barreira de rocha que se estende pelo mar, em um movimento de intersecção entre a dura pedra e a maleabilidade do mar, conduz para outros entrelaçamentos: o personagem (um homem na janela) e o local, o real e o eu, o nada e o tudo. (Verunschy, 2010).

Figura 10: Abertura do Tópico 2.



Fonte: <http://elearning.uab.pt/>.

A descrição e a narrativa que apresento neste tópico estão relacionadas à observação e à participação que realizei no Módulo de Ambientação *Online* (MAO), da Universidade Aberta (UAb), de Portugal, conforme apresentada anteriormente.

Com esta participação, operei pela produção de mapas com os praticantes culturais (estudantes e monitora) e também como praticante cultural que habitou o espaço do MAO e, ao modo certauneano, caminhou pela emergência de um espaço de possibilidades, o acontecimento, e também pela complexidade do olhar para a observação das ondas, para capturar suas nuances e intensidades.

Comecei com um problema ou ponto de partida para nortear a navegação, em busca de saber sobre os letramentos digitais (LD) em um processo de formação *online*. O caminho foi mostrando pontos, perspectivas, desmanchando antigas linhas e mostrando novas nuances e matizes para este problema que ganhou novos contornos e refinamentos ao longo do percurso ao fim do qual cheguei à seguinte questão: os Letramentos Digitais (LD) (na cibercultura) implicam tanto a apropriação das novas linguagens do meio digital (multimodais e

hipermidiáticas), quanto da prática efetiva de uso social destas em eventos que convergem diversos meios, recursos, interfaces e gêneros digitais?

O MAO foi a agência, o espaço de acontecimento e de potência para a minha prática cultural como observadora e participante em formação. Com seu ambiente virtual de ensino e aprendizagem viabilizado pela plataforma *Moodle*. Foi este o espaço-lugar (Certeau, 1998) que me possibilitou buscar indícios nas contingências e nos processos materializados nas operações dos praticantes culturais, fazendo interpretações e desenhando mapas.

O MAO foi desenvolvido no período de 15 a 27 de setembro de 2014, ou seja, em duas semanas, e contou com 62 estudantes matriculados, sendo estes de diferentes cursos de licenciatura oferecidos pela universidade¹⁴ e de diferentes países europeus¹⁵, uma monitora, professora com formação em nível de graduação, mestrado e de doutorado em Educação, para acompanhar, orientar e avaliar as aprendizagens dos estudantes na classe virtual. Dos 62 estudantes matriculados, 28 entregaram as suas atividades finais na plataforma virtual até o dia do encerramento do módulo, embora todos tenham participado das demais atividades.

Para a minha observação e participação, nos termos desta tese, o MAO foi entendido como um evento de letramentos digitais (ELD) que ocorre no interior de práticas de letramentos digitais (PLD) mais amplas na UAb e os participantes (estudantes, monitora e observadora-participante) foram concebidos como praticantes culturais em formação. A seguir apresento a sua descrição e características do ponto de vista das PLD e de ELD.

¹⁴ Ciências da Informação e da Documentação; Ciências do Ambiente; Ciências Sociais; Educação; Estudos Artísticos; Estudos Europeus; Gestão; História; Humanidades; Informática; Línguas Aplicadas; Línguas, Literaturas e Culturas - Estudos Portugueses; Línguas, Literaturas e Culturas - Variante de Línguas Estrangeiras; Matemática e Aplicações; e Unidades Curriculares Isoladas – Online. Fonte: Questionário Diagnóstico aplicado aos estudantes no início do Módulo de Ambientação Online (MAO), semestre 2014/2015.

¹⁵ Portugal, Espanha, Cabo Verde, dentre outros não citados. Fonte: Interações entre os estudantes em Fóruns do Módulo de Ambientação Online (MAO).

Quadro 19 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (conitnua)

MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO ONLINE – MAO		
<p>Duração de duas semanas</p> <p>Módulo Prévio a todos os estudantes da UAb</p> <p>Frequência gratuita e obrigatória</p> <p>Componente curricular prático</p> <p>Formação de competências</p>		
Atividades (microeventos)		
Tema 1 - Familiarização com o ambiente online	Tema 2 Ser estudante online	Tema 3 Estudar na UAb
<p>Para além das Boas Vindas e de uma primeira exploração do que está disponível, espera-se que participe no fórum Quem sou eu? com uma breve apresentação. No mesmo período espera-se que responda ao Questionário Diagnóstico e participe no referendo Experiência anterior. Explore em profundidade o Plano do Módulo de Ambientação. Actualize o seu Perfil. Se tem dúvidas sobre este módulo, sobre a plataforma ou sobre os procedimentos do perfil, coloque as suas dúvidas no fórum Dúvidas. Esteja sempre atento às Notícias.</p>	<p>Espera-se que leia os documentos “Guia do Estudante <i>Online</i>” e “Gerir o tempo” e participe numa discussão em pequeno grupo sobre as condições de sucesso do estudante <i>online</i>. No fórum Ser Estudante <i>Online</i> troque impressões com o seu grupo e discuta os assuntos abordados nos documentos. No final do debate preencha o documento <i>A gestão do meu tempo</i>. Guarde-o para si.</p>	<p>Espera-se que leia os documentos “Aplicação do Modelo Pedagógico” e “Normas a observar” e participe activamente no fórum de discussão Aprender na UAb. Espera-se também que elabore o e-fólio “O que aprendi” e o submeta à apreciação do professor. Por fim, responda ainda ao Questionário Final. Participe na Festa Virtual.</p>

Quadro 19 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

Entretanto vá ao Café Virtual "tomar um café"! Veja o documento "Símbolos mais usados na plataforma".		
Dimensão dos LD	Competências previstas no MPV para o MAO, ao final do módulo o estudante deverá ter:	Competências previstas no PUC do MAO, ao final do módulo o estudante deverá saber:
<i>Instrumental (técnico e operacional)</i>	a) adquirido competências no uso dos recursos tecnológicos disponíveis neste ambiente <i>online</i> (saber-fazer);	a) usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho).
<i>Social</i>	b) adquirido confiança e competências de socialização <i>online</i> (formal e informal) nas diferentes modalidades de comunicação disponíveis no ambiente virtual (saber-relacionar-se);	

Quadro 19 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

<i>Aprendizagens online</i>	c) adquirido competências em diferentes modalidades de aprendizagem e trabalho <i>online</i> (aprendizagem independente, aprendizagem colaborativa, aprendizagens a pares, aprendizagem com apoio de recursos);	
<i>Comunicação</i>	d) demonstrado competências de comunicação da presença social através da interação em contexto informal;	
<i>Informação</i>	e) aplicado as competências gerais de utilização de Internet (comunicação, pesquisa, gestão e avaliação de informação) no ambiente virtual onde irá decorrer o seu curso (uso efetivo do correio-eletrónico, saber trabalhar em grupos <i>online</i> , saber-fazer pesquisa e consulta da informação na internet);	e) aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa <i>consulta online</i>).
<i>Regras Online</i>	f) aplicado as regras de convivência social específicas da comunicação em ambiente <i>online</i>	f) desenvolver competências de comunicação <i>online</i> (aplicar as regras de etiqueta <i>online</i> , fazer uma apresentação <i>online</i> , participar numa discussão <i>online</i> , apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão).

Quadro 19 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (conclusão).

<i>Reflexão</i>		g) desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas.
<i>Gestão do Tempo</i>		h) desenvolver competências de gestão do tempo <i>online</i> e de organização pessoal.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015) com base em Heath (1982), Street (1999; 2003), Hamilton (2000), MPV-UAb, PUC-MAO-UAb 2014/2015 e PEREIRA *et al* (2007, p. 23-24).

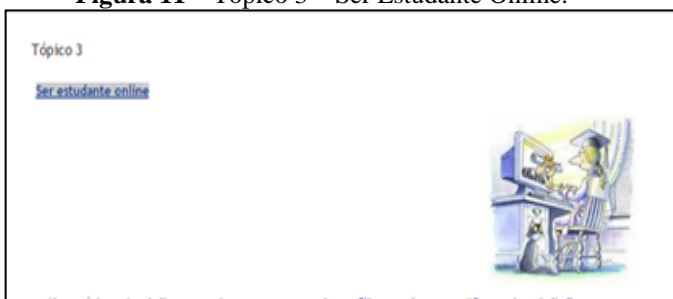
Como observadora participante no MAO, a intenção foi a de cartografar as operações (práticas) dos estudantes e monitoras (praticantes culturais) colocando-me também no lugar de praticante cultural em formação no MAO, voltando o olhar para capturar as marcas das vozes e os gestos de produção no cotidiano de usos das mídias digitais (MD) em seus movimentos no ambiente virtual que pudessem mostrar evidências do desenvolvimento das competências previstas no MPV da UAb e no PUC do MAO, conforme apresentadas no quadro acima, nas práticas dos participantes e a relação com os letramentos digitais (LD) a partir dos estudos teóricos.

Ao seguir pistas e rastros dos possíveis letramentos digitais (LD) mobilizados nas práticas (interações, negociações e atribuições de sentido), fui fazendo interpretações dos discursos e gestos produzidos pelos praticantes culturais por entre os espaços virtuais habitados no MAO. Neste caminho, fiz também entrelaçamentos de significados e sentidos ao objeto em estudo. Assim, apresento e discuto a seguir, com uma narrativa em que ora apresento-me como observadora participante (entrei, verifiquei, fiz), ora como parte do coletivo de praticantes culturais do MAO (fomos, estávamos, escolhemos), as interpretações feitas durante o percurso, em um movimento de intersecção entre a pedra dura e a maleabilidade do mar, para dar voz às operações dos praticantes culturais.

4.3.1 Ser Estudante *Online* – “Até no autocarro podemos estar na universidade”: “Pelas Vazantes do Águas”

(...) *E mar. Contar-te longamente as misteriosas maravilhas do verbo navegar. E mar. Amar: as coisas perigosas (...).*
(*Coisa Amar, Manuel Alegre*).

Figura 11 – Tópico 3 – Ser Estudante Online.



Fonte: <http://elearning.uab.pt/>.

Neste tópico fui convidada a debater em grupo sobre o que é *Ser Estudante Online*, junto aos demais praticantes culturais, para nos percebermos como estudantes que iniciavam um curso de outro jeito, com uma organização de tempo e espaço diferentes da universidade presencial. Uma universidade em que as salas de aula não possuem um espaço físico delimitado para ensinar e aprender, dentre outros aspectos. A seguir destaco os temas deste tópico:

Tema 2 – Ser Estudante Online

Leituras: Guia do Estudante *Online* e Gerir o tempo
Fórum em Grupo: Condições de Sucesso do Estudante *Online*
Fórum: Ser Estudante *Online*
Questionário: A Gestão do Meu Tempo
Objetivo: Desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal (PUC-MAO 2014/2015).

O conjunto de materiais de leitura nos foi disponibilizado em pdf na plataforma virtual do curso. Destaco o Guia do Estudante *Online*

(UAb, 2014/15, p. 2-8), que serviu para nos orientar a fazer adaptações à organização do tempo e da vida pessoal no início do percurso. Este guia apresenta os tópicos abaixo e orienta os aspectos pedagógicos relacionados ao funcionamento do módulo e seus processos de comunicação.

Quadro 20 – Temas do Guia do Estudante *Online*.

Tópicos
1 Aprender <i>Online</i> : organização do estudo e gestão do tempo;
1.1 A Comunicação e a Interação <i>Online</i> ;
2.1 Os Fóruns de Discussão;
2.2 Chat;
2.3 A Interação Informal;
3. A Aprendizagem Colaborativa;
4. A Avaliação.

Fonte: MAO-UAb (2014/15, p. 2-8).

Conforme as discussões feitas neste tópico, para ser um estudante online, além de saber fazer a organização pessoal e a gestão do tempo, é necessário conhecer as interfaces do ambiente virtual de aprendizagem e suas ferramentas e interfaces digitais (fórum, chat, etc.) para se comunicar, interagir e colaborar *online*.

Ser estudante em regime de ensino online não é uma experiência totalmente diferente de ser estudante do ensino presencial ou do ensino a distância convencional. Contudo, o fato de se tratar de um contexto recente com características específicas requer alguma adaptação.

(MAO-UAb, 2014/15, p. 2).

Para a leitura sobre tais aspectos, utilizamos o artigo “Administrar o tempo é planejar a vida”, uma síntese do livro “Administração do Tempo”, de Eduardo O. C. Chaves (1992). Como instrumento de auxílio ao planejamento metodológico deste processo, foi utilizado um formulário com questões - “A Gestão do Meu Tempo”, com a finalidade de nos auxiliar a programar a gestão do tempo no curso e trazer esclarecimentos sobre o modo de organização pessoal para os estudos *online*, conforme destaca a citação a seguir:

A frequência de um curso universitário tem exigências de qualidade académica que implicam a disponibilização de tempo para dedicar ao estudo. Mais do que ler e estudar a informação, é necessário procurar aplicá-la, apreender os conceitos de uma dada disciplina e usá-los em situações diversas. Não basta “decorar” matéria, é necessário usar e aplicar os conceitos para os apreender. No atual sistema de ensino universitário, cada unidade curricular é creditada tendo em conta o trabalho que o estudante deve dedicar ao estudo dessa unidade, com vista ao sucesso. Tempo para ler a bibliografia, para interagir com os docentes para esclarecimentos, para trocar ideias e impressões com os colegas para enriquecer a sua primeira leitura dos assuntos, para pesquisar, para realizar atividades, exercícios e atividades de avaliação. Cada unidade curricular do 1º ciclo (licenciatura) exige em média 156 horas de trabalho (tem 6 créditos ECTS). Tal significa previsivelmente uma média de 12 horas por semana, ou ainda, de 1,7 horas por dia (incluindo fins de semana) para dedicar a cada unidade. Estes cálculos correspondem a uma estimativa, porque são tempos médios. Mas exigem que se reflita cuidadosamente e é, por conseguinte, vital estimar o tempo que se pode conceder ao estudo. (Formulário, A Gestão do Meu Tempo, MAO, UAb, 2014/2015).

Após as leituras e discussões participamos de dois fóruns, Ser Estudante *Online* (individual) e Aprender *Online* (em grupos de colaboração divididos de A a D). Minha participação teve o objetivo de desenvolver as competências de gestão do tempo e de organização pessoal nas operações realizadas no MAO. Apresento-a a seguir e faço interpretações das operações com os praticantes culturais no cotidiano do MAO, para navegar e contar as maravilhas das coisas do mar.

4.3.1.1 A Gestão do Tempo e Organização Pessoal – “Já não andamos à deriva dos acontecimentos”: “Intensidade das Marés”

*Viajantes sem temor, quantas nobres histórias/
Lemos em vosso olhar profundo como os
lastros!//*

*Mostrai em vosso escrínio essas ricas
memórias,
Jóias raras do que a etérea luz dos astros.
Queremos navegar sem bússola e sem vela!
(Charles Baudelaire, A viagem).*

Para olhar e compreender aquilo que, como praticantes culturais, fabricamos para “desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal” (PUC-MAO 2014/2015), busquei fazer associações com as dimensões, conhecimentos e habilidades de letramentos digitais (LD) mobilizados nas atividades realizadas e que serão discutidas conforme forem surgindo. A pergunta proposta para o nosso debate no fórum foi: “Como é que um estudante *online* deve gerir o seu tempo *online* de modo a conciliar os seus estudos às suas atividades profissionais, pessoais e familiares?”.

Para a organização pessoal, debatemos sobre a realização de um plano com os prazos para o desenvolvimento das atividades e avaliações, atividades acadêmicas e tempo livre, colocando-as em ordem de prioridade e importância, destacadas como aspectos fundamentais para se obter êxito nos processos de ensino e aprendizagem ao longo do curso, centrando os esforços nos estudos individuais e na colaboração e coprodução. Esses aspectos surgem nas falas dos praticantes culturais, as quais sintetizei no quadro a seguir.

Quadro 21 – Parâmetros de Organização Pessoal e a Gestão do Tempo (continua)

Organização Pessoal e Gestão do tempo	Recorte da fala dos praticantes culturais (O que dizem)
<i>Planejamento</i>	<i>Estabelecer prioridades e urgências</i>
<i>Continuidade</i>	<i>Dispor de atenção e esforço contínuos</i>
<i>Liberdade</i>	<i>Saber organizar seu próprio itinerário</i>
<i>Mudança</i>	<i>Revisar os hábitos e costumes</i>
<i>Adaptação</i>	<i>Ajustar as diversas dimensões da vida à uma nova realidade</i>
<i>Reeducação</i>	<i>Reorganizar as situações cotidianas em função de prioridades e urgências</i>

Quadro 21 – Parâmetros de Organização Pessoal e a Gestão do Tempo (conclusão).

Consolidação	<i>Elaborar um plano diário ou semanal para consolidar atividades</i>
Foco	<i>Manter-se firme no cumprimento dos objetivos e metas</i>
Sucesso	<i>Descobrir a chave para atingir o êxito esperado</i>
Dedicação	<i>Fazer valer a intenção de ter êxito nos estudos</i>
Assiduidade	<i>Fazer o que se propõe todos os dias</i>
Comprometimento	<i>Realizar com afinco as atividades definidas</i>
Antecipação	<i>Prever situações que possam exigir execução imediata</i>
Responsabilidade	<i>Ser responsável pelo que se tem a fazer</i>
Persistência	<i>Perseguir aquilo que se propôs a fazer mesmo com obstáculos</i>
Eficácia	<i>Conseguir atingir com êxito os objetivos esperados</i>
Condição	<i>Determinar o estado (físico, material, emocional) para o que se pretende</i>
Rigor	<i>Cumprir com tudo aquilo que estabelecer como metas</i>
Disposição	<i>Manter a força de vontade e o entusiasmo</i>
Disponibilidade	<i>Desenvolver o que se propõe</i>
Progressão	<i>Avançar no desenvolvimento continuado</i>

Fonte: Elaborado com base nas interações dos estudantes no Fórum Ser Estudante Online, MAO-UAB, 2014/2015.

O refinamento dos termos que surgiram em nossas interações como praticantes culturais nas redes de partilha do MAO extrapolou as demarcações da própria competência prevista para o tema organização pessoal. Surgem os acontecimentos com os quais os praticantes culturais (estudantes) se deparam em sua cotidianidade como pessoas que têm famílias, adultos que trabalham e que possuem atividades que ocorriam a par da dinâmica dos estudos que estavam iniciando.

Para ser um estudante *online*, conforme as vozes dos praticantes culturais, deve-se ter características de organização pessoal como: autoconhecimento, disciplina e dedicação nos estudos e também desenvolver um plano diário ou semanal que permita focar no que é prioritário, conciliar os demais compromissos e obrigações da vida familiar e profissional com as atividades acadêmicas, fazer uma revisão de hábitos, redefinição de tarefas e prioridades, dentre outros aspectos relevantes, porque *“para ser estudante online é preciso conhecer a si mesmo. Portanto, devemos nos perguntar: sou preguiçoso? Sou responsável? Cumpro os prazos de tempo previstos?”* (L.B, estudante, Fórum Ser Estudante Online, MAO-UAb, 2014/2015).

Ao caminharmos em direções onde se entrelaçam necessidades, interesses, expectativas e desejos pessoais com os objetivos da formação *online*, no cotidiano praticado do MAO, foi necessário olhar para si, no aqui e agora dos acontecimentos, para conhecer e discutir sobre os modos como a instituição e o módulo nos orientava a organizar a vida pessoal para obter êxito nos estudos que estávamos nos propondo a fazer. E, nesse movimento, ficam evidentes as dimensões individuais e coletivas para enfrentar os possíveis desafios no percurso de autoorganização, pois *“cada um deve ter em comum o mesmo: a garra, a determinação e a força de vontade de ter algo tão desejado: a formação acadêmica.* (E. A, estudante, Fórum Ser Estudante Online, MAO-UAb, 2014/2015).

Surgiram também, questões relacionadas às condições materiais e tecnológicas dessa dimensão, consideradas necessárias pelos praticantes culturais como suporte para alcançar êxito nas aprendizagens. Por exemplo: ter acesso irrestrito a um computador e à internet, que, aliados a atividades na perspectiva do desenvolvimento de competências no processo de aprendizagem online, podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades como: (1) aprender a colaborar em grupo estando fisicamente distantes; (2) fazer leituras em meio e suporte digital; (3) se comunicar usando outras formas de linguagens para substituir o olhar; (4) o toque às expressões faciais; (5) as emoções, entre outras.

Os rastros das vozes dos praticantes culturais por entre os fóruns desdobraram-se em outras temáticas, para além da organização pessoal, como a não-existência de um espaço físico para estudar, ao se perceber não mais como estudante em uma universidade presencial, e sim em uma universidade à distância com ensino *online*, o que lhes possibilitava acessar a plataforma virtual do curso a qualquer hora e de qualquer lugar, como destaca B.R: *“até no autocarro, podemos actualmente estar*

na universidade” (B.R, estudante, Fórum Ser Estudante *Online*, MAO-UAb, 2014/2015).

As falas dos praticantes culturais foram apontando pistas que caracterizavam aspectos comuns dentro da organização pessoal para os estudos *online*, que se estendem para a dimensão cotidiana, no exercício de suas práticas culturais, uma condição que estava sendo planejada, escrita e socializada dentro do grupo e que não era separada de suas práticas em outros espaços e contextos social *offline*.

Quanto à gestão do tempo, esta dimensão foi considerada o “pilar para obter sucesso na formação acadêmica. Temos o senão dos ‘*timing*’, mas o que seria da vida se não houvesse um bocadinho de stress?!” (E. A, estudante, Fórum Ser Estudante *Online*, MAO-UAb, 2014/2015). Ao fazer referência ao título de um texto lido, R.M.D destaca que “administrar o tempo é planejar a vida” (R. M. D, estudante, Fórum Ser Estudante *Online*, MAO-UAb, 2014/2015). Nesse ponto, no fórum, perguntei: como fazer? E o praticante cultural E, N.S., respondeu:

Em primeiro lugar, é importante estabelecer objectivos e aí sim, dar um prazo a eles. Após ter objectivos claros e directos, temos que avaliar o nosso dia-a-dia e dividir os nossos “fazeres” em 3 grupos: 1º Prioritários. 2º Urgentes. 3º - “Rouba-tempos”. Enquanto urgentes e prioritários vão para o topo da lista, teremos que eliminar gradualmente os “rouba-tempos” da nossa vida. Fazendo essa pequena autoanálise do quotidiano e organizando-o, tudo fica arrumado nos seus sítios. Já não andaremos a deriva dos acontecimentos, quase de modo automático. A partir de momento em qual sabemos para onde ir, o “bicho de sete cabeças” de organização do tempo desaparece por si só. (N.S, estudante, Fórum Ser Estudante *Online*, MAO, 2014).

Este era o nosso mar de travessia para a invenção com o cotidiano da vida pessoal e acadêmica, diante das exigências relacionadas à operacionalidade e à virtualidade da dinâmica dos acontecimentos do tempo, do plural ao múltiplo, e de configurações sociais que começavam a articular as ações de planejar e organizar a vida de outros modos. Assim, pergunto novamente: “Por onde começar?” E, desta vez, R.M.D. afirma:

Pela redefinição de prioridades. Para isso teremos de:

0) Ter plena consciência sobre objetivos que queremos alcançar, a curto e a longo prazo. Poderá ajudar estabelecer um plano, p.e: O que quero ter alcançado daqui a 1, 5, 10 ou 20 anos? O que terei de fazer para lá chegar? Quantas horas diárias/semanais terei de investir nos meus estudos/no meu trabalho? Quanto tempo quero reservar para passar com família/amigos? Uma visão nítida do que queremos alcançar no futuro tem um impacto muito positivo na nossa motivação.

1) Ao início de cada semana, listar as tarefas que nos esperam. Podemos fazer o mesmo para cada cadeira/semestre.

2) Ponderar: O que terá de ser feito imediatamente e o que pode esperar? (Definir prioridades).

3) Atribuir cada tarefa a um dia, tendo em mente o tempo que queremos investir diariamente nos nossos estudos e também nos compromissos para com família/trabalho.

4) Ao início de cada dia, dar uma vista de olhos na lista das tarefas que nos esperam hoje e segui-las com determinação, sabendo que cada tarefa cumprida nos trará mais perto os nossos objetivos.

5) Ao final de cada dia/semana, refletir sobre a nossa produtividade nesse dia/nessa semana e questionar se escolhemos bem as nossas prioridades e se estamos satisfeitos com o caminho que estamos a percorrer. Afinal de contas, uma boa gestão do tempo não aparece de hoje para amanhã, mas sim num processo caracterizado por falhas e sucessos. (R. M. D, estudante, Fórum Ser Estudante Online, MAO, 2014/2015).

O coletivo de vozes dos praticantes culturais possibilitou-me perceber desdobramentos relacionados à forma de pensar, discutir e fazer atribuições de sentido em seus discursos relacionados à organização do tempo, assim como também ressalta M.A.R: *“antes de ser monitora do MAO, fui estudante do MAO, consigo entender perfeitamente esse sentimento, a gestão do tempo é a busca de descobertas pelos estudantes”* (M.A.R., monitora, entrevista, MAO-UAb, 2014/2015).

Sobre as competências para colocar em ação as operações e habilidades pessoais dos estudantes no processo de formação, na observação de uma das monitoras: “o MAO trata da gestão do tempo e da organização pessoal como uma das questões mais importantes a destacar e os alunos notam que o facto de estudar online implica organizar ou reorganizar o tempo para estudar” (M.J.S, monitora, entrevista, MAO-UAb, 2014/2015).

No quadro a seguir apresento mais uma síntese das habilidades destacada pelos praticantes culturais sobre a competência para ser estudante *online*, ou dimensão social dos LD para realizar a autogestão e autodireção pessoal (Okada, 2010):

Quadro 22 – Competência de Gestão do Tempo e a Caracterização das Habilidades (continua)

Competência prevista no MAO para ser estudante <i>online</i> na visão dos estudantes: Desenvolver competências de gestão do tempo <i>online</i> e de organização pessoal (PUC, MAO, Uab, 2014/2015).	
Parâmetros das habilidades	Descrição das atitudes a serem desenvolvidas (interações em fóruns):
<i>Objetivos</i>	Estabelecer objectivos a curto, médio e longo prazo, respondendo à questão: O que quero alcançar daqui a 1, 5, 10 dias, semanas, meses ou um ano? Buscar uma visão nítida do que se quer atingir, sabendo discernir o que se quer obter.
<i>Prioridades</i>	Analisar o que é necessário e urgente fazer e em quanto tempo se pode fazer para cumprir o máximo de tarefas possíveis da melhor forma possível. Manter a ordem das atividades das mais urgentes às menos importantes. Quanto tempo (horas diárias, semanais ou mensais) reservar para investir em cada prioridade?
<i>Metodologia</i>	Determinar o caminho para alcançar os objetivos: o que fazer para chegar lá e como?
<i>Planejamento</i>	Organizar as atividades para execução diária, semanal, mensal, anual.

Quadro 22 – Competência de Gestão do Tempo e a Caracterização das Habilidades (conclusão).

<i>Cronograma</i>	Efetuar uma lista das tarefas que deverão ser executadas e o período de tempo. As tarefas listadas devem atribuir um grau de prioridade e ponderação entre o que será executado de imediato e o que pode esperar. Distribuir as horas para cada atividade com equilíbrio do tempo de forma eficaz para concretizar as tarefas estabelecidas.
<i>Autoavaliação</i>	Fazer a análise sobre o estado psíquico e físico para a execução das tarefas, aferindo uma reflexão sobre a produtividade e avaliando se os objetivos foram alcançados. Questionar se a definição das prioridades foi a mais correta, e a satisfação com as escolhas efetuadas. Determinar o valor e o alcance das metas e objetivos estabelecidos. Em função dos resultados desta reflexão ajustar os objetivos e metas para uma boa gestão do tempo e sucesso nos estudos.

Fonte: Elaborado a partir das interações dos Estudantes no Fórum Ser Estudante *Online*, e nos E-fólios finais, MAO-UAb, 2014/2015).

As questões que habitaram a viagem, por uma rota ainda a ser conhecida, fizeram com que os praticantes culturais fossem misturando vozes para dizer o que lhes permitiria fazer a gestão do tempo para estudar *online*, as quais desdobraram-se em diversos temas, conforme apresento no quadro:

Quadro 23 – Parâmetros de Gestão do Tempo (continua)

Parâmetros da Gestão do Tempo	Recorte da fala dos praticantes culturais (O que dizem)
<i>Autodisciplina</i>	Não deixar para fazer as coisas em cima da hora. Ter força de vontade, rigor com o tempo e cumprir prazos
<i>Prioridade</i>	Manter a ordem das atividades, das mais urgentes às menos importantes
<i>Organização</i>	Rever prioridades e urgências
<i>Diligência</i>	Administrar o tempo

Quadro 23 – Parâmetros de Gestão do Tempo (conclusão).

<i>Desafio</i>	Não adiamento das atividades acadêmicas em função das demais (família, trabalho, etc.)
<i>Conciliação de atividades</i>	Traçar objetivos e metas distintas a serem executadas ao mesmo tempo
<i>Proatividade</i>	Estabelecer calendário e agenda autonomamente
<i>Investimento</i>	No tempo intensivo para não alterar o objetivo principal
<i>Equilíbrio</i>	Para melhor gerir o tempo, deve-se manter o equilíbrio entre diversas atividades
<i>Objetivos definidos</i>	Saber discernir o que se quer obter
<i>Prazos</i>	Estabelecer datas e cumprir com rigor
<i>Ritmo</i>	Alternar atividades em tempos fortes e fracos
<i>Avaliação</i>	Determinar o valor e o alcance das metas e objetivos estabelecidos quanto ao tempo

Fonte: Elaborado a partir das interações dos Estudantes no Fórum Ser Estudante *Online*, e nos E-fólios finais, MAO-UAb, 2014/2015).

As artes de fazer com o cotidiano relacionadas à gestão do tempo, destacadas nos discursos dos praticantes culturais, foram partilhadas nas interfaces do MAO também com situações de acolhimento, ambientação, integração e orientação aos estudos *online*, para fazer uso não somente durante o percurso, mas também ao longo dos cursos que iriam frequentar na instituição. As ansiedades e dificuldades com o pouco tempo de desenvolvimento do módulo e a organização das atividades acadêmicas se misturavam com as questões pessoais que começavam a se acumular com o final dos prazos, justificadas pelo excesso de trabalho, viagens profissionais, falta de fluência na língua portuguesa, dentre outros.

A consciência da necessidade de fazer autogestão do tempo e autodireção pessoal no processo de ensino e aprendizagem com o uso de mídias digitais (MD) envolveu diversos aspectos, conforme as vozes dos praticantes culturais, e evidenciam que, para ser estudante *online*, aprender e desenvolver competências específicas para atuar no mundo digital, se faz necessário antes desenvolver competências relacionadas às atividades realizadas *offline*, as quais estão inter-relacionadas nas

práticas culturais cotidianas. Isso torna claro que para este saber-fazer é importante se ter iniciativa, adaptabilidade e flexibilidade (Okada, 2010), dentre outros aspectos dos LD.

O modelo acadêmico adotado na Europa é o de abordagem por competências, no qual a UAb está inserida. E este modelo tem como base uma aprendizagem centrada no estudante (previsto no MPV da UAb), que o concebe como sujeito ativo, que constrói seu conhecimento, empenha-se e compromete-se com o seu processo de aprendizagem, cabendo a ele fazer a gestão do seu tempo, a monitoração e definição de suas metas de aprendizagens, o planejamento do percurso de estudos, a formação de comunidades de aprendizagens, etc. (PEREIRA *et al*, 2007). A questão relacionada à colaboração em comunidades de aprendizagem, embora envolva aspectos pessoais como exercer liderança e saber trabalhar em equipe, discuto mais adiante no interior de outras competências e dimensões dos LD.

As competências previstas para esta etapa dos estudos, que visam “desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal”, foram trabalhadas na ambiência durante o MAO, com respostas positivas pelas fabricações dos praticantes culturais na construção inicial de suas identidades como estudantes *online*, em forma de textos nos fóruns e nos e-fólios finais. Os estudantes demonstram as suas compreensões e apropriações sobre o tema, suas contribuições para iniciar o percurso e posteriormente continuar os estudos em seus respectivos cursos, como estudantes da UAb, viajantes sem temor, com lemes e olhar profundos como os lastros.

4.3.2 Estudar na UAb – “À distância, mas presentes em um clique”: “*Transitando por entre Ondas*”

*Há mares que ela não cruza
Por não ser eu a estar lá
É de mim que ela precisa
Para lhe dar o que não quer
Talvez lhe mostre caminhos
Onde se queira perder.
(Tiago Bettencourt).*

Figura 12 – Tópico 4 – Estudar na UAb.

Fonte: <http://elearning.uab.pt/>.

Estudar na Universidade Aberta (UAb): este foi o tema que nos levou à leitura de documentos para a compreensão de como se daria o percurso de aprendizagens como estudantes *online* na universidade, praticantes culturais no MAO, tendo em vista que os processos de comunicação durante a formação ocorreriam virtualmente. Esta temática se organizou conforme apresento a seguir:

Tema 3 – Estudar na UAb

Aplicação do Modelo Pedagógico Virtual (MPV)

Normas a observar: Regras de Etiqueta *Online*

Fórum: Aprender na UAb

E-fólio: O que aprendi

Questionário Final (avaliação)

Competências: Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual; Desenvolver competências de comunicação e de comunicação *online*;

Como praticantes culturais em formação, fomos levados a pensar em questões como: (1) “Qual a vantagem da existência, em cada Unidade Curricular (UC), de um Plano da Unidade Curricular (PUC)?”; (2) “Quais aspectos você acha importante serem considerados ao fazer a opção da modalidade de avaliação?”; (3) “A comunicação em ambiente virtual é diferente da comunicação presencial? Quais são as grandes diferenças?”; (4) “Como usar os fóruns moderados pelos estudantes de forma a auxiliar o percurso individual de cada um?”.

Para nortear a nossa reflexão, as leituras indicadas foram: “A Aplicação do Modelo Pedagógico e Virtual (MPV) da UAb ao primeiro

ciclo de estudos; Questões Éticas e Referências Bibliográficas”, bem como o “Kit do Estudante Virtual”, com materiais relacionados à temática em estudo, disponível no site da universidade para que se possa compreender o seu MPV.

De acordo com este modelo e com os princípios que o fundamentam, o ensino e a aprendizagem na Universidade Aberta assumem as características típicas do ensino *online*, recorrendo de modo sistemático e permanente à comunicação mediada por computador, podendo o estudante aceder a partir de qualquer lugar e a qualquer momento às atividades letivas. (Aplicação do MPV, MAO, UAb, 2014/2015, p. 2).

Este documento contempla as orientações para a aplicação do MPV, como: (1) A organização do ensino e aprendizagem; (2) As atividades de ensino e aprendizagem; (3) Avaliação das aprendizagens (Aplicação do MPV, MAO-UAb, 2014/2015, p. 3-11).¹⁶

O objetivo desta etapa dos estudos foi de contribuir para a formação de competências como:

- a) usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho);
- b) desenvolver competências de comunicação *online* (aplicar as regras de etiqueta *online*, fazer uma apresentação *online*, participar numa discussão *online*, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão);
- c) aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa consulta *online*);
- d) desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas. (PUC, MAO, UAb, 2014/2015).

O estudo de Souza e Amante (2015) sobre a percepção dos estudantes que frequentaram pela primeira vez um curso *online* através do MAO/2014/15 apontou a necessidade de delinear outras dimensões e categorias de análise, para além das já previstas pela UAb, de acordo

¹⁶ (Disponível em: <http://www.uab.pt/web/guest/estudar-na-uab/estudante>)
Acesso em: 14 fev. 2016.

com as características e domínios das competências a desenvolver nesse processo, com foco nas literacias digitais, para contribuir com propostas e práticas de formação em cursos *online* na universidade, diminuindo a distância entre a cultura de participação dos estudantes na cibercultura e a formação oferecida, no que se refere à dimensão social e pedagógica dos letramentos digitais (LD).

E para cruzar mares, buscando outros caminhos, nos itens a seguir discuto o modo como tais questões se apresentaram em nossas operações como praticantes culturais durante o desenvolvimento do MAO, no sentido de estudar e aprender na UAb.

4.3.2.1 Comunicação Virtual e Comunicação Presencial – “Em qualquer lugar e em diversos tempos”: “Outras Praias e Mares”

*Del barco que yo tuviera
serías la costurera.*

*Las jarcias, de seda fina;
de fina holandá, la vela.*

(Marinero em Tierra, Rafael Albertí).

A comunicação em ambiente virtual é diferente da comunicação presencial? Quais são as grandes diferenças? Essa foi a pergunta que nos foi feita no fórum para o início do diálogo entre os praticantes culturais.

A comunicação virtual no MPV da UAb é multidirecional, entre estudante-professor e estudante-estudante (comunicação um-para-um, um-para-muitos e muitos-para-muitos), e as posturas pedagógicas adotadas levam o estudante a participar ativamente nesse processo, para o desenvolvimento de competências metacognitivas - aprender a aprender - e a adotar atitudes construtivas de autorrealização para a aprendizagem autônoma em interação com o contexto de grupo (PEREIRA *et al*, 2007).

No processo de se comunicar virtualmente, sem a presença física do outro, são colocados em operação outros recursos para dar sentido às interações e aos diálogos, pois “começa a ficar evidente que ‘toque’ e ‘contato’ não se referem apenas à pele, mas ao jogo recíproco dos sentidos: ‘manter contato’ ou ‘estabelecer contato’ é algo que resulta do encontro frutífero dos sentidos” (MCLUHAN, 1969, p. 80).

Fomos convidados a discutir sobre a comunicação em contexto presencial e virtual, destacando suas semelhanças e diferenças. Os diálogos e interações dos praticantes culturais evidenciaram aspectos interessantes que apresento no quadro a seguir:

Quadro 24 – Comunicação Presencial e Comunicação Virtual: semelhanças e diferenças (continua)

Comunicação presencial	Comunicação virtual
<p>Pressupõe a presença física das pessoas. Fazer deslocamentos e atrasos por conta do tempo (trânsito, acidente, falha de transportes etc.). Estabelecer contacto pessoal que é muito agradável.</p>	<p>Ausência de presença física das pessoas. “À distância, mas presentes em um clique”. Diminuir as distâncias físicas. Capacidade de tornar o longe mais perto e o impossível, possível pelo virtual. Estudar usando os recursos tecnológicos e virtuais disponíveis a qualquer hora e lugar. Permite tornar as pessoas presentes pela imagem e pelo virtual. Não há fronteiras geográficas. Requer autodisciplina para estar conectado virtualmente. Contatar com as pessoas distantes a qualquer hora e lugar.</p>
<p>Estar presente fisicamente em local (espaço) determinado e horário rígido.</p>	<p>Exige atenção aos tempos de recepção/resposta da informação. Fazer a gestão do tempo tanto na esfera pessoal, profissional e de estudante. Risco de deixar as tarefas para o dia seguinte (procrastinação). Permite conciliar com os horários laborais. Gerir o tempo em função dos objetivos, estudos, vida particular e profissional.</p>
<p>Esclarecer dúvidas (comunicação) na hora em que surgem.</p>	<p>Contar com apoio e suporte <i>online</i>. Comunicação assíncrona possibilita o diálogo conciliado a outras atividades da vida. Partilhar e ampliar uma discussão <i>online</i>.</p>
<p>No uso da linguagem conseguimos analisar olhar, sorriso, tom de voz, expressão facial e as emoções. (continua)</p>	<p>Não temos a linguagem corporal, tom de voz, expressão facial, olho no olho etc. Pode ser um excelente auxiliar de registro da memória escrita. Objetividade e atenção a regras na escrita das mensagens. Expressar melhor a opinião sem a presença física do outro.</p>

Quadro 24 – Comunicação Presencial e Comunicação Virtual: semelhanças e diferenças (conclusão).

<p>Adequação do discurso à situação. Linguagem mais personalizada.</p>	<p>Possibilita recorrer a símbolos para expressar sentimentos e emoções. Comunicação síncrona aproxima as pessoas e possibilita a mensagem instantânea. Intermitente e com diferença temporal. Exige sensibilidade e brevidade na fala. Exige uma linguagem clara, concisa e assertiva. A língua estrangeira (português) apresenta alguma dificuldade. Contato com pessoas de diferentes faixas etárias, culturas e vivências.</p>
--	--

Fonte: Elaborado com base nas interações dos estudantes no Fórum Estudar na UAb e nos E-fólios finais, MAO-UAb, 2014/2015.

Para além das semelhanças e diferenças, os praticantes culturais destacaram aspectos fundamentais nesse processo, ressaltando que:

A comunicação virtual, para o nosso caso, pode se definir como o processo que ocorre quando o professor e o aluno estão separados em relação ao tempo e ao espaço e a medida didático-pedagógica ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, desenvolvendo actividades educativas em qualquer lugar e em diversos tempos. Vou dar o meu exemplo: neste momento estou a seis horas a mais que a Europa e mesmo assim sinto que não terei dificuldades, porque esse tipo de comunicação me faz sentir como se estivesse no mesmo horário dos demais (L. L, Aprender na UAb, estudante, MAO-UAb, 2014/2015).

A “falta” de contacto humano (da comunicação virtual) é compensada pela interação nos chat's, fóruns, e-mail's... tudo isso vai enriquecendo o processo relacional de pessoas com o mesmo interesse, mas com diferentes visões e localizadas em distintas regiões e distintos países. (N. S, estudante, Fórum Ser Estudante Online, MAO, 2014/2015).

Essas falas mostram a compreensão dos praticantes culturais de que, na universidade, os espaços de formação por processos virtuais podem ser concebidos também como uma estrutura social baseada em redes (Castells, 1999), pois os ambientes virtuais de ensino e aprendizagem operam com mídias digitais (MD) em redes de computadores ligados à internet, os quais geram, processam e distribuem informações pelos nós dessas mesmas redes, que transcendem fronteiras e alteram os códigos para se comunicar, a distância e a qualquer hora, nas práticas sociais diárias.

Esta é a percepção da monitora M.A.R. sobre como os praticantes culturais percebem as diferenças entre o presencial e o *online*:

Eles desenvolvem a consciência de que o ensino *online* não é igual ao presencial. Agora, há muitos que vão com alguma esperança de que, não sendo igual, será mais fácil, porque usa-se a internet, e os e-fólios estão em espaços que não podem ser vigiados e controlados; não é pelas competências digitais que eles pensam ou temem que será diferente ou mais difícil de atingir as competências educacionais e os objetivos de cada unidade curricular. (M.A.R., entrevista, monitora, MAO-UAb, 2014/2015).

As competências digitais relacionadas ao uso de MD definidas pela UAb como proficiência para usar instrumentos de comunicação em ambientes virtuais (abrir documentos, colocar e responder a mensagens em fóruns, enviar ficheiros e documentos, submeter um trabalho etc.), estão relacionadas à dimensão funcional (técnico operacional) dos LD, para saber fazer uso competente de TIC (Selber, 2010) e como conhecimento prático para o uso de meios, recursos e ferramentas digitais (MOREIRA, 2010).

Estas competências relacionam-se ao princípio da inclusão digital no MPV da UAb, entendido como espaço de promoção do acesso e uso das redes virtuais no sistema de comunicação mediado pelo computador e internet, contribuindo com a construção da sociedade do conhecimento e com a promoção de estratégias educativas para o desenvolvimento da literacia digital dos estudantes (PEREIRA *et al*, 2007).

Quando a questão de acesso a computador e internet para a comunicação virtual fica restrita a cada um dos praticantes culturais em seu contexto social, transforma-se em limitação ou dificuldade relacionada à dimensão individual, como diz A.C. E. Uma vez sendo os

participantes de diferentes países, a questão do uso da língua portuguesa também denota o “lugar” de uso e marca as diferenças culturais que também evidenciaram-se como uma dificuldade para alguns, uma vez que são praticantes culturais dos mais distintos lugares.

O virtual está totalmente dependente de nós (na gestão de tempo), totalmente individual (nas imposições de horários) e da nossa condição (ligação à internet). Encontrando-me a maior parte do tempo em Angola, não me posso esquecer que nem sempre as comunicações de telemóveis e internet funcionam. (A.C, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

Outras questões foram evidenciadas nas vozes dos praticantes culturais, sobre as diferenças entre a comunicação presencial e a virtual, como o tempo e o espaço da comunicação, que discutimos no tópico anterior. E também algumas questões de extrema relevância para a educação via ensino *online*, sobre a comunicação assíncrona e suas especificidades, que exige conhecimentos e habilidades para seu uso no processo de ensino e aprendizagem *online*, da qual irei tratar no próximo tópico.

Os praticantes culturais apontam para as diferenças que marcam a linguagem usada na comunicação presencial e em uma situação em contexto virtual. No virtual destacam que este pode ser auxiliar no registro da memória escrita, aproxima as pessoas pelos diálogos e interações, favorece a expressão de diferentes opiniões, possibilita mensagens instantâneas com diferenças espaço-temporal, possibilitando o contato com pessoas de diferentes idades, culturas e experiências. Estes aspectos discuto no próximo item, para que o barco continue a velejar por outras dimensões dos LD.

4.3.2.2 Comunicação Assíncrona – Diálogos, discussões e trocas de ideias: “Construindo Barcos”

*El rey del mar
Los marineros lo han visto
llorar por la borda, fiero.
¡Por las sirenas malditas,
matádmelo, marineros!
Que él quiere ser el rey del mar
y yo también quiero serlo.
(Marinero em Tierra, Rafael Albertí).*

A questão: “como usar os fóruns moderados pelos estudantes de forma a tirar partido para auxiliar o percurso individual de cada um?” deu o ponto de partida para os nossos diálogos no fórum realizado em um grupo de colaboração, para discutir sobre a interface de comunicação fórum e suas potencialidades na educação *online* e desenvolver a competência comunicacional de criar e compartilhar mensagens e informações em interações com outros (diversos tipos de mensagens, dispositivos e interfaces digitais com recursos verbal escrito, audiovisual, icônico, etc.).

Os fóruns podem ser usados como um importante espaço de comunicação para acompanhar avanços e dificuldades nas aprendizagens. Por se tratar de uma interface de comunicação assíncrona, que não é efetuada em tempo real e que se pode aceder a qualquer hora e em qualquer local, é um instrumento privilegiado para a flexibilidade na gestão do tempo de acesso *online*, promovendo diálogos, debates e trocas mútuas. O ponto forte do uso dos fóruns moderados pelos estudantes é a partilha de ideias, a ampliação da compreensão de conceitos e o apoio entre pares no processo de ensino e aprendizagem.

A competência de comunicação para fazer uma apresentação *online*, participar numa discussão *online*, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão em fóruns está relacionada ao primado da flexibilidade no MPV da UAb e pressupõe que os praticantes culturais podem aprender onde e quando quiserem, em qualquer lugar e tempo, fazendo a sua própria gestão espaço-temporal, usando a comunicação e a interação assíncrona, que não exige simultaneidade dos interlocutores, tendo como ponto forte a colaboração em grupos e o não isolamento intelectual e afetivo na educação *online* (PEREIRA *et al*, 2007).

Com a educação *online*, nos encontramos a distância, face a face, ou em situações híbridas pela mediação das interfaces digitais, os sujeitos em potência estão juntos e próximos, colaborando e compartilhando informações e conhecimentos por meio dos dispositivos de comunicação síncronas e assíncronas e de conteúdos hipertextuais disponíveis no ciberespaço, a partir do ambiente virtual de aprendizagem usado no processo formativo (SANTOS, 2006).

Os praticantes culturais reconheceram no fórum moderado por eles uma ferramenta importante para a comunicação na educação *online*, que favorece o contato com o outro distante física e temporalmente, como destaca S.F: “*a qualquer momento podemos deixar a nossa opinião, sabendo que fica lá registrada e assim que temos um*

bocadinho, podemos ir lá num instantinho" (S. F, Aprender na UAb, Online, MAO, 2014/2015).

No quadro a seguir apresento uma síntese das vozes dos praticantes culturais, sobre os fóruns moderados por estudantes. São temas levantados a partir das discussões feitas em grupos de colaboração e destacam características, condições e ações realizadas na comunicação assíncrona moderada pelos próprios participantes:

Quadro 25 – Comunicação Assíncrona (continua)

Fóruns Moderados pelos Estudantes	
<i>Características</i>	<p>O acesso pode se dar a qualquer hora e lugar e quantas vezes quiser;</p> <p>A linguagem deve ser clara e lógica para que a mensagem possa ter rapidez e fluidez;</p> <p>O registro escrito da comunicação é armazenado para consultas posteriores;</p> <p>Permite estruturar, organizar os “diálogos, discussões e trocas de ideias” dos vários participantes.</p> <p>A participação pode se dar de forma proativa e produtiva;</p> <p>A interação pode ser feita moderada pelos estudantes e/ou mediada pelo professor/formador;</p> <p>A aprendizagem é pautada na colaboração, na partilha de dúvidas, no debate de ideias, pontos de vista e opiniões;</p> <p>O conhecimento se constrói pela obtenção de informações decorrentes das trocas e contribuições e da reconstrução de uma ideia apresentada anteriormente.</p>
<i>Condição</i>	<p>Foco da discussão nos temas propostos para a sua atualização;</p> <p>Haja um número mínimo de participantes;</p> <p>Se faça a otimização de tempo do trabalho em grupo e aprendizagem colaborativa;</p> <p>Haja interação contínua entre estudantes e docentes;</p> <p>Seja mantido um nível de empenho e motivação entre os participantes;</p> <p>Se desenvolva competências de comunicação multiculturais;</p>

Quadro 25 – Comunicação Assíncrona (conclusão).

	<p>Se exerça a autonomia, a pesquisa, a análise e a síntese de ideias;</p> <p>Haja espaço para perspectivas e abordagens divergentes;</p> <p>Haja apoio mútuo e cumplicidade no processo de aprender.</p>
<i>Ações dos Participantes</i>	<p>Estabelecer a frequência e o horário de participação no fórum, garantindo um acesso e participação assíduos, para acompanhar com coerência os diálogos e saber a sua vez de intervir;</p> <p>O acesso deverá ser efectuado em condições propícias à assimilação da informação e à participação na discussão;</p> <p>Após leitura atenta e crítica dos contributos apresentados, participar trazendo valor acrescentado à discussão, através da introdução de novos pontos de vista, sempre de forma cordial e construtiva e com espírito de colaboração;</p> <p>Os contributos deverão ser encadeados de forma clara e lógica, respeitando os temas abordados;</p> <p>Pesquisar mais informações antes de responder, tornando a opinião mais consistente.</p> <p>Falar abertamente, com objectividade, respeitando sempre os colegas;</p> <p>Aprofundar os temas pela diversidade de questões e opiniões;</p> <p>Aprender aspectos novos ou partilhar informação com os colegas, ajudando-se mutuamente na aprendizagem;</p> <p>Criar laços de afetividade e amizade para tornar o percurso mais agradável e cativante;</p> <p>Ver o desenvolvimento dos colegas e consequentemente a perceber a sua própria aprendizagem.</p>

Fonte: Elaborado a partir das interações dos estudantes no Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015).

Esse fórum foi proposto pelo módulo e aberto pela monitora, mas a mediação foi feita pelos praticantes culturais (participantes) em ações que envolveram a discussão do tema proposto e a ampliação do debate

por meio de questionamentos e novas proposições feitas pelos próprios participantes. Esse modo de encaminhar a atividade merece destaque, pois é comum, até mesmo no Brasil, os fóruns serem conduzidos pela equipe de formadores, onde os estudantes postam suas contribuições sobre o tema, dúvidas acerca dos conceitos e conteúdos e esperam um retorno ou feedback dos professores, ainda que alguns colegas também se posicionem sobre o tema fazendo contribuições. De modo que a moderação feita pelos próprios estudantes contribui, como ressaltam os próprios praticantes culturais do MAO, para a participação proativa e produtiva, a colaboração, partilha de informação, autonomia, análise e síntese de idéias, aprofundamento dos temas em estudo, cooperação, além de facilitarem a aprendizagem e a construção de laços de afetividade e amizade.

Para os praticantes culturais, as competências de comunicação *online* relacionadas à proficiência para o uso de instrumentos de comunicação em ambiente virtual, vivenciadas durante o MAO, trouxeram pontos de vistas divergentes quanto aos conhecimentos e habilidades envolvidos nas operações com instrumentos de comunicação virtual, como participar de um fórum, que foi a temática em discussão, além de outras operações nos espaços de interação do MAO:

Quem é que nunca respondeu a uma mensagem num fórum *online* qualquer? Enviar ficheiros através de e-mail ou submeter um documento num site é também cada vez mais uma tarefa usual no nosso dia a dia. A participação neste módulo fez-me ter mais consciência dessas coisas. (L. F, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

As dificuldades que senti não foram ao nível funcional, mas sim em expor as minhas opiniões ou defender uma ideia num ambiente virtual. Cheguei rapidamente à conclusão que a minha maior dificuldade é a comunicação em si, participar numa discussão ou intervir. (S. C. S. B, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

Depois de feito o e-fólio final, onde o anexamos??? é que ainda não percebi essa parte☺...alguém que ajude sff... (A. C, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

Não poderia deixar de registrar que não participei das interações anteriores devido à impossibilidade

de acessar a turma do módulo de ambientação, durante vários dias, mesmo com o meu login de aluno ativo, por quais motivos técnicos realmente não sei responder. (H. C. estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

Tive alguma dificuldade em apresentar os trabalhos porque não consegui fazer a instalação do Word e consulta dos manuais Plano do Módulo de Ambientação Online, questões de ética, referencias e consulta de trabalhos na internet. (S. M. estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO, 2014/2015).

É possível situar as falas dos praticantes culturais em três tipos de situações: a primeira, que não encontrou nenhuma dificuldade com os usos das interfaces e recursos digitais do ambiente virtual por estar familiarizado com essa prática em situações cotidianas em redes sociais e outros meios; a segunda, que não teve dificuldades com operações funcionais, mas considera que precisa desenvolver a competência de comunicação *online* para apresentar um ponto de vista fundamentando numa discussão; e os três últimos, que precisam desenvolver a proficiência com o uso de recursos básicos do ambiente virtual como submeter um arquivo digital, fazer *login* para acesso à plataforma e fazer buscas de materiais na biblioteca digital do curso.

Estas operações envolvem competências de uso instrumental (técnico e operacional), como postar uma mensagem, usar um recurso visual, anexar um *link*, enviar um arquivo etc.; as competências de gestão do tempo, para saber que há prazos de início e de término das atividades que envolvem participação, interações e colaborações; as competências da comunicação em ambiente digital, como criar uma mensagem usando diversas linguagens, recursos e ferramentas; e as competências de comunicação *online*, como saber fazer uso de regras de etiqueta para a elaboração de mensagens escritas nas interações com os demais, etc.

No quadro abaixo apresento outras situações relacionadas às competências de comunicação e de comunicação *online* observadas nas interações entre os praticantes culturais no MAO:

Quadro 26 – Competências e Habilidades de Comunicação *Online* I (continua)

Competências MAO para Aprender na UAb: Desenvolver competências de comunicação <i>online</i> (fazer uma apresentação <i>online</i> , participar numa discussão <i>online</i> , apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão).	
Parâmetros das habilidades	Discursos dos Praticantes Culturais
<i>Autonomia e Assincronicidade</i>	Nós temos alunos que logo na apresentação escrevem: eu não tenho competências digitais, não sei trabalhar com o computador, mas espero ajuda e tenho vontade de aprender e no final dizem: agora já sei onde está tudo! É só clicar aqui, clicar ali e pronto! Isto é digital, mas as outras coisas são mais do que isso, para estudar <i>online</i> tem de saberem comunicar, saberem ser autônomos, tempo e assincronicidade. Eles dizem “estamos todos no mesmo barco temos que remar para o mesmo lado, se interagindo e a coisa vai” (M.J.S, monitora, entrevista, MAO-UAb, 2014/2015).
<i>Participar numa discussão online</i>	Aprendi a comunicar virtualmente, o que me permite desenvolver as competências de comunicação <i>online</i> , embora, ainda me sinta insegura em certos contextos, como por exemplo, a participação numa discussão de um determinado tema, num fórum (M. P. estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015).
<i>Apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão</i>	Por vezes não consigo aplicar toda a ética que seria de esperar para apresentar um ponto de vista e fundamentar uma discussão (M. P., estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015).
<i>Apresentar textos escritos (concordância, clareza e objetividade de ideias)</i>	Comunicação, essa ferramenta (fórum) é de extrema importância para o dia-a-dia no ensino a distância, quanto a escrita e concordância nos nossos textos e quanto a maneira de nos relacionarmos uns com os outros. Ao expressar de maneira clara e objetiva as nossas ideias.

Quadro 26 – Competências e Habilidades de Comunicação *Online* I (conclusão).

	A comunicação escrita nos dá a vantagem de podermos refletir e repensar aquilo que será exposto. O sistema fornecido é muito mais claro e fácil de ser utilizado, as ferramentas de suporte a informação são simples de serem utilizadas, o sistema também conta com a utilização de emails, caso queiramos falar com os professores de maneira privada (A. R. F., MAO-UAb, 2014/2015).
--	---

Fonte: Elaborado com base nas interações dos Estudantes no Fórum Aprender na UAb e nos E-fólios finais, MAO-UAb, 2014/2015.

Para a interação *online*, além das questões destacadas no quadro, o uso das linguagens, a leitura, a pesquisa de informações e a exposição de opinião para gerir a comunicação assíncrona possibilitada pelos fóruns, também foram enfatizadas pelos praticantes culturais, como forma de diálogo construtivo nas produções e aprendizagens:

Do fórum pode-se tirar o mesmo partido do que de um bom livro. Porque acontece, do mesmo modo, a leitura de uma outra opinião com outra visão para o mesmo assunto. Isso pode provocar em nós duas maneiras de lidar com o lido, opostas, mas ambas positivas: 1º - Aceitação do que lemos. Neste caso aprendemos com o colega algo novo ou acrescentamos uma informação adicional; 2º - Não aceitação, portanto, pensamos na razão que nos levou a negar certa opinião, pesquisamos mais sobre o assunto e refutamos o colega. De qualquer modo, o fórum torna-se sempre num meio para dialogar de forma crítica e construtiva. E independentemente das opiniões, será sempre algo produtivo. Para além disso, mesmo quando o tema do fórum tenha um carácter informal, é sempre bom conhecer a opinião dos colegas. Assim, na eventual dificuldade que possa surgir ao longo da aprendizagem, já não nos acanhemos tanto e sabemos que temos a quem recorrer (N. S, Fórum Ser Estudante Online, MAO, 2014).

Para além das possibilidades inerentes ao processo de comunicação assíncrona em grupos de colaboração, os praticantes culturais apontam as habilidades apreendidas com esta participação, para uso na ambientação *online*, tendo em vista que suas especificidades e finalidades são semelhantes ao uso que fazem cotidianamente em outras interfaces digitais, como em sites de rede social e outros.

Apreendi como tirar partido de um debate aonde os colegas colaboram e partilham todas as suas ideias sobre os temas propostos pela formadora. Nos seguintes fóruns, como fórum dúvidas e café virtual, que foram ferramentas que a nível de aprendizado foram muito práticas e essenciais para a ambientação *online*. No fórum de dúvidas, aprendi a expor e ser esclarecido sobre todas as dúvidas que surgissem ao longo dos temas discutidos nos outros fóruns. Já o fórum café virtual, este assemelha-se a outros grupos virtuais criados entre amigos, como o viber ou facebook, que já me são familiares, onde podemos falar de tudo um pouco, nos conhecermos trocarmos email, telefones etc. (L.L, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015).

Outro aspecto que fica evidente nas vozes dos praticantes culturais é a colaboração e compartilhamento de suas operações nos fóruns, em atitudes de participação e contribuição efetiva das suas fabricações ao longo do desenvolvimento das atividades. As noções de participação, interação, mediação e colaboração são relevantes quando se trata de comunicação com o uso de mídias digitais (MD) em educação *online*, pois professores-estudantes, estudantes-estudantes e todos-todos interagem entre si, com o meio físico e material (computador) e com o meio virtual (internet e plataforma de ensino *online*), em influência recíproca de intervenção e construção de sentidos nos processos de comunicação e aprendizagem. Houve também o reconhecimento da semelhança da comunicação em ambiente virtual na educação *online* com outras formas de comunicação do cotidiano que os participantes já usam, como o viber, facebook, emails, etc.

No item seguinte, apresento e discuto, com as vozes dos praticantes culturais, as especificidades da comunicação *online*, pois tenho sede de sair da ilha por caminhos em que a corrente das águas busca o mar.

4.3.2.3 Comunicação Online – “Netiqueta e Outros Valores: Águas Profundas”

*Tenho a sede das ilhas e esquecer-me ser terra
(...)Depois, não me ensines a estrada.
A intenção da água é o mar (...).
(Mia Couto).*

Após ler o documento sobre as “Questões éticas na aprendizagem online”, para auxiliar a nossa compreensão sobre as competências de comunicação *online*, surgiram questões voltadas para os valores éticos, democráticos e críticos do uso de mídias digitais (MD) nas interações sociais e acadêmicas. O documento nos foi esclarecedor também quanto ao uso de materiais digitais e a forma como tratar referências para não negligenciar regras para citação de fontes, de conceitos e ideias.

Tais aspectos foram observados pelos praticantes culturais como um conjunto de regras de etiqueta para se comunicar em contexto *online*, que não são separadas do uso que se faz destas linguagens e normas nas práticas ciberculturais cotidianas com o uso de *whatsapp*, *facebook* e outras interfaces digitais. Como diz M.S.G: “*no desenvolvimento de competências de comunicação, entre as questões importantes, figuram as aplicações das regras de etiqueta online, bem como outras regras de ética que devem ser respeitadas, na medida em que ajudam a orientar-nos na nossa acção diária*”. (M. S. G, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015).

Outros aspectos que surgiram no debate entre os praticantes culturais sobre as competências e habilidades de comunicação *online* e regras de etiqueta apresento no quadro a seguir.

Quadro 27 – Competências e Habilidades de Comunicação Online II (continua)

Competências MAO para Aprender na UAb
Desenvolver competências de comunicação <i>online</i> aplicar as regras de etiqueta <i>online</i> (fazer uma apresentação <i>online</i> , participar numa discussão <i>online</i> , apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão) (PUC-MAO-UAb, 2014/2015).

Quadro 27 – Competências e Habilidades de Comunicação *Online* II (continua)

Parâmetros das habilidades	Discursos dos Praticantes Culturais
<i>Regras para citação de fontes</i>	<p>A importância de se cumprir algumas regras éticas, por exemplo, sempre que se retirar um excerto de um livro, mencionar a fonte consultada. Esta experiência foi, de facto, muito boa, enriquecedora e essencial (E.A., estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p> <p>Aprendi que devemos sempre mencionar as fontes de pesquisas na qual nos baseamos para apresentarmos as nossas ideias sobre uma determinada questão a ser debatida. Tropecei no erro de consultar uma fonte e tirar alguns exemplos, mas, como não tinha noção do mal que fazia, nem sequer referenciei o site. Daqui para frente serei mais cauteloso (L.L, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p>
<i>Uso da Linguagem específica para comunicação online</i>	<p>Desconhecia algumas regras de etiqueta como a utilização de maiúsculas na linguagem para a comunicação <i>online</i>, pois esta deve ser de forma clara e assertiva para que não exista ambiguidades na interpretação (C.V, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p> <p>Inicialmente, há muita dificuldade de se comunicar pela escrita, não só esquecem formas tão simples como dizer: “olá, bom dia, obrigada”, portanto escrevem como se tivessem a escrever uma mensagem no telemóvel. A comunicação acontece sempre e exclusivamente de forma assíncrona, que engloba uma série de estratégias, desde um título sugestivo à mensagem, colocação de informações pessoais (o cuidado), resposta clara, simpática e motivadora (M.J.S, entrevista, monitora, MAO, 2014/2015).</p>
<i>Autoria</i>	<p>Relativamente a questões de ética, após a leitura do documento vou estar mais atenta ao modo de referenciar a pesquisa. Se nos identificamos com algo já publicado por alguém e queremos aplicar essa mesma ideia, é importante que a fonte de informação</p>

Quadro 27 – Competências e Habilidades de Comunicação *Online* II(conclusão).

	<p>esteja bem explicita, uma vez que a falta desse “detalhe” pode inviabilizar a classificação do trabalho, e sobretudo por uma questão de respeito pelo mentor da publicação (I.S, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p> <p>O problema não é utilizar determinado conteúdo como exemplo, ou mesmo base para sua própria teoria (tese ou dissertação etc.), mas apropriar-se deliberadamente de uma ideia sem qualquer menção ao autor, de forma técnica, como na referência bibliográfica, ou mesmo uma menção conceitual (H.C, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p>
<i>Plágio</i>	<p>A menção a fontes de pesquisa e fontes de informação é de extremo valor; para melhor exemplificar: a reputação de um profissional pode ser exposta em jogo por uma acusação de plágio em trabalho acadêmico! (A.F, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p> <p>Tenham o cuidado de, quando utilizarem material que se encontra na internet, referenciar devidamente em seus textos. Neste caso colocar entre aspas o texto, o formatar em itálico e enunciar o link. (M. J. S, monitora, entrevista, MAO, 2014/2015).</p>
<i>Recriação</i>	<p>A criatividade é, do meu ponto de vista, um processo cumulativo, isto é, a partir de algo produzido anteriormente acresce-se o que trazemos de novo - um novo aspeto qualitativo ou quantitativo, uma nova percepção, uma nova ideia, um complemento, um acréscimo. Portanto, não há nada de errado em, a partir de outros trabalhos (precursores no assunto), usa-los como referência ou contrariar essa perspectiva, para a partir dela criar algo de novo. A questão ética central é fazer-lo reconhecendo que o nosso contributo releva, respeita e relativiza outros trabalhos e os seus autores (V. M, estudante, Fórum Aprender na UAb, 2014/2015).</p>

Fonte: Elaborado a partir das interações dos Estudantes no Fórum Ser Estudante *Online*, e nos E-fólios finais, MAO, 2014/2015).

As competências de comunicação *online* previstas pela UAb e pelo módulo, mobilizadas nas operações dos praticantes culturais, no contexto dos LD é uma importante dimensão a ser trabalhada, a dimensão axiológica (MOREIRA, 2010) que envolve valores éticos, respeitosos, democráticos e críticos no uso das MD para as interações na comunicação *online*.

As diversas temáticas relacionadas às regras de etiqueta *online*, como a autoria, citação de fontes, plágio, recriação de textos, e linguagem específica para interação *online*, destacadas no quadro, mostram que os praticantes culturais se envolveram com o tema e trouxeram situações vivenciadas no cotidiano, mas que, segundo eles, algumas vezes passavam despercebidas. A partir dos estudos na ambientação *online*, como disse A. C, “*começa a ser levantado o véu*” (A. C, estudante, Fórum Estudar na UAb, MAO-UAb, 2014/2015), no sentido de começar a aclarar aspectos importantes da comunicação *online*, que desconheciam até aquele momento. E M.A.R. esclarece,

Fazemos isso em ato contínuo, para a heterogeneidade de público que nós temos. Aquilo que está na MAO é o ideal, está no meio, não tem demais e nem de menos, abre portas para fazermos mais investigações. Criamos neles a percepção de que temos que pesquisar, procurar, damos links, normas APA, “etiqueta e outros valores” e eles têm que partir à busca. (M.A.R, monitora, entrevista, MAO, 2014/2015).

Estas práticas estão relacionadas ao primado da interação, previsto no MPV da UAb, em que o processo de ensino e de aprendizagem deve ser planejado e desenhado para contemplar estratégias que levem os praticantes culturais para o envolvimento com o outro e com grupos de discussão virtual, pela comunicação síncrona e assíncrona, efetivada pela interação escrita, potencializando a capacidade de reflexão crítica e que contém três aspectos: tipo de mensagens públicas feitas pelo professor na classe virtual; modelação feita pelo professor no contexto da interação; e contribuição à redução do isolamento (PEREIRA *et al*, 2007).

Para os aspectos relacionados especificamente à linguagem para contextos virtuais, na ausência da linguagem corporal, tom de voz, expressão facial, olhar face a face, os praticantes culturais destacam que esta forma de linguagem exige objetividade, brevidade, clareza,

assertividade e atenção às regras para a escrita de mensagens, recorrendo a símbolos para expressar sentimentos, emoções e marcas na fala. Nesse tipo de comunicação há diversos aspectos a considerar: do ponto de vista sociocultural da linguagem, espaço-temporal, simbólico e significados das práticas sociais (BAKTHIN, 2011); das marcas da fala nos diálogos *online* (MARCUSCHI, 2006) que podem ser verbais - “*para mim*”, “*ainda estou a descobrir*”, “*pois eu acho*”, “*num bocadinho ou num instantinho*”, “*por mim*”; não lexicais - “*ah*”, “*eh*”, “*ahan*” etc.; verbais e não-verbais “... *pensava que os estudos online eram mais fáceis e acessíveis...* 😊” (P.S, estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015); não verbais (olhar, riso ;) **:D**; e supra-segmentais - pausas, tons, ritmos, elipses, hesitações e ênfases, observadas em chat, hangout e outros que permitem maior proximidade com a oralidade.

Este aspecto foi um novo aprendizado para alguns praticantes, pois, como diz P.S, “*temos de experimentar coisas diferentes na vida :P*” (P. S. estudante, Fórum Aprender na UAb, MAO-UAb, 2014/2015). Esta é uma habilidade de saber fazer a adequação da linguagem ao contexto e situação de uso, pois usar onomatopéia (*emoticons*) e oralizações (abreviações, gírias ou ênfases para marcar tom de voz, estado de humor, hesitação, pausa) e outras marcas próprias da comunicação síncrona em um artigo ou texto acadêmico demonstraria inadequação da linguagem que aquela produção textual exige. Junto ao processo de convergência de mídias, abre-se um leque para a diversidade de linguagens (verbal, sonora e visual) que se desdobram em outras formas de linguagens, signos, gêneros textuais, hipertextos etc., (SANTAELLA, 2005), em uma ampla rede de sentidos polifônicos e multiformes (BAKTHIN, 2011), para produções e fabricações dos praticantes culturais.

Para quem está imerso no mundo acadêmico de produção científica e de uso das diversas linguagens em interações virtuais, tais informações são familiares, mas para os praticantes culturais do MAO, naquele momento de formação, foram orientações fundamentais para as suas práticas de aprender na UAb, para serem estudantes *online*. Esta questão específica do uso da linguagem em ambiente *online* é uma dimensão fundamental dos LD a ser trabalhada em ambientação *online* e contribui para criar textos e mensagens usando diversos recursos e gêneros digitais (MOREIRA, 2010). Embora, M.A.R. já tenha nos esclarecido que muitas questões relacionadas às literacias digitais são

feitas no decorrer das demais unidades curriculares da UAb, devido à limitação de tempo do módulo de ambientação *online*.

No próximo item destaco os principais aspectos levantados nas operações e práticas compartilhadas com os praticantes culturais no MAO, na intenção de aproximar ainda mais o diálogo entre as competências previstas pela UAb para o desenvolvimento de literacias e as dimensões de LD levantadas neste estudo, para assim reunir elementos que contribuam com a elaboração de indicadores para uma proposta teórico-metodológica na perspectiva das práticas de letramentos digitais (PLD) e dos eventos de letramentos digitais (ELD), para continuar a rota de aprendizagens pelo mar dos LD.

4.4 OPERAÇÕES E FABRICAÇÕES CULTURAIS – Perspectivas às PLD e aos ELD: “*Quebrando Ondas*”

Em nós, a existência é um mar; a vida uma gota de água.
(Teixeira de Pacoaes).

Ao voltar o olhar para as operações dos praticantes culturais no percurso de formação no MAO, levei em conta os processos de interação e mediação, as competências previstas no Módulo de Ambientação *Online* (MAO) e a sua possível correspondência com os letramentos digitais (LD) destacados no decorrer deste estudo. Com isso elaborei o quadro a seguir para a visualização e correspondência.

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

O MAO COMO UM ELD
Módulo Prévio a todos os estudantes Duração de duas semanas Oferta gratuita Frequência obrigatória Componente curricular prático Formação de competências

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

Domínio ou esfera da atividade (dentro da qual o evento acontece com sentido e propósitos sociais)	Universidade - ambiente e circunstâncias físicas, virtuais e materiais imediatas em que se dá a interação entre os praticantes culturais
Participantes (praticantes culturais)	Estudantes, professores e outros praticantes culturais ocultos ou grupos envolvidos nas relações sociais de compreensão, de produção e de distribuição com mídias digitais (MD)
Princípios teórico-metodológicos norteadores da concepção e das práticas	Modelo Pedagógico e Virtual (MPV) Plano de Unidade Curricular (PUC)
“(…) É um modelo centrado no desenvolvimento de competências com recurso integral aos novos instrumentos de informação e comunicação” (PEREIRA et al, 2007, p. 8).	
Linhas de força da Educação a Distância na UAb	O que as linhas de Força norteiam na ação pedagógica da universidade
<ol style="list-style-type: none"> 1. A aprendizagem centrada no estudante; 2. O primado da flexibilidade; 3. O primado da interação; 4. O princípio da inclusão digital. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A organização do ensino 2. O papel do estudante 3. O papel do professor 4. O planejamento 5. A concepção e a gestão das atividades de aprendizagens 6. A tipologia de materiais a desenvolver 7. A natureza da avaliação das competências adquiridas
Estruturação: conteúdos, temas, metodologia, avaliação etc.)	Plano da Unidade Curricular (PUC) e Plano das Atividades Formativas – (PAF) que orientam as operações dos praticantes culturais
Suporte Material	Plataforma de ensino online (Moodle) e suas interfaces

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

Artefatos culturais materiais envolvidos na interação		Mídias digitais, códigos, gêneros digitais e linguagens das interfaces da plataforma virtual (webmail, fóruns, chat, e-fólio, wiki e outros)	
Evento de Letramentos Digitais MAO e LD mobilizados Planejadas e estruturadas para orientar as ações de ensino e aprendizagem dos praticantes culturais			
Tema 1 - Familiarização com o ambiente online		Tema 2 - Ser estudante online	Tema 3 - Estudar na UAb
Dimensão dos LD	Competências previstas no MPV para o MAO, ao final do módulo o estudante deverá ter:	Competências previstas no PUC MAO, ao final do módulo o estudante deverá saber:	Dimensões, identificadas em modelos teóricos relacionados com competências digitais ou LD
Autogestão e autodireção		Desenvolver competências de gestão do tempo online e de organização pessoal.	Colaboração-comunicação – trabalho em equipe, gestão colaborativa – liderança, responsabilidade social e pessoal, flexibilidade e adaptabilidade (Okada, 2014).
Instrumental (técnico e operacional)	Adquirido competências no uso dos recursos tecnológicos disponíveis neste ambiente online (saber-fazer);		

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

		Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho).	<p><i>Dimensão instrumental</i> – tecnologias da informação e comunicação como ferramentas e indivíduos como utilizadores competentes (Selber, 2004)</p> <p><i>Dimensão instrumental</i> – o conhecimento prático, saber usar meios, recursos e ferramentas digitais (Moreira, 2010).</p>
<i>Comunicacional</i>	Demonstrado competências de comunicação da presença social através da interação em contexto informal;		<p><i>Dimensão comunicativa</i> – a criação de textos de diversa natureza (hipertexto, audiovisual, icônico, tridimensional etc..), sabendo difundi-los em meios e suportes para comunicações fluídas e interações pessoais (Moreira, 2010).</p>

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

<i>Comunicação Online</i>	Aplicado às regras de convivência social específicas da comunicação em ambiente <i>online</i>	Desenvolver competências de comunicação <i>online</i> (aplicar regras de etiqueta <i>online</i> , fazer uma apresentação <i>online</i> , participar numa discussão <i>online</i> , apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão).	<i>Colaboração-comunicação</i> – trabalho em equipe, gestão colaborativa – liderança, responsabilidade social e pessoal, flexibilidade e adaptabilidade (Okada, 2014).
<i>Informacional</i>	Aplicado às competências gerais de uso da Internet (comunicação, pesquisa, gestão e avaliação de informação) e no ambiente virtual (uso do e-mail, saber trabalhar em grupos <i>online</i> , saber-fazer pesquisa e consulta da informação na internet);	Aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão, e-fólio, participar numa <i>consulta online</i>).	Empodera as pessoas de todos os estilos de vida a procurar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingirem suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais (AMI, UNESCO, Wilson, 2013).

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

<p><i>Social</i></p>	<p>Adquirido confiança e competências de socialização <i>online</i> (formal e informal) nas diferentes modalidades de comunicação disponíveis no ambiente virtual (saber-relacionar-se);</p>	<p>Habilidades de usos culturais para reconhecer aspectos simbólicos ou persuasivos das MD, as dimensões emocionais dos usos e interpretações e representações do mundo e a sua relação com as formas sociais, políticas e econômicas mais amplas. Avaliação crítica da informação formulada na ideologia, levando em conta o contexto político, econômico e social que molda e adapta textos e informações a diferentes propósitos sociais para transformar em conhecimento (Bukingham, 2010).</p>
----------------------	--	---

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (continua)

<i>Interação e trabalho colaborativo</i>	Adquirido competências em diferentes modalidades de aprendizagem e trabalho <i>online</i> : a) independente; b) colaborativa; c) a pares; d) com apoio de recursos).		<i>Dimensão axiológica</i> – os valores éticos, respeitosos, democráticos e críticos no uso das tecnologias digitais e interações sociais (Moreira, 2010).
<i>Cognitiva</i>		Desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas.	<i>Dimensão cognitiva</i> – a aquisição de conhecimentos e habilidades específicas (buscar, selecionar, analisar, compreender e recriar a informação) pela ativação de operações de alto nível (síntese, comparação, análise discriminativa, reflexão, reelaboração, apropriação e reconstrução pessoal do conhecimento) (Moreira, 2010).

Quadro 28 – Eventos de Letramentos Digitais (ELD) (conclusão).

<i>Linguística</i>	Interação pela linguagem escrita com marcas da fala específicas dos diálogos online, textualidade híbrida e multimodal que a plataforma possibilita, assim como em espaços virtuais como o facebook, whatsapp, etc., que se faz uso no cotidiano e que se traz para as práticas acadêmicas (MAO, UAb, 2015).
<i>Intercultural ou Multicultural (Rojo, 2009)</i>	Trocas culturais entre estudantes de diversos países e que nem sempre têm o domínio suficiente da língua portuguesa, feita pela comunicação entre os grupos e em espaço social da universidade. Pode ser entendido como uma triangulação entre cultura local, global e valorizada que pode contribuir para a formação de cidadão ético, democrático, crítico e isento de preconceitos, disposto a ser multicultural em sua cultura, marcadas pelas diferenças socioculturais.
<i>Sensório-motor-digital</i>	Capacidade de coordenar e manipular interfaces e postura corporal-cinestésica frente a câmeras de captura de movimento reconhecimento facial.

Fonte: Organizado com base no MPV-UAb; PUC-MAO-UAb 2014/2015, PEREIRA *et al* (2007, p. 23-24) e Souza; Spilker e Amante (2015) e outros estudos.

Conforme o quadro acima, concebi o MAO sob o viés de uma prática de letramentos digitais (PLD) e como um evento de letramento digital (PLD) que acontece no interior de práticas mais amplas na universidade, e também por sua constituição, características e contribuições para delinear indicadores que podem contribuir para uma proposta teórico-metodológica que possa ser aplicada no contexto educativo brasileiro.

Conforme o conjunto de princípio previstos no MPV da UAb: a aprendizagem centrada no estudante; o primado da flexibilidade; o primado da interação; e o princípio da inclusão digital, em consonância com as competências para *Estudar na UAb* e para *Ser um Estudante Online* e os conhecimentos mobilizados durante as atividades da formação no MAO, relaciono-as às seguintes dimensões dos LD:

- a).*funcional* - ter proficiência em instrumentos de comunicação em ambiente virtual;

- b).*pedagógica* - usar instrumentos relativos ao modelo pedagógico virtual da universidade;
- c).*comunicacional e de comunicação online* - se comunicar *online* usando regras de etiqueta, fazer apresentação *online*, participar de discussões, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão;
- d).*informacional* - fazer buscas e consultas de informação na internet;
- e).*autogestão e auto direção* - gestão do tempo *online* e de organização pessoal;
- f).*cognitiva* - reflexão sobre aprendizagens realizadas.

Além destas competências, que são previstas pela UAb e desenvolvidas durante o MAO, percebi que outras dimensões dos LD foram mobilizadas nas práticas (operações) dos participantes (praticantes culturais) por meio das interações feitas e se configuram em conhecimentos e habilidades importantes de serem trabalhadas no âmbito de cursos *online*, quais sejam:

- a) *social* - a sociabilidade possibilitada pelo café virtual e pela rede social acadêmica – SOL, reforçando a proximidade, os debates, as conversas livres e a construção de laços de afetividade e amizade, semelhantes ao que se fazem em sites de redes sociais como viber, facebook, whatsapp, contribuindo para a integração, a motivação para o exercício da autonomia realizados nas orientações feitas pela monitoria durante o percurso;
- b) *linguística* – as interações feitas pela escrita em situações de comunicação assíncronas que requer o uso de uma linguagem híbrida (visual, sonora e verbal), com marcas da oralidade, da gestualidade, da escrita e do digital, ressaltando aspectos socioculturais da linguagem, espaço-temporal, simbólico e de produção de sentidos nas práticas sociais;
- c) *intercultural* – os estudantes oriundos de diversos países que nem sempre têm o domínio suficiente da língua portuguesa interagem entre si cooperando mutuamente, fazendo trocas de experiências interculturais;
- d) *Sensório-motor-digital* – *consiste na capacidade de coordenar e manipular interfaces e postura corporal-cinestésica frente a câmeras de captura de movimento e reconhecimento facial.*

Tais dimensões são contribuições aos processos comunicacionais com o uso de MD na universidade e podem ser contemplados em

propostas de formação de estudantes *online* concebidas como proposto anteriormente sob o viés de uma PLD com ELD, com definições e características que dão pistas para pensar em indicadores para LD:

- a) uma *prática social* (no âmbito pedagógico de formação na universidade) em que as habilidades de letramentos digitais (LD) são mobilizadas;
- b) um *evento* (com microeventos em seu interior) em que são feitos os usos de mídias digitais (MD) em práticas pedagógicas e de ensino;
- c) comporta um conjunto de *referentes de sentido* (temas, conteúdos com mídias digitais), que favorecem a atribuição de significados e sentidos pelos sujeitos envolvidos;
- d) mediado por um *coletivo de sujeitos* (professores, estudantes e outros grupos envolvidos) praticando ações, interações e mediações no processo de ensino e aprendizagem;
- e) mediatizado por um *conjunto de MD* (computador, internet, *softwares*, ambientes virtuais de aprendizagem), meios, interfaces (chat, fórum, blog etc.);
- f) mediado por um conjunto de *gêneros digitais* (textos multimodais e hipertextuais – escrita - som - imagem etc) usados nas participações e produções dos praticantes culturais;
- g) prevê um conjunto de *competências* - funcional (técnico e operacional); comunicacional; cognitiva; linguística; informacional; social; etc.
- h) requer um conjunto de *habilidades e atitudes* para o uso de MD que promovem o desenvolvimento de LD: operar máquinas e dispositivos digitais; criar produtos com diversas MD; participação em rede; colaboração entre pares; domínio e uso de diversos gêneros digitais; uso de diversas linguagens para produzir mensagens; capacidade reflexiva.

Para o desenho de um módulo de ambientação *online*, com base nas potencialidades do MAO, como uma PLD e um ELD, o conjunto de princípios pedagógicos, relacionados aos estudos de Comunicação Mediada por Computador (CMC), que se configura em uma comunidade de inquirição, proposta por Garrison (2000) nos estudos de Quintas-Mendes, Morgado e Amante (2010), aplicados à educação *online*, se constituem elementos-chave no processo educacional: a presença cognitiva, de ensino e social, que podem contribuir para o desenvolvimento de LD.

No modelo de comunidade de inquirição proposto por Garrison (2000), a *presença cognitiva* define-se pelo fato de os participantes do processo educativo construírem o significado e o conhecimento por meio da comunicação. A *presença de ensino* se define pela participação ativa do professor na educação *online*, como um componente crítico no contexto educativo, revestindo-se de importância em corresponsabilidade com os estudantes. A *presença social* define-se pela capacidade de os participantes projetarem-se pessoalmente (social e emocionalmente) na comunidade, funcionando como um suporte da presença cognitiva para promover indiretamente o pensamento crítico empreendido pelos aprendentes e, quando conjugada com a presença de ensino, possibilita o desenvolvimento de altos níveis de presença cognitiva (QUINTAS-MENDES; MORGADO; AMANTE, 2010).

Os possíveis limites percebidos na observação e estudo do MAO estão relacionados ao seu tempo de execução - apenas duas semanas de desenvolvimento - o que impossibilita avançarmos para conhecimentos e habilidades de LD mais complexos. Embora estes sejam iniciados nas práticas dos estudantes, durante o processo de ambientação deve ser garantida a sua continuidade nos demais componentes curriculares dos cursos. A aprendizagem colaborativa é praticada em grupos de trabalho em um único fórum; reconhecendo a importância desta prática, tendo em vista as suas potencialidades à colaboração, cooperação e coprodução entre os estudantes, destaco a necessidade de ser contemplada em outras atividades no decorrer do módulo. A comunicação síncrona (*chat* ou *web* conferência) não foi contemplada em nenhum momento durante o módulo tendo em vista o seu pouco tempo de execução. Todavia, esta prática também contribui para a colaboração, cooperação e a coprodução entre os estudantes, ampliando o debate iniciado nos fóruns moderados pelos estudantes e exercitando a dimensão social (interação, mediação, participação e trocas interculturais), potencializando a dimensão linguística pela aproximação entre as linguagens verbal e não-verbal, próprias da comunicação em ambiente *online*, a gestão do tempo para sincronizarem-se em tempo real com monitores e colegas, dentre outros aspectos.

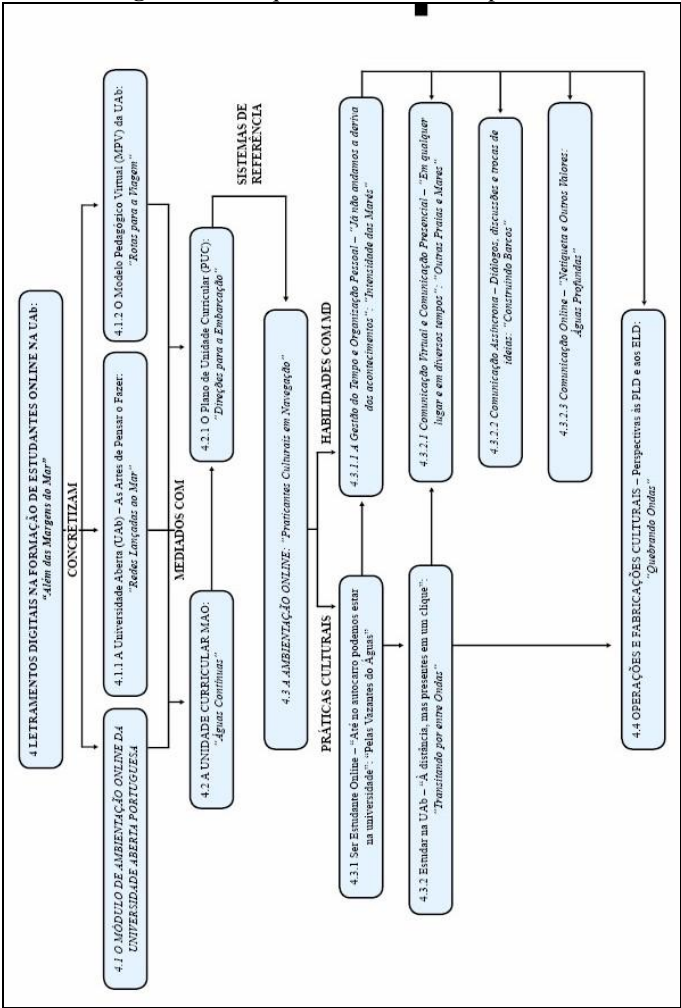
As implicações para futuras pesquisas estão relacionadas à atualidade do tema e à sua relevância na educação, redefinindo novos espaços de trabalho, expandindo fronteiras dos ambientes físicos para outros horizontes, ampliando as possibilidades de atuação com os diversos LD, estreitando a interação social pelo digital para outras zonas de interfaces e requerem, por sua vez, outros métodos de trabalho e de pesquisa. Como exemplo, cito o novo pilar que acrescentei ao quadro de

dimensões dos LD Técnico-operacional em TIC, proposto por Eshet-Alkalai (2004) nos estudos de Veloso e Marinho (2011) e Rosa (2013), bem como o sensorio-motor-digital, ou seja, a capacidade de coordenar e manipular interfaces e postura corporal-cinestésica frente a câmeras de captura de movimento e reconhecimento facial. Na atual realidade cibercultural, a indústria do entretenimento atenta para estas interfaces em outras zonas de convivência social e seu desenvolvimento vêm se acentuando drasticamente nos últimos anos em novos modelos de dispositivos móveis com reconhecimento gestual e do olhar, terminais bancários que fazem o reconhecimento da identidade do usuário pela leitura da assinatura digital, dentre outros.

Considero que, a partir do estudo do MAO, foi possível alargar a compreensão sobre os usos de MD nos processos comunicacionais na educação *online*, levando em conta o contexto mais amplo da cibercultura, que envolve uma convergência de mídias (hipermidiática, hipertextual e multimodal) por meio das quais os sujeitos consomem, aprendem e criam seus produtos culturais nos usos sociais cotidianos, desenvolvendo os LD para tornarem-se sujeitos mais críticos e empoderados de conhecimentos para atuar na sociedade do conhecimento em rede.

4.5 ESQUEMA-SÍNTESE DO CAPÍTULO 4

Figura 13 – Esquema- Síntese do Capítulo 4.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Potencialidades para Continuar a Viagem”

*Mergulhos
Associações
Ressonâncias.
Em
Cotidianos e
Existências
Ubíquas...*

(Mar e Céu, a pesquisadora, 2015).

Com as potencialidades da cibercultura e da educação *online* a formação de estudantes com o uso de mídias digitais (MD) na universidade ganha novas dinâmicas. Estas dinâmicas estão relacionadas a comunicação com informações que circulam em rede e possibilitam o desenvolvimento da inteligência coletiva, da colaboração e da coprodução e que, por sua vez, podem gerar novos conhecimentos a serem compartilhados. Para atuar com as redes de comunicação digital e com suas linguagens multimodais, hipermediáticas e hipertextuais, a ampliação de habilidades para extrapolar o uso e consumo de mídias em direção à produção coletiva com MD requer processos de formação que contemplem os modos pelo qual a cultura digital se configura e desenvolve na atualidade.

A educação *online* como um acontecimento que é engendrado no contexto da cibercultura por onde é desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com interfaces digitais, requer que a universidade opere por processos de formação que levem em conta as práticas e os contextos informais que estes praticantes culturais vivenciam em seus cotidianos com o uso de MD. A comunicação é exercitada pela mediação do digital em práticas para além de participar, colaborar e aprender, mas também exercer a cidadania e a realização pessoal. Estes praticantes culturais que vivenciam a cibercultura e são formados pela educação *online* (professores, estudantes e outros) usam, produzem e distribuem produtos fabricados com as MD e podem pautar-se na inventividade e criação que extrapolem a operacionalidade técnica de acesso, uso e consumo.

Para que os usos cotidianos de MD e seus sentidos nas operações ordinárias dos praticantes culturais sejam levadas em conta no processo de formação, é necessário saber quais significados são atribuídos a essas práticas pelos próprios sujeitos que a vivenciam em contextos sociais e

de formação, pois os conhecimentos e habilidades para o uso de MD, conforme considere neste estudo, não são um deslocamento dos letramentos convencionais para as condições técnicas de intermediação das redes digitais com informações e conhecimentos nela veiculadas. Trata-se de práticas sociais em que diversos tipos de letramentos são abarcados pelo digital, relacionados aos diferentes contextos socioculturais e condições de sua produção.

Diante desse contexto, percebendo a necessidade de ampliar a discussão em torno dos LD, formulei inicialmente uma questão para a investigação que se responde neste estudo, qual seja, os LD na cibercultura implicam a apropriação das novas linguagens do meio digital (multimodais, hipermediáticas e hipertextuais), e as práticas de letramentos digitais (PLD) com o uso social destas linguagens, em eventos de letramentos digitais (ELD), que convergem diversos meios, recursos, interfaces e gêneros digitais.

Ao analisar as práticas (operações) dos sujeitos envolvidos (praticantes culturais) no processo de formação *online* oferecido pelo Módulo de Ambientação *Online* (MAO), relacionando as competências com o uso MD e as dimensões, conhecimentos e habilidades mobilizadas neste ELD, para verificar a sua importância, contribuições e limitações, retirando contribuições para o contexto brasileiro, foi possível destacar os aspectos mais relevantes da proposta do MAO; identificar as dimensões, conhecimentos e habilidades nele mobilizadas; apresentar a proposição dos conceitos de PLD e ELD para o digital com a intenção de organizar indicadores de LD para propostas de formação para estudantes *online* na universidade.

Neste percurso, considero que foi possível expandir o conceito de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para MD, que vai além da base material: suportes e meios, programas e aplicativos e suas linguagens e os produtos criados com eles, extrapolando para a cultura, que inclui as práticas sociais (modos de uso, consumo, apropriação e produção de informação) que se reconfiguram em espaços e eventos em que habilidades de LD são requeridas dos sujeitos para a operação nessas várias instâncias.

A partir deste caminho de compreensões, defendendo que as Práticas de Letramentos Digitais (PLD) são contextualizadas social, política, econômica e culturalmente, envolvendo identidade, discurso e poder, os quais configuram e determinam a sua interpretação e atribuição de sentido pelos participantes em eventos mediados por mídias digitais (MD), que mobilizam um conjunto amplo de conhecimentos, habilidades, meios, gêneros e linguagens circunstanciadas pelo contexto

sócio-histórico do discurso e das condições de produção. E defendo também que Eventos de Letramentos Digitais (ELD) são situações em que um suporte, portador ou interface digital se tornam partes integrantes da interação entre os participantes e seus processos interpretativos e se constitui através de práticas sociais mais amplas de uso de mídias digitais (MD) em contextos comunicativos, como instâncias de uso de MD em que a mensagem digital é a sua materialização.

Com esta compreensão, o olhar para as práticas na educação *online* desenvolvidas na Universidade Aberta (UAb) de Portugal (PT), foi no sentido de considerá-la como uma PLD e os processos que nela se desenvolvem como um ELD, no qual o Módulo de Ambientação *Online* (MAO) se insere. Esta prática possibilitou-me compreender este processo passando pela sua idealização, princípios, práticas e discursos dos praticantes culturais em ação, aprendendo e desenvolvendo o que a UAb concebe como competências digitais. Neste estudo, concebi tais competências como LD, com suas dimensões, conhecimentos e habilidades, bem como as suas contribuições para inspirar a elaboração de indicadores de LD a uma proposta teórico-metodológica a outros contextos culturais, como o brasileiro. Levei em conta as dimensões políticas e pedagógicas, meio social (práticas sociais e eventos), sujeitos envolvidos (praticantes culturais), o objeto a ser conhecido (domínio de conhecimentos e habilidades) e os modos de praticar a educação *online* na universidade, o que suscitou outras problematizações acerca de seus limites e implicações para outras pesquisas.

Com a formação observada e praticada na UAb, percebi que, em termos de proposta curricular em desenvolvimento, o MAO apresenta-se como relevante, dada as potencialidades de uma PLD para o desenvolvimento de competências ao uso de MD, com características de um ELD e que desdobra-se em diversas dimensões, conhecimentos e habilidades. As competências previstas pela UAb foram mobilizadas nas práticas cotidianas dos praticantes culturais, extrapolando as dimensões funcionais, comunicacionais e informacionais da comunicação, comumente desenvolvidas em processos de formação. E para efeito de interpretação dos dados tomei como fio condutor, estas competências relacionadas com a linha de força da inclusão digital prevista no Modelo Pedagógico Virtual® (MPV) e desenvolvida pelo MAO, abrangendo as dimensões tecnológica, pedagógica e social, relacionando-as com a perspectiva dos LD. Para desenvolver tal discussão levei em conta que, ao mobilizar habilidades de LD, a apropriação, uso e produção crítica com MD em interação em rede (por onde circula a informação), a

colaboração ou inteligência coletiva (onde o capital é o conhecimento), estão presentes também as dimensões relacionadas às faces individuais e sociais dos sujeitos. Assim, para contemplar o uso social de MD na formação de estudantes na universidade, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, linguístico, social, intercultural, multimidiática, dentre outras dimensões dos LD, e também saberes e valores como a colaboração, criação, autoria, autonomia, flexibilidade e crítica, é necessário levar em conta a complexidade dos LD na cibercultura.

Quanto às políticas de formação, como apontei após análise dos documentos oficiais, os contextos brasileiro e português se pautam em uma concepção de formação que pode ser concebida como capacitação dos sujeitos, de caráter instrumentalista e tecnológica (acesso, uso e instrumentalização) para o uso de MD, por meio do desenvolvimento de competências para suprir as necessidades e exigências para a modernização da educação e mudanças nas práticas pedagógicas. Estas questões apontaram para outras problematizações, como a necessidade de formação de professores para dar conta de tais conhecimentos e habilidades, formação de equipes multidisciplinares, currículos que contemplem os LD de forma transversal e um processo de ensino e aprendizagem com MD que leve em conta o exercício da cidadania ativa pelos estudantes, no contexto de programas e projetos com acompanhamento e avaliação das ações planejadas e implementadas na universidade.

Destaco que uma perspectiva social dos LD leva em conta as práticas contextualizadas social, cultural e historicamente, consoante a cultura atual, a cibercultura, e exige a abertura para a formação do pensamento, da crítica e da autonomia dos sujeitos, pois os aspectos técnicos e operacionais dos meios e recursos para gerir a comunicação e distribuir a informação já são de uso dos praticantes culturais em seus cotidianos. Tais aspectos levam-me a considerar que uma formação como a realizada no MAO da UAb é um ponto de partida, um processo formativo que se inicia com a ambientação *online* e deve prosseguir em sua transversalidade e em *continuum* nas demais unidades curriculares em desenvolvimento na universidade. Como proposta formativa, em seu desenho, o módulo pode ser considerado um ELD que ocorre no interior de PLD e que se desdobra em diversas dimensões dos LD.

No sentido de apontar indicadores para contribuir com uma proposta teórico-metodológica de formação aos LD, destaco que o desenho de um módulo de ambientação *online* pode levar em conta o conjunto de princípios pedagógicos, relacionados aos estudos da

Comunicação Mediada por Computador (CMC), configurada em uma comunidade de inquirição aplicados à educação *online*, conforme apresentei no capítulo três. Uma comunidade de inquirição no processo educacional desdobra-se na presença cognitiva, presença de ensino e presença social, as quais, quando conjugadas, possibilitam a construção de conhecimento e significado, a participação ativa e crítica de professores e estudantes e a capacidade de estabelecer relações pessoais e emocionais significativas nos processos de comunicação.

Compreendida tal proposição, uma formação aos LD concebida como uma PLD tem a característica de ser uma prática social mais ampla (âmbitos pedagógico, cognitivo e social) na qual ocorrem os PLD, como situações que contemplam microeventos de uso de MD. As PLD e ELD comportam os referentes de sentido que favorecem a atribuição de significados e sentidos pelo coletivo de sujeitos em ações, interações e mediações no processo de ensino e aprendizagem, mediatizadas por um conjunto de MD, mediados por gêneros digitais, em diversas dimensões dos LD, mobilizando habilidades e atitudes que promovem o desenvolvimento de outros LD.

As dimensões dos LD, nessa perspectiva, podem ser agrupadas conforme quadro apresentado no capítulo quatro, em dimensões como a técnico-operacional ou funcional, onde acrescentei o pilar sensório-motor-digital, sobre o qual há a possibilidade de posteriormente aprofundar-se os estudos, a pedagógica, a comunicacional, a de comunicação *online*, a informacional, a autogestão e autodireção, a cognitiva, a social, a linguística e a intercultural. Uma proposta delineada com tais indicadores e com princípios teórico-metodológicos para nortear as concepções e as práticas de formação aos LD deve ser planejada e desenhada para abarcar metodologias, estratégias de ensino e aprendizagem, papel do professor e do estudante e avaliação das habilidades relacionadas às diversas dimensões dos LD, e pode contribuir para potencializar os conhecimentos que os estudantes trazem ao chegar nos cursos. Possivelmente outras dimensões dos LD não foram contempladas neste estudo, devido a sua abrangência, o que aponta espaço para pesquisas futuras sobre o tema.

Como perspectiva para outros estudos destaco a complexidade do digital, em que o virtual, o atual e o real emergem no mesmo écran e imbricam-se com atuações do mundo atual, interfaceados por sensores e dispositivos com uma multiplicidade midiática que extrapola o computador e a internet, em ondas que se propagam em redes de alta velocidade e, somadas à socialização de mensagens transmidiáticas, possibilitam aos sujeitos se tornarem autores e coautores em produções

diversas. Desse modo, é possível antever uma gama de especializações que articulam habilidades sensório-motoras-digitais, por exemplo, o uso de *Joyticks* ou luvas sensoriais em cirurgias remotas, operações de guindaste para containers em portos, prospecção remota de sondas no fundo do mar, dentre outras frentes, sugerindo estudos que extrapolam o campo da educação.

No campo específico da educação, quais seriam os novos tipos de LD que são possíveis desenvolver? A atuação de crianças e adolescentes, cada vez mais expostos ao uso de tablets (*touchscreen*) e videogames que permitem que um sensor ótico (câmera) capte e interprete os movimentos e expressões gestuais do usuário, assim como reconhece sua face, identificando-o, aliado aos óculos tridimensionais interativos, os sensores biométricos digitais, todos exemplos de novos campos em que o sujeito interage com o virtual e com as mídias 3D, digitais e interativas, e desenvolve habilidades sensório-motoras-digitais com e por meio destas interfaces. Assim, abrem-se também novos questionamentos: que outros letramentos estão sendo desenvolvidos nestes novos cenários?

Tais questionamentos desdobram-se em outros como: que esquemas mentais são construídos pelos sujeitos nestas novas interfaces e ambiências, ao serem coordenados em convergência com diversos LD, em estruturas cada vez mais complexas? Estas reflexões remetem para as nuances e implicações dos LD aos processos de ensino e aprendizagem em suas diversas dimensões e permanecem também como campo aberto para pesquisas e arranjos em propostas curriculares, com vistas a mobilizar novos e diversos LD em estudantes universitários nos seus processos de formação *online*.

Para continuar a viagem pelos mares da formação para os LD, considero que as discussões apresentadas são importantes para se pensar uma formação de estudantes que consomem, aprendem e criam produtos em práticas socioculturais e educacionais cada vez mais dinâmicas e complexas, e podem ampliar sobremaneira seus conhecimentos e habilidades para tornarem-se sujeitos críticos e empoderados para viver na sociedade do conhecimento em rede de águas contínuas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O Que é Contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos: 2009.

ALBERTÍ, Rafael. *Marinero en Tierra*. 4ª reimpressão. Madrid, Alianza Editorial, 2002.

AMANTE, Lúcia. Facebook e Novas Sociabilidades: contributos da investigação. In PORTO, Cristiane. SANTOS, Edmea (Orgs.). *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

AMANTE, Lucia. CABRAL, Pedro. *O Modelo Pedagógico da Universidade Aberta de Portugal: Aprender Online no Curso de Educação*. Revista Da Faceba – Educação E Contemporaneidade, Salvador, V. 23, N. 42, P. 65-72, Jul./Dez. 2014 p. 65-72.

AMANTE, Lúcia. *Formação de Professores a Distância: a experiência da Universidade Aberta de Portugal*. Revista Percursos. Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 09 a 26, jan. / jun. 2011.

AULETE, Caudas. *Dicionário Escolar de Língua Portuguesa*. Org. Paulo Gelger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.). *Situated Literacies*. London: Routledge, 2000.

BEVILAQUA, Raquel. *Novos Estudos do Letramento e Multiletramentos: Divergências e Confluências*. RevLet – Revista

Virtual de Letras, v. 05, nº 01, jan./jul, 2013 ISSN: 2176-9125 p. 99-114.

BIANCHETTI, Lucídio. *Da Chave de Lenda ao Leptop: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação*. 2 ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2008.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena Silveira. *A Presença da Cultura Digital do GT Educação e Comunicação da ANPED*. Revista Teias. V. 13. N 30, 70-93, set./dez. 2012.

BOTELHO, Flávia Girardo. *A Construção do Letramento Digital em Crianças em Fase de Alfabetização*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Letras, Recife, 2013.

BRAGA, Inês. LOPES, M. Conceição de Oliveira. *Literacia como fundamento da cidadania*. 8º Congresso LUSOCOM. Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão do Instituto Politécnico do Porto. Universidade de Aveiro. 2009. p. 1941-1956.

BRASIL. CNE/CEB Parecer n. 16/99, de 5 de outubro de 1999. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Ministério da Educação, Brasília, DF, 22nov. 1999.

_____. Parecer CNE/CP 09/2001, de 8 de maio de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Ministério da Educação, Brasília, DF, 8 mai. 2001.

_____. Parecer CNE/CP 01/2006, de 16 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. Ministério da Educação, Brasília, DF, 16 maio 2006.

_____. Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância. Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, 2007.

_____. Conferência Nacional de Educação (CONAE), 2010a, Brasília, DF, Construindo o sistema Nacional Articulado de Educação: o Plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias; Documento Final. Brasília, DF: MEC, 2010.

BRITO, Luiz Percival Leme. *Sociedade de Cultura Escrita, Alfabetismo e Participação*. In RIBEIRO, Vera Masagão (Org). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004.

BUCKINGHAM, David. *Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização*. Revista Educação Real. Porto Alegre, vol. 35, n 3, p. 37-58, set/dez, 2010.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na inclusão digital* / Marcelo El Khouri Buzato. - Campinas, SP : [s.n.], 2007.

_____. *Letramento e Inclusão: do estado-nação à era das TIC*. D.E.L.T.A., São Paulo, vol. 25, n. 1, 2009, p. 1-38.

CALVINO, Italo. *Palomar na Praia. Leitura de Uma Onda*. In CALVINO, Italo. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.7-11.

CASTELLS, Manuel. *La Sociedad de la Informacion*. 1995.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede* (vol. 1). São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

_____. *A Cultura no Plural*. Campinas - SP: Papirus, 1995.

COMISSÃO DAS COMUNICADES EUROPEIAS. *Uma abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital*. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. Bruxelas, 2007. Disponível em: <http://ec.europa.eu/culture/media/literacy/docs/com/pt.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CONSELHO CONSULTIVO DO PLANO TECNOLÓGICO. *Relatório de Progresso do Plano Tecnológico*. 18 de Novembro de 2008. Disponível em: <http://www.planotecnologico.pt/document/RelatorioCCPTNOV08.pdf>. > Disponível em: 14 mar. 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. *Uma Agenda Digital para a Europa*. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. Bruxelas, 2010. Disponível em: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:0245:FIN:PT:PDF>.> Acesso em: 14 mar. 2015.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA . *Conclusões do Conselho da União Europeia Sobre o Papel do Ensino e da Formação na Implementação da Estratégia Europa 2020*. Jornal Oficial da União Europeia, 2011. Disponível em: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.douri=OJ:C:2011:070:0001:0 003:PT:PDF>> Acesso em: 14 mar. 2015.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA & COMISSÃO EUROPEIA. Relatório Intercalar Conjunto de 2010 do Conselho e da Comissão Europeia Sobre a Aplicação do Programa de Trabalho «Educação e Formação para 2010». Jornal Oficial da União Europeia, 2010. Disponível em: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2010:117:0001:0007:PT: PDF>.> Acesso em: 14 mar. 2015.

COSCARELI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale: Autência, 2011.

CRUZ, Dulce Márcia. *A Construção do Professor Midiático: o docente comunicador na educação a distância por videoconferência*. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [30]: 201 - 214, janeiro/junho 2008.

_____. *Letramento Midiático na Educação a Distância*. In: Fernando Selmar Rocha Fidalgo; Wagner José Corradi; Reginaldo Naves de Souza Lima; André Favacho; Eucídio Piimenta Arruda. (Org.). Educação a distância: meios, atores e processos. 1ed. Belo Horizonte: CAED UFMG, 2013, v. 1, p. 1-362

_____. *O Professor Midiático no Ensino Superior: inovação, linguagens e formação (práticas e reflexões)*. (Relatório de Pesquisa). CNPq, 2015. 60p

DELEUZE, Gilles. *O Atual e o Virtual*. In A Filosofia Virtual. Dialogues. DELEUZE, Gilles; Claire PARNOT. Paris: Flammarion, 1996.

_____. *Proust e os Signos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Extensão ou Comunicação?* 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FERRÉS, Joan. PISCITELLI, Alejandro. La Competência Mediática: proposta articulada de dimensiones e indicadores. Comunicar, nº 38, v. XIX, 2012, *Revista Científica de Educomunicación*. 2012. p. 75-82 www.revistacomunicar.com

GASTON, Bachelard. *A Filosofia do Não; O Novo espírito Científico; A Poética do Espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GIDDENS, Antony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, M. J., AMANTE, L., & OILIVEIRA, I. *Avaliação Digital no Ensino Superior em Portugal: primeiros resultados*. Revista Linhas, 13(02), p.10–28, doi:10.5965/1984723813022012010, 2012.

HAMILTON, Mary. *Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice*. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

HEATH, S. B. *What no bedtime stories means: Narrative skills at home and school*. Language in Society, 1982.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAKOFF, George. Mark, JOHNSON (Coord.) *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 2002.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O Que é Virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.

LYON, David. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *A Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2006.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. *Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito*. In Cultura Escrita e Letramento. MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MARTIN-BARBERO. Jesús. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELÃO, Dulce Helena M. R. *Ler na Era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s)*. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viseu. Exedra, n 03, 2010, p. 75-90.

MOREIRA, Manuel Area. *Tecnologías Digitales, Multialfabetización y Bibliotecas en la Escuela del Siglo XXI*. Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios, n° 98-99, Enero-Junio 2010, pp. 39-52.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

PALANDRÉ, Nilcéia Lemos. *Ensinar a Aprender com Paulo Freire: 40 horas e 40 anos depois*. 3 ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Salina, 2010.

PEREIRA, A., MENDES, A. Q., MORGADO, L., AMANTE, L., & BIDARRA, J. *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta: para uma universidade do futuro*. Universidade Aberta, Portugal, 2007. Disponível em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1295#>

PEREIRA, Luis. *Literacia Digital e Políticas Tecnológicas para a Educação*. Santo Tirso, PT: De Facto Editores, 2013.

PEREIRA, Sara. MELRO, Ana. *As políticas tecnológicas para a educação e aliteracia digital: o caso do programa governamental 'e.escolinha*. Revista Estudos em Comunicação n°12, p. 293-324, dez, 2012.

PICCOLI, Luciana. *Alfabetizações, Alfabetismos e Letramentos: trajetórias e conceituações*. In Revista Educação e Realidade. Porto Alegre. V.35, n 3, p. 257-275, set/dez, 2010.

QUINTAS-MENDES, Antonio. MORGADO, Lina. AMANTE, Lucia. Comunicação Mediada por Computador e Educação Online: da distância à proximidade. In SILVA, Marco. PESCE, Lucila. ZUIN, Aontonio (Orgs). *Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

RAMOS, Daniela Karine. *Ciberética: Vias do Desejo nos Jogos Eletrônicos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Educação. 2006.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento Digital: um tema em gêneros efêmeros*. Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. *Formar a Competência Midiática: novas formas de consumo e perspectivas educativas*. Revista Comunicar. n 25, Milán, Itália, 2005.

ROJO, Roxane. *Letramentos Múltiplos, Escola e Inclusão Social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, Fernanda Ribeiro. *Por um Indicador de Letramento Digital: uma abordagem sobre competências e habilidades em TICs*. IV Congresso CONSAD de Gestão Pública. Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Brasília/DF, 2013.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. *(Multi)letramento(s) Digital(is): por uma revisão de literatura crítica*. Revista Linguagens e Diálogos, v.2, n1, p. 109-143, 2011.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual e verbal: aplicações na hipermídia*. 3ª Ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. *Educação Online como Campo de Pesquisa-formação: potencialidades das interfaces digitais*. In SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn. *Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2006.

SANTOS, Edméa. *Educação Online para Além da EAD: Um Fenômeno da Ciberultura*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 5658-5671.

SANTOS, Lulu; MOTTA, Nelson. *Como uma Onda (Zen-Surfismo)*. In: SANTOS, Lulu. *O ritmo do momento*. [S.l.]: Wea Records, 1983. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

SARAMAGO, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

SCOLARI, Carlos Alberto. *Narrativas Transmedia*. Barcelona: Centro Libros PAPF, S.L.U., 2013.

SELBER, S. A. *Multiliteracies for a digital age*. Southern Illinois University Press, 2004.

SOARES, Magda. *Novas Práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura*. Educação & Sociedade, Unicamp, v. 23, n. 81, p. 143-160, set 2002.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins. SPILKER, Maria João. AMANTE, Lucia. *Literacia Digital: O Módulo de Ambientação Online na Universidade Aberta. Challenges: Meio Século de TIC na Educação*. Atas da IX Conferência Internacional de TIC na Educação. Universidade do Minho | Braga | Portugal. 2015a. p.p. 924-938.

_____. Terezinha Fernandes Martins. CRUZ, Dulce Márcia. *Letramentos Digitais: Atividade Sincrônica de Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem: implicações e contribuições à formação para a docência. Currículo na Contemporaneidade: Internacionalização e Contextos Locais*. Atas Digitais do XI Colóquio sobre Questões

Curriculares. Instituto de Educação. Universidade do Minho, 2014a. p.p 1223-1130.

_____. Terezinha Fernandes Martins. MARQUES, Tiago Rafael Ferreira, Marques. AMANTE, Lucia. *Literacia Digital: Panorama das Pesquisas no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)*. In Atas Digitais do III Congresso Internacional das TIC na Educação (pp. 1018–1024). Lisboa, Portugal: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2014c.

_____. Terezinha Fernandes Martins. SILVA, Eli Lopes. CRUZ. Dulce Márcia. *Letramento Digital: linguagens como processo de polifonia no Ciberespaço*. Anais Eletrônico. 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – Aprendizagem Móvel dentro e fora da Escola. Recife PE, 2013a.

_____. Terezinha Fernandes Martins de. RAMOS, Daniela Karine. CRUZ, Dulce Márcia. *Jogos Eletrônicos e Currículo: novos espaços e formas de aprender*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013b. p.179 – 200.

_____. Terezinha Fernandes Martins; MARQUES, Thiago Rafael Ferreira; CRUZ, Dulce Márcia. *Letramento Digital: levantamento de pesquisas em bases de dados brasileiras*. Apresentado no XXII Ciclo de Palestras Novas Tecnologias na Educação - CINTED/UFRGS e Aceito para Publicação na RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação, 2013c.<http://seer.ufrgs.br/RENOTE>.

_____. Terezinha Fernandes Martins. CRUZ. Dulce Márcia. *Letramento Midiático e Práticas Cotidianas de Comunicação e Linguagem*. Atas do Congresso. Livro de Atas 2º Congresso Literacia, Media e Cidadania. Pavilhão do Conhecimento. Parque das Nações. Lisboa-Portugal, 2013d.

_____. Terezinha Fernandes Martins. CRUZ. Dulce Márcia. *Letramento Midiático e a (Re)invenção do Cotidiano por um Grupo de Pescadores*. Revista Dialogia, São Paulo, n. 18, p. 29-42, jul./dez. 2013e.

_____. Terezinha Fernandes Martins. CRUZ, Dulce Márcia. *Letramentos e Práticas Sociais na Convergência de Mídias*. Anais

Eletrônicos. 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – Comunidades e Aprendizagens em Rede. Recife, PE, 2012.

STAKE, Robert E. *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____, Brian. *What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*. Current Issues in Comparative Education, Teachers College, Columbia University, ALL RIGHTS RESERVED Current Issues in Comparative Education, 2003, Vol. 5(2) p. 77-91.

TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da Informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TEZZA, Cristovão. *Discurso Poético e Discurso Romanesco na Teoria de Bakhtin*. In: FARACO et al. Uma introdução a Bakhtin. Curitiba: Hatier, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2006.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Padrões de Competência em TIC para Professores: marco político*. 2009a. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156210por.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2015.

_____, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Padrões de Competência em TIC para professores: módulos de padrão de competência*. 2009b. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156207por.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015

_____, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Padrões de Competência em TIC para professores: diretrizes de implementação, versão 1.0*. 2009c. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156209por.pdf>>
Acesso em: 24 mar. 2015.

Universidade Aberta (UAb). *Guia do Estudante Online*. Módulo de Ambientação Online (MAO). Portugal, 2014/2015.

VELLOSO, Maria Jacy Maia; MARINHO, Simão Pedro P. *Letramento Digital via Web 2.0: uso do site Toondoo em sala de aula*. Anais do XXII SBIE - XVII WIE Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011. VERUNSCHK, M. *A Cartografia da Noite*. São Paulo: Lumme, 2010. 72 p.

VIEIRA, Iúta Lerche. *Tecnologia Eletrônica e Letramento Digital: um inventário da pesquisa nascente no Brasil*. 54ª Reunião Anual da SBPC. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 2002.

VIGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WILSON, Carolyn. *Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): currículo para formação de professores*. Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Letramento Digital e Ensino*. Universidade Federal do Pernambuco, 2005. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>

ZARIFIAN, Philipe. *Objetivo e Competência: por uma nova lógica*. São Paulo: Atlas, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- CARTOGRAFIA DE CONCEITOS: “portos de chegadas e de partidas”

Educação – “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2011, p. 90). “A educação para ser verdadeiramente humana, tem que ser libertadora [...] como prática de liberdade é, sobretudo, e antes de tudo, (...) aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes” (FREIRE, 2011, p. 104-106). O que importa fundamentalmente é que “à educação, contudo, como uma autêntica situação gnosiológica, é a problematização do mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das ideias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência, enfim, o mundo da cultura e da história, que resultando das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores (...). A educação ‘dura’ na contradição permanência-mudança, esta é a razão pela qual somente no sentido de “duração” é possível dizer que educação é permanente. Por isso mesmo, permanente, neste caso, não significa permanência de valores, mas a permanência do processo educativo, que é o jogo entre a permanência e a mudança culturais (FREIRE, 2011, p. 115-117).

Cultura – É no contexto da cultura que a educação se realiza. A cultura é pluralista, uma passagem às práticas de significação (operações produtoras) e conexão real – como condição de possibilidade de toda transformação. Inovação cultural traz conflitos e vitórias políticas (prevê diferenças, articulações, vida cotidiana, desvios...) (CERTEAU, 1975).

Cultura Digital – são outros modos de receber, consumir, criar e produzir mensagens a toda velocidade. Por meio de uma multiplicidade de linguagens, provocando mudanças nos modos pelos quais os sujeitos interatam como leitores, espectadores e internautas, e também como consumidores, criadores e produtores fazendo uso de diferentes suportes, aplicativos e mensagens, potencializando as diversas formas de comunicação e os processos cognitivos para realização de tarefas e soluções de problemas diários em ambientes digitais (CANCLINI, 1998).

Cultura da Convergência – movimento que ocorre contemporaneamente, em que tudo converge e se multiplica, marcado por transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais “um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos [...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 29). Este processo possibilita que os sujeitos sociais participem em situações sociais fundamentais para unir o conhecimento que possuem ao conhecimento coletivo ou inteligência coletiva, para compartilhar, comparar, interpretar, formar conexões expressar sentimentos, fazer circular criações na internet, explorar o mundo e desenvolver uma compreensão de si e da cultura à sua volta (JENKINS, 2009).

Convergência – é um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos, representa uma transformação cultural na medida em que fazem conexões em meio a conteúdos de mídias dispersas. Indivíduos e organizações participam da narrativa transmidiática, assistem TV, lêem livros (impressos e digitais), usam o computador, a internet, o celular, ou qualquer outra interface para se comunicar, se divertir, se informar, se educar, vender produtos e ideias (JENKINS, 2009).

Espaço e Tempo – na pós-modernidade há um “desencaixe ou deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua estruturação através de extensões indefinidas de espaço-tempo” (GIDDENS, 1991, p. 29). A separação entre tempo e espaço abre múltiplas possibilidades de mudanças dos hábitos e das práticas locais; as organizações são capazes de conectar o local e o global afetando rotineiramente a vida das pessoas. Tempo e espaço são recombinações para formar uma história mundial genuína de ação e experiência. Há “separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial preciso da vida social; do desencaixe dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço)” (GIDDENS, 1991, p. 25). No âmbito da comunicação, com o computador e a internet, a noção de tempo e espaço, se expande ainda mais, há a emergência do ciberespaço, que alterou os modos de vida e a interação dos sujeitos em seu cotidiano com nuances comunicativas em redes, a inteligência coletiva, as comunidades virtuais de aprendizagens, dentre outros

aspectos fundamentais que incidem diretamente na cultura e na educação. Nesse sentido, há um esvaziamento do tempo como pré-condição para o esvaziamento do espaço, fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. O lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o lugar não é o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta às relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991).

Convergência digital – refere-se à habilidade de diferentes plataformas de redes de computadores de transportar essencialmente tipos similares de serviços e informações; a chegada integrada de dispositivos microprocessados aos consumidores, tais como celular, internet, câmeras fotográficas, computadores pessoais; digitalização da informação e comunicação fornecendo a rota para unificar meio e informação. É possível aceder a uma grande rede digital convergida em dispositivos como o celular ligado à internet (som, imagem, informações escritas, vídeos, mensagens instantâneas etc) (COSCARELI; RIBEIRO, 2011).

Pensamento e Linguagem – o sujeito constrói seus conhecimentos por intermédio das interações com o meio sócio-histórico e nesse processo há uma interdependência entre o pensamento e a linguagem. A linguagem reorganiza o pensamento e permite o desenvolvimento da imaginação, memória e planejamento. Os conhecimentos histórico-sociais influenciam o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Este conhecimento é transformado pelo sujeito por meio da interação e das trocas sociais com os outros que a cercam, portanto quanto mais diversidades qualitativas de interação social são ativadas mais se ampliam os processos de internalização pelo sujeito, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo. A relação entre o pensamento e a linguagem e sua implicação no processo de desenvolvimento cognitivo é fundamental, pois a linguagem desempenha um papel fundamental na organização do pensamento, age sobre o pensamento reestruturando as várias funções psicológicas como a memória, a formação de conceitos, a atenção, etc. Através do conceito de zona de desenvolvimento proximal - ZDP o autor sugere que é possível perceber distância entre o desenvolvimento real (aquilo que o sujeito consegue fazer sozinho) e o desenvolvimento potencial (aquilo que o sujeito conseguirá fazer com a mediação de alguém). Estas orientações são importantes para a

compreensão dos conceitos de interação, mediação, aprendizagem e desenvolvimento e o papel da linguagem nesse processo (VYGOTSKY, 1987).

Alfabetizações – consoante a uma orientação freireana para criar uma práxis social crítica por meio das quais os estudantes alcancem colaborativamente uma consciência crítica do seu mundo mediante um processo reflexivo e cíclico de reflexão e ação, e através de seus esforços para atuar sobre o mundo em suas práticas cotidianas, possam também analisar os resultados de sua ação para conhecer melhor o mundo e transformá-lo (LANKSSHEAR; KNOBEL, 2012).

Alfabetismo – diretamente ligado à vida e ao modo de estar no mundo (Freire, 1972; Street, 1984; Gee; Cols, 1986) e descrever os processos concretos de ler, escrever, ver, escutar, manipular imagens e sons, etc., sempre enraizado na realidade do sujeito. Como há múltiplas formas de ser e estar no mundo, os autores destacam que há também múltiplos Alfabetismos no âmbito da cultura participativa, que destacam ser baseada nos processos de comunicação por meios digitais para a interação, a participação, a colaboração e a distribuição da informação (LANKSSHEAR; KNOBEL, 2012).

Alfabetizado Funcional – para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) “é considerada alfabetizada funcionalmente a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida”.

Letramento – “o termo surgiu nos estados unidos na década de 1930 e foi utilizado pelo exército norte-americano durante a segunda guerra mundial para indicar a capacidade de os soldados entenderem instruções necessárias à realização de tarefas militares. A partir de então, este termo tem sido empregado para designar a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins específicos relacionados ao desenvolvimento de atividades de trabalho e da vida diária, passando a ser referência para programas educativos, voltados notadamente à população adulta com níveis de escolaridade considerados insuficientes. Difundiu-se nos anos 1960, principalmente devido à ação da UNESCO para reafirmar a importância da missão que lhe conferira sua assembleia de fundação – ampliar as bases de educação no mundo” (PALANDRÉ, 2009, p. 74).

Letramentos – a partir de uma visão freireana, ler e escrever não se restringem ao domínio do processo de codificação e decodificação de palavras e frases, mas abarcam também as possibilidades de o sujeito, consciente de ser produto e produtor de cultura, fazer uso social dessa tecnologia para agir no e sobre o mundo. É uma prática cultural, um modo de ler o mundo, que se dá no exercício pleno da cidadania, nas habilidades de leitura e de escrita em sua dimensão social, no seu valor pragmático, ou seja, de funcionar em sociedade para transformar as relações sociais e suas consequentes práticas – objetivo de todo processo educacional. A partir dos conhecimentos do mundo dos educandos (práticas sociais), conscientizá-los de sua condição de sujeitos de sua prática, possuidores de conhecimentos indispensáveis à construção de novos conhecimentos e ao desenvolvimento de novas estruturas de pensamento (PALANDRÉ, 2009). No Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, em meio ao movimento da luta pela democratização do ensino fundamental, há o ressurgimento do conceito de letramento, a partir de estudos do conceito de *literacy* em países de língua inglesa (MARINHO; CARVALHO, 2010). O primeiro uso da palavra letramento no meio acadêmico, no Brasil, foi feito por Mary Kato, em 1986, com a tradução literal do inglês *literacy*, em que o conceito recobre ao mesmo tempo os significados de alfabetização e letramento (ROJO, 2009).

Literacia – termo usado em Portugal, é mais próximo do termo inglês *literacy* e denota uma nova percepção e compreensão do processo de alfabetização, diferente do caso brasileiro (MARINHO; CARVALHO, 2010).

Letrado – o termo *literate* era usado desde o século XVII nos Estados Unidos para se designar o indivíduo que sabia ler e escrever (VELLOSO; MARINHO, 2011). *Literate* (letrado) é a “[...] pessoa que, além de saber ler e escrever, faz uso frequente e competente da leitura e da escrita [...] passa a ter uma outra condição social e cultural [...] muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais [...]” (SOARES, 2002, p. 36-7). *Literacy* surge nos Estados Unidos, no século XIX, para designar a condição de ser *literate*, ou seja, “a (condição) da pessoa que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente e freqüentemente da leitura e da escrita”, um oposto positivo de *illiteracy*, que designava a falta de capacidade de ler e escrever, já documentada desde 1960 na Inglaterra (PALANDRÉ, 2009, p. 74).

Letrar digitalmente – significa desenvolver uma ação educativa que permita aos alunos participarem de práticas sociais que transcendem as letradas, envolvendo outras linguagens, a visual e a musical, outras formas que sejam essenciais para comunicar, expressar sentimentos, ideias e experiências nos ambientes virtuais (BUZATO, 2010).

Digital – está quase sempre associado ao computador, porque os computadores trabalham as informações em forma de dígitos (números). Em um sentido mais vasto, pode significar um modo de processar, transferir ou guardar qualquer tipo de informação (verbal, sonora, visual, etc.) representada digitalmente em computadores, *softwares*, internet, etc, em um processo convergente (COSCARELI; RIBEIRO, 2011).

Linguagem – é um processo de interação verbal, situada no meio social e fundamenta-se em três princípios essenciais: o diálogo com o outro - relaciona-se à ideia de sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro; a unidade das diferenças - noção de que a linguagem é heterogênea e, por isso, marcada de forma sutil pela presença do outro, que fará com que os enunciados adquiram determinada unidade, seja pela harmonia das vozes (polifonia) ou pelo apagamento das vozes discordantes (monofonia); a discursividade – simples e complexas - refere-se aos gêneros do discurso e é consequência das duas primeiras (BAKHTIN, 2011).

Dialogismo – é uma relação dialógica entre o eu e o outro (concordância ou discordância), ou seja, uma relação de alteridade, a partir do discurso do outro. O sujeito é resultado de uma pluralidade de discursos que emanam das relações/interações sociais. É nas interlocuções intersubjetivas, entre a voz do eu e do outro que surge a dinâmica da interação e da interatividade nas relações de significação no contexto sócio-histórico-cultural, elementos articuladores da linguagem (BAKHTIN, 2011).

Rede – é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes,

características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (CASTELLS, 2003, p. 7).

Virtual – é aquilo que existe apenas em potência e não em ato. O virtual é toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LEVY, 1999, p. 47).

Ciberespaço – é um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os sistemas de redes hertzianas e telefônicas clássicas), que transmitem informações vindas de fontes digitais ou destinadas à digitalização. É um espaço com caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real. Se organiza de modo hipertextual e interativo para a virtualização da informação. Permite a copresença de diversas linguagens e a comunicação se dá em outra escala, outra órbita, outra lógica. Suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas; memória – objetivada em dispositivos automáticos, separada dos corpos e dos hábitos coletivos; imaginação – enriquecida com as simulações; percepção – se amplifica com os sensores digitais e realidades virtuais (LEVY, 1999). O Ciberespaço é um espaço informacional, cujas arquiteturas líquidas não têm fronteiras definidas. Não tem localização, existe em um não-lugar, uma miríade de lugares. Consiste em uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso, manipulação, transformação e intercâmbio de seus fluxos codificados de informação (SANTAELLA, 2004, 2005).

Multiplicidades – este conceito tem dois objetivos: 1) sublinhar os processos de movimento e de devir, em vez das noções estáticas de essência e de “ser”, já-e-para sempre constituído; 2) Permitir pensar a diversidade e a variedade do mundo sem recorrer a noções tradicionais de uno e múltiplo. Um mundo constituído de multiplicidades é um mundo em movimento contínuo, um mundo de criações (DELEUZE, 1996).

Educação online – “é o conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais” (SANTOS, 2009, p. 5663). A educação *online* é concebida em um contexto sócio-

histórico e cultural, onde computador/internet são instrumentos culturais de aprendizagem (SANTOS, 2009).

Dialógica – é a compreensão de uma forma de diálogo e também uma forma de significação da linguagem. E a comunicação como um processo interativo muito mais amplo do que a mera transmissão de informações (BAKHTIN, 2011).

Aprendizagem e desenvolvimento – ocorrem em um caminho de trocas e interações mediados pela linguagem, constituidora do sujeito, em um processo de construção que permite o diálogo, a interação social, a intervenção, a participação e a cocriação, a coletividade, a colaboração, a alteridade, a individualidade, a consciência e a autonomia pela função autoreguladora dos signos (VIGOTSKY, 1987).

Digitalização – “via digitalização todas as fontes de informação, incluindo fenômenos materiais e processos naturais, incluindo as nossas simulações sensoriais – em sistemas de realidade virtual, por exemplo, estão homogeneizados em cadeias sequencias de 0 a 1 [...]. Trata-se portanto, de uma linguagem universal que permite a estocagem e o tratamento de todos os tipos de informação. É por isso que a digitalização possui muitos méritos [...] como a compressão de dados e a correção de erros que nos permitiram comprimir a forma digital básica do som e da imagem após termos observado os bits no tempo, no espaço ou em ambos e removido redundâncias e repetições intrínsecas. Aliás uma das razões pelas quais todos os meios de comunicação se tornaram digitais com tanta rapidez está no fato de termos alcançado altos níveis de compressão muito mais rápido do que previam as pessoas” (SANTAELLA, 2005, p. 23).

Polifonia – esta noção foi emprestada da arte musical e é entendida como “o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas, Bakhtin emprega-a ao analisar a obra de Dostoiévski, considerada por ele como um novo gênero romanesco – o romance polifônico” (TEZZA, 2002, p. 90). A polifonia é o elemento que harmoniza a diversidade de vozes independentes produzindo diferentes efeitos de sentidos repercutindo múltiplas ideologias. A compreensão de que a linguagem é heterogênea e marcada pela presença de interlocutores tem como base a noção de polifonia usada por Bakhtin (2011) como as várias “vozes” percebidas simultaneamente nos enunciados ou a incorporação que o locutor faz ao

seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos, seus interlocutores. A linguagem é polifônica porque, apesar de proferida ou produzida por um sujeito específico, é perpassada por outras vozes, outras visões de mundo e outros sentidos que intervêm nos enunciados.

Signos – “A unidade de todos os mundos está em que eles formam sistemas de signos emitidos por pessoas, objetos, matérias; não se aprende nada se não por decifração e interpretação. Mas a pluralidade dos mundos consiste no fato de que estes signos não são do mesmo tipo, não aparecem da mesma maneira, não podem ser decifrados do mesmo modo, não mantêm com o seu sentido uma relação idêntica” (DELEUZE, 2010, p. 5). Dos diferentes mundos dos signos extrai-se a unidade e o pluralismo, os quais se quer interpretar, decifrar, traduzir e encontrar sentido. Proust apresenta quatro tipos de signos: da mundanidade, do amor, das impressões ou das qualidades sensíveis; e o da arte. Os mundos dos signos se desdobram, é o que dá sentido a conexão signo-tempo. Um sistema de signos é pluralista. O signo tem um sentido equívoco, implícito e implicado, sendo necessário decifrar hieróglifos e linguagens secretas, pois as palavras elucidam condições a serem interpretadas (DELEUZE (2010).

Multiplicidade de Linguagens – “A multiplicidade variegada das linguagens é gerada a partir de combinações e misturas entre três matrizes (verbal, sonora e visual), que estão na base dessa multiplicidade [...] as combinações e as misturas se dão, de um lado, entre nove modalidades no interior de uma mesma matriz; de outro lado, as misturas também se dão de uma matriz para a outra, através de combinações possíveis das vinte e sete modalidades entre si, de modo que as combinações entre essas vinte e sete modalidades devem dar conta de todas as formas de linguagem existentes e por existir [...]” (SANTAELLA, 2005, p. 21).

Mídias – “Defendo que é preciso expandir os conceitos restritivos de tecnologias de informação e comunicação (TIC) ou tecnologias de informação ou comunicação digitais (TIDIC) para **mídias**, entendidas não apenas como *hardware* (a base material, suporte e meios de distribuição), ou *software* (os programas e aplicativos que nela rodam), ou artefatos (os produtos criados com os programas nos equipamentos), ou mesmo linguagens (as diferentes formas de expressão e seus gêneros em constante mutação e suas possibilidades de interação), mas também

como cultura, ou seja, as práticas sociais, os modos de uso, consumo, apropriação e produção de informação que se reconfiguram em novos espaços e eventos a partir de habilidades e competências que são exigidas para a operação dessas várias instâncias” (CRUZ, 2015).

Multimídia – refere-se à técnica de produzir textos híbridos via programa de computador. “A mistura de áudio, vídeo e dados, recebe o nome de multimídia, quer dizer bits misturados [...]. Após a digitalização, a transmissão da informação digital é independente do meio de transporte (fio de telefone, onda de rádio, satélite de televisão, cabo). Sua qualidade permanece perfeita, diferentemente do sinal analógico que se degrada mais facilmente; além disso, sua estocagem é menos onerosa. Vem daí o rápido desenvolvimento da multimídia na convergência de vários campos tradicionais, fundindo-se em um único setor de todo o digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores e programas informáticos) [...] Em formatos digitais quaisquer dados podem ser sintetizados em qualquer lugar e em qualquer tempo, para produzir produtos com idênticas cores e sons. Esses dados, desse modo, independem do lugar e tempo de sua emissão original ou de uma destinação determinada, pois são realizáveis em qualquer tempo e espaço. São telegrafáveis” (SANTAELLA, 2005, p. 23-24-25).

Hipermídia – “é uma extensão do hipertexto, pois não se limita a informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos (símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras), mas também todas as espécies de elementos audiovisuais (voz, música, sons, imagens fixas e animadas). Em ambos os casos, o termo hiper se reporta a estrutura complexa alinear da informação” (SANTAELLA, 2005, p. 24).

Leitores – 1) contemplativo-meditativo - é aquele da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa, nasce com o renascimento e perdura até meados do século XIX; 2) o movente - é leitor do mundo híbrido, de misturas sógnicas, considerado filho da revolução industrial, do mundo dinâmico, o homem na multidão, acompanha o movimento do aparecimento dos grandes centros urbanos; 3) e o imersivo – é o leitor que surge a partir dos novos espaços virtuais (SANTAELLA, 2004).

Habilidades, níveis ou graus de letramentos – habilidades discretas distribuídas ao longo do tempo (ou de níveis) num *contínuum* crescente de complexidades linguísticas, conjuntos entrelaçados e mutuamente apropriáveis de códigos e tecnologias, ficará claro que é provavelmente mais letrado aquele que domina mais desses conjuntos e formas de entrelaçá-los e apropriá-los. Quanto maior a quantidade de esferas de atividade ou eventos de letramentos em que participa – ou pretenda participar – maior é o seu repertório de gêneros e, conseqüentemente, maior o seu grau de letramento ou o seu conjunto de letramentos. Não há letramento absoluto; ninguém é totalmente letrado; cada um de nós domina alguns letramentos mais ou menos do que outros; alguns letramentos são mais valorizados, disciplinados, quantificados, justificados ou estabilizados do que outros, a depender dos contextos em que aparecem e de quem está ou não está familiarizado com eles (BUZATTO, 2007; 2009).

Hipertexto – “Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. Funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação” (LEVY, 1993, p. 33). “A abordagem mais simples do hipertexto que, insisto, não exclui nem os sons nem as imagens, é a de descrevê-lo, por oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto seria constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, “botões” que efetuam a passagem de um nó ao outro)” (LEVY, 1996, p. 44).

Conhecimento – “o conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos [...]. A ciência seria um subconjunto do conhecimento [...]. Mas pelo termo saber não se entende apenas, é claro, um conjunto de enunciados denotativos; a ele se misturam as ideias de saber-fazer, de saber viver, de saber escutar, etc. Trata-se então de uma competência

que excede a determinação e a aplicação do critério único de verdade, e que se estende às determinações e aplicações dos critérios de eficiência (qualificação técnica), de justiça e/ou de felicidade (sabedoria ética), de beleza sonora, cromática (sensibilidade auditiva, visual), etc. Saber permite “boas” *performances* a respeito de vários objetos de discursos: a se conhecer, decidir, avaliar, transformar... Daí resulta uma de suas principais características: coincide com uma ‘formação’ considerável de competências, é a forma única encarnada em um sujeito constituído pelas diversas espécies de competência que o compõem” (LYOTARD, 2004, p. 35-6).

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA COM PROFESSORAS FORMADORAS

Entrevista com Docentes-Formadores	
Universidade Aberta de Lisboa – Portugal	
Doutoramento Sanduiche	Terezinha Fernandes
Orientadora:	Lúcia Amante
Nome do Docente/Formador:	
Instituição/Afiliação:	UAb Módulo de Ambientação <i>Online</i>
Data:	

2.1 ROTEIRO DE ENTREVISTAS

0. Pode referir-se às competências que o Módulo de Ambientação *Online* – MAO visa desenvolver?

1. Qual é a contribuição da proposta de formação do MAO para o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes?

2. Você considera que o objetivo da proposta se traduz nas situações, eventos ou atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas durante a MAO com o uso tecnologias digitais?

3. Que estratégias e ações considera importantes desenvolver para a ampliação das competências digitais que os estudantes chegam no curso?

4. Quais os principais desafios/dificuldades/lacunas encontrados no início do processo de formação dos estudantes, ou seja, logo que estes contatam com o contexto de aprendizagem *online*?

5. Considera que a formação prévia dada aos estudantes é suficiente para o desenvolvimento das competências digitais que a frequência do curso *online*, requer?

6. Que outras estratégias você acha que poderiam ajudar a esse desenvolvimento para auxiliar o estudante a prosseguir no curso?

7. As dificuldades dos estudantes, no início da formação, parecem-lhe ligadas à necessidade de desenvolver competências digitais, ou, antes, à necessidade de desenvolver conhecimento e competências, sobre o que é ser aluno na modalidade *online*?

8. Estarão os estudantes à espera de encontrar no *online* a reprodução do ensino presencial, sendo esse um fator que dificulta a compreensão destes novos contextos? Ou será mesmo uma questão de literacia digital o que cria mais dificuldades?

9. Questão aberta.

2.1.1 ENTREVISTA COM PROFESSORA/FORMADORA I

Entrevista com Docentes/Formadores 01	
Universidade Aberta de Lisboa – Portugal	
Doutoramento Sanduiche	Terezinha Fernandes
Orientadora:	Lucia Amante
Nome do Docente/Formador:	M.A.R
Cadeira:	Ferramentas de comunicação educacional multimedia
Instituição/Afiliação:	Universidade Aberta
Data:	02/04/2015 (11h10)

0. Pode referir-se a natureza das competências que o Módulo de Ambiência Online – MAO visa desenvolver?

Elas visam desenvolver diferentes áreas de competências; por um lado, as competências, mesmo com a plataforma, para a esmagadora maioria - não a totalidade dos estudantes - é um desafio e, desconhecendo a plataforma Moodle, eles chegam ao MAO muito receosos de como é que vai acontecer uma licenciatura, portanto um curso do primeiro ciclo sem a parte presencial a que estavam habituados. E, portanto, quando entram a plataforma Moodle e um mundo novo que supunham eles mesmo explorar, este é um dos grandes vetores de competências que nós temos de desenvolver neles e dar-lhes no fundo pistas e trilhos guiados da própria plataforma. Depois, a outra grande área é eles próprios perceberem que estão em contexto académico e, como tal, como podem desenvolver as competências até a forma de escrita, as competências em contexto educacional: formas de escrita, forma de interagir, modo de se apresentar aos pares e professores das cadeiras, escrever em fóruns, de produzirem trabalhos escritos e produtos finais escritos. A outra grande valência será as competências relacionais entre pares a distância, mas que não significa que não se cria também afetos. Ha uma prof^a dessa casa que escreveu uma frase que para mim acabou por ser um bocadinho basililar: “ a distancia também se constroem afetos” e é verdade, agora todos aqueles adultos, estudantes

quando chegam, estão tão receosos quanto descreditados das potencialidades e daquilo que vão conseguir fazer nesse mundo novo, portanto o grande desafio do MAO, nesses 15 dias, é tentarmos mostrar tudo, mas faseado e distribuído no tempo, que é para eles começarem a consolidar e não querer fazer tudo no primeiro dia, porque depois acaba por não ser nada, portanto estes são os 3 grandes vetores de competências. É muito difícil e exige muito de nós nos 15 dias do MAO, costumo dizer para minha família “eu vou morrer para o mundo”, portanto é um trabalho de quase 24 horas por dia, porque nós temos que estar sempre no fundo, a regular o comportamento e as competências, a guiá-los e incentivá-los, há casos que temos que colocar um freio, pois há casos que no primeiro dia já começam a perguntas de como será a avaliação, como serão distribuídas as cadeiras, como é a parte dos exames, o que é o p-folio, querem saber tudo no primeiro e no segundo dia, o nosso grande desafio é mostrar o caminho, mas refrado para eles não se perderem naquela imensidão de informações e naquele mundo novo para eles.

1. Poderia apontar a contribuição da proposta de formação do MAO para o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes?

É fundamental. Como eu tenho duas visões, estou nos dois mundos, faço o MAO normalmente, não faço aos alunos que irão chegar depois, no primeiro semestre, faço a outras licenciaturas, e quando eu chego à cadeira propriamente dita, porque sou tutora, mas também tenho turmas, percebo, noto perfeitamente a diferença entre um estudante que passou pelo MAO e aquele que não passou. Portanto, o cumprimento das coisas, a forma de se movimentar no espaço virtual é completamente diferente, porque eles ao longo daqueles 15 dias vão descobrindo e nós vamos incentivando suas descobertas e mostrando as suas valências da própria plataforma, que um estudante que não passou pelo MAO tem que estar em simultâneo com as várias UCs a fazer estas descobertas, portanto é para eles um trabalho suplementar e desnecessário.

2. Você considera que o objetivo da proposta se traduz nas situações, eventos ou atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas durante a MAO com o uso tecnologias digitais?

Sim. Aliás, nós tentamos que a equipe do MAO, que já é uma equipe sênior, eu portanto entrei em 88 e estamos em 2015, portanto já temos muitos anos de, mas cada turma é diferente. De qualquer maneira, naquilo que nós nos propomos e naquilo que nós vamos tentando

desafiar e fazer desabrochar no próprio estudante o espírito da pesquisa, da descoberta, da contenção e da forma de estar em contexto acadêmico, em que é muito importante a forma de escrever corretamente em um fórum. Eu pessoalmente também vou incutindo as normas APA para a estruturação de um trabalho acadêmico, e isso já é fora do objeto primeiro, ou seja, eu enquanto monitora tenho o objetivo, tenho um plano de tutoria, mas sempre alguma liberdade, temos todos alguma liberdade para, de acordo com o grupo que temos, irmos gerindo nós próprios também. Eu falo por mim. Eu tenho um esqueleto, desde 2008, que fui fazendo, e tenho também enquanto ser pensante e humano; vou desafiando a mim própria de turma para turma, vou propondo também coisas diferentes, ou seja, neste momento, enquanto balanço, posso dizer que a prática e os produtos finais das últimas turmas já estão a superar e a ultrapassar para melhor, para bem melhor. O objetivo, inicial nunca podemos esquecê-lo, mas vamos sempre evoluindo e exigindo mais de nós para dar a eles, os estudantes.

3. Que estratégias e ações considera importantes desenvolver para a ampliação das competências digitais que os estudantes chegam no curso?

É assim, eu tenho me interrogado e pegando agora um bocadinho daquilo que acabei de dizer, que nós - falo por mim, mas estou a crer que o resto da equipe faz a mesma coisa-, de turma para turma, de momento para momento, nos vamos também desafiando a nós e vamos propondo novas coisas. Não há pronto, passe a modéstia, não há nenhum foco de competências que não estejam aqui deixando de ser ou sendo mais desenvolvido; nós vamos interagindo, partindo daqueles três grandes vetores que eu falei no início, portanto nós vamos adaptando sempre a cada grupo, pois cada grupo é sempre diferente do outro. Há grupo que às vezes tem um ou dois estudantes que tem que se integrar, há outros muito participativos, há outros menos participativos e, portanto, que nos obrigam a estratégias diferenciadas. São esses três grandes vetores que eu identifiquei que nós vamos sempre arranjando às estratégias, que tentam chegar a todos os objetivos e, no fundo, que os dêem forma e asas para eles conseguirem voar por eles mesmos.

4. Quais os principais desafios/dificuldades/lacunas encontrados no início do processo de formação dos estudantes, ou seja, logo que estes contatam com o contexto de aprendizagem online?

Logo de início, percebe-se logo de início, as primeiras dificuldades e os primeiros constrangimentos, que são logo

identificados, são precisamente os digitais, porque temos estudantes que estão afastados do contexto educacional há muitos anos. São adultos. E se alguns vem numa sequência logica em termos temporais, a grande massa de estudantes estava afastado da escola, digo aquela escola grande, de estudar a muitos anos, portanto são pessoas com faixas etárias muito diferenciadas, e há algumas com faixas etárias que já não são os nativos digitais; portanto, para essa grande faixa dos migrantes digitais há pessoas que também, e isso pode subdividir, tem mais confiança e que por si próprias foram fazendo a educação informal; e há, - engraçado, que é sempre da parte mais das senhoras migrantes digitais com alguma diferença de faixa etária, dos quarenta para cima que não tem competências digitais e/ou não acreditam nelas mesmas e para além... e são mulheres, engraçado, que não são possuidoras de algumas competências digitais, porque não acreditam em si e então logo no primeiro e no segundo dia começa-se a identificar estes grupo de estudantes, começam a por duvidas nos fóruns errados, começam ir ao fórum duvidas e dizer tão simplesmente “eu não consigo” e aquilo que ela não consegue é identificar o seu problema ou dúvida, portanto, e depois há outro grupo de estudantes mais novos que consideram que já sabem tudo e que ali até não vão aprender nada, porque ali no ambiente digital são elementos de redes sociais, e que dizem eles é igual, pronto e depois, portanto há toda esta mescla de competências digitais que tem que ser reguladas para aqueles que acham que aquilo é mais do mesmo que vai se começando a tentar incentivar a descobrir outros tipos de coisas, até que eles dizem mas afinal não é assim, nomeadamente a comunicação em fórum, a comunicação assíncrona e a escrita em fórum que aquilo que logo eu começo a regular a princípio, pronto, porque eles vão pra ali, em fórum não no café, mas em todos os outros fóruns, nos fóruns de trabalho, com o tipo de escrita e de linguagem da rede social, que é uma coisa que eu regulo logo, digitalmente tenho paciência mas afinal é, ora exatamente. Há outro grupo que não tem as competências digitais que há que ter muito mais cuidado, muito mais paciência, há que incentivá-los para já isolar qual é a dúvida, qual é que é o constrangimento e depois ir dando tutoriais, ir dando ajuda a todo o momento, agora é interessante perceber-se que nem todos no final e isso depois normalmente vem nos e-fólios, vem sempre a assunção e o reconhecimento por parte deles por mais que eles pensassem que sabiam tudo ou que não sabiam nada, chegaram ao fim daquele modulo mais enriquecidos e com mais aprendizagens.

5. Considera que a formação prévia dada aos estudantes é suficiente para o desenvolvimento das competências digitais que a frequência de um curso *online*, requer?

Na sua grande maioria sim, não arrisco dizer que em sua totalidade, de qualquer maneira, agora estou a interrogar ou a fazer a ponte com um dos desafios que nós fazemos na nossa UC que tem a ver com a comunicação educacional multimídia portanto e com as competências digitais e que na UC incentivamos muito que é a descoberta e a pesquisa e a usar novas ferramentas, penso que no MAO nos não damos enfoque específico a isso, mas assim, eu agora estou a pensar talvez pela primeira vez, estou a pensar em voz alta, poderia ser uma nova estratégia e um novo desafio e de qualquer maneira também um risco para aquele grupo de estudante que não tem as tais competências e que estão esquecidos, há pessoas que compraram computador nas vésperas do MAO, não tinham, portanto, por voos muito altos para grupos demasiadamente heterogêneos é também um risco de desmotivação, portanto o MAO tem que ser, penso que aquilo que se a esse nível é mediano, aquilo que está no meio, portanto, deixa-se, incentiva-se de alguma forma e o espírito e aquela conscientização de que o estudante tem que investigar, tem que descobrir, tem que perceber que há mais coisas, mas não se dá tudo porque se para uns seria muito fácil acompanhar para outros seria muito mal e até uma pessoa que está a perceber que há colegas que sabem mais em termos digitais, há colegas que sabem mais em termos digitais do que outros e para uma pessoa que tem consciência de que está no grupo e que olha para os outros e vê que menos, se resquia que fosse colocada diante de uma exigência demasiadamente alta eu penso que iria conduzir ao abandono e também não é bom.

6. Que outras estratégias você acha que poderiam ajudar a esse desenvolvimento para auxiliar o estudante a prosseguir no curso?

Nós na licenciatura fazemos isso em ato contínuo, fazemos isso nas UC em que sou tutora, portanto, posso falar por essa pois só tenho conhecimento dessa. Na licenciatura em Educação os estudantes que optam pela educação depois tem logo no primeiro semestre a esta continuidade, no fundo é a descoberta, pedimos que eles pesquisem e façam, concebam produtos finais multimídia usando algumas ferramentas e o desafio passa por não dar-lhes forma de o fazerem, são eles que vão a descoberta da própria ferramenta e fazem o produto final e assim, não sei o que se passa nas outras licenciaturas, acho importante, mas continuo a achar que seria um risco demasiadamente grande para o

MAO, porque temos ali um público por demais heterogêneo para podermos fazer isso. Vou dar exemplos concretos, tivemos agora na ultima edição do MAO eu tive e tenho sempre em todas edições, estudantes que nos últimos dois dias do MAO ainda estavam com dificuldades em atualizar o seu perfil na plataforma, portanto, para um estudante destes, dar-lhes um desafio como: vá ao estagran e faça um produto final, era não perceber, que as pessoas que estavam ali não tinham um mínimo de competências digitais.. Penso que para a heterogeneidade de público o que está no MAO é o ideal, está no meio, esta doseado, não tem demais e nem de menos, abre portas para eles fazerem mais investigações, criar neles a percepção de tem que pesquisar, procurar, mas damos links e coisas mais nomeadamente normas APA, netiqueta, etc e alertamos para o plágio e riscos do que há de bom ou de mal na nuvem ou seja, incutimos neles estes valores ou pelo menos tentamos e penso que eles ficam conscientes de que não se pode ficar única e estritamente aquilo que lhes é dado, mas eles tem que partir a busca. Porque o problema é que nós temos uma faixa de estudantes que então é muito problemática que são os oriundos dos palops, essa é uma faixa de estudantes muito problemáticas, competências digitais zero. São estudantes que vem e que se candidatam como outro qualquer, só que ao invés de ser aqui do continente ou das ilhas e são dos palops, muito, muito problemáticos, com competências digitais quase a bater no zero.

7. As dificuldades dos estudantes, no início da formação, parecem-lhe ligadas à necessidade de desenvolver competências digitais, ou, antes, à necessidade de desenvolver conhecimento e competências, sobre o que é ser aluno na *online*?

É, sobretudo, no início eles querem saber tudo, a ansiedade é de tal forma, e eu sei, porque no meu percurso de estudos aqui na UAb eu fui estudante de MAO, não para a licenciatura mas para a pós graduação, portanto para o mestrado, portanto tenho as duas visões. Antes de ser monitora do MAO, fui estudante do MAO e consigo rever-me e portanto, todos nos da equipa do MAO também passou pela experiência e portanto nos conseguimos rever perfeitamente, naquilo que eles escrevem e naquilo que eles estão a sentir e eles estão a dizer como é que adivinha isso e como e que adivinhamos, pois já lá pensamos e no início do MAO, quando eles entram no primeiro e segundo dia, consigo entender perfeitamente esse sentimento que tive quando liguei o computador enquanto estudante e queria descobrir

aquele mundo novo em um minuto, portanto há duas formas de agir, ou começam a disparar perguntas por tudo e nada, portanto no primeiro dia do módulo, há dúvidas que localizamos no fim das UCs e tem também os tímidos que não perguntam nada e me revejo como estudante nos primeiros dias, também fui muito caladinha e tínhamos que tentar descobrir, mas no início eles querem saber tudo, querem descobrir a parte relacional, como que serão feitos os trabalhos, como irão entregar os trabalhos, como será feita a avaliação e depois como é que eu público isso e então disparam três vezes a mesma mensagem ao fórum porque não dão o tempo mínimo necessário ao sistema para colocar a mensagem na plataforma, portanto no primeiro e segundo dia tentam descobrir tudo e tentamos acalmar com muito esforço e muita, costumo dizer calma temos 15 dias, o MAO apenas começou, tudo ao seu tempo, mas no início eles querem saber o que é mais conhecido e depois tem um grupo que quero acreditar que por timidez, quero acreditar que seja por timidez que ainda não conseguem fazer uma boa gestão do tempo que ainda não se conscientizaram para o fato de que não ir presencialmente tem que ter algum calendário, tem que ter alguma forma de regular a sua própria disponibilidade de tempo. Aliás, isso é tema do tópico 2, da segunda parte do MAO, que aí eles começam a cair na realidade e começam a perceber No primeiro e no segundo dia, quando damos a eles um tempo para as dúvidas, as... reguladas, a leitura dos tutoriais que nos disponibilizamos e interagindo, há muitos estudantes fazem as tarefas mínimas que lá estão e desaparecem porque acham que já fizeram tudo e nada de ir a descoberta e nada de ir a perceber mais, fizeram o mínimo e estritamente mínimo e desaparecem e há outros que ou por timidez ou por que acham que já cumpriram as tarefas não cumprem as questões, para estes nós desafiamos com mensagens um bocadinho mais ternas ou com mensagens um bocadinho mais fortes, as vezes sou um bocadinho forte, mas tem que ser ali e despertar para uma nova realidade, ainda baseado no estigma de uma licenciatura na universidade aberta, ou seja a distância, acredita-se que seja mais fácil do que a presencial, portanto este é um dos grandes mitos que tem que ser desmistificados e contextualizados e ao fim destes 15 dias, um dos nossos objetivos temos que provar que estes, a grande maioria ao fim deste modulo acaba por ter esta consciência, por assumir, nos e-folios, que é uma vitória e um dos objetivos do MAO, é precisamente eles perceberem que não é fácil, que não se resume a mandar umas coisinhas pelas internet e pronto, portanto, agora a dúvida pode ser calada ou não e naqueles dois dias há todo um despertar das sensações e quero crer que descobrir o mundo, fazendo a associação

com uma criança que começa a caminhar e ver o mundo de forma diferente e começa a correr por todo lado, portanto é a busca da descoberta.

8. Estarão os estudantes à espera de encontrar no *online* a reprodução do ensino presencial, sendo esse um fator que dificulta a compreensão destes novos contextos? Ou será mesmo uma questão de literacia digital o que cria mais dificuldades?

Não. Não para as duas questões. É assim, eles não chegam com a consciência de que vai ser igual, até porque uma das grandes ansiedades que eles chegam é de como vai ser este ensino porque não vai ter o presencial, portanto são os medos todos, os receios todos, e o tentar perceber logo tudo, inclusive como será avaliação, isso no primeiro dia, portanto, eles vão com a consciência de que não é igual ao presencial. Agora, há muitos que vão com alguma esperança, e estou a dizer isso de forma irônica, de que não sendo igual é mais fácil, porque usa-se a internet e os e-fólios estão em espaços que não podem ser vigiados e controlados e até pode-se pedir a outra pessoa a fazer o seu trabalho e dizer que é deles, ou portanto vão com vícios e visões erradas de que é mais fácil e isso, portanto, relativamente não é pelas competências digitais que eles pensam ou temam que será diferente ou mais difícil, ou mesmo a forma de atingir as competências educacionais e os objetivos de cada unidade curricular, mas não é por aí...

9. Questão aberta (para complementar as demais ou contemplar algo)

A reflexão sobre a aprendizagem, no final do tema 2, está muito bem colocada, portanto, vai imediatamente a seguir aqueles os dois primeiros dias em que começam a controlar e acalmar a ansiedade e vem entre o segundo e o terceiro, que está relacionado ao modelo pedagógico e virtual da UAb e as formas mais concretas do futuro que passa dias depois. O tema 2 é precisamente foca a questão do tempo, é onde queremos chamar para a realidade de que a licenciatura não se faz sozinho e nem com o computador fechado, ainda que muito se passa pelo off-line mas eles tem que tomar consciência de que há um número de horas que eles precisam para cada UC no final e tem outros desafios que é a interação para a construção de um produto final, portanto, eles começam a perceber que, por uma lado dá trabalho, e por outro, aquele trabalho não se faz sozinho, eles tem que discutir, eles tem que chegar a um produto único final e com consenso em que todos se revejam e que tem que se nomear um moderador que no fundo seja um porta voz para

colocar o produto final no fórum. Nisso estou a crer que os meus colegas também, mas pronto, falo pelo meu trabalho, dos meus colegas não conheço em pormenores, e nisso não sou nada permissiva, faço consicentemente, que é para eles perceberem que há regras e que tem que interagir com os outros, ainda que a distancia e eles começam a perceber a ver as coisas de forma diferente, no final nos damos o feedback das síntese finais, sempre com aquele espirito positivo, dando reforço positivo e acentuando as fragilidades que eles apresentaram, não tanto pelo próprio conteúdo daquele produto final, mas na forma de interação entre eles. E eles nesse momento, normalmente nós damos esse feedback já no primeiro ou no segundo dia, no tema 3 diretamente no modelo da UAb, e nesse momento nota-se um silencio, ou uma diminuição do volume de mensagens nos fóruns e anuncio que eles podem colocar, no fundo, à nossa apreciação, os comentários e a síntese são publicados nos fóruns principais, portanto nas orientações dos docentes e nada em anexo portanto aquilo vem tudo em aberto e portanto alguns que são mais espontâneos, que vão para o café que é o local que eles tem, pedir desculpas aos outros, há grupos que vão fazer uma análise dos comentários, uma análise dos comentários, uma análise do que fizeram bem, do que fizeram menos bem e até uma conversa, um balanço dos que fizeram relativamente ao comentário ao que foi feito ao grupo dele, outros que vão tão somente dizer que vou ter que pensar sobre isto, nesse momento eles tem a consciência do que é uma avaliação de curso, não é só no e-fólio, acho que esta é a mais importante do que do e-fólio, porque o comentário ao e-folio já está naquele limbo entre o início e a abertura das UCs, acho que não será tão importante do que este, este é mais importante porque é o primeiro e eles ainda lá estão, porque em cada educação do MAO temos estudantes de vários cursos, em que concluído o MAO serão polvilhados, distribuídos em função do curso de sua escolha, se calhar, alguns deles, muito raramente, ou até nunca mais voltam a interagir e, portanto, considero que este momento de avaliação do comentário as sínteses do tema 2, para eles é mais determinante, ainda estamos no meio do processo e eles ainda estão lá todos e ainda podem encontrar-se nesses grupos mais restritos, é uma avaliação em contexto. A do e-folio final creio que já será um bocadinho mais descontextualizada em times temporais, é o culminar de um processo e também não tínhamos outra forma de fazer. As recomendações que fazemos são importantes pelas experiências de eles perceberem como que é um instrumento de avaliação, mas creio que não seja tão determinante quanto o comentário as sínteses dos segundo tempo, estou em crer isso.

2.2 Entrevista com Professora/Formadora II

Entrevista com Docentes/Formadores 02	
Universidade Aberta de Lisboa – Portugal	
Doutoramento Sanduiche	Terezinha Fernandes
Orientadora:	Lucia Amante
Nome do Docente/Formador:	M.J.S
Instituição/Afiliação:	UAb Módulo de Ambientação <i>Online</i>
Data:	16.04.2015

0. Pode referir-se à a natureza das competências que o Módulo de Ambientação *Online* – MAO visa desenvolver?

Há várias coisas, a vários níveis e tudo ao mesmo tempo. Eles têm que aprender primeira coisa que pra eles é difícil, é comunicar através do fórum. Temos alguns que entram e que já sabem o que é um fórum, mas não sabem se comunicar através dele e tem aqueles que nunca se comunicaram através do fórum ou que nunca fizeram um curso de e-learning então não sabem mesmo nada. Esta é uma das tarefas que eles têm é saber se comunicar em seus diversos níveis e também perceber que há diferentes fóruns para diferentes coisas, que há um fórum de dúvidas que há o fórum café, mais socializante. Em algumas turmas as vezes que acontecem coisas que tenho que chamar e dizer: olha vocês tem que fazer um trabalho em grupo e trabalho em grupo não se faz no café, embora normalmente presencialmente a gente se encontra no café para fazer, aqui não, tem que ser em outro. Ou seja, eles tem que distinguir entre os diferentes fóruns, tem que saber comunicar-se neles e é um processo que inicialmente é doloroso para alguns, há muita, inicialmente há muita dificuldade de se comunicar pela escrita não só esquecem formas tão simples como dizer: olá bom dia ou obrigada, portanto escrevem como se tivessem a escrever uma mensagem no telemóvel, portanto, há aqui a nível da comunicação, várias camadas não só da própria...

1. Que estratégias e ações considera importantes desenvolver para a ampliação das competências digitais que os estudantes chegam no curso?

O Problema é que temos vários tipos de alunos que chegam no MAO, são tipos de alunos a nível de habilitação, temos pessoas que já tem licenciaturas, que já acabaram a graduação e que, por exemplo, pretendem cursar somente uma atividade de história e se interessam por história, e já tem uma formação em informática, por exemplo, ou seja, essas pessoas estão dentro de nível profissional, talvez há algum tempo deixaram de estudar, temos alguns que se reformaram, se aposentaram e agora de repente querem estudar novamente e que não tem nem formação, nem conhecimentos básicos de informática e já algum há tempo que não estudaram e uns que acabaram de formar e que, portanto, a nível de habilitações e nível de métodos de estudos há aqui diferenças entre os alunos e depois a nível de informática a mesma coisa há aqueles que sabem muito e aqueles que sabem muito pouco a nível de computador, mas como disseram que não o necessitam e efetivamente o que é necessário é pouco, a nível de informática, as pessoas inscrevem-se e veem como uma boa oportunidade os cursos da UAb. Essencialmente para estes o que nós tentamos é colocar, não lhes pedir demais, porque eles não vão precisar, não preciso explicar, por exemplo, como é que se faz um prazi se eles não vão precisar disso, portanto, o eu que preciso que eles entendam é como se faz um áudio (?). E aí, nós colocamos nas situações práticas aquilo que eles vão necessitar e eles conseguem ver onde é que têm dificuldades e são essas as habilitações e as competências que eles desenvolvem, para além das competências de trabalhar em um fórum, com ferramentas de comunicação que vão ter como tem dificuldades, como enviam um email, quais são os serviços de apoio que a própria universidade lhes fornece como alunos, isso é o que nós abrimos como leque, mas sempre muito focados naquilo que eles vão necessitar para as licenciaturas, ou seja, nossa tarefa neste módulo não é lhes mostrar coisas que eles não precisam essencialmente, por exemplo, no MAO não mostramos como se trabalha com o Latex, por exemplo, alunos de matemática que vão precisar do látex para trabalharem no Moodle com essa linguagem são chamados a depois fazerem um módulo de ambientação digamos para isso, e nós aqui só chamamos a atenção: olha há...por favor façam-no porque vão precisar disso para depois poderem comunicar aqui no Moodle nos fóruns através dessa linguagem para poderem fazer uma fórmula matemática, não é pronto, mas isso é pontual para eles, os outros que não necessitam portanto não se tem, portanto o Mao é transversal a todas as

licenciaturas, não vamos fazer coisas específicas, vamos fazer aquilo que todos vão necessitar, o importante é que eles notam que aquilo que fazemos é o que eles vão realmente vão necessitar não estamos ali a exigir nada que não vão precisar, mas podem fazer, mas não é para este contexto. Eles notam bem que são coisas retiradas daquilo que eles depois vão fazer nas licenciaturas, claro, com as temáticas que eles depois têm e aqui é em geral aquilo que o que é ser aluno *online*, o que é ser aluno na UAb, portanto, esses são os nossos temas, quando forem cursar as disciplinas são os temas das disciplinas que eles fizerem, precisamente é isso.

2. Quais os principais desafios/dificuldades/lacunas encontrados no início do processo de formação dos estudantes, ou seja, logo que estes contatam com o contexto de aprendizagem *online*?

O que eles tem dificuldades, essencialmente, muitos não se atrevem a responder nos fóruns, na apresentação temos muitas vezes casos extremos ou que não dizem nada ou que dizem demais, também não é aconselhável expor a vida privada, digamos, num primeiro momento, ou seja, temos que ter aqui uma certa sensibilidade. Encontrar logo tudo, ou seja, embora nós tenhamos as coisas por, os recursos e as atividades por uma ordem sequencial que pensamos ser lógica, muitas vezes não leem tudo e clicam aqui e não clicam ali, pois estão ali perdidas, digamos assim. Quando se abre, portanto, os primeiros dois dias são de apresentação, quando se abre o próximo tema já se sente que eles já estão, já sabem ok lá em cima é o fórum café, aqui é as notícias do professor, já começam a ver um ritmo e depois veem que é sempre igual, não há aqui grandes divergências a nível da estrutura do próprio curso o que é também, portanto, para que eles não sintam-se tão perdidos, cada vez que há uma mudança, então afinal estava aqui agora não está ali. Portanto, nós inicialmente, muitas vezes (colocávamos) os blocos, portanto, dos 3 temas: apresentação, ser aluno *online*, ser aluno na UAb, puxávamos para cima o atual e eu a cada vez mais noto que eles preferem que esteja, que adicione o último mas que fique na mesma ordem que é para eles saberem onde é que devem ir logo de início, para que não andem a procura, afinal é em cima, é embaixo, antes estava aqui agora está ali, mesmo só os blocos, o que para muitos parece fácil, para nós é fácil porque estamos a lidar, para eles é muitas vezes complicado, com muitas coisas juntas eles perdem-se, então prefiro que eles andem para baixo, rodem, rodem, rodem até lá chegarem abaixo, do que até estar a puxar o que está em baixo para cima e depois não saberem o que está em cima e o que está embaixo, porque assim, a meu

ver, devemos ir pelo elo mais fraco, ou seja, pelos alunos que não tem realmente competências digitais, por aqueles alunos que nunca fizeram nada a nível de e-learning e que não sabem, portanto, o que para nós como monitor, como professor que trabalhamos com isso, é obvio, para eles não é nada óbvio, e nós temos sempre que pensar como é que foi a primeira que vez tu entraste no Moodle, ou como é que foi a primeira vez que tu entraste em outra plataforma, ou até como é que tu sabendo trabalhar com o Moodle entraste em uma plataforma completamente diferente? Como é que tu te sentistes? Eu me senti perdida, como é que é? Tu tens que pensar nestes estudantes e tens que tentar ajudar, portanto, estas são as dificuldades essenciais, mas depois mesmo aqueles que já sabem, portanto, mais técnicas e aqueles que já sabem trabalhar com o Moodle e a nível muitas vezes de comunicação, não sabem responder, não sabem discutir, repetem muito aquilo que o colega disse, ou seja, chegam ali e não leem o que o colega colocou e colocam novamente a mesma ideia, não sabem dar um título como deve ser a mensagem que estão a colocar... ajuda, ajuda, pode ser tudo, posso não entrar ou posso não entrar, não consigo colocar a mensagem, perfil sem imagem, ajuda no perfil, aí quando entro já sei o que o aluno está a precisar, não é? Muitas vezes eles não tem essa percepção, que lá está, a nossa tarefa até o final é fazer com que eles entendam como é que se comunica *online*, como é que se cria, ou por exemplo, muitas vezes de outros, em Portugal nem tanto, mas de outros países, alunos que estão em outros países, de outras origens, muitas vezes escreverem com maiúsculas todo o texto, para se comunicar, então temos que explicar o que significa, para além de ser de leitura difícil, significa estar a gritar, e mesmo as vezes pessoas que já sabem entrar no facebook ou isso, ah é, não sabia... Olha, engraçado nunca tinha visto esta convenção. Portanto, este tipo de convenção que há, que os ajuda também fora da universidade, é assim, assim, assim, por convenção não é por outra coisa qualquer, se tu escreveres com maiúsculas você está a gritar comigo, não é esta a sua intenção, possível? Ai não professora desculpa, desculpa, pronto. Portanto, as dificuldades essencialmente são estas, e terem coragem muitas vezes de colocarem as suas próprias duvidas, muitos não em essa coragem, inibem-se e depois temos que dizer se você tem dúvidas tenha coragem, e coloque-as lá no fórum, ou então algo oposto, que é aqueles alunos que colocam muitas perguntas e que as perguntas já foram não sei quantas vezes respondidas e, temos que ter ok, que tipo de aluno é este, como é que vou responder a ele, na forma dura e dizer olha ali já foi respondida, ou efetivamente a resposta à pergunta já foi várias vezes, obrigada, ou seja, dar o que nós chamamos

aqui “uma no cravo e outra na ferradura”. Dar aqui uma certa sensibilidade de que tipo de aluno é que é, também para não inibir que ele nunca mais coloque uma pergunta qualquer não é, saber dizer olha a colega já colocou, veja lá se ajuda, se não ajuda, se ver que é uma pessoa que já está experiente e que porque não leu a questão de seus colegas, dizer que os colegas já responderam e colocar o link... Há aqui uma certa sensibilidade por parte também dos monitores em ver como é que se responde este tipo de situação. É isso.

3. Considera que a formação prévia dada aos estudantes é suficiente para o desenvolvimento das competências digitais que a frequência do curso *online*, requer?

Por um lado acho que sim, por outro acho que não. Há alguns alunos que irão precisar ainda de ajuda. Veem no final dos trabalhos o feedback que a princípio é personalizado, um feedback que damos ao trabalho que foi entregue e damos um feedback ao tipo de participação que foi dada ao longo do curso, o feedback que é dado ao trabalho abre a possibilidade de apontar coisinhas que podem ser melhoradas e que os alunos ainda podem fazer, há uns que logo de início nota-se (?) que as pessoas não terão problema algum em fazer uma unidade curricular ou uma licenciatura *online*, são entornos, são desinibidos, colocam as questões, sabem se exprimir a nível escrito, interajudam-se, não tem dificuldade procuram por uma resposta, essas pessoas não têm problemas, os outros não chegam duas semanas, mas isso também é uma coisa que mesmo que fossem quatro ou mesmo que fossem seis, possivelmente só mesmo no contexto é que elas vão ver talvez a necessidade e é que vão correr atrás, digamos, de adquirir óbvio por elas mesmas porque há coisas, que assim, posso lhes dizer ok uma margem no word se faz assim ou se faz assado, mas depois como é que se escreve um texto, as vezes são coisas que vão ter que treinar e ir fazendo ao longo, e que vão aprendendo e isso também faz parte do processo, do percurso académico, portanto, não é preciso eles saberem logo tudo de início, ate porque seria demais talvez se fossemos contemplar tudo e fazer de forma transversal, especifica como é que vamos nós vamos fazer isso, até porque o modulo é para todos inicialmente e o que queremos é ter ali uma base, e mais que duas semanas, acho que duas semanas é um bom compromisso, nem é longo demais, podia ser um bocadinho maior, mas não, como digo, damos por menos, eles ficam a saber que há a possibilidade de perguntar aos colegas, eles tem depois a possibilidade de ir na secretaria colocar questões, portanto, acho que não lhes dá tudo, mas já lhes dá uma boa ajuda, e mais do que duas

semanas talvez fosse um bocadinho..., não sei, é uma coisa a pensar, mas duas semanas acho que pela que é um intensivo, estas duas semanas são intensivas, eles também só tem este modulo enquanto que depois quando eles começarem efetivamente as licenciaturas eles terão várias disciplinas, mas aqui só tem este, portanto, eles só tem que ficar num, não é, e aí o ser intensivo duas semanas acho que está bem ponderado, um bom compromisso entre o tempo, a matéria que é dada e os objetivos.

4. Que outras estratégias você acha que poderiam ajudar a esse desenvolvimento para auxiliar o estudante a prosseguir no curso?

Uma das estratégias que esta subdesenvolvida, porque os estudantes ainda não tem bem essa noção acho eu, bem é a comunidade que foi criada no SOL, que é assim, antes, aqui há um ano, ela não havia, que havia eu não sei explicar, as unidades curriculares, as licenciaturas, vamos falar das licenciaturas, elas tem um curso, uma unidade curricular e depois tem mais um curso que é a forma de comunicar com o secretariado e com tudo e tinham o café virtual, portanto, onde eles se encontravam, este café virtual agora já não esta dentro do Moodle mas sim dentro dessa plataforma social, digamos o SOL, esta plataforma social que se pretende que seja uma comunidade alargada de todas, não é, a meu ver ainda não está como deveria estar, porque devia colmatar a parte social de eles terem um café por licenciatura mas também a nível transversal, ou seja, eu posso entrar como aluno de economia e ir ver o que os de informática estão lá a falar, pronto, mas eu acho que isso não está a funcionar cem por cento como poderia estar, porque para além de ser um café virtual no sentido de dizer olha hoje em Lisboa está a fazer sol, ser também no caso uma comunidade de aprendizagem onde eles interagissem também um pouco mais para além daquilo que há nas próprias unidades curriculares a nível temático, não é, o que iria fazer com que as pessoas sentissem mais como comunidade académica, e que poderia ir um pouco ao encontro de uma forma mais informal, porque acabamos depois cada qual, o tempo é pouco nós sabemos, todos andam preocupados com suas próprias unidades curriculares, e aquela parte humana da socialização perde-se também um pouquinho porque as pessoas não tem tempo e então dão menos prioridade e acabam por ser importante, mas que não seja para criar laços, no sentido de que se diz assim, olha eu tenho dificuldade eu agora tenho que fazer um texto em word e já tem duas páginas e aquilo tem que ter só uma, o que que eu vou fazer, como é que eu posso fazer, há aqui alguma estratégia não sei o que, pronto, e todo esse tipo de

conversas acabam por não acontecer possivelmente, porque ainda não está a meu ver a cem por cento a trabalhar a vários níveis essa comunidade. Houve em tempos uma pessoa que a universidade se tem isso, que é a figura de um mentor, de um colega que já passou ou que está passando pela licenciatura e que pode assumir, ser mentor de um colega novo, um caloiro, né como chamamos aqui, um caloiro, e portanto, ele entra e poderia ter uma ou outra pessoa, que poderia fazer aqui uma boa ligação, portanto, há universidade que tem isso, nas universidades presenciais existe, portanto, um caloiro que entra e tem um padrinho, portanto, são estudantes que estão lá no final e que já estão avançados que vão ajudar, a primeira estação quando há uma dificuldade e pode-se criar isso virtualmente, porque as vezes os empurrões que precisam e são muito pequeninos, só mesmo assim uma ajuda, só que se e todos aqueles que precisam de um pequeno empurrãozinho que colocam uma questão no secretariado ou na parte da coordenação, temos ali uma lista que os próprios professores ou aqueles que estão a ajudar não conseguem despachar tudo, se tivesse ali um padrinho, um mentor, um colega que sabe, que já passou, a meu ver seria uma boa ajuda, mas que não tem a ver possivelmente com o modulo de ambientação, seria uma coisa mais paralela que poderia acontecer para aqueles estudantes, para todos, mas principalmente para aqueles estudantes que precisam de alguma ajudazinha, todos nós mesmo nos mestrados e doutoramentos temos dificuldades, então, inicialmente mais dificuldades temos, portanto, seria uma oportunidade. Seria mais ou menos isso.

5. As dificuldades dos estudantes, no início da formação, parecem-lhe ligadas à necessidade de desenvolver competências digitais, ou, antes, à necessidade de desenvolver conhecimento e competências, sobre o que é ser aluno na modalidade *online*?

Elas estão relacionadas, mas é mais talvez a segunda do que a primeira. Visto ao longo dos anos, cada vez mais os alunos que entram, tem, ou seja, a porcentagem, sem ter números, na minha percepção é que, o número de alunos que tem dificuldades digitais, tende a ser menor, não é absoluto, mas tende a ser menor, ou seja, as pessoas pelo menos já sabem trabalhar no facebook, se conseguem colocar uma mensagem no facebook e possivelmente também sabem colocar uma mensagem aqui no fórum, portanto, esse tipo de coisa desaparece, portanto, o que é diferente que se estamos a falar de uma comunicação pelo fórum só, portanto, diferente daquele presencial e depois do que se é exigido a nível académico também, portanto, temos que ter cuidado

com o aspecto da escrita, como é que escrevemos, lá está a netiqueta, mas também a ortografia e tudo mais, porque chegam os textos que nós temos assim, pois, este aqui não passava, assim quando for nas unidades curriculares, não são textos cuidados, não vai ao encontro minimamente daquilo que é pretendido, mas vemos por outro lado, que as pessoas que estão como alunos, uma parte como diz no bom brasileiro “não estão nem aí”, para dizer a verdade, mas a grande maioria tem muito cuidado e quer aprender, portanto, eles entraram para aprender, e então colocam perguntas, e querem no primeiro trabalho que eles entregam, esmeram-se, querem fazer um bom trabalho, então perguntam tudo, o que se deve por, o não se deve por, mesmo tendo lá a dizer o que é esperado, mas as pessoas como nunca fizeram e não sabem o que é esperado e nós não damos também um exemplo, porque senão deixamos um pouco condicionados, então as pessoas ficam um bocadinho... será que fiz bem, será que fiz mal, mas esmeram-se as vezes temos realmente textos e depoimentos de uma página que percebemos que as pessoas se sentaram e demoraram horas a fazer aquele texto, porque nota-se que há ali muito cuidado e nós temos que chamar essa atenção, essencialmente, este é um caminho acadêmico, portanto tem que se ter cuidado com as citações, começamos a chamar a desde logo a atenção para o que é uma citação, para o plágio. Eu tive uma situação de uma pessoa, também todos estes anos, foi a única, que coloca um texto no fórum, ou seja público, não tive a possibilidade de chama-lo em privado porque estava no fórum, e eu notei naquele aluno que repente a escrita era muito boa e eu até ali a escrita tinha sido muito medíocre, para dizer mínima, só bastou copiar um parágrafo e colocar na internet e obter o link, aí eu escrevi, ou seja, eu nem posso assumir, no caso daquele aluno específico tive a noção que eu não fiz por mal, ele encontrou aquilo, era a resposta a minha pergunta e ele colocou, não sentiu a necessidade de escrever palavras próprias, e eu alertei, coloca-se de onde se retirou o texto, é o suficiente, não preciso neste estágio que me faça aqui uma dissertação sobre o temática encontrou um texto que achou pertinente, mas então tem me dizer, coloca-me aqui o link onde é que foi buscar, será que é este? E ele notou e todos os outros notaram que eu fui a procura, quando chegou o momento indicado falamos sobre plagio, falamos como referenciar, falamos sobre como citar... Portanto, agora, ainda voltando a outra pergunta: é suficiente, é suficiente? Não, mas isso vai, alertamos para uma situação, é tematizado na terceira atividade, quando falamos das sobre referencias temos lá um texto sobre plagio, temos como se referência, como se cita, mas não é suficiente. Eles depois no caminho acadêmico, vão ter que fazer este tipo de situações e por menos que foi

chamado a atenção que agora que eles não estão a conseguir referenciar cem por cento na norma APA, noutra norma, isso é claro, nós dizemos tem que referenciar, tem que citar, agora a norma é esta, mas em duas semanas não vamos exigir que as pessoas saibam trabalhar com a norma APA, como é óbvio, mas chamamos a atenção e depois é no percurso académico deles, ou seja, as duas semanas é um alertar, um chamar a atenção, o resto é depois é a própria licenciatura que vai fazer ou as próprias disciplinas que vão as pessoas nos chamar a atenção a essas situações e isso é tarefa dos professores.

6. Estarão os estudantes à espera de encontrar no *online* a reprodução do ensino presencial, sendo esse um fator que dificulta a compreensão destes novos contextos? Ou será mesmo uma questão de literacia digital o que cria mais dificuldades?

As duas coisas. Nós temos alunos que logo na apresentação escrevem: eu não tenho competências digitais, não sei trabalhar com o computador, mas espero ajuda e tenho vontade de aprender. Nas apresentações, muitas das vezes, o que se lê nas apresentações, o que se lê entre as linhas, é que realizar uma licenciatura na Universidade Aberta é a realização de um sonho pessoal, muitas pessoas que entram e dizem muito abertamente sempre sonhei realizar um curso superior por quinhentas razões que sabemos que a vida é assim, não conseguiram, e agora vejo isso como uma oportunidade e muitos dizem mesmo não sabendo trabalhar eu quero fazer, ok pronto, ou seja, há pessoas que tem consciência dos problemas digitais, mas que mesmo assim dizem eu não consigo o meu filho vai me ajudar, a minha neta vai me ajudar, muitas vezes temos essa situação e em últimos casos meus colegas aqui, o professor, o monitor, o tutor vai me ajudar e a gente diz é isso mesmo, então, não é pelo digital que vai ser um obstáculo incontornável para não terminar uma licenciatura, porque nós temos a certeza que, e muitos escrevem mesmo no final, naquele texto final, escrevem nunca pensei aprender tanto em duas semanas, agora já sei onde está tudo, agora veem os temas, agora veem as unidades curriculares, eles veem afinal o que parecia ser um bicho de sete cabeças, afinal é só o clicar aqui, clicar ali as coisas, é simples, as pessoas depois de duas pessoas já escrevem já sei onde está aquilo, onde está aquilo, já vão lá, e daí não mudar os módulos porque eles mesmo sem pensar já vão lá, pronto, ou seja, não é o digital, as dificuldades muitas vezes é aquilo que está na nossa cabeça, no que foi o ensino presencial que nós tivemos e que depois é dificultado, ou seja, muitas vezes aquilo que nós chamamos em português “ter a papinha feita”, que é só abrir a boca e alguém vai

enfiar, não é, portanto, vai depender muito de saber gerir o do tempo, de ser autônomo, de ter uma motivação forte intrínseca, tudo isto são coisas que tem muito a ver também com o *online* porque as pessoas senão desmotivam, não é, falta de tempo, e não sabe-lo gerir, vai dar aqui momentos de grande ansiedade, nós vemos aqui momentos de grande ansiedade nos trabalhos em grupo, vemos os momentos de ansiedade quando eles tem que entregar o trabalho e que nós chamamos atenção, olha cuidado porque isto é hora de Portugal continental, isto não é ?, não é ?, não é Brasil ou onde vocês estejam, é hora continental, cinco minutos antes da meia noite isto fecha e acabou e cinco minutos depois recebemos no email, professora estou a enviar por email, não, é no sistema, porque nos também queremos ver se eles conseguem ou não, que eles sabem clicar, que eles sabem enviar, que eles não enviam nós não conseguimos saber se eles sabem ou não, não é, a ideia é eles saberem submeter, lá está, é uma coisinha muito simples para muitos, para outros é difícil. E também aquilo eu submeti, sei que submeti, acho que submeti, será que submeti? Submetem e colocam no fórum das dúvidas, eu submeti professora será que estás lá, por favor confira. Vem um colega a dizer olha, não sei o que, tens que ver! Eles mesmo se interajudam. Mas esta, portanto, aquilo lá está, isto é digital, mas as outras coisas são mais do tipo estudar *online*, saberem comunicar, de saberem ser autônomos, vê-se por exemplo no trabalho de grupo, ainda ninguém me respondeu, vou colocar lá uma mensagem assim, tem que ou tentar apanhar os colegas, alguns que vão lá ao trabalho e comunicam, desenvolva seu próprio trabalho, não pode estar a espera dos colegas entrem, porque senão nem os colegas, nem o próprio participante, ou o próprio participante, conseguem o fórum, entendeu eles tem que desenvolver, depois eles mesmo dizem assim, por exemplo no fórum, é sempre muito curioso, há sempre um grupo que coloca assim, ah eu já contatei ao meu parecer faz duas horas e não recebi nenhuma resposta, ou eu já coloquei o meu parecer, já coloquei uma resposta ou uma pergunta, mas ninguém me respondeu e de vez em quando os próprios colegas explicam, olha é assim sabes que há colegas que estão a morar noutros países, há colegas que trabalham durante todo o dia e só podem vir mesmo no final do dia, ou ao contrario há outros que trabalham toda a noite e só podem vir durante o dia, há uns que tem disponibilidade outros não tem, há outros que tem cinco filhos, eles mesmos alertam para o fato de ser assíncrono e esta assincronidade, para principalmente àqueles que tem, nota-se mais uma coisinha, nota-se para aqueles que estão desempregados e que tem tempo, digamos, o fator tempo não é problema para eles, ficam angustiados, porque colocam

mensagens e não recebem repostas, porque eles tem tempo e podem estar lá toda hora e momento, e podem reagir, os outros não, eles ficam angustiados pois pensam será que foi eu que coloquei uma mensagem mal, ou me expressei mal, ou porque que eles não respondem, e portanto, são estas angustias que eles tem que saber gerir, e isto tem a ver com o fato de ser *online* e de ser assíncrono, não é, no presencial não ou respondem ou não respondem mas estamos todos numa sala, não é? E no *online* as pessoas ficam sem saber porque que não há uma resposta, e eles sentem esta angustia muitas vezes, não é, portanto o tipo de aprendizagem eles tem que se habituar e ver o que que é, por outro lado deixa de ser obstáculo, nos que que recebemos no teste final, muitas vezes dizem assim, eu não acredito, ao final de duas semanas eu já tenho aqui amigos, portanto, há aquela, o fato de intensivo, o fato de eles se interagirem e terem um trabalho em grupo, não sei o que, eles criam aqui, a parte socializante é forte, não em todos os casos como é obvio, mas torna-se forte, e eles sentem, eu afinal não estou sozinho com minhas dificuldades, não estou sozinho com as minhas angustias, não estou sozinho, tem mais a começar o mesmo curso, estamos todos no mesmo barco, no final eles sentem isso, estamos todos no mesmo barco, agora temos que remar para o mesmo lado, e interajudar, um esta mais fraco aqui e vão se interagindo e a coisa vai, ou seja, o modulo dá-lhes também essa visão e é um dos objetivos do modulo dar-lhes essa visão do que irá ser, não será tão intensivo mas por outro lado um curso só, por outro contém várias unidades, mas acaba que esta intensividade é focada numa mas em várias unidades e vão ter que se desdobra de alguma forma a nível de tempo e a nível intelectual também e eles notam isso ao final das duas semanas.

7. Questão aberta

O MAO da UAb está bem dentro do modelo e espelha bem o modelo e daí a meu ver a sua grande importância porque é de fato uma grande ajuda, se bem que talvez duas semanas para alguns dos estudantes não chega, se bem que algumas competências digitais especificas não sejam contempladas, pode haver aqui coisas pequeninas também na se pode contemplar tudo, mas não há como alargar, mas acho que o modulo de ambientação lhe da uma bagagem, dá-lhes uma oportunidade visão daquilo que lhes espera, e não e por acaso que alguns dizem assim, eu vou ficar sem isso tudo, eu não posso ficar sem esse apoio, sentem que aqui foi um apoio, sentem que houve aqui uma, foi uma oportunidade e querem ficar com muitas dessa informações que lhes foram disponibilizadas ou já dentro do curso ou dentro do próprio

plano estruturadamente ou através do fórum e por exemplo e nos temos que alertar este espaço é fechado depois, portanto, tudo aquilo que acham que é relevante para além dos pdfs, para além das apresentações que são disponibilizados, tudo aquilo que acharem relevante dos fóruns, façam uma cópia e fiquem com ela, porque as pessoas, esta angústia inicial, aquela insegurança, as pessoas gostam de sempre ter alguma coisa na mão, há alguém que diz, eu já ate imprimi tudo, isso já é um exagero, mas se acha que é importante, precisando se tem, portanto, é mais uma técnica deles aprenderem a aprender, abra uma pasta, uma pasta só para o módulo, abra uma sub pasta a primeira atividade, para a segunda atividade, para a terceira atividade, por que depois é a mesma coisa nas unidades curriculares, e eles vão sentindo isso, ou seja, a nível do modulo em si, como introdução, como ambientação, acho que está bem construindo e em linha com o que depois eles vão encontrar. Os módulos de ambientação dos mestrados são diferentes, porque já são feitos dentro de cada mestrado, são os próprios coordenadores dos mestrados é que fazem esta ambientação acho que de duas semanas, mas já há aqui uma outra abertura, já não tem que ser transversal, nos aqui temos que ter todos os estudantes independentemente de qual licenciatura que eles entram, ali não, ali já pode ser especifico ao mestrado X, não é, portanto, já embora não seja este o caso, um exemplo, no mestrado de Pedagogia do E-learning, vão ser utilizados blogs, há ali uma atividade é crie um blog, deve haver pessoas que já sabem trabalhar com blog, há outras que não, agora estar a trabalhar com a temática blog nas licenciaturas não faria sentido, porque não vão utilizar, não é, portanto nós estamos restritos aquilo que vai ser utilizado transversalmente para todas as licenciaturas, e depois os outros módulos de ambientação já não são os monitores que fazem e sim os próprios coordenadores que fazem estes módulos, portanto são eles mesmos que dinamizam os módulos e são diferentes, são as mesmas duas semanas e terão objetivos semelhantes e já podem pontuarem naquilo que será necessário aos próprios mestrandos.

ANEXOS

1. PLANO DO MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO *ONLINE* (MAO)

PLANO DE UNIDADE CURRICULAR- PUC – MÓDULO DE AMBIENTAÇÃO *ONLINE*

Monitor: Maria João Spilker

Ano Lectivo: 2014/2015

1. O Módulo de Ambientação

Apresentação do Módulo de Ambientação

Módulo, de frequência obrigatória, prévio ao curso que vai frequentar. Tem a duração de 2 semanas e espera-se que o estudante o frequente diariamente. Trata-se de um módulo prático, com uma orientação centrada no saber-fazer e tem como objectivo principal introduzir e apresentar aos estudantes o ambiente online onde irá decorrer todo curso, com o apoio e orientação de um tutor, bem como familiarizar os estudantes com a aprendizagem em ambiente virtual e com o modelo pedagógico adotado pela Universidade Aberta.

2. Competências

Competências a Desenvolver

Pretende-se que, no final deste módulo, o estudante tenha adquirido as seguintes competências:

- Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho).
- Desenvolver competências de comunicação *online* (aplicar as regras de etiqueta *online*, fazer uma apresentação *online*, participar numa discussão *online*, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão).
- Desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal.
- Aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa consulta *online*).

- Desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas.

3. Roteiro

Roteiro de conteúdos a trabalhar

Neste módulo de ambientação *online* serão trabalhadas as seguintes temáticas :

- Tema 1 - Familiarização com o ambiente *online*
- Tema 2 - Ser estudante *online*
- Tema 3 - Estudar na Universidade Aberta.

4. Metodologia

Como vamos trabalhar?

O espaço virtual dedicado a este módulo está dividido em várias zonas. Cada zona pode dar acesso a documentos e a ferramentas de comunicação.

Na primeira delas, que podemos chamar espaço zero, encontra entre outros recursos o documento presente **PMA-Plano do Módulo de Ambientação**, que é o nosso guião de trabalho. Acresce um "placard" para notícias e informações. Esta ferramenta – **Orientações do docente (Notícias)** – é um fórum utilizado pelos docentes para orientar o desenrolar do módulo.

Existem ainda duas outras ferramentas: o fórum **Dúvidas** e o fórum **C@fé Virtual**.

O fórum **Dúvidas** é uma ferramenta de comunicação assíncrona. Pode deixar lá mensagens sobre dúvidas diversas que possa ter sobre o funcionamento deste módulo ou sobre o funcionamento da plataforma, ou ainda, sobre algum ponto específico para o qual precise de ajuda. Mais tarde, o docente que o acompanha, publicará uma mensagem de resposta, que certamente o ajudará a esclarecer as suas dúvidas. Por isso, depois de colocar a sua mensagem, não deixe de voltar a esse espaço para ver as respostas. Leia também eventuais dúvidas já colocadas por outros colegas e as respectivas respostas. Algumas destas respostas poderão conter indicações que o auxiliem a também resolver as suas dúvidas.

O **C@fé Virtual** é um fórum e funciona como um espaço de convívio. Destina-se a publicar mensagens exteriores aos temas que vamos desenvolver, falar de coisas que lhe interessam e trocar mensagens com os colegas sobre os mais diversos assuntos. Tal como

um café real perto da sua casa, difere apenas por ser um espaço virtual onde a comunicação é assíncrona. Pode lá ir quando quiser e “deixar” um recado, começar uma conversa ou continuá-la, de modo a comunicar com os seus colegas sem necessitar de “estar à espera” que eles apareçam.

Além destas ferramentas, encontrará um documento neste espaço, intitulado **Símbolos mais usados na plataforma** onde tem acesso a uma tabela com o significado de alguns símbolos de uso corrente.

A seguir há mais três zonas, correspondentes aos três temas do nosso programa de ambientação: Familiarização com o ambiente virtual (tema 1), Ser estudante online (tema 2) e Estudar na Universidade Aberta (tema 3).

No Tema 1 encontrará um fórum chamado **Quem sou eu?** onde se espera que cada um faça a sua apresentação pessoal. Encontrará ainda o documento **Questionário Diagnóstico**, que é um inquérito anónimo ao qual deverá responder e no final clicar em Submeter. Automaticamente as suas respostas serão depositadas na plataforma, ficando apenas acessíveis ao docente. **Neste espaço, deverá aceder** também a um outro documento **Experiência** anterior, que na verdade é um referendo também anónimo, para responder online. Para isso, clique no título e marque a situação que corresponde ao seu caso. Não se esqueça de actualizar o seu **Perfil** e explorar as funcionalidades do mesmo.

No **Tema 2** encontrará 2 documentos para leitura e o fórum de discussão **Ser estudante online**. A turma irá ser dividida em grupos e cada grupo irá dispor do seu fórum. O trabalho será realizado dentro de cada grupo, no respectivo espaço de fórum. A constituição dos grupos fica acessível em documento próprio. No final do tema responda ao "questionário" **A gestão do meu tempo** e guarde-o. Ser-lhe-á muito útil para tomada de decisões

No **Tema 3** disporá de 2 documentos para leitura e o fórum de discussão **Aprender na UAb**. A leitura do documento Aplicação do Modelo Pedagógico é vital para conhecer o funcionamento do ensino online na Universidade Aberta e esclarecimento de eventuais dúvidas. O outro documento - **Normas a Observar** - apresenta orientações importantes a ter em conta na vida académica. Há ainda neste tema uma outra entrada, com o título **O que aprendi**, destinada ao trabalho que no final lhe irá ser pedido para realizar e submeter electronicamente (e-fólio).

Para finalizar as actividades de ambientação online, ainda no tema 3, encontrará um outro inquérito, designado Questionário final. É

também anónimo. Responda a ele usando o mesmo procedimento que utilizou para preenchimento do Questionário Diagnóstico do tema 1.

Mais tarde consulte no Cartão de Aprendizagem as apreciações do docente/monitor quanto ao seu trabalho e nível de participação neste módulo.

Finalmente, para assinalar a sua nova condição de estudante online, irá ser convidado a participar numa **Festa Virtual** a ocorrer no último dia. Para esse evento será aberto um outro espaço.

Ainda na página deste módulo de ambientação encontra também um espaço **Informações Gerais**, com algumas indicações que lhe podem ser úteis.

5. Recursos

Bibliografia e outros recursos

Bibliografia Obrigatória:

A bibliografia a utilizar consta de alguns documentos que serão disponibilizados *online*, dentro da zona dedicada a cada tema.

6. Avaliação

Como vai ser a avaliação?

A avaliação neste módulo tem uma componente de autoavaliação e uma componente de avaliação feita pelo docente.

A primeira, de autoavaliação, baseia-se na realização de um e-fólio, no último dia de actividades. O **e-fólio** é um pequeno documento digital elaborado de forma pessoal de acordo com as especificações indicadas em tempo oportuno, no final da segunda semana de actividades.

A segunda componente será realizada em função da sua **participação** nos diversos espaços deste módulo e da intensidade dessa participação.

Da realização do e-fólio resultará uma apreciação qualitativa registada pelo docente/monitor no Cartão de Aprendizagem. A avaliação da participação será traduzida num nível qualitativo registado igualmente no CAP, por aproximação à tabela seguinte:

Participação	Nível (qualitativo)	Significado da apreciação
Apenas entrou no módulo e fez a sua apresentação	1	Muito fraco; é previsível que possa ter muitas dificuldades na gestão das suas unidades curriculares.
Fez a sua apresentação, teve uma intervenção no Café Virtual e submeteu o e-fólio	2	Fraco; não entrou nos espaços onde decorreram as actividades. Poderá sentir muitas dificuldades no seu percurso.
Além da sua apresentação, de ter intervido no Café Virtual e ter submetido o e-fólio, participou de forma escassa nos temas 2 e 3.	3	Suficiente; poderá sentir algumas dificuldades e poderá não tirar partido de interações com o colegas.
Além do referido no nível anterior, fez pelo menos duas intervenções no tema 3 e uma intervenção no tema 2. Interveio várias vezes no Café Virtual.	4	Bom. A sua prestação indica que participou nos diversos espaços e indicia que não terá dificuldades.
Além do referido no nível anterior, participou com várias intervenções nos temas 2 e 3	5	Muito bom. A sua prestação faz prever que se sentirá à vontade no seu percurso.

De salientar que se considera participação os **contributos** registados nos fóruns **que tragam valor acrescentado** ao debate dos temas. A mera inclusão de mensagens sem

essas características, publicadas apenas para cumprir tarefa, não serão apreciadas como se de participação se tratasse.

6.1. Cartão de Aprendizagem

Avaliação Contínua

Figura do cartão de aprendizagem

Para os estudantes que, nas várias unidades curriculares, optarem pela avaliação contínua, as classificações que obtiverem na realização dos trabalhos propostos ao longo do semestre (e-fólios) e a classificação obtida na prova presencial (p-fólio), no final do semestre, são creditadas no seu **Cartão de Aprendizagem – CAP**.

A avaliação neste módulo de ambientação *online* não tem efeitos de classificação; por isso não há lugar a creditação. Contudo, serão registados no CAP um comentário sobre o e-fólio realizado e uma nota quantitativa expressando o nível de participação atingido. Após entrega do trabalho e sua apreciação pelo docente, cada um poderá consultar o seu Cartão de Aprendizagem, utilizando o menu à esquerda.

7. Plano de Trabalho

Calendário e plano de trabalho

Este *Plano* apresenta a previsão da distribuição temporal das várias **Temáticas** de estudo, das actividades e respectivas orientações de trabalho, de modo a que possa planear, organizar e desenvolver o seu estudo.

7.1. Calendário das Atividades

Mês 1

Datas	O que se espera do estudante
15 a 16 de setembro	<p><i>Tema 1 - Familiarização com o ambiente online</i></p> <p>Para além das Boas Vindas e de uma primeira exploração do que está disponível, espera-se que participe no fórum Quem sou eu? com uma breve apresentação. No mesmo período espera-se que responda ao Questionário Diagnóstico e participe no referendo Experiência anterior.</p>

	<p>Explore em profundidade o Plano do Módulo de Ambientação.</p> <p>Actualize o seu Perfil.</p> <p>Se tem dúvidas sobre este módulo, sobre a plataforma ou sobre os procedimentos do perfil, coloque as suas dúvidas no fórum Dúvidas.</p> <p>Esteja sempre atento às Notícias.</p> <p>Entretanto vá ao Café Virtual "tomar um café"!</p> <p>Veja o documento "<i>Símbolos mais usados na plataforma</i>".</p>
17 a 22 de setembro	<p><i>Tema 2 - Ser estudante online</i></p> <p>Espera-se que leia os documentos "<i>Guia do Estudante Online</i>" e "<i>Gerir o tempo</i>" e participe numa discussão em pequeno grupo sobre as condições de sucesso do estudante <i>online</i>. No fórum Ser Estudante Online troque impressões com o seu grupo e discuta os assuntos abordados nos documentos.</p> <p>No final do debate preencha o documento <i>A gestão do meu tempo</i>. Guarde-o para si.</p>
23 a 26 de setembro	<p><i>Tema 3 - Estudar na UAb</i></p> <p>Espera-se que leia os documentos "<i>Aplicação do Modelo Pedagógico</i>" e "<i>Normas a observar</i>" e participe activamente no fórum de discussão Aprender na UAb.</p> <p>Espera-se também que elabore o e-fólio "<i>O que aprendi</i>" e o submeta à apreciação do professor, até às 23h e 55 min do dia 26/09/2014. Tome nota que poderá fazer a submissão a partir do dia 25/09/2014.</p> <p>Por fim, responda ainda ao <i>Questionário Final</i>.</p>
27 de setembro	<p>Participe na Festa Virtual.</p>

3 INTERAÇÃO NOS FÓRUNS DO TÓPICO 3 – SER ESTUDANTE *ONLINE* E DO TÓPICO 4 - ESTUDAR NA UAB

3.1 Comunicação em Ambiente Virtual e Comunicação Presencial: diferenças

No ambiente virtual não temos a comunicação corporal, tom de voz, expressão facial, olho no olho, etc. Mas as cobranças responsabilidades são as mesmas de um ambiente presencial. (...) No ambiente virtual, nos disciplinamos e nos reeducamos, onde trazemos este ambiente pra nossa realidade e contexto, estabelecemos princípios e determinação de seguir em uma classe virtual, sem se basear na reação de algo ou de "alguém" mas termos iniciativa de ir em frente E.C, 2014).

Sendo a comunicação *online* cada vez mais utilizada nos dias de hoje, atrevo-me a dizer que será a alternativa mais rápida para ganharmos tempo. Indo ao encontro dos documentos, a comunicação *online* tem a capacidade de tornar o longe mais perto e o impossível, possível. Refiro-me a situações de distância que se tornariam impossíveis se fossem presenciais. Claro que, presencialmente, conseguimos analisar um olhar, um sorriso, enfim emoções, mas em contrapartida, a comunicação *online* pode ser um excelente auxiliar de memória (S.A, 2014).

Actualmente tenho a certeza que seria impossível frequentar um ensino presencial, pois já o tentei e a conjugação com o emprego é totalmente desgastante, e muitas vezes impossível de frequentar devido aos horários e obrigações diárias (B.R, 2014).

Claro que na comunicação presencial, podemos analisar as emoções e qualquer interveniente, no entanto algumas vezes estamos lá apenas fisicamente, mas com a cabeça noutro lugar e no fim chegamos à conclusão que não retivemos nada do que foi dito, com a comunicação *online*, há um maior risco de tendência de deixar para o dia seguinte (I.S, 2014).

Na comunicação Virtual para o nosso caso pode se definir como o processo de ensino que ocorre quando o professor e o aluno estão separados em relação ao tempo e ao espaço a medida didático pedagógica no processo de ensino ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, desenvolvendo actividades

educativas em qualquer lugar ou em diversos tempos. Vou da o meu exemplo neste momento estou a seis horas a + que a Europa mais mesmo assim sinto que não terei dificuldades porque esse tipo de comunicação me faz sentir-se como se estivesse ao mesmo horário com vocês (L.L, 2014).

Concordo plenamente, também estive numa escola em regime presencial e não é a mesma coisa. O ensino a distancia permite-nos fazer uma gestão do nosso tempo, tanto a nível pessoal, profissional e de estudante (A.C, 2014).

Sobre este tema existem diferenças nomeadamente nos tempos de recepção/resposta da informação. Nem todos processam a informação ao mesmo tempo. Existem, no entanto, aspectos muito positivos, nomeadamente a possibilidade de uma maior diversidade de opiniões, sendo que esta troca, desde que bem conduzida/elaborada, permite chegar-se a conclusões objectivas e inovadoras (P.G, 2014).

Na sala virtual podemos entrar a qualquer hora e estudar pelos recursos que nos colocam disponíveis. A grande diferença do ensino presencial é ausência de presença física (M.A, 2014).

Na minha opinião, e nos dias que correm, as pessoas têm mais facilidade em se comunicar virtualmente, por vários motivos. Uns porque conseguem "falar" mais abertamente sobre vários temas sem a presença do outro; outros conseguem-se exprimir melhor virtualmente por timidez de estar na presença do outro... enfim, inúmeras razões. Quanto a mim, gosto muito do contacto, da presença humana, até porque desde a minha idade adulta, que sempre estudei no ensino noturno, em regime presencial, pois sempre fui uma aluna que gostava muito de ouvir a aula dada pelo professor. Mas também isso, deixou um pouco de existir, uma vez que o ensino era por unidades capitalizáveis e tinha que estudar muito sozinha e o tempo com os professores resumia-se muitas vezes e apenas, para tirar dúvidas. Acho a comunicação virtual fundamental nos dias que correm, a nível geral, quer para contactar com alguém distante ou até mesmo perto, e a principal é a de poder estudar desta forma, uma vez que os meus horários laborais e do meu marido em nada compatibilizavam com o ensino presencial. A isto juntamos 2 filhos, que ainda se torna um pouco mais complicado (E.A, 2014).

Partilho da mesma opinião. É seguro, que para muitos a comunicação virtual será mais fácil, na medida em que facilita gerir o seu tempo. Por exemplo, eu atualmente não conseguiria frequentar um ensino com uma comunicação presencial, pois os meus horários não me permitem, assim torna-se fácil com a comunicação virtual. Sabendo gerir o nosso tempo de forma correta a comunicação virtual só trás vantagens.

Assim conseguimos gerir tudo em função dos nossos objetivos, estudo, vida particular e profissional. Optar pela comunicação virtual já é saber gerir o nosso tempo; o tempo de uma deslocação para desfrutar de uma comunicação presencial é o tempo de discutir um assunto num forum. A comunicação presencial também tem as suas vantagens, permite esclarecer dúvidas na hora em que surgem, permite também o contacto pessoal que é muito agradável. Em síntese a comunicação virtual permite ser efetuada com alguém que possa estar em outro lugar distante, permite também cruzar conhecimentos enriquecedores para a nossa formação; a comunicação presencial embora muito agradável limita muito, pois só poderemos comunicar com quem estiver no mesmo lugar à mesma hora (M.P, 2014).

Na minha opinião, à semelhança da vossa, é que no ensino e comunicação virtual permite-nos uma melhor gestão de tempo, na medida em que não temos um horário completamente definido por nós e/ou por outros como se verifica na modalidade presencial. E obviamente tudo o que implica o presencial, tempo de deslocação e os possíveis atrasos (trânsito, furo, acidente, falha de transportes, etc.), deste modo, virtual, estamos "à distância de um clique". O virtual está totalmente dependente de nós (na gestão de tempo totalmente individual, sem imposições de horários) e da nossa ligação à internet (encontrando-me maior parte do tempo em Angola não me posso esquecer que nem sempre as comunicações de telemóveis e internet funcionam). No entanto, nem sempre o facto de não termos horário completamente definido é benéfico porque pode fazer com que a pessoa acabe por adiar com mais frequência fazer determinada tarefa (como o bom português, gosta de deixar tudo para a última, e por vezes, já é tarde demais), obviamente isto depende de pessoa para pessoa, e da autodisciplina que se tem. Não podemos, também, descartar a vantagem, na minha opinião, que é a comunicação presencial sendo a linguagem corporal, tom de voz, expressão facial um factor importante de proximidade entre colegas e corpo docente, tornando-se uma forma de comunicação mais pessoal e personalizada, porque não falamos da

mesma maneira com todas as pessoas, adequamos o nosso discurso perante a pessoa que temos à frente. Para pessoas impulsivas, a comunicação por meio da escrita acaba por ser um grande "trunfo" porque quando se escreve, pensasse duas ou três vezes na forma de transmitir a mensagem e regra geral lê-se a mensagem antes de enviar. Em suma, a comunicação virtual permite-nos proximidades a nível de distâncias físicas e é possível tentar colmatar a lacuna da presencial com conversas um pouco mais informais e através de fotografia para possibilitar às pessoas mais visuais criarem uma imagem do colega ou professor, e também, não há tantos imprevistos como no presencial (nomeadamente, os atrasos). Por isso, acredito que a combinação de autodisciplina e uma boa gestão de tempo tem tudo para dar certo no nosso caso enquanto estudantes em modalidade virtual (A.C, 2014).

Bom dia. Sem dúvida, um dos factos marcantes na comunicação virtual, e a ausência física de um ou mais interlocutores. Por vezes, o destinatário, apenas terá conhecimento da mensagem passado algum tempo apos o envio da mesma. Este fato, poderá levantar alguns problemas devido há falta de habituação a comunicações deste tipo. Por outro lado, o fato de não termos de responder imediatamente, dá-nos a possibilidade de pensar na questão levantada e mesmo, fazer alguma pesquisa acerca da mesma (H.S, 2014).

Estava aqui a pensar que melhor exemplo "Comunicação virtual do que este, ter a vantagem de partilhar, ampliar o momento de discussão, as ideias independentemente do lugar onde nos encontramos.É concerteza uma mais valia o facto de poder usar a plataforma de e-learning. Esta é sem dúvida a tendencia que vem vindo a aumentar por este mundo fora o uso deste tipo de ensino à distancia. Como já referiram uma das grandes vantagem de gerir o tempo de estudo, que de outra forma a presencial era também no meu caso impossivel (S.M, 2014).

A comunicação em ambiente virtual, no meu ponto de vista, permite abordar e discutir os temas propostos, duma forma mais ponderada. A comunicação entre colegas, que duma certa forma, irá ser predominantemente escrita, obriga a maior concentração ao mesmo tempo que nos facilita a interiorização do assunto. Como já referia um colega, há um intervalo maior entre o que lemos e o que respondemos, havendo também mais tempo, para analisarmos as dúvidas que possamos ter ! (A.S, 2014).

Destacam-se duas grandes diferenças: (i) a forma de comunicação que em ambiente virtual é essencialmente escrita e, portanto, implica um maior cuidado na forma como nos expressamos, que deverá ser clara e concisa, de modo, a evitar ambiguidades na interpretação e recorrendo a símbolos que transmitam emoções, enriquecendo, assim, o contributo apresentado nos fóruns já que se torna mais humanizado e próximo dos interlocutores; (ii) a comunicação é assíncrona, levando à necessidade de definir estratégias para gerir a informação partilhada e a participação nos fóruns de discussão de modo eficiente (H.R, 2014).

A Comunicação em Ambiente Virtual pode decorrer de forma intermitente e com diferença temporal entre as várias participações dos utilizadores, devemos ter em atenção a forma como nos expressamos para que não haja conflito nas interpretações, devemos assim adoptar um discurso assertivo (C.V, 2014).

A comunicação em ambiente virtual, creio que uma das principais diferenças é a ausência de um espaço físico, possibilitando a comunicação sem fronteiras, a possibilidade de podermos desenvolver um trabalho e ou um projeto sem termos que estar circunscritos a um determinado espaço/escritório, podendo a troca de ideias e documentos ser desenvolvidos num espaço como este. Por outro lado, a comunicação virtual prende-se com uma maior exigência, ma maior sensibilidade na forma como comunicamos (M.F, 2014).

A comunicacao, para mim, e um desafio. Temos de dedicar um tempo (1-2 horas) cada dia o que e um pouco dificil para mim. A conversa *online* como Maria disseste exige maior sensibilidade e brevidade. E um pouco dificil especialmente porque portugues e lingua estrangeira para mim e tenho pequenas dificuldades com escrever exatamente o que quero expressar (P.S, 2014).

Todos nós que já tivemos a experiência do ensino presencial, podemos rapidamente chegar à conclusão que em grande parte do tempo fomos reativos, com especial incidência na faculdade. Em muitos momentos apenas participávamos quando questionados, quando surgia uma dúvida, ou quando o tema nos era sugestivo. Mas, por outro lado geríamos o tempo de outra forma. Quase em exclusividade à função de aluno! Todo o tempo do mundo para esclarecer as nossas dúvidas em casa, após análise mais cuidada da matéria transmitida pelos docentes.

Concluem-se que em grande parte do tempo seríamos reativos... Mas o mundo mudou. Fomos invadidos por tecnologias de informação nunca antes imaginadas. Mas que nos obrigaram (e obrigam) a uma adaptação quase diária! Ser reativo no mundo que hoje conhecemos será suficiente? No nosso entender a proatividade de cada um é vital para a sobrevivência na atual na sociedade. O ensino à distância é hoje muito mais adaptado à nova realidade do mundo que vivemos, saibamos nós ser PROATIVOS e bons gestores do nosso tempo. Na comunicação presencial, é possível analisar as emoções de qualquer interveniente. No entanto, por vezes a nossa presença é meramente física, e o pensamento encontra-se noutro lugar. No final chegasse à conclusão que não se reteve nada do que foi dito. Já com a comunicação *online*, há um maior risco de tendência de deixar para o dia seguinte (Síntese final Grupo A, 2014).

A diferença principal entre comunicação virtual e presencial, que todos os colegas referiram foi a ausência da presença física e modo de dialogar em assincronia.

As vantagens dessa forma de comunicação são, sem dúvida:

- Possibilidade de gerir o seu tempo, podendo estudar a qualquer hora, conciliando outras actividades da vida.
- Facilidade de acesso, sem precisar de gastar tempo e dinheiro na deslocação.
- Permite comunicar com as pessoas até de posições geográficas distantes, dessa forma "aproximando a distância".
- Sendo um ambiente virtual, encontra-se pessoas de diferentes faixas etárias, culturas e vivências, o que permite ter maior diversidade de opiniões chegando a conclusões inovadoras.
- Maior facilidade comunicar pela ausência de contacto visual, o que diminui a timidez.
- Minimiza as discussões, pela possibilidade de não fazer só uma pesquisa adicional prévia, mas também ponderar antes de postar seja o que for no fórum.

Mas também existem as suas desvantagens:

- Algum conservadorismo por os suportes de apoio aos estudos não serem aquilo que estávamos habituados a ter no nosso percurso de aprendizagem anterior.
- Não poder esclarecer as suas dúvidas na hora.
- Sentir falta de comunicação presencial (ex: linguagem corporal, tom de voz, etc), pois o contacto pessoal é sempre mais agradável.

- Necessidade de haver muita autodisciplina para "não deixar tudo para a última" o que, infelizmente, é tendência da maioria (Síntese final Grupo C).
- Destacam-se as seguintes diferenças:
- (i) a forma de comunicação que em ambiente virtual é essencialmente escrita e, portanto, implica um maior cuidado na forma como nos expressamos, que deverá ser clara, concisa e assertiva, de modo, a evitar ambiguidades e conflitos na interpretação e recorrendo a símbolos que transmitam emoções, enriquecendo, assim, o contributo apresentado nos fóruns já que se torna mais humanizado e próximo dos interlocutores;
- (ii) a comunicação é intermitente e assíncrona, levando à necessidade de definir estratégias para gerir a informação partilhada e a participação nos fóruns de discussão de modo eficiente (Síntese final Grupo D).

3.1 Comunicação em Fórum: partido/potencialidades

A nossa comunicação num fórum, precisa ser bem clara, e assídua, para desenvolvermos um relacionamento e empenho uns com os outros (E.C, 2014).

Ao comunicarmos num fórum, podemos a qualquer momento deixar a nossa opinião, sabendo que fica registada e que assim que tivermos um "bocadinho, podemos ir lá "num instantinho" (S.A, 2014).

Contudo, com este tipo ensino perde-se a comunicação presencial...ou não! Tudo depende da contribuição de cada utilizador no fórum, e do que estamos dispostos a dar (B.R, 2014).

Continuando o topico que a Sofia escreveu, concordo com ela, que a comunicação *online*, e cada vez mas utilizada nos dias de hoje e rápida, E nos torna mas perto, mesmo estando distante. Indo ao encontros de documentos, ao comunicarmos num fórum, tendo acesso em qualquer lugar, e buscar "um bocadinho ou num instantinho" como escreveu a Sofia (E.C, 2014).

Estarmos inseridos num fórum pode trazer grandes vantagens como por exemplo com o facto de em qualquer lugar e a qualquer hora podemos aceder e haverá sempre um colega para podermos partilhar duvidas e opiniões sem termos de nos encontrar ou esperar por um professor. Vamos tirar muito partido disso (A.C, 2014).

Pude constatar que realmente a comunicação num fórum é proveitosa somente do momento que haja a partilha de informações, de conhecimentos de novas descobertas de tecnologias, interação, e no meu ver principalmente colaboração. Podemos também tirar partido da aprendizagem ao nosso ritmo independentemente das responsabilidades que nos incumbe a nossa vida pessoal e profissional. Assim o sucesso desta ferramenta dependerá muito do engajamento de cada um de nos (L.L, 2014).

Existe a vantagem de podermos refletir melhor antes de manifestar as nossas idéias, o que nos debates presenciais não seria possível! (A.F, 2014).

O ganho mais claro é, nas comunicações assíncronas, poder *matutar* o que queres comunicar; aliás, para mim é muito importante ter um registro das opiniões escritas pelos participantes, coisa difícil nas comunicações presenciais (L.B, 2014).

A comunicação é muito importante e não sei se o modelo virtual para se comunicar será o melhor, pois falta aqui a vertente visual que as vezes vale mais que mil palavras, este modelo têm a vantagem de todas as conversas ficarem registadas para futuro consulta. Em relação á comunicação com os professores espero que estejam sempre *online* ou que respondam em tempo real só assim poderemos rentabilizar este modelo (S.F, 2014).

A forma de tirar partido da comunicação num forum é frequentar-lo de modo a obter as informações que se pretende (L.F, 2014).

Ainda estou a "descobrir" como funcionam e quais as vantagens destes diálogos em fóruns... embora a minha experiência seja muito pouca já deu para perceber que uma das vantagens será poder ler os registos anteriores e acompanhar tudo o que foi escrito. O facto de não haver hora nem lugar para acedermos e ficarmos a par do que está a ser discutido (S.B, 2014).

Pois eu acho que só com o tempo e a utilização deste forum, é que vamos conseguir perceber a sua verdadeira vantagem (A.M, 2014).

A comunicação num fórum também ajuda imenso, uma vez que podemos estar sempre em contacto com os outros colegas e partilhar de diversos temas e discussões, e conhecermos um pouco mais sobre quem "conversa" conosco (E.A, 2014).

Em primeiro lugar, a grande diferença está nos suportes de apoio e na forma como os conteúdos são transmitidos. A comunicação virtual não é directa e muitas das vezes nem coincide no tempo, o que no início poderá ser estranho, pois o nosso conservadorismo fala mais alto. No entanto essa "falta" de contacto humano é compensada interagindo nos chat's, fóruns, e-mail's...tudo isso vai enriquecendo o processo relacional de pessoas com o mesmo interesse, mas com diferentes visões e localizadas em distintas regiões e até nos distintos países. Para além disso há maior facilidade de acesso na comunicação virtual, não é preciso tempo de deslocação, nem custo para tal. Bastaragerir o tempo e encontrar uns minutos livres, o que não é difícil nem para uma pessoa muito atarefada. Há outras diferenças, mas na minha opinião essas são as maiores (N.S, 2014).

O fórum, será quanto mais enriquecedor, quanto maior forem os contributos de todos. A diversidade de questões e opiniões levará, decerto, à tendência de querer aprofundar os temas (A.S, 2014).

Aceder várias vezes à plataforma: Ler as mensagens colocadas pelos colegas e pelos professores; Partilhar informação sobre os temas de cada disciplina (M.A, 2014).

O forum dentro da plataforma é a melhor "ferramenta" possível para trocar impressões, ideias e até mesmo para debater assuntos, uns mais outros menos importantes. Com um forum aberto e bem cordenado conseguimos ver todo a evolução de uma conversa entre colegas. Tudo isto é possível se realmente consultarmos o forum frequentemente. Apenas desta forma conseguiremos tirar o melhor partido possivel (M.P, 2014).

Do fórum pode-se tirar o mesmo partido do que de um bom livro. Porque acontece, do mesmo modo, a leitura de uma outra opinião com outra visão para o mesmo assunto. Isso pode provocar em nós duas maneiras de lidar com o lido, opostas, mas ambas positivas: 1º -

Aceitação do que lemos. Neste caso aprendemos com o colega algo novo ou acrescentamos uma informação adicional. 2º - Não aceitamos, pensamos na razão que nos levou a negar certa opinião, pesquisamos mais sobre o assunto e refutamos o colega. De qualquer modo, o fórum torna-se sempre num meio para dialogar de forma crítica e construtiva. E independentemente das opiniões, será sempre algo produtivo. Para além disso, mesmo quando tema de fórum tenha um carácter informal, é sempre bom conhecer os colegas. Assim, na eventual dificuldade que possa surgir ao longo da aprendizagem, já não nos acanhemos tanto e sabemos que temos a quem recorrer (N.S, 2014).

Gostei desse paralelismo que fez do fórum com o livro Natasha, porque comigo é exactamente esse efeito que o fórum tem para mim, à semelhança de um bom livro, exige tempo e atenção ao que estamos a ler, bem como a procura de informação para conseguirmos ter uma opinião mais consistente sobre o tema abordado. E, claro, as críticas/opiniões são sempre importantes quando são expostas de forma construtiva estando ou não de acordo com a situação exposta. Mas ao contrário de o livro que é estático, o fórum pretende-se como algo dinâmico, o que "exige" que nos mantenhamos mais assíduos para não perdermos o tempo e capacidade de resposta em tempo útil, bem como a partilha constante de opiniões e, por vezes, até novas informações (A.C, 2014).

Como tirar partido da comunicação num fórum (i) Estabelecer a frequência e o horário de participação no fórum, garantindo um acesso e participação assíduos. (ii) O acesso deverá ser efectuado em condições propícias à assimilação da informação e à participação na discussão. (iii) Após leitura atenta e crítica dos contributos apresentados, participar trazendo valor acrescentado à discussão, através da introdução de novos pontos de vista, sempre de forma cordial e construtiva e com espírito de colaboração. (iv) Os contributos deverão ser encadeados de forma lógica, respeitando os temas abordados (H.R, 2014).

A utilização do fórum permite estruturar, organizar e manter o registo dos diálogos, discussões e a troca de ideias dos vários participantes. Permite ainda que qualquer participante "reconstruir" uma ideia apresentada anteriormente. Contudo a pouca assiduidade ao acesso do fórum dificulta a execução de trabalhos propostos (C.V, 2014).

Procurando sincronizar nosso horário com os responsáveis da disciplina, a possibilidade de reflexão antes de manifestarmos as nossas ideias, a troca de conhecimento entre os colegas de curso ou grupo, observando os registos dos participantes nas suas respostas e a análise criteriosa dos mesmos, aproveitando a acessibilidade dos fóruns e manifestarmos a nossa participação a qualquer momento (Síntese final Grupo B).

Absolutamente todos os colegas concordam que só podemos tirar o partido de um fórum se os diálogos nele sejam críticos e construtivos. Para tal temos que:

- Pesquisar mais informações antes de responder, tornando a nossa opinião mais consistente.
- Entrar nos fóruns de uma maneira assídua, para não perder a coerência entre os diálogos e a sua vez de intervir.
- Participar com frequência tentando acrescentar sempre algo mais que ainda não foi referido.
- Falar abertamente, com objectividade, respeitando sempre os colegas.

Trabalhando desse modo no fórum, podemos obter os seguintes resultados:

- Aprofundar os temas pela diversidade de questões e opiniões.
 - Aprender aspectos novos ou partilhar informação com os colegas, ajudando-se mutuamente na aprendizagem.
 - Criar laços para tornar o percurso mais agradável e cativante.
 - Ver a evolução dos colegas e consequentemente aperceber-se da sua própria evolução (Síntese final Grupo C).
- (i) Estabelecer a frequência e o horário de participação no fórum, garantindo um acesso e participação assíduos, uma vez que a pouca assiduidade dificultará a execução dos trabalhos propostos.
 - (ii) O acesso deverá ser efectuado em condições propícias à assimilação da informação e à participação na discussão.
 - (iii) Após leitura atenta e crítica dos contributos apresentados, participar trazendo valor acrescentado à discussão, através da introdução de novos pontos de vista, sempre de forma cordial e construtiva e com espírito de colaboração.
 - (iv) Os contributos deverão ser encadeados de forma lógica, respeitando os temas abordados.
 - (v) O fórum permite estruturar, organizar e manter o registo dos diálogos, discussões e trocas de ideias dos vários participantes.
 - (vi) O fórum permite “reconstruir” uma ideia apresentada anteriormente (síntese final Grupo D).

3.3 Estudante *Online* e a Gestão do Tempo: actividades de estudo, profissionais, pessoais e familiares

Ter disciplina e organização, não deixar pra fazer as coisas em cima da hora, mas administrar seu tempo, e rever o que e prioridade e urgência (E.C, 2014).

Sem dúvida a gestão do tempo passa a ser o pilar desta nossa caminhada académica à distância (N.P, 2014).

O tempo para um estudante *online* tem de ser sempre organizado e rigoroso e nunca do género " faço amanhã que tenho tempo". Tem de ser "porque não hoje se até tenho tempo?" (S.A, 2014).

Sendo eu da área das novas tecnologias, acabei por tornar o meu quotidiano com base na utilização das novas tecnologias e gerir assim o meu tempo, podendo assim, como diz a Sofia, vir aqui num "bocadinho ou num instantinho", e ter acesso ao meu/nosso estudo que, requer atenção, esforço e continuidade. Na verdade no que diz respeito ao título do próprio tópico, temos tudo facilitado! O acesso à internet cada vez mais está disponível, e cada vez mais uniforme a nível de equipamentos. Até no autocarro, podemos actualmente estarmos na universidade (B.R, 2014).

A "liberdade" que a comunicação ou ensino à distância nos proporciona é de facto uma vantagem... Mas por outro lado deve levar-nos a uma reflexão profunda: Saberemos nós utilizá-la convenientemente? A ausência de horários pré-definidos que uma aula presencial nos obrigava no passado, poderá levar-nos a um adiamento permanente das nossas tarefas! Penso que o nosso grande desafio e primeiro teste será a autodisciplina e rigor no cumprimento de prazos... Só assim poderemos chegar TODOS ao final desta caminhada com o sucesso desejado. Eu assumo que terei que fazer um esforço suplementar para não deixar que este método de ensino me potencie num procrastinado! Deixo aqui esta pequena "provocação" para que possamos refletir sobre um tema tão sensível (N.P, 2014).

Cada um de nós tem de organizar o seu tempo, tendo em conta as suas necessidades e limitações e depois cumprir o que definiu para si

próprio. Conciliar trabalho e família, dependendo da exigência de cada um, por vezes já é muito difícil, mas se queremos alcançar os objetivos a que nos propusemos quando nos inscrevermos, temos de rever os nossos hábitos e ver onde podemos retirar tempo que gastamos inutilmente para o aplicarmos onde mais necessitamos (I.S, 2014).

Continuando o tema da gestão de tempo para dedicar ao ensino *online*, uma boa opção para quem tem falta do mesmo é inscrever-se no curso a tempo parcial. Foi o que eu fiz, uma vez que trabalho por turnos e faço trabalho voluntário numa associação, onde contam comigo diariamente. Praticamente só tenho tempo livre ao fim de semana, por isso era ótimo, se o período para apresentar trabalhos contasse pelo menos com um fim de semana e não começar no início da semana e terminar no final da mesma (I.S, 2014).

Todos nós que já tivemos a experiência do ensino presencial, podemos rapidamente chegar à conclusão que em grande parte do tempo fomos reativos, com especial incidência na faculdade. Em muitos momentos apenas participávamos quando questionados, quando surgia uma dúvida, quando o tema nos "tocava". Mas por outro lado geríamos o tempo de outra forma... Quase em exclusividade à função de aluno! Todo o tempo do mundo para esclarecer as nossas dúvidas em casa, após análise mais cuidada da matéria transmitida pelos docentes. Concluo que em grande parte do tempo seríamos reativos... Concordam? Mas o mundo mudou... Para melhor acho (espero eu!)... Fomos invadidos por tecnologias de informação nunca antes imaginadas. Mas que nos obrigaram (e obrigam) a uma adaptação quase diária! Ser reativo no mundo que hoje conhecemos será suficiente? No meu entender a proatividade de cada um de nós é vital para a sobrevivência na atual sociedade. Considero que o ensino à distância é hoje muito mais adaptado à nova realidade do mundo que vivemos, saibamos nós ser PROATIVOS e bons gestores do nosso tempo (N.P, 2014).

Por mim, julgo que a uma melhor gestão do tempo, passará por uma reeducação do aproveitamento do tempo e definição de prioridades. A proatividade poderá ajudar na reeducação do aproveitamento do tempo, pois através dela poderemos prever situações que nos farão ocupar mais ou menos tempo. O ser reactivo permite-nos aquando confrontados com situações "pouco urgentes de resolução" resolvê-los. Assim sendo, julgo que o ser reactivo e proactivo são uma equipa para a gestão do tempo (S.A, 2014).

"Na comunicação presencial, podemos analisar as emoções e qualquer interveniente, no entanto algumas vezes estamos lá apenas fisicamente, mas com a cabeça noutra lugar e no fim chegamos à conclusão que não retivemos nada do que foi dito, com a comunicação *online*, há um maior risco de tendência de deixar para o dia seguinte. Cada um de nós tem de organizar o seu tempo, tendo em conta as suas necessidades e limitações e depois cumprir o que definiu para si próprio. Ser estudante a tempo parcial pode ser uma boa alternativa para quem tem pouco tempo livre. Conciliar trabalho e família por vezes já é muito difícil, mas se queremos alcançar os objetivos a que nos propusemos quando nos inscrevermos, temos de rever os nossos hábitos e ver onde podemos retirar tempo supérfluo para o aplicarmos onde mais necessitamos" (I.S, 2014).

Neste caso no meu ponto de vista o primeiro passo para melhor gerir o meu tempo de modo a consolidar todas as actividades passaria pelo elaboração de um plano diário ou semanal, na qual me permitiria a possibilidade de não me desfocar do principal (L.L, 2014).

A elaboração de um planeamento semanal ou diário é o primeiro passo para estabelecer a gestão do tempo (A.F, 2014).

Partindo do fato que há poupança de tempo já que não há aulas presenciais, este tempo pode ser investido nas outras atividades. A estratégia pessoal da gestão do tempo deve ter em conta aqueles factores externos capazes de alterar o objetivo, cada um terá os seus; já conhecemos os mais habituais: trabalho e família. Mais além destes factores temos os relacionados com o carácter e a personalidade, pelo qual é preciso conhecer-se a si mesmo, sobretudo no relativo às debilidades. Portanto, devemos perguntar-nos: sou preguiçoso? Sou responsável? cumprio os prazos de tempo previstos? (L.B, 2014).

Sem dúvida que o planeamento é muito útil para uma melhor gestão do tempo, até porque a actividade profissional é cada vez mais exigente. E não podemos descurar o tempo que devemos passar com a família, com os amigos e mesmo o tempo para nós próprios pois tudo é importante para o nosso equilíbrio (L.F, 2014).

Gerir o tempo é uma tarefa cada vez mais difícil, principalmente, pela pressão no trabalho, (no meu caso nunca tenho hora certa de saída)

e pelas diversas actividades diárias, como tratar dos filhos, da casa etc. Como já foi dito, o planeamento será sem dúvida a chave do sucesso, é preciso gerir o tempo de forma a conseguirmos executar todas as tarefas diárias e ainda guardar algum tempo para lazer. Estipular um horário dedicado apenas ao estudo é o meu objetivo, entretanto também espero ir percebendo qual será a melhor solução (S.B, 2014).

Um estudante que tenha responsabilidades familiares, profissionais e pessoais consegue sempre gerir o seu tempo. O meu lema é ter força de vontade e querer muito o que se pretende atingir... Comigo tem sido assim, e até hoje não tenho razão de queixa. Não é fácil, mas tudo se consegue e para isso há que definir prioridades. Há tempo para tudo, até para um jantar com os amigos (E.A, 2014).

A gestão do tempo, é no meu conceito, o aspeto mais difícil ! Numa fase inicial haverá, com certeza, a necessidade de introduzir algumas mudanças na vida quotidiana, como por exemplo arranjar "mais um tempinho" ! No entanto, acho que com a "força de vontade", que todos nós temos e levar esta etapa avante, iremos conseguir ! Boa continuação (A.S, 2014).

Sobre este tema considero importante gerir o nosso tempo de forma a podermos conciliar a nossa vida profissional, familiar, gostos pessoais com o estudo. Cada um de nós tem uma realidade própria e por isso cada um terá que adaptar a sua vida da melhor forma possível. Haverão por isso diversas formas de o fazer. Uma dica que vou tentar seguir é a de que sempre que tiver tempo "livre" me dedicarei ao estudo para que consiga estar sempre up-to-date. Faço isto porque devido à minha profissão não tenho horários devidos. Por vezes é fácil, noutras muito difícil gerir o meu tempo. Infelizmente não sou dono do meu tempo (P.G, 2014).

Estudar *online* não é tarefa fácil!! Mas nós temos a certeza de que somos conscientes e capazes de gerir o nosso tempo! Pois somos todos adultos, logo, sabemos gerir o tempo, fazer prioridades, ou pensamos que somos capazes de o fazer. Tarefa que não é fácil!! Experiência pessoal: sou casada, sou mãe, sou trabalhadora e agora estudante! mas tenho um vício! a limpeza da casa; o que ocupa muito do meu tempo! A limpeza e pra sempre a prioridade. Dava comigo a pensar; quantas coisas boas deixei de fazer e proporcionar aos meus filhos, à minha família porque queria a casa limpa todos os dias. Deixei de fazer a minha

família feliz por uma coisa que achava extremamente necessária, no fim estes últimos meses dei comigo a pensar, que, andava a gerir mal o meu tempo e a perder tempo com coisas que não eram prazerosas para todos. Assim encontrei uma realização perfeita para todo o meu eu. Aprendi a gerir o meu tempo e o comando da minha vida! Hoje tenho tempo para tudo porque estabeleci prioridades. É assim que um estudante *online* deve proceder!

1. Organização pessoal
2. Enumerar tarefas
3. Estabelecer prioridades (M.P, 2014).

Todos nós concordamos que a gestão de tempo não é tarefa fácil, no entanto, na minha opinião com muita autodisciplina e estabelecendo objectivos bem definidos é possível fazer uma gestão de tempo eficaz.

Eu viajo bastante devido ao meu trabalho o que fez com que tivesse de aprender a gerir muito bem o meu tempo, estabelecendo objectivos e prioridades para conseguir cumprir todas as tarefas que me são propostas, bem como, as coisas que eu quero fazer.

O que vou tentar fazer para me facilita na gestão de tempo:

- Estabelecer objectivos - quantidade de horas diárias e/ou semanais que tenho que dedicar ao estudo;
- Autodisciplina - obrigar-me e motivar-me a cumprir tudo o que me proponho a fazer;
- Estabelecer prioridades - analisar o que é necessário fazer e enquanto tempo de forma a conseguir cumprir o máximo de tarefas possíveis da melhor forma possível;
- Autoavaliação - refiro-me a ter a capacidade de análise se estou de "cabeça fresca" para efectuar determinado trabalho ou não, porque temos que conseguir ser produtivos, quando não estamos de "cabeça fresca" há mais possibilidades de nos esquecermos de alguma coisa que pode ser fundamental no trabalho que estamos a realizar.

Eu sou do tipo de pessoa que não gosta de agendas mas foi a melhor solução que encontrei para gerir o tempo e para não me esquecer de nada (A.C, 2014).

Neste novo processo de aprendizagem o grande desafio é ser capaz de deixar para trás as tarefas que outrora eram importantes e ter a capacidade de diferenciar o que realmente daqui para frente é importante para conseguir cumprir este novo objetivo. No meu caso estipulei as seguintes regras para gerir melhor o tempo. É claro que estou de acordo com o que já foi mencionado; acrescento: assiduidade, comprometer-me

o mais possível todos os dias aceder verificar a gestão tarefas no portal estudante. prazos a cumprir - planejar prazos de entrega dos trabalhos dos pagamentos etc..para isso pensei para além da agenda, fazer um calendário personalizado.Para não stressar, porque o difícil é começar, assim se atuar antecipadamente vai ser mais fácil (S.M, 2014).

Quanto a questão como gerir o nosso tempo, sempre sinto-me muito frustrada porque a triste verdade é que (como foi escrito no artigo) nunca vamos ter tempo para fazer tudo que desejamos..há tantas coisas que quero fazer, ler, desenhar, ver, etc. O tempo que temos deve ser planeado de maneira inteligente para fazermos, lermos, desenharmos e vermos tantas coisas quantas possíveis (não sei se esta frase é correta ;p). Acho que a universidade como Aberta facilitará a nossa vida, apesar do facto de que exige autodisciplina e responsabilidade. O que é mais importante é fazer as coisas urgentes como primeiras para termos a consciência tranquila (?);) Manuel, considero que gestão do seu tempo é bastante mais do que apenas prazos estipulados. Deveria ler o documento que nos foi fornecido "Gerir o tempo", ele foi bem explícito no que se toca a conseguir conciliar correctamente tantas actividades da nossa vida (M.K, 2014).

Em primeiro lugar é importante estabelecer objectivos e aí sim, dar um prazo a eles (eu, pessoalmente, planeio a minha vida até aos 3 anos para a frente). Após ter objectivos claros e directos, temos que avaliar o nosso dia-a-dia e dividir os nossos "fazer" em 3 grupos: 1º Prioritários. 2º Urgentes. 3º - "Rouba-tempos" Enquanto urgentes e prioritários vão para o topo da lista, teremos que eliminar gradualmente os "rouba-tempos" da nossa vida.

Também temos que ter cuidado de não eliminar aquilo que é necessário, a tendência de muitas pessoas é eliminar as suas horas de descanso e até de sono! Isso é completamente errado, visto que o cansaço é um factor determinante da qualidade do trabalho. Fazendo essa pequena autoanálise do seu quotidiano e organizando-o, tudo fica arrumado nos seus sítios. Já não andaremos a deriva dos acontecimentos, quase de modo automático. A partir de momento em qual sabemos para onde ir, o "bicho de sete cabeças" de organização do tempo desaparece por si só (N.S, 2014).

A gestão do tempo passa por cumprir os prazos estipulados para cada actividade (M.A, 2014).

Como é que um estudante *online* deve gerir o seu tempo de modo a conciliar todas as suas actividades, de estudo, profissionais, pessoais e familiares? Entendo que em primeiro lugar, tendo em conta as várias vertentes da sua vida e a prioridade atribuída actualmente a cada uma delas, o estudante deverá determinar qual o número de horas por dia/semana tem disponíveis para dedicar ao estudo. Em seguida, em função dessa disponibilidade, deverá estabelecer um objectivo semestral e/ou anual de número de cadeiras a realizar. Adicionalmente, deverá realizar um horário diário e/ou semanal exclusivamente dedicado ao estudo. Aguardo as vossas opiniões! (H.R, 2014).

Devemos assim estabelecer prioridades na gestão do nosso tempo conciliando a nossa vida pessoal, profissional com o tempo dedicado ao estudo (C.V, 2014).

E aproveito para me referir a uma boa gestão do tempo. Penso que é um tema crucial, não só para o sucesso académico. Ler um texto sobre como gerir bem o tempo pode ter um efeito motivante no momento da leitura, mas se não seguirmos as dicas e as implementarmos no nosso dia-a-dia, de pouco terá servido. Por isso acho que devíamos resumir o documento "Administrar o tempo é planejar a vida" de modo a produzir uma lista de pequenos "to-do's" diários que nos ajudaram a tirar o maior proveito das 24h que temos à nossa disposição. Como colega Helena já referiu, tudo começa com a definição de prioridades. Para isso teremos de: 0) Ter plena consciência sobre objetivos que queremos alcançar, a curto e a longo prazo. Poderá ajudar estabelecer um plano: P.e. O que quero ter alcançado daqui a 1, 5, 10 ou 20 anos? O que terei de fazer para lá chegar? Quantas horas diárias/semanais terei de investir nos meus estudos/no meu trabalho? Quanto tempo querei reservar para passar com família/amigos? Uma visão nítida do que queremos alcançar no futuro tem um impacto muito positivo na nossa motivação. 1) Ao início de cada semana listar as tarefas que nos esperam. Podemos fazer o mesmo para cada cadeira/semestre 2) Ponderar: O que terá de ser feito imediatamente, o que pode esperar? (Definir prioridades). 3) Atribuir cada tarefa a um dia, tendo em mente o tempo que queremos investir diariamente nos nossos estudos e também os compromissos para com família/trabalho. 4) Ao início de cada dia dar uma vista de olhos na lista das tarefas que nos esperam hoje e segui-las com determinação, sabendo que cada tarefa cumprida nos trará mais perto dos nossos objetivos. 5) Ao final de cada

dia/semana refletir sobre a nossa produtividade nesse dia/nessa semana e questionar se escolhemos bem as nossas prioridades e se estamos satisfeitos com o caminho que estamos a percorrer. Afinal de contas uma boa gestão do tempo não aparece de hoje para amanhã, mas sim num processo caracterizado por falhas e sucessos (R.M.D, 2014).

Gerir de forma correta o nosso tempo, atualmente e cada vez mais é complicado conseguirmos gerir o nosso tempo devido, principalmente, à pressão do trabalho e outras muitas atividades diárias que temos de desempenhar no nosso dia-a-dia. Acredito que uma boa gestão de tempo não funcione do dia para a noite, será preciso persistência e muito empenho, é conseguirmos muitas vezes mudar a forma de organizarmos o nosso dia. Provavelmente passa por vivermos o nosso tempo com mais sabedoria, termos a capacidade de analisar o que é importante no momento e definir claramente quais os nossos objectivos e concretizações. Pessoalmente já pensei em começar a fazer uma lista diária do que posso ou tenho que fazer em um dia, o que realmente é importante e tem mesmo de ser feito. Espero conseguir fazer as minhas tarefas por uma ordem de importância e de forma correta (M.F, 2014).

Eu sempre pensava que os estudos online são mais fáceis e acessíveis, mas agora depois de alguns dias nesta avaliação eu mudou de ideia um pouco 😊. Espero que vou conseguir dedicar cada dia um pouco de tempo cada dia para fazer todas as tarefas 😊 (P.S, 2014).

É assim necessário que cada um organize o seu tempo, tendo em conta as suas necessidades e limitações e depois cumprir o que definiu para si próprio. Ser estudante a tempo parcial pode ser uma boa alternativa para quem tem pouco tempo livre contudo, o conciliar do trabalho, da família e das obrigações diárias, é por vezes muito difícil. Mas, se alcançar os objetivos é a missão a que cada aluno se propõe, no momento da sua inscrição, deve então rever os seus hábitos, e analisar onde poderá retirar tempo supérfluo, e aplicando o mesmo onde realmente mais necessita. A melhor gestão do tempo, passará por uma reeducação do aproveitamento do tempo e definição de prioridades. A proactividade poderá assim ajudar, na reeducação do aproveitamento do tempo, pois através dela é possível prever situações, que farão ocupar mais ou menos tempo. O ser reactivo permite aquando confrontado com situações "pouco urgentes de resolução" resolvê-los. Julgamos

assim, que o ser reactivo e proactivo são uma equipa para a gestão do tempo (Síntese final Grupo A).

Sabemos que o estudante *online*, deve ter como características principais o autoconhecimento, disciplina e dedicação. Partindo desse princípio, para melhor gestão do tempo, primeiramente deve-se desenvolver a elaboração de um plano diário ou semanal, na qual permita a possibilidade de focar-se no que é prioritário, sem ter que se desfazer dos demais compromissos e obrigações (Síntese final Grupo B).

Sendo aprendizagem virtual uma nova vertente nas nossas vidas e apesar de ela permitir melhor gerência do tempo, claramente todos demonstramos um certo receio. No entanto, já estamos "armados" com inúmeras dicas que nos permitem uma melhor gestão do nosso tempo:

- Ter a noção que vai ser preciso mudar a nossa vida, arranjando mais um tempo extra e adapta-lo a nossa vida.
- Avaliar e reorganizar o nosso dia-a-dia.
- Enumerar tarefas, estabelecer os objectivos e os seus prazos.
- Definir os meios para realização dos objectivos.
- Estabelecer o que é prioritário, o que é urgente e o que pode esperar.
- Aos poucos deixar para trás as tarefas que antes achávamos que eram importantes.
- Fazer as coisas urgentes em primeiro lugar.
- Ser responsável e assíduo nos seus estudos.
- Usar agenda e/ou calendário personalizado.
- Ter força de vontade e autodisciplina, tentando encontrar sempre uma motivação.
- Autoavaliar o nosso estado psíquico e físico antes de realizar uma tarefa. É importante descansar o suficiente e fazer tudo com calma (Síntese final Grupo C).

(i) Estabelecer objectivos a curto, médio e longo prazo, respondendo à questão “O que quero ter alcançado daqui a 1, 5, 10 ou 20 anos?”. Uma visão nítida do que queremos atingir tem um impacto muito positivo na nossa motivação.

(ii) Determinar o caminho para alcançar esses objectivos: “O que terei de fazer para lá chegar?”, “Quantas horas diárias ou semanais terei de investir nos meus estudos?”, “Quanto tempo quero reservar para passar com a família e amigos?”

(iii) Efetuar, no início de cada semana, uma lista das tarefas que deverão ser executadas nesse período de tempo, que deverá incluir as relacionadas com as cadeiras em estudo.

(iv) Às tarefas listadas deverá ser atribuído um grau de prioridade, o que implica ponderar entre o que terá ser executado de imediato e o que poderá esperar.

(v) A lista semanal poderá ser planeada para uma execução diária, p.ex., uma tarefa por dia tendo em conta o número de horas que previamente estabelecemos para investir nos estudos e que foi determinado pelas respostas que demos às questões colocadas no ponto (ii).

(vi) Iniciar cada dia relembando as tarefas planeadas para esse dia e utilizar o tempo de forma eficiente de modo a concretizar a tarefa estabelecida. Cada tarefa cumprida levar-nos-á mais perto dos nossos objectivos.

(vii) Reflectir no final de cada dia e de cada semana sobre a execução das tarefas listadas, aferindo da nossa produtividade e avaliando se os objectivos de trabalho a que nos propusemos foram alcançados. Questionar se a definição das prioridades, no início da semana, foi a mais correcta e se estamos satisfeitos com as escolhas efectuadas. Em função dos resultados desta reflexão, eventualmente, ajustar as metas a estabelecer para a semana seguinte. Afinal, uma boa gestão do tempo não se consegue de hoje para amanhã, mas através de um processo caracterizado por falhas e sucessos (Síntese final Grupo D).

3.4 Interações dos Grupos em Fóruns

- Falta de tempo e trabalho diário semanal
- Comportamento reativo em relação ao tempo
- Procrastinação das atividades diárias acumulando para o final
- Mudanças e atualizações nas tecnologias e necessidade de atualização pessoal
- Querer aprender, procurar, entender e ser proativo antecipando situações
- Participação, questionamento e confronto constante (Grupo A 14 membros - 7 participantes no fórum).
- Preocupação com a ausencia dos membros do grupo
- Desejo de interação, participação, comunicação e amizade (Grupo B 14 membros - 8 participantes no fórum).

Preocupação com a ausência, o diálogo, contribuições e prazos e representante do grupo

Ausência justificada por falta de acesso a internet, estar em viagem, envolvimento com o trabalho, falta de fluência na língua portuguesa (Grupo C 14 membros - 10 participantes no fórum).

Leitura dos documentos, troca de idéias, representante para fazer a síntese final, prazos, tempo de dedicação a família e filhos, viagens a trabalho (Grupo D 17 membros - 11 participantes no fórum).

Eu supostamente não deveria colocar uma mensagem já que este é um trabalho de grupo, sem monitora, mas como o grupo está muito desfalcado, aqui estou eu. Fica uma sugestão: iniciem um tópico neste fórum por cada uma das questões a serem tratadas e talvez mais um para a organização (quem vai ser o porta-voz deste grupo?). Vou agora fazer uma chamada no Fórum de Notícias na tentativa de "acordar" alguns dos membros deste grupo (M.J.S, 2014).

Acho também que devíamos marcar uma hora para podermos estar ligados para debater os assuntos referidos e acrescentar mais alguma coisa que se julgue necessária para a síntese final (C.V, 2014).

Para mim ainda é um pouco estranho, esta aprendizagem *e-learning*, mas acho que com a continuação será mais fácil. Tudo é uma questão prática (O.A, 2014).

Aguardo os vossos comentários (em "*track changes*" de preferência)! (H.R, 2014).

Na verdade também fiquei um pouco assustado com a gestão do tempo. O stress do trabalho, do dia-a-dia, o rol de tarefas diárias inerentes à minha vida, obrigam-me a tal, mas acho que com empenho e vontade tudo vai lá (T.D, 2014).

3.5 Plano da Unidade Curricular – PUC: vantagens

A principal vantagem da existência, em cada UC, do PUC é permitir que o estudante possa organizar-se e gerir o tempo que dispõe ao longo do semestre para dedicar a cada unidade curricular. Também por esse motivo a disponibilização do PUC no início de cada semestre é fundamental para esse objective de organização e de gestão do tempo

disponível para as diferentes tarefas e interações académicas. Por outro lado, organizar e gerir tempo (disponibilidades) não faria sentido sem um objecto e uma métrica. Por isso também saber logo desde início quais: - "As competências a desenvolver nessa unidade curricular; Os temas a estudar; A bibliografia e demais recursos necessários; O que o professor espera por parte do estudante; O que o estudante pode esperar do professor; O plano de atividades formativas; O calendário que o estudante deve cumprir" (Alda Pereira e Lúcia Amante, 2007), assim como decorrerá a avaliação e outras indicações relativas a cada UC, é fundamental para a gestão desse tempo e para o percurso académico de cada estudante (V.M, 2014).

Dando Início a esta discussão, na minha opinião é de extrema importância a existência dos planos de unidade curricular, pois assim podemos consultar os mesmos e orientar o nosso tempo, assim como o método de trabalho ou estudo, torna-se vantajoso pois assim podemos ir explorando os temas abordados nos PUC (A.C, 2014).

A grande vantagem será a organização antecipada, o facto de podermos planificar melhor o estudo no início de cada UC (S.B, 2014).

Pela leitura ao documento de suporte, deste terceiro tema, fica perceptível que num modelo de ensino à distância, vulgo e-learning, a devida planificação e orientação para cada disciplina será decisiva para o sucesso nas diferentes matérias do curso. Por um lado permite ao estudante ter mapeado todo o percurso que irá percorrer, aceder aos conteúdos programáticos antecipadamente e esclarecer todas as dúvidas e/ou questões que pretenda colocar em tempo útil. Por outro lado, e considerando que não existe espaço físico para leccionação, a existência de um Plano da Unidade Curricular também permite ao estudante optar pela forma de avaliação mais adequada à sua realidade, considerando a gestão do seu tempo. Percebi também que no ensino à distância, será decisiva a avaliação contínua, permitindo uma aproximação muito maior com os temas curriculares, docentes e colegas de curso. Por fim gostaria de realçar que no meu caso específico a leitura deste documento esclareceu cabalmente o funcionamento de uma metodologia de ensino à distância, que anteriormente tinha dificuldade em compreender. Cumprindo as regras previamente definidas, percebendo claramente o Plano Curricular de cada disciplina, seguindo as orientações dos docentes e planeando corretamente a gestão do

tempo, a integração e sucesso de cada estudante será mais facilmente alcançável (N.P, 2014).

Uma pequena dica, imprimam pelo menos as partes mais importantes do PUC, o cronograma, por exemplo. Será também bom ter uma agenda com as datas importantes de todas as UCs. A Coordenação das diferentes Licenciaturas tem o cuidado de "gerir" cronogramas, mas nem sempre é possível evitar "picos de trabalho". Se o estudante conhecer de antemão essas situações pode gerir as mesmas. Todos já descobriram que o PUC (no Módulo de Ambientação é o PMA) como imprimir uma página ou todo o plano? PS: somente uma pequena observação da minha parte. É mais correto escrever "Educação a distância" ("a" e não "à") (M.J.S, 2014).

Neste documento detalham-se as condições nas quais o ensino da disciplina vai ser proporcionado e quais são as variáveis que os alunos podem modificar para se adaptar melhor. O interface ao qual faço referência esta a pôr em contacto um modelo de ensino com alunos, não já de caracteres diferentes, senão de idiossincrasias diferentes (lembramos que há alunos nos 5 continentes, ou quase). Por outro lado, a promoção da interação tem como resultado natural o incremento do *feedback* por parte dos alunos, o qual é útil para ambas as partes; além, a voz dos alunos é insubstituível, por consequência a comunicação é necessária (L.B, 2014).

Só tenho a acrescentar que PUC também nos vai permitir analisar o que nos espera e decidir qual é o tipo de avaliação que nos é mais vantajosa: contínua ou por avaliação final (N.S, 2014).

A importância do Plano da Unidade Curricular (PUC) em cada Unidade Curricular é de possibilitar aos estudantes conhecer os temas de estudo, os objectivos, a metodologia de trabalho adoptada pelos professores, os materiais e recursos a serem usados, a opção de avaliação, o calendário de atividades etc. E, ainda, em relação a própria aprendizagem possibilita ao estudante saber quais as competências deverá desenvolver com base naquilo que o professor aponta como critérios à sua participação, planear seus estudos, gerir seu tempo em função do calendário, organizar o plano de suas atividades formativas e avaliativas, bem como organizar uma agenda com as datas para realização e entrega de trabalhos. Portanto, trata-se de um aspecto

fundamental para organizar o percurso de ensino e aprendizagem em cada unidade curricular do curso (TF, 2014).

Após a leitura do respetivo documento é importante que o estudante tenha sempre em consideração o método de trabalho proposto pelos docentes. É, sem dúvida importante que em cada Unidade Curricular haja um plano a seguir para que o estudante possa orientar-se relativamente a: - pontos específicos a seguir e a referenciar, sobre cada UC; - tempos que serão necessários gastar para a realização do trabalho proposto, e assim poder entregá-lo atempadamente, ou seja, gestão pessoal de tempo; - como devem os mesmos ser executados, seguindo sempre as indicações dos professores. Só assim, o estudante conseguirá obter resultados positivos ao fim de cada UC (E.A, 2014).

A meu ver, existem muitas vantagens quando se há um Plano de Unidade Curricular, além de nos dar previamente todas as informações do que será estudado no decorrer do semestre, nos possibilita de forma antecipada planejar e organizar nossos estudos! (A.F, 2014).

O Plano de Unidade Curricular de cada disciplina, facilita o aluno desde o primeiro momento, a elaborar o plano de estudos, de acordo com que o que necessita face à sua disponibilidade. Ficando desde logo a saber quais as competências a desenvolver, assuntos a estudar e recursos necessários pode elaborar o seu plano, tendo em conta as disciplinas escolhidas e como gerir o tempo para cada uma delas, face ao plano apresentado. Além disso, também refere as condições para a avaliação como no caso do modo de ambientação que estipula o necessário para atingir cada um dos níveis (I.S, 2014).

Ponderando o que li, afirmo que um plano de unidade curricular é extremamente importante. Este permite-nos uma melhor organização de tempo e método de estudo, é fundamental ter um PUC que nos oriente. Bom trabalho (Marisa Pedroso, 2014).

Olá a todos, correndo o risco de me tornar repetitiva e não acrescentar valor à discussão, sou da opinião que o PUC é uma ferramenta fundamental para a orientação de cada UC. Através dele conseguiremos estruturar o método a seguir, organizar ideias e gerir o tempo de modo a atingir os objectivos. Obrigada e Bons estudos para todos! ;) (S.A, 2014).

É a desvantagens de chegar a estas horas. Estou a brincar. 😊 Tem a ver com a questão inicial que eu coloquei, que não dá azo a grandes discussões, não é? Mea culpa. Mas vou perguntar de outra forma: Sente falta de algo no PUC? A estrutura do PUC será em todas as UCs muito semelhante ao nosso PMA (M.J.S, 2014).

Cara Maria João, Lamento ter de a importunar com um problema porque não recebi nenhuma resposta no forum Duvidas. Respeitei todos os passos sugeridos para anexar o e-folio A até que chegar à parte de anexar o e-folio A (e estou jnisto desde as 10 horas da manhã de hoje) sem sucesso. O programa de anexação de documentos não abre. Neste momento já esgotei todos os conhecimentos que tenho para resoçver o assunto. Corro o risco de esgotar o prazo para entregar o trabalho (o que de todo não quero deixar acontcer) porque não consigo abrir a aplicação. O que me sugere? Obrigado (V.M, 2014).

Para mim, concordando e reforçando a ideia dos colegas, o PUC é fundamental pois só assim poderei construir uma linha mestra de aprendizagem ao longo do curso. É sempre útil estarmos balizados no tempo pois assim poderemos gerir o nosso calendário. Cada um de nós tem uma realidade diferente e só através da definição objectiva das necessidades temporais em termos de aprendizagem poderemos atingir os nossos objectivos individuais e colectivos (P.G, 2014).

3.6 Fóruns Moderados pelos Estudantes como Auxiliar no Percurso Individual: importância

A importância dos fóruns moderados pelos estudantes no percurso individual de cada estudante decorre naturalmente da sua utilidade, especialmente porque permitem a discussão dos temas propostos pelos professores (das unidades curriculares), mas sobretudo porque têm um papel muito importante na partilha de conhecimentos, ao possibilitarem a comunhão de ideias, e porque induzindo esse convívio entre os participantes (do forum) permitindo-lhes estabelecer laços de amizade e de apoio entre si 😊 (V.M, 2014).

Vou reforçar o que o Victor escreveu: "... decorre naturalmente da sua utilidade, especialmente porque permitem a discussão dos temas propostos". Na minha opinião, isso pressupõe que um número mínimo de estudantes participe. Em que medida sentiram a participação no trabalho

de grupo como de utilidade? E como se sentiram os que não participaram? (M.J.S, 2014).

Abordando esta questão, tivemos um exemplo agora no tema passado em que vimos que poucos alunos recorrem ao fórum e assim sendo poucas manifestações de opiniões, por isso espero que isso mude com o tempo. Mas voltando ao tema, os fóruns moderados por estudantes consigo ver nisso uma grande ferramenta para tirarmos dúvidas e manifestarmos nossos pontos de vista, acho que vai ser um bom porto de embarque para o nosso início de vida de estudante (A.C, 2014).

Devo salientar que os fóruns moderados pelos alunos são como os grupos de estudantes que se encontram algures, na biblioteca, numa sala vazia, em cada de um ou de outro, e que tentam interajudar-se da melhor forma. Aqui temos a possibilidade de utilizar o Fórum de Dúvidas para colocar as questões que não conseguiram resolver no grupo. Os docentes estarão atentos a essas dúvidas. No caso do MAO, estive atenta ao desenrolar do fosso trabalho, mas nas UCs é importante que questões que não consigam resolver no grupo, que as coloquem no Fórum de Dúvidas. Agora realmente o que me preocupa é a falta de participação no fórum do grupo. Será que esse trabalho não é visto como um grande passo na aprendizagem? Fica a minha provocação (M.J.S, 2014).

Lamentavelmente, como já tive ocasião de afirmar, cheguei demasiado tarde para contribuir para o trabalho do Grupo. No entanto, o que tive oportunidade de ler (ontem) sobre o tema proposto para análise, quero acreditar que se o trabalho tivesse sido realizado por um único indivíduo, eventualmente, não teria a abrangência e clareza que penso que o trabalho do nosso grupo apresentou (V.M, 2014).

Penso que quanto mais usarmos os fóruns e quanto mais familiarizados estivermos com a plataforma mais facilidade teremos em alcançar os objetivos propostos. A troca de ideias e o facto de podermos esclarecer dúvidas uns com os outros será uma boa ajuda e ainda a vantagem de colocarmos as questões a qualquer hora. Quanto ao "Assunto" dos fóruns serem bem escolhidos, também é uma boa ajuda para identificarmos o tema de que se fala em cada um dos Fóruns e optarmos por entrar apenas se o assunto for do nosso interesse individual (gerindo assim melhor o tempo) (S.B, 2014).

Vou ser sincera, em todo o meu percurso anterior, nunca gostei de trabalhos de grupo nem de estar sempre a estudar com os outros colegas. Por isso (na minha opinião pessoal) os fóruns moderados devem de ser utilizados só quando realmente não conseguimos chegar a uma conclusão sem ajuda de outros. O fórum tem que ser apenas um pequeno acréscimo ao nosso percurso individual e nunca uma fonte de "perda de tempo" (N.S, 2014).

A meu ver, devemos sim ser participativos nos fóruns, mas não permitir que esta ferramenta nos tome demasiado tempo, do pouco que, nos resta no final do dia. Em relação ao meu atraso no acesso ao fórum, confesso que me senti um pouco "deslocada" ao constatar que tinha perdido o "fia da meada". Já estava a decorrer o 2. Tema e eu nem sequer participara. Por isso concordo com a utilização moderada, mas nunca exagerada dos fóruns (M.G, 2014).

Neste contexto é de especial saliência, os fóruns de discussão moderados pelos estudantes, por aquilo que pode ser apontado como exemplo de conteúdos que permitem uma facilidade de acesso e de actualização permanente e que promovem a envolvimento dos alunos quer na utilização da tecnologia, quer na discussão e apresentação de soluções de resolução de problemáticas que ocorrem em todo o processo de ensino/aprendizagem. Promovem por um lado a aprendizagem colaborativa e por outro permite aos docentes uma auscultação mais eficaz das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes. Como se compreende os fóruns de discussão promovem a interacção entre os estudantes e o professor, entre os estudantes entre si, ou entre os professores. Permitem ultrapassar dificuldades de participação nas actividades de sala de aula de alguns alunos. A informação armazenada no fórum servirá também como recurso de aprendizagem dos estudantes (L.L, 2014).


Concordo com tudo o referido até agora, no entanto acho que se deve salientar, também, a grande diferença que é o fórum em relação ao trabalho de grupo presencial numa biblioteca, isto é, a maior abrangência de opiniões porque podemos encontrar pessoas de diversas partes do mundo e que vivem com realidades diferentes e consequentemente as opiniões por norma acabam por ser adaptadas as realidades que conhecem. Com um fórum em que participam pessoas

com diferentes vivências permite-nos "alargar os nossos horizontes" isto se estivermos receptivos. Os fóruns tem tudo para serem ferramentas de aprendizagem bastante produtiva, mas obviamente, exige que nos mantenhamos tanto receptivos a diferentes pontos de vista e que consultemos de forma assídua para "não perdermos o fio à meada" (A.C 2014).

Creio que o aspeto que a Ana (Calado) trouxe "para cima da mesa" é muito importante. Assim sem que notemos estamos nesta forma de ensino e com turmas internacionais a desenvolver competências de comunicação multi-culturais que podem ser, que são, tão importantes hoje em dia. Foi a que a Ana chamou de "alargar os nossos horizontes" e que vai bem mais além das matérias abordadas nas UCs. Quais pensam ser alguns dos cuidados que deveremos ter quando estamos a comunicar em âmbito multi-cultural *online*? (M.J.S, 2014).

Em geral, penso que devemos refletir bem como transmitir a informação, mas também sem medo porque pode ser um entrave à comunicação (L.B, 2014).

Tenha o cuidado de, quando utilizar material que se encontra na internet, referenciar devidamente. Neste caso colocar entre aspas o texto, o formatar em itálico (são várias linhas de texto) e enunciar o link: "http://www.geoescola.org/index.php?view=article&catid=143%3Aconceito&id=219%3Auso-de-foruns&option=com_content&Itemid=137" (M.J.S, 2014).

Os Fóruns Moderados por Nós ! Podem ser usados como um espaço de comunicação fecundo para identificar os avanços e dificuldades nas aprendizagens, discuti-los com colegas e com o professor caso necessário (em fóruns moderados pelo professor). Por se tratar de uma interface de comunicação assíncrona, que não é efectuada em tempo real, o estudante pode aceder a qualquer hora e em qualquer local, por isso é um instrumento privilegiado para a flexibilidade na gestão do tempo, de acesso *online*, de trocas mútuas etc. O ponto forte do uso dos fóruns moderados pelos estudantes é que estes possibilitam discutir entre si os temas em estudo, partilhar ideias, construir conceitos e, principalmente, apoiar-se no processo de estudo ao longo da unidade curricular (TF, 2014).

É sempre benéfico ter os fóruns moderados pelos estudantes como uma mais valia. Como diz o velho ditado: "duas cabeças pensam melhor que uma." :D Partilhar ideias, discutir assuntos, dar opiniões, enfim... coisas que por vezes esquecemos de referir, e que é importante, e que alguém se lembrou de o mencionar. No entanto, defendo que o estudante deve ser primeiro autónomo, pesquisando, analisando e procurando por si, e caso necessite de ajuda ou de alguma ideia, então solicitar ajuda (E.A, 2014).

Não são todas as universidades com ensino a distancia que oferecem a possibilidade de nos comunicar com os nossos colegas de curso, de forma rápida e eficaz. A possibilidade que nos temos com os fóruns, de expor as nossas ideias e tirar duvidas com os professores é tornar o ensino a distancia até mais interessante. Com a nossa primeira experiencia usando os fóruns para trabalho em grupos, pude perceber que a relação em grupo *online* é mais organizada, creio que seja devido a comunicação escrita e organizada em tópicos. É maravilhoso! Mas também existe um pequeno desconforto, quando devemos tomar acções sem que o grupo todo tenha-se manifestado, parece que queremos controlar a situação sem consentimento dos demais. Mas da próxima vez, recorreremos ao fórum Duvidas (A.F, 2014).

Além disso, desde o ponto de vista da dinâmica dum fórum, quando o grupo esta pouco motivado e inactivo, há poucos participantes ou há uma data limite, alguém tem que tomar acções, é quase obrigatório, senão o fórum está morto (L.B, 2014).

Concordo com o posicionamento do Luis B. e entendo os sentimento da Angélica. Tem que haver um meio termo, não é? Não é muito diferente de trabalhos em grupo no presencial. Observaram que no Tema 2 um grupo teve dificuldade de "descolar"? Havia pessoas comprometidas e aguardaram a que os outros membros chegassem. E se eles não chegarem? Podem haver constrangimentos de última hora, de saúde, etc. Cabe ao grupo continuar, tomar iniciativa e quem for chegando terá que colaborar da melhor forma dentro do que já está feito. No final, importante é que o grupo cresça, mas também que cada um dos membros tenha sucesso no sentido de ter aprendido algo mais. Eu sei que nem sempre é fácil. No caso desta turma, foram entregues 4 sínteses, então, de alguma forma todos os grupos conseguiram terminar

a atividade com sucesso, uns com maior, outros com menor. Mas creio que a aprendizagem aconteceu (M.J.S, 2014).

Ola de novo, a tod@s Quero reforçar a minha ideia inicial da importancia dos fóruns moderados pelos alunos como uma das vias (particulamente neste tipo de formações *online*) de participativamente trocarmos e partilharmos ideias e/ou discutir perspectivas e abordagens que possam ser divergentes sobre qulaquer assunto. A geografia não beneficia a discussão presencial e, assim, ainda que de um modo assincrono, estes fóruns de discussão são essenciais para que possamos fazer o que ja todos referimos como importante - discutir e partilhar. 😊)

PS: Isto não serve para discordar da colega que sugere que estar demasiado tempo nestes fóruns pode distrair de outras atividades também muito importantes. Porém, estando quase todos nós tão distantes uns dos outros, penso que não é um element de pouca importancia poder disport destes fóruns *online* (Obrigado)! (V.M, 2014).

O ganho na leitura duma unidade, de qualquer disciplina, é a compreensão e fixação dos conhecimentos. Ao complementar o apreendido na leitura com uma actividade participativa e receptiva (p. ex. um foro) estamos a acrescentar as possibilidades de que o apreendido perdure mais tempo. Ainda, se nessa actividade participativa temos a possibilidade de treinar/simular/fazer o que queremos apreender, provavelmente seja muito melhor, mais perdurável. Também penso que o ambiente descontraído dos fóruns e o cenário ideal onde podem surgir muitas ideias, umas boas e outras não (as boas não surgem, irrompem). Portanto, penso que uma boa estratégia pode ser a leitura "solitária" da matéria e depois a partilha nos fóruns do conhecimento adquirido e das dúvidas (L.B, 2014).

Tendo em conta que cada estudante tem tempos diferentes para aceder às unidades curriculares, os fóruns são uma entre ajuda para uma partilha de ideias e experiências , reflexão e discussão de vários temas, gerando simultaneamente um apoio mutuo e alguma cumplicidade (I.S, 2014).

Como se intitula a questão, os foruns moderados na minha opinião devem ser utilizados de uma forma moderada. É muito importanate participar nestes, pois permite-nos uma abordagem de um determinado assunto diferente do que teriamos, pois muitas vezes

as dúvidas de outros serão certamente as nossas. Assim torna-se muito importante a participação Dos alunos nos foruns, pois haverá sempre algo de novo, que seja enriquecedor para o nosso percurso individual! (M.P, 2014).

Olá boa noite a todos, na minha opinião, os fóruns poderão ser "substitutos" das salas de aula presenciais, sendo que à semelhança dos que se passa nas salas de aula, deverão ser usados de um modo moderado em que o principal objectivo seja a partilha de conhecimentos entre alunos. Obrigada e bons estudos! 😊 (S.A, 2014).

Eu tenho a mesma impressao como a colega Sofia Afonso. Para mim tambem este forum e como uma classe *online*, onde se pode conversar, ajudar etc. Acho tambem que a comunicacao desta maneira e um pouco mais dificil, mas temos de experimentar coisas diferentes na vida 😊 (P.S, 2014).

Nunca gostei o trabalho em grupos. Prefiro organizar o meu tempo por si mesma e não adaptar-me a outras pessoas. Para mim, os foruns funcionam para ajudar com questões confusas (M.K, 2014).

3.7 Questões Éticas na Aprendizagem *Online*: o que levar em conta

Estive a ler o documento e efectivamente foi bastante esclarecedor, a forma como se devem aplicar as diferentes formas de material consultado, seja através de sites ou livros, quando pretendemos expor a nossa opinião baseada nas informações que recolhemos ou citar essa mesma informação. São bases que não tinha, pensei que bastasse colocar na bibliografia as referências, por isso para mim foi bastante importante a leitura deste documento. Começa a ser "levantado o véu" de como irão ser os nossos trabalhos e a melhor forma de os fazer (regras a utilizar). Obviamente que todos sabemos que temos que dar indicação de onde recolhemos a informação, isto porque nos permite uma melhor partilha de conhecimentos, uma vez que, cada um tem a sua forma de entender as coisas e a minha exposição de determinado assunto pode não ser totalmente esclarecedora, mas, no entanto, se consultarem as bases que consultei puderam ficar esclarecidos. Não podemos, de todo, descartar que as pessoas têm mérito pelos conhecimentos que transmitem (por livros ou sites), e que o uso sem a identificação do que

nos baseamos pode ser considerado plágio, para além de poder nos anular todo o trabalho realizado, também, constitui crime (A.C, 2014).

Concordo plenamente com a Ana Calado, pois tropecei no erro de consultar uma fonte e tirar alguns exemplos mais como não tinha noção do mau que fazia nem sequer referenciei o site, mais prometo que daqui em diante serei mais esclarecedor nas minhas abordagens e prometo consultar e intender de formar a dar um contributo digno aos temas lançados nos fóruns (L.L, 2014).

Quando se fala de questões de ética acho que existe uma resposta muito simples: Respeito! Respeito enquanto cidadão, respeito profissional, respeito pelos conhecimentos adquiridos e transmitidos em prole de outros... É uma boa forma de homenagear alguém que me transmitiu algo, para o meu aprendizado (E.A, 2014).

As normas éticas em relação à metodologia de pesquisa e suas referências bibliográficas são muito importantes na carreira académica de um estudante. Menção a fontes de pesquisa e fontes de informação é de extremo valor, para melhor exemplificar a reputação de um profissionais pode ser exposta por acusação de plagio em trabalho académico! (A.F, 2014).

En lo que respecta a poner bibliografía estoy de acuerdo con mis compañeros. Pero ya que hablamos de cuestiones eticas a mi me surge una duda ¿Como sabemos que el que realiza las actividades es la persona matriculada? Creo que internet es un sitio perfecto para suplantar a otra persona (J.J.T, 2014).

É realmente muito importante o que Joaquín aponta. Essa é uma das razões pelas quais o p-fólio é presencial. Há outras formas de solucionar, mas essa é a forma que a UAb adotou, também por estar de acordo com a legislação portuguesa (M.J.S, 2014).

A questão ética que coloca é, sem margem de dúvida, mais que um problema de "de o seu a seu dono". Além das questões da propriedade intelectual, de respeito pelo trabalho alheio é, acima de tudo uma questão de character do individuo que utiliza o trabalho de outros ou da forma como o utiliza. A criatividade é, do meu ponto de vista, um processo cumulativo, isto é, a partir de algo produzido

anteriormente acresce-se o que trazemos de novo - um novo aspeto qualitativo ou quantitativo, uma nova percepção, uma nova ideia, um complemento, um acréscimo. Portanto, não há nada de errado em a partir de outros trabalhos (precursores no assunto) usa-los como referência e adir algo ou contrariar essa perspectiva, para a partir dela criar algo de novo. A questão ética central é fazê-lo reconhecendo que o nosso contributo releva, respeita e relativiza outros trabalhos e os seus autores. Consequentemente, só as pessoas com falta de caráter podem pensar em utilizar trabalhos alheios sem expressamente os referenciar. Concordo com o colega que sugere que a internet está cheia deste tipo de situações - é que o copy/paste tornou-se numa arma de auto promoção dos não se atrevem a pensar por si 😊 (V.M, 2014).

Eu vou dar ainda aqui uma outra perspetiva: Se num trabalho de um aluno eu encontro uma referência ou uma citação a um trabalho de qualidade (ainda terão tempo para desbravar isso do ser ou não ser um trabalho científico de qualidade 😊) de um autor de referência, isso é positivo. Positivo porque significa que aluno leu bibliografia de referência e soube salientar pontos importantes. Não é por acaso que, muitas vezes, depois de ver o resumo de um artigo, eu salto diretamente para a bibliografia, essa é o que sustenta o que está escrito. Mas tudo a seu tempo. Só quero mesmo alertar para estas questões que podem levar à reprovação de um aluno. Sem perdão (M.J.S, 2014).

Relativamente a questões de ética, após a leitura do documento vou estar mais atenta ao modo de referenciar a pesquisa. Se nos identificamos com algo já publicado e por isso queremos aplicar essa mesma ideia, é importante que a fonte de informação esteja bem explícita, uma vez que a falta desse "detalhe" pode inviabilizar a classificação do trabalho e sobretudo por uma questão de respeito pelo mentor da publicação (I.S, 2014).

A ética deveria estar presente em tudo na nossa vida. Viver com respeito e respeitar os outros torna tudo mais credível e agradável. Tudo foi dito pelos meus colegas, apenas devo concluir que é importante adquirir ética, no nosso percurso académico (M.P, 2014).

Acredito que diante do que foi comentado por todos, fica claro que o problema não é utilizar determinado conteúdo como exemplo, ou mesmo base para sua própria teoria (tese ou dissertação etc.), mas

apropriar-se deliberadamente de uma ideia sem qualquer menção ao autor, de forma técnica como na referência bibliográfica, ou mesmo uma menção conceitual (H.C, 2014).

Há um ano que escrevi a tese na minha universidade na Polónia e lembro-me que todas estas questões éticas foram muito importantes. Foi muito bom reler as regras e concordo com a colega que escrevi que o que é fundamental é o respeito. Devemos respeitar o trabalho de outra pessoa (M.K, 2014).

Quanto as questões relacionadas às normas de ética académica para o desenvolvimento de trabalhos académicos há que se indicar todas as fontes consultadas (referências bibliográficas) para evitar situações de plágio, respeitar os direitos de autoria e também as normas específicas para as citações (diretas, indiretas etc). Para casos específicos de consulta a documentos on line é imprescindível tomar o cuidado de, além de citar a fonte (indicação do nome do autor, ano da obra e página), indicar ainda o endereço do site em que foi feito o acesso e a data de acesso (TF, 2014).

3.8 Modalidade de Avaliação na UAb: opção e aspetos a considerar

Acho que os métodos de avaliação já praticados são os adequados pois permite ao estudante escolher o que mais se adequa si e ao seu método de trabalho/tempo (A.C, 2014).

Considerando que as decisões sobre o modelo de avaliação adoptado pelo aluno não é susceptível de alteração no ano/semestre a que corresponde a decisão (irreversibilidade da decisão após as 3 semanas iniciais do semestre), é essencial que esta escolha seja sustentada numa esclarecida análise do PUC de cada UC e, principalmente, no confronto com a disponibilidade de tempo que cada individuo pode comprometer para o estudo da "disciplina". Especialmente nas UC que prevejam várias actividades formativas ou que exijam pesquisas aprofundada é essencial que a gestão do tempo a dedicar a essas actividades devam afetar a decisão da escolha do modelo de avaliação a adoptar. Relativamente ao modo como é avaliada a aprendizagem (e-folios e p-folio) e a forma como as percentagens das cotações afetam a classificação final (da UC), figura-se bastante consensual a questão dos 50%-50% como valor mínimo para concluir com sucesso a UC (V.M, 2014).

Penso que os aspetos a considerar serão o tempo disponível de cada um e a forma de organização do estudo individual, acho que para quem possa fazer um acompanhamento regular das matérias será mais vantajoso a escolha da modalidade de avaliação contínua, no entanto também tenho as minhas dúvidas de qual será o melhor método. Espero neste fórum esclarecer também as minhas dúvidas (S.B, 2014).

Para além dos constrangimentos temporais, uma questão que eu me colocaria seria a seguinte: Como aprendo eu melhor? Sozinha e para um exame? Acompanhada e de forma contínua? Como me consigo motivar? São somente questões que me colocaria a mim mesma ... Quem quer partilhar como responderia a essas questões? (M.J.S, 2014).

Pois, de modo quase inconsciente eu fiz-me as mesmas perguntas. E o que me assustou bastante é não conseguir encontrar respostas. Por isso terei que respondê-las a base de tentativas. Só que tenho muito medo de perder o tempo em vão, começando por exemplo a estudar por avaliação contínua e no final descobrir que não funciona dessa maneira, mas já ser tarde de mais. Será que alguém pode-me ajudar nesse aspecto? (N.S, 2014).

1-Como aprendo eu melhor?

Para que seu sonho se torne realidade, é preciso se preparar e estudar da forma correta. Para você aproveitar da melhor forma possível seu tempo de estudo, você precisa conhecer de qual jeito você aprende mais: cinesteticamente, auditivamente ou visualmente.

2-Sozinha e para um exame?

A preparação individual para um exame tem a ver como cada um estuda ou elabora o seu plano de estudo para que não sinta dificuldades em enfrentar o exame.

3-Acompanhada e de Forma continua?

O acompanhamento diario ou semanal é muito importante para o desenvolvimento do aluno pois assim terá maiores probabilidades de superar as duvidas que vão surgindo ao longo das explicações.

4-Como me consigo motivar?

A motivação só depende de nos, se olharmos para o nosso passado e tentarmos imaginar o que ganharíamos com uma formação no futuro não há motivação maior (L.L, 2014).

Realmente este Módulo de Ambientação também pretende contribuir para que reflitam sobre como estudar, em geral, estudar *online* e estudar

online na UAb, em particular. As alternativas são dadas, as escolhas são vossas. Creio que quantos mais participarem neste tópico, mais perspetivas se abriram e talvez isso ajude a tomar decisões.

A minha função como monitora é dinamizar essa partilha.

Mas não posso deixar de descrever a minha própria experiência. Alunos que escolhem Avaliação do tipo Exame Final são em menor número. Nessa modalidade, os alunos têm acesso a um fórum como canal de comunicação entre si. Como são menos e como por opção (normalmente questões de tempo, mas também porque assim melhor aprendem) pouco acessam à UC, não há uma grande interação. É mais um "cada um por si".

Na Avaliação Contínua, os docentes muitas vezes propõem atividades de aprofundamento das temáticas de forma a preparar para os e-fólios. O Fórum mediado pelos estudantes será semelhante ao que temos no Tema 2 do MAO. Exige assim não somente uma participação mais regular, com também o estudar dos temas a abordar de uma forma mais continuada, não deixando tudo para a data do exame em forma de p-fólio (M.J.S, 2014).

Para mim a melhor maneira de aprender seria a aquisição de pouco conhecimento, mas de forma contínua, através de um sistema de diálogo professor-aluno e debate entre os alunos. Mas este sistema tem o problema de tempo e perseverança, mas precisa de um esforço sustentado por ambas as partes. Mas o modelo de vida rápido de hoje não permite que todos possam dedicar muito tempo para aprendizagem, é necessário um sistema em que o professor proporciona o conhecimento que os alunos devem memorizar e, em seguida, expor o exame. De modo que o melhor modelo depende da pessoa e do tempo que pode gastar em passar o curso (J.J.T, 2014).

O aspeto principal para a escolha da modalidade de avaliação é sem dúvida o tempo que cada um dispõe e pretende "gastar" no seu estudo. Pessoalmente, acho que a avaliação contínua nos permite e "obriga-nos" a estar sempre em contato com o estudo e ter sempre uma perspetiva do que se está a fazer (se bem ou mal), e em que aspetos podemos melhorar, sempre com a ajuda dos docentes e colegas.

Temos o senão dos "timings" para a entrega dos trabalhos solicitados, mas o que seria da vida se não houvesse um bocadinho de stress?! :D Cada um deve ter em comum o mesmo: a garra, a

determinação e a força de vontade de ter algo tão desejado. A sua formação académica (E.A, 2014).

Concordo com todos os colegas, e realmente, para escolha da modalidade de avaliação, como a colega Elizabete diz, é muito bom. O tempo que cada um de nós pretende e pode "gastar" com os estudos é fundamental para uma correta e adequada avaliação, e claro que a determinação e a vontade trabalhar para se conseguir atingir os nossos objetivos. Ajuda e colaboração dos colegas de grupo e do docente também muito importante, para esclarecimento de dúvidas (C.V, 2014).

Eu concordo plenamente com as opiniões dos meus colegas, especialmente com a do Leandro Lopes, está bem detalhada e explica claramente os aspectos mais importantes a serem considerados na escolha da opção da modalidade de avaliação. E também é muito interessante saber que para os alunos que optam por avaliação exame final, existe um sistema que dá suporte a essa pequena minoria! (A.F, 2014).

Considero importante o estudante saber quais são as possibilidades que as modalidades de avaliação que a universidade oferece e em que consistem. Por isso fiz um breve apanhado:

- **avaliação contínua**, com carácter formativo que se traduz nas atividades formativas das unidades curriculares, e se materializa em documentos elaborados pelo estudante, parte electrónica (dois ou três **e-fólios** – com uma reflexão crítica sobre aprendizagens efectuadas, um relatório sobre pesquisas realizadas ou sobre um trabalho de campo, a resolução de um problema, uma síntese de leituras, um pequeno trabalho prático, etc - submetidos à apreciação e classificação do professor no espaço virtual - uma amostra de que o estudante desenvolveu (ou adquiriu) uma dada competência) a respectiva valorização em termos da classificação depende dos objetivos e criterios adotados pelo professor de cada unidade curricular.

- **avaliação presencial (p-fólio, avaliação presencial** - questões propostas pelo professor como a apresentação presencial de um projecto ou de um relatório, consoante a natureza das competências a desenvolver ou uma prova presencial escrita, que complementa a avaliação realizada electronicamente.

A classificação dada pelo professor, em uma escala de 0 a 20 valores, é registrada no Cartão de Aprendizagem do estudante que pode ser visualizada no ambiente virtual. Para obter aprovação numa unidade

curricular, o estudante deverá atingir um mínimo de 10 valores no somatório das classificações obtidas nos e-fólios e no p-fólio.

Assim, a opção pela modalidade de avaliação contínua ou avaliação final por exame, deve estar estritamente relacionada ao estilo de aprendizagem do estudante, sendo esta uma decisão que vai implicar na duração da modalidade todo o ano lectivo para a unidade curricular em que o estudante está inscrito (TF, 2014).

Para escolher o modelo de avaliação o aluno tem, sobretudo, de saber como vai gerir o seu tempo, uma vez que o modelo de avaliação contínua, pressupõe a realização de e-fólios em datas definidas pelo professor (I.S, 2014).

Certamente no passado, quando pensamos em estudar...tivemos uma breve consciência de avaliação, uns mais outros menos; o que é certo é que de qual quer forma todos tivemos, por sua vez deparamo-nos com o pensamento de avaliação.É neste momento em que temos que ter clareza sobre a modalidade de avaliação mais conveniente para cada um. Na minha opinião, derivado ao meu horário a avaliação contínua tornar-se-á bem mais fácil e mais agradável. Temos sempre a possibilidade de dividir a avaliação em dois ou três e-fólios (se não estou errada) e um p-fólio, o que quer dizer que se torna mais seguro e mais fácil para quem por vezes se sente mais inseguro em certas matérias! Penso que a avaliação contínua é certamente a melhor opção! (M.P, 2014).

Embora esteja acostumado à avaliação contínua, nesta questão estou na dúvida; quanto ao conteúdo e a minha situação pessoal a escolha é sem dúvida nenhuma a avaliação contínua; no entanto, na tomada da decisão final, preciso ter mais visão por o qual penso que é necessário o relacionamento prévio com o conjunto dos professores e colegas de aula (L.B, 2014).

Boa noite a todos, indo ao encontro do que já foi dito, na minha opinião, a escolha da modalidade de avaliação passa muito pela "avaliação" pessoal de cada um. Há que ter em consideração os diversos fatores quotidianos da vida: gerir o tempo, disponibilidade mental e capacidade de interação virtual com colegas e professores. No meu caso, optei pela avaliação contínua, pois julgo ser mais fácil a aquisição de conhecimentos. Obrigada e bons estudos! ;) (S.A, 2014).

Creio que além do aspeto pedagógico no que se refere a assimilação do conteúdo, e da disciplina para planejar-se e desenvolver as atividades em tempo hábil, outro aspeto prático importante é a oportunidade de "equilibrar" o desempenho na UC, que pode não ser o melhor em determinada atividade, mas existindo a chance de compensar de certa forma, no caso da avaliação contínua (H.C, 2014).

3.9 Estudante em Avaliação Contínua: passar ou reprovar?

Infelizmente, reprova: precisa de 6 valores no p-fólio para passar (e por arredondamento) (L.B, 2014).

De acordo com o que entendi dos documentos de suporte deste tema, para se conseguirmos ficar aprovados em qualquer UC é necessário obtermos o mínimo de 50% da avaliação dos e-fólios, bem como, 50% das avaliações dos p-fólios.

A avaliação máxima, os 20 valores ou 100% de cada Unidade Curricular é subdividida entre:

- E-fólios que corresponde a 40% ou 8 valores;
- P-fólios que corresponde a 60% ou 12 valores.

Claro que este é o cenário ideal, em que obteríamos classificação máxima.

No entanto, se o cenário não for o perfeito, os valores mínimos (9,5 valores arredondados são os 10 valores) para conseguirmos ser aprovados são:

- No e-fólio obtermos 3,5 valores temos que ter obrigatoriamente no p-fólio 6 valores;
- no e-fólio conseguirmos 4 valores temos que atingir os 5,5 valores no p-fólio;
- os restantes cenários são de oscilações inversas de 0,1 valores entre os e-fólios e os p-fólios (A.C, 2014).

Segundo entendi, nos e-fólios tem de se obter 3,5 valores de nota mínima para poder realizar o p-fólio. E neste último, tem de se obter no mínimo 6 valores de nota mínima para ser aprovado na UC, com 9,5 valores (arredondado para 10) (E.A, 2014).

Concordo com os colegas, mas preciso tirar uma duvida: os e-fólios A e B serão somados e no total o estudante tem o valor de 7 nos e-fólios? Pelo que entendi no arquivo Aplicações de modelo pedagógico

existe uma nota total de e-félio. Se o estudante tiver e-fólio 7 e p-fólio 5, ele consegue passar! (A.F, 2014).

O problema é o "5". A nota máxima do p-fólio é de 12. 50% de 12 seria o 6. Ou seja, o aluno tem que ter pelo menos 5,5 para, por arredondamento, conseguir alcançar os 50% que são necessários.

Angélica, conseguiu ajudar? Reveja, por favor, as páginas 8 e 9 do "Aplicação do Modelo Pedagógico Virtual da UAb" e qualquer dúvida, não hesite 😊 (M.J.S, 2014).

Boa noite a tod@s, O focus da questão parece residir no fato de quer nos e-folios quer no p-folio, o aluno só passa se obtiver 50% da nota atribuída a cada uma das modalidades de prova, ou seja, pelo menos 3,5 valores e 5,5 valores respectivamente, que com os arredondamentos por excesso possibilita ter a avaliação mínima para aprovação de 10 valores. As diferentes possibilidades (arranjos) apresentadas no documento proposto para estudo (análise) tem uma variação tão pequena que ao mínimo deslize (ou decisão de cotar uma resposta) pode colocar em causa esse requisito (50% em ambos os tipos de prova) (V.M, 2014).

Perante a questão colocada pela monitora MJoão, creio que pelos valores apresentados o aluno reprovaria. Assim sendo, partilho da mesma opinião dos meus colegas (M.P, 2014).

O caso em questão é muito pertinente e a resposta passar ou reprovar já foi devidamente discutida pelos colegas. O que gostaria de ressaltar é a Avaliação Continua como uma modalidade de avaliação extremamente interessante, do ponto de vista de sua relação com a concepção de avaliação adotada pela UAb em seu Modelo Pedagógico. Neste modelo duas de suas linhas de força estão alicerçadas 1) na aprendizagem centrada no estudante e 2) no primado da flexibilidade. Assim, a possibilidade de o próprio estudante poder optar por ser acompanhado e valorizado pelo professor em seu percurso de aprendizagem com a avaliação contínua, está estritamente relacionada a esta concepção mais ampla de ensino e aprendizagem e de avaliação adotada pela universidade (TF, 2014).

Em cada UC o estudante tem 3 semanas (depois do início da UC) para escolher a modalidade de avaliação. Se optar por Avaliação Contínua numa dada UC, durante o semestre vai ter:

- 2 ou 3 e-fólios cuja soma máxima de valores é 8
- 1 p-fólio cuja soma máxima de valores é 12

Para o estudante ir a p-fólio tem de ter um mínimo de 3.5 valores no somatório dos e-fólios. No entanto, para aprovar à UC é importante que consiga o conjunto destas duas premissas: ter mais de 5.5 no p-fólio e um somatório total mínimo (e-fólios + p-fólios) de 10 valores. O que significa que:

- Se no somatório dos e-fólios o estudante tiver menos de 3.5 valores não vai a p-fólio e reprova imediatamente na UC
- Se o estudante for a p-fólio e tiver menos de 5.5 valores reprova na UC.

Provas de Recurso (exames e p-fólios de recurso) estão sujeitos a despacho reitoral anual.

Há UC's em que é obrigatória a modalidade de Avaliação Contínua: é o caso das línguas estrangeiras e de alguns seminários.

Existem ainda UC's em que poderão não existir p-fólios mas sim 3 e-fólios. Nestes casos o somatório dos e-fólios terá de ser de 20 valores, sendo necessários o mínimo de 10 para aprovar na UC.

Depois de feita a escolha da modalidade de avaliação, ao final das três semanas iniciais, essa escolha é irreversível, pelo que não poderão alterar a vossa modalidade de avaliação.

Para UC's diferentes o estudante pode escolher, se assim desejar, modalidades diferentes de avaliação (M.S.J, 2014).

Quem escolher a modalidade de Exame Final numa dada UC irá apenas ter uma prova presencial nessa UC. A prova será mais longa e abrangerá toda a matéria do semestre. Tem 20 valores como cotação máxima. Com menos de 10 valores o estudante reprova. Provas de Recurso estão sujeitos a despacho reitoral anual. Há UC's em que é obrigatória a modalidade de Avaliação Contínua: é o caso das línguas estrangeiras e de alguns seminários. Nestes casos, o estudante não tem a hipótese de escolher a modalidade de Exame Final. Depois de feita a escolha da modalidade de avaliação, ao final das três semanas iniciais, essa escolha é irreversível, pelo que não poderão alterar a vossa modalidade de avaliação. Para UC's diferentes o estudante pode escolher, se assim desejar, modalidades diferentes de avaliação (M.J.S, 2014).

3.10 Interações/ dúvidas

Sei que secalhar não é o tópico correcto para tirar esta duvida, relativamente ao e-folio que temos de efectuar no final deste tema, depois de feito onde o anexamos?? é que ainda nao percebi essa parte...alguem que ajude sff... (A.C, 2014).

Esta questão deveria antes ser colocada no Fórum de Dúvidas. Mas ... aguarde até às 24h de hoje, logo encontrará a resposta. Um pouquinho mais de paciência, sim? (M.J.S, 2014).

3.11 Usar Com Proficiência Instrumentos De Comunicação

Comunicação, essa ferramenta é de extrema importância para o dia-a-dia no ensino a distancia, a partir daqui podemos entender e fazermos nos entender, além disso é um dos principais meios para estamos sendo avaliados permanentemente pelos nossos professores, quanto a escrita e concordância nos nossos textos e quanto a maneira de nos relacionarmos uns com os outros. Ao expressar de maneira clara e objetiva as nossas ideias. A comunicação escrita nos dá a vantagem de podermos refletir e repensar aquilo que será exposto. O sistema fornecido é muito mais claro e fácil de ser utilizado, as ferramentas de suporte a informação são simples de serem utilizadas, o sistema também conta com a utilização de emails, caso queiramos falar com os professores de maneira privada (A.R.F, 2014).

Relativamente aos instrumentos de comunicação em ambiente virtual foi fácil a minha adaptação pois utilizo diariamente o computador na minha vida profissional - como por exemplo o envio de email, troca de correspondência com clientes e outras entidades, utilização da internet e de um processador de texto entre outros softwares (C.V, 2014).

No quesito “usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho)”, acredito que tais interfaces de uso diário em outros espaços virtuais e redes sociais, em um ambiente virtual de ensino aprendizagem acadêmico ganha outra configuração, principalmente a submissão de trabalhos como o E-fólio (TF, 2014).

Com relação aos instrumentos de comunicação acredito não ter tido maiores dificuldades, pois tive a oportunidade de acessar vários tópicos de discussão, e pude registrar minha participação em alguns. Além disso, consegui efetuar o *login* no e-mail institucional e observei que a princípio o mesmo está a funcionar corretamente. Pude perceber uma diferença na dinâmica do contacto entre o e-mail e a plataforma, sendo o fórum certamente o meio mais apropriado para comunicação diária. Também tive acesso aos materiais do módulo de forma relativamente tranquila. Logo resolvi inserir uma curta apresentação no tópico criado para este fim. Não poderia deixar de registrar que não participei das interações anteriores devido à impossibilidade de acessar a turma do módulo de ambientação, durante vários dias mesmo com o meu *login* de aluno ativo, por quais motivos técnicos realmente não sei responder. O que acabou por prejudicar de certa maneira minha avaliação em relação à gestão do tempo *online* e organização pessoal, que para mim é algo completamente novo por tratar-se de *e-learning* (H.C, 2014).

Apreendi a familiarizar-me com as ferramentas que na qual em principio pensei que seria um bicho de sete cabeças, foi preciso estar atento a todos os temas e a todas as intervenções dos colegas que me foi ajudando a dar um avanço significativo para entendimento desta ferramenta (L.L, 2014).

Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual: ao ter experiência no e-learning, não tive problema nenhum e a adaptação foi agradável no seu conjunto (L.B, 2014).

Apreendi a comunicar virtualmente, o que me permite desenvolver as competências de comunicação *online*, embora, ainda me sinta insegura em certos contextos, como por exemplo, a participação numa discussão de um determinado tema, num fórum, pois por vezes não consigo aplicar toda a ética que seria de esperar para fundamentar uma discussão. Para melhorar esta competência tenho vindo a gerir o meu tempo, o que me tem facilitado na conclusão das minhas tarefas diárias. Tirei como experiência, que basta um dia sem consultar a plataforma para perder um pouco sobre a sequência da discussão (M.P, 2014).

Relativamente aos instrumentos de comunicação em ambiente virtual, e considerando todas os conhecimentos adquiridos, não

encontrei qualquer dificuldade no processo de ambientação *online*. No desenvolvimento de competências de comunicação, entre as questões importantes que foram abordadas, figuram as aplicações das regras de etiqueta, bem como as regras de ética que devem ser respeitadas. As regras são importantes na medida em que ajudam, a orientar-nos na nossa acção e a relacionarmo-nos melhor com o outro (M.S.G, 2014).

Reforço e sublinho que estou neste momento melhor preparado para utilizar as ferramentas da plataforma eletrónica, não me considerando nesta fase inicial do curso um “estranho” com os meios disponíveis, docentes e/ou colegas. Não senti dificuldade em adaptar-me à utilização dos instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho), atendendo a que na minha atividade profissional, o ensino através de *e_learning* é periódico e recorrente. Desconhecia, no entanto, como deveria aplicar as regras de etiqueta que se exige na comunicação *online* (apenas me baseava no “bom senso”) (N.A.P.P, 2014).

Iniciei a minha utilização dos instrumentos de comunicação, colocando e respondendo a mensagens, apresentando as minhas ideias e opiniões de forma objetiva e participativa. Consigo entrar nos fóruns, comunicar com colegas e professores, responder a inquéritos, consultar todas as áreas da UA. Consegui fazer a minha apresentação pessoal, responder ao Questionário Diagnóstico, Atualização do Perfil (falta foto), participei no fórum de discussão Ser Estudante *Online*, efetuei leitura dos documentos Aplicação do Modelo Pedagógico e Normas a Observar e naveguei nos diversos links de apoio (J.P.G, 2014).

Relativamente ao objetivo de usar com eficácia os instrumentos de comunicação, considero que foi superado, as dificuldades que senti não foram ao nível funcional, mas sim em expor as minhas opiniões ou defender uma ideia num ambiente virtual. Cheguei rapidamente à conclusão que a minha maior dificuldade é a comunicação em si, participar numa discussão ou intervir (S.C.S.B, 2014).

Resta acrescentar que tive alguma dificuldade em apresentar o trabalho que vou colmatar esta falha este fim de semana porque tive dificuldade na instalação do Word. Consulta dos manuais Plano do Módulo de Ambientação. Módulo de ambientação *online* questões de ética e referencias e consulta de trabalhos na internet (S.M, 2014).

3.12 Desenvolver Competências De Comunicação *Online*

Quanto a “desenvolver competências de comunicação *online* (aplicar as regras de etiqueta *online*, fazer uma apresentação *online*, participar numa discussão *online*, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão)” foi possível vivenciar de forma interessante e interativa durante os fóruns e trocas de mensagens indicadas nas atividades durante todo o módulo (TF, 2014).

No tema 1 – Familiarização com o ambiente *online*: foi sem dúvida muito curioso ver a quantidade de mensagens que chegavam, em que cada um fazia a sua apresentação de uma forma sucinta. Aprendi que também haviam outros fóruns destinados, cada um para o seu efeito (E.A, 2014).

Paralelamente, foi-me oferecida a oportunidade de desenvolver competências de comunicação *online*. Neste aspecto em particular, julgo que a minha participação poderia ter sido mais assídua e abrangente (participação não só nos fóruns, mas também no Café Virtual), pelo que o desenvolvimento das minhas competências poderá ter ficado aquém do pretendido (H.R, 2014).

A comunicação *online*, permite-nos participar nos temas abordados, sem um horário rígido, o que não me seria possível presencialmente, devido às restantes atividades do meu dia-a-dia (I.S, 2014).

Desenvolver competências de comunicação *online*: neste aspecto posso dizer que a apresentação e a etiqueta dos participantes foi mais elaborada do que eu conhecia das outras experiências anteriores e, seguindo as instruções dadas por D^a Maria João Spilker, não tive problema (L.B, 2014).

Para além disso, este módulo inicial serviu também para melhor perceber as minhas competências de comunicação *online*, na utilização de instrumentos de comunicação em ambiente *online* e na gestão do tempo. Atualmente, grande parte das nossas atividades diárias, no trabalho, nos assuntos domésticos e familiares, na relação com os amigos, são efetuadas *online*. Isso leva a que tenhamos desenvolvido capacidades e competências nesta matéria que fazem que o consigamos

fazer com alguma facilidade. O mesmo se aplica à utilização de instrumentos de comunicação em ambiente *online*. Quem é que nunca respondeu a uma mensagem num qualquer fórum *online*? Enviar ficheiros através de email ou submeter um documento num site é também, e cada vez mais, uma tarefa usual no nosso dia a dia. A participação neste módulo fez-me ter mais consciência de toda esta materia (L.F, 2014).

Na universidade aberta, encontrei a possibilidade através desta experiencia de ensino à distancia, poder usufruir diariamente, do espaço de comunicação virtual, que me permite como estudante frequentar em ambiente *online* o curso a que me propus (S.M, 2014).

3.12 Competências Gestão do Tempo e Organização Pessoal

E isto leva-nos ao ponto fundamental deste ensino a distância... a gestão de tempo! Esse vai ser o nosso grande desafio, encontrar formas eficazes de gerir o nosso tempo, de forma a que quando acedermos à plataforma estarmos capazes de ser produtivos e eficientes (A.C, 2014).

É muito importante a assiduidade e organização do nosso tempo, a participação nos fóruns na troca de impressões e opiniões entre colegas. Vou enviar este e-folio para ver se o faço correctamente. A troca de mensagens nos fóruns é básica e penso que não haverá dificuldade em fazê-lo (troca de opiniões e respostas – como se faz) mas sim o benefício adquirido com esses contactos. Tive neste tempo a experiência menos boa da falta de tempo e pelo menos já percebi que tenho que organizar melhor todas as minhas tarefas (A.R, 2014).

Já no tópico 2, fundamentou-se conceitos de gestão de tempo, e postura perante o percurso à qual estamos inscritos este ano. Creio que é de máxima importância poder existir este tópico, pois acaba no final, a criar metodologias de trabalho e organização diárias, no meu tempo enquanto pessoa, profissional e estudante. No entanto, para não se tornar apenas teórico este tópico, foi-nos dado a possibilidade de interação com outros alunos, o que para mim foi importante, pois foi discutido um tópico importante, que revejo na minha postura passada. Tópico esse, designado por: “Ser activo ou reactivo”, e será este o ponto de sucesso ou insucesso neste percurso (B.A.R, 2014).

Para este tipo de ensino é necessário ser autodisciplinado em relação à gestão do tempo. Procurei planejar e organizar o tempo, definindo prioridades nas tarefas que tenho a realizar no meu dia-a-dia, sendo elas mais ou menos importante, tendo em conta a minha vida pessoal e profissional (C.V, 2014).

Em relação a “desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal” considero um fator fundamental, pois aprender a acompanhar o plano do módulo como temporalizador do seu desenvolvimento foi o meu maior desafio, mas acredito que com planeamento consegue-se atingir este objetivo (TF, 2014).

A organização pessoal é um ponto-chave para se conseguir fazer uma aprendizagem através do método de e-learning, bem como, a elaboração de um plano com a gestão de tempo bem definida é fundamental (I.S, 2014).

Ainda aprendi que durante o curso, com a participação e as ideias dos colegas, algumas práticas sobre gerir o meu tempo, por exemplo, métodos que irei realizar ao longo do ano académico de modos a facilitar a minha aprendizagem e melhor organização (L.L, 2014).

Desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal: quanto a isto já verifiquei que devo trabalhar na procura de tempo diário para o estudo; até agora estudava ao meu ritmo, agora há obrigações e prazos a cumprir (L.B, 2014).

Outro ponto que considero positivo foi a consciência de que é necessário melhorar a gestão do tempo. Os nossos dias passam e ficamos com a ideia que não temos tempo para nada. Com este módulo concluí que não é bem assim. Com disciplina e organização, se pararmos um pouco para refletir sobre o modo como utilizamos o nosso tempo, conseguimos geri-lo melhor fazendo com que tenhamos tempo “livre” que antes não tínhamos (L.F, 2014).

Por outro lado, tenho imensa vontade em começar com esta formação, sempre gostei muito desta área (Psicologia, Serviço Social), espero conseguir com sucesso ambientar-me rapidamente a este ambiente de ensino *online*, acredito que não vai ser fácil conseguir gerir o tempo entre as obrigações profissionais, a família etc.Tenho contactado alguns colegas que já frequentaram a Universidade aberta no

sentido de perceber se as dificuldades pelas quais estou a passar se são comuns e qual a opinião deles em relação a este assunto (M.F, 2014).

Aprendi que, devemos saber gerir de forma eficaz o nosso tempo, bem como organizar e planear o nosso trabalho, para que todas as tarefas sejam cumpridas nas datas estabelecidas. No âmbito do Ensino a Distância, torna-se imprescindível administrarmos eficazmente o nosso tempo, a fim de torna-lo um aliado para alcançarmos os objetivos e metas a que nos propusemos e cumprirmos com os nossos compromissos de forma a obtermos os resultados pretendidos. Os conceitos tradicionais de administração do tempo, nomeadamente o planejar de decisões, definir de prioridades, estipular prazos e analisar resultados, devem estar mais presentes no cotidiano do estudante (M.S.G, 2014).

Constater, por outro lado, que para atingir o sucesso pretendido, no curso em que fui integrado, é necessário manter uma disciplina rigorosa na gestão do tempo e prioridades. Este facto também reforçou a minha intenção inicial de optar por uma avaliação contínua que me mantenha em maior contacto com a Universidade, docentes, colegas e restantes estruturas da organização (N.A.P.P, 2014).

Lamento, mas estou com muito pouco tempo. Gostava de ter dedicado mais tempo ao módulo de ambientação, mas não me foi possível. (Olinda Aguiar, 2014).

Quanto à gestão do tempo *online*, não tenho muita opção, o horário disponível entre um trabalho a tempo inteiro e um filho não me deixa muito tempo livre, mas gerindo e aproveitando bem cada hora disponível, espero conseguir atingir os meus objetivos. Mantenho-me otimista (S.C.S.B, 2014).

Julgo que a única dificuldade que ainda apresento, é na gestão do tempo, dado que tenho uma vida profissional muito activa e duas filhas pequenas em idade escolar. Mas, nada que não se resolva com organização e força de vontade! (S.A, 2014).

A gestão do tempo e a organização pessoal foi o tema de maior importância para a progressão e sucesso deste curso. Este será um grande desafio e uma aprendizagem diária, distinguir o que é prioritário e urgente para poder cumprir com os estudos, a realização das tarefas

que me são propostas ao longo do curso. E por sua vez conjugar a minha vida pessoal e profissional (S.M, 2014).

3.13 O Modelo Pedagógico da UAb

Quanto ao modelo pedagógico adotado pela Universidade Aberta, o PUC ajudou-me a perceber quais os conteúdos a serem tratados assim como a metodologia e quais os objetivos que tenho que atingir ao longo do semestre. O PUC faculta ainda o calendário discriminado as atividades a serem realizadas na unidade curricular. Sendo todo este processo de aprendizagem de forma assíncrona, permite-me ter uma maior flexibilidade na hora de aceder aos conteúdos lecionados (C.V, 2014).

A possibilidade de “aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa consulta *online*)” foi proporcionada principalmente quando se discutiu as questões da avaliação da aprendizagem e com a entrega do e-fólio que remete a busca e conhecimento do modelo pedagógico da UAb (TF, 2014).

Ainda precisarei trabalhar melhor com as ferramentas pedagógicas, como o Cartão de Aprendizagem, e os próprios e-fólios como este que estou a redigir agora, por isso considerarei qualquer *feedback* de grande importância e muito útil. Importante também a indicação do modo correto de citar as referências bibliográficas, visto que em algum momento será necessário embasar-se em publicações diversas, o que é fundamental e cotidiano em um ambiente académico. Espero poder adaptar-me o quanto antes a todos os recursos disponíveis, e estou com boas impressões do ambiente de aprendizagem de modo geral (H.C, 2014).

Aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta: não tive problemas, só um pouco de medo ao princípio porque nunca tinha tido esta experiência numa segunda língua (L.B, 2014).

Foi relativamente à utilização de instrumentos inerentes ao modelo pedagógico que, na minha opinião, este módulo foi mais útil. Foi “navegando” pelo sítio da Universidade que fui conhecendo melhor

esses instrumentos que irei necessitar no decorrer das atividades letivas (L.F, 2014).

Por fim, considero a aplicação do Modelo Pedagógico Virtual da UAb, um excelente guia para nos instruir no percurso acadêmico, pois esclarece todas as dúvidas em volta deste modelo de ensino. De seguida em formato resumido, as características principais de cada um, dos três dispositivos pedagógicos estruturantes: - O Plano de Unidade Curricular (PUC): É elaborado pelo professor, para cada Unidade Curricular (UC) um plano que define o percurso de aprendizagem, a ser seguido pelos estudantes, ao longo do semestre. - Cartão de Aprendizagem (CAP): é um dispositivo pessoal inerente à modalidade de avaliação contínua, para cada unidade curricular. - Plano de Atividades Formativas: Estas atividades são diversificadas e não classificadas, pois servem para auxiliar o estudante na sua autoavaliação, levando-nos a identificar os nossos pontos fortes e fracos (M.S.G, 2014).

Aprendi a utilizar instrumentos que fazem parte do modelo pedagógico da Universidade Aberta, tais como o PUC, o Cartão de Aprendizagem, *e-fólio*, bem como a importância da avaliação presencial, categorizada por *p-fólio*. Uma nota final de agradecimento aos docentes desta Universidade, com especial enfoque para a Prof. Dra. Maria João Spilker, que foi indubitavelmente um fator decisivo para a minha integração e apreensão do Programa de Ambientação! Agora estou ainda mais expectante e motivado para o início do semestre escolar! Obrigado! (N.A.P.P, 2014).

Durante este período, apesar de algumas dificuldades em termos de gestão de tempo, consegui, embora não a cem por cento, integrar-me neste contexto de aprendizagem em ambiente *online* e gradualmente também familiarizar-me com o modelo pedagógico adotado pela UA (J.P.G, 2014).

O modelo de aprendizagem continua é o mais eficaz. Este modelo de aprendizagem fica registado no cartão de aprendizagem – CAP, bem como os e-fólios, avaliação eletrónica de acordo com o calendário são submetidos à apreciação e classificação do professor no espaço virtual de cada unidade curricular e o p-fólios avaliação presencial, prova escrita que vai completar a avaliação realizada eletronicamente. A classificação fica registada e permite no final do semestre aceder ao

cartão de aprendizagem ficando assim a saber qual a classificação obtida na unidade curricular (S.M, 2014).

3.14 Capacidades de Reflexão Sobre a Aprendizagem

Para fechar o arcabouço das competências, a última seria “desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas”, esta foi feita no decorrer do módulo com os retornos constantes e diários da monitoria, com a intervenção dos colegas e por meio desta reflexão (atividade final) sobre aquilo que aprendi durante o módulo (A.R.F, 2014).

Desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas: apenas hei de dizer que descobri que a autocrítica é uma tarefa delicada e que no acaba nunca e que às vezes sou um pouco parco en palabras (L.B, 2014).

3.15 O Módulo de Ambientação *Online* (MAO)

Com módulo permitiu-me ganhar a percepção de como irá ser a nossa vida académica na Universidade Aberta, um método diferente do ensino tradicional (a gestão de tempo, a comunicação, convivência com os colegas, etc). As grandes mais valias deste módulo, para mim que já tenho algumas noções de como trabalhar com documentos informáticos (abrir, guardar e enviar), foram, sem dúvida, os esclarecimentos quanto ao método de como mencionar a informação em que nos baseamos, bem como os métodos de avaliação aplicados nas Unidades Curriculares (e-fólios e os p-fólios). Em suma, todos os temas abordados e métodos aplicados neste Módulo de Ambientação permitiram-me que ganhasse consciência e algumas ferramentas que me vão ser bastante úteis nesta nova etapa, de forma a conseguir tirar o melhor aproveitamento possível (A.C, 2014).

O ensino a distância tem se revelado um projeto promissor, podemos mesmo dizer que com este método de aprendizagem encontramos diversos tipos de ensino, onde podemos desenvolver as nossas capacidades. Embora este tipo de ensino seja um tema muito abordado, nem todas as pessoas veem com bons. Porém antes de qualquer análise sobre este tema deveria ser efetuada uma pequena pesquisa, a fim de conhecermos melhor o mundo do EaD. O que muitos não sabem é que este método de ensino surgiu muito antes do

desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, como por exemplo o computador ou a internet (A.C.A.C, 2014).

O objectivo do módulo de ambientação *online* é facilitar aos estudantes competências para a frequência de um curso à distância, proporcionando assim aos mesmos a capacidade de utilização de instrumentos de comunicação em ambiente virtual; desenvolvimento de competências de comunicação e gestão do tempo *online* e de organização pessoal; a produtiva utilização e acesso ao modelo pedagógico da UAb e o desenvolvimento de capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas (A.R, 2014).

A minha avaliação sobre os principais pontos absorvidos até aqui, estão baseados em: comunicação, ler e entender, gerenciar o tempo, usar as ferramentas de tecnologia da informação, comprometimento e ética. Por fim, para melhor expressar o resumo da minha reflexão, os pontos citados acima são de extrema importância na vida académica. Nessas duas semanas foi nos dada a oportunidade de conhecer estes e tantos outros aspectos, creio que para cada um de nós estudantes foi um período bastante produtivo, para nos conhecermos, tirarmos duvidas e concluirmos as propostas do sistema pedagógico (A.R.F, 2014).

É no módulo 373 de ambientação à plataforma de trabalho da Universidade Aberta, que aprendi vários conceitos e aplicações da gestão do tempo, metodologias de trabalho, utilização das ferramentas de trabalho, para frequentar um ensino *online*. Começo por indicar que o respectivo módulo foi dividido em 4 tópicos, que passo a indicar:

1. Familiarização com o ambiente *online*; 2. Ser estudante *online*; 3. Estudar na Universidade Aberta; 4. Informações gerais.

Já no tópico 2, fundamentou-se conceitos de gestão de tempo, e postura perante o percurso à qual estamos inscritos este ano. Creio que os módulos de maior importância são 1 e 2, pois para mim foi dado a oportunidade rever alguns aspectos, que não relembra ou que não considerava no contexto do ensino *online*.

Para o módulo de familiarização com o ambiente *online*, recebi informação da estrutura da plataforma de e-learning (giro), indicando os passos da utilização da mesma, bem como, com a plataforma 360, que permite aos utilizadores disporem de ferramentas de trabalho para o seu percurso (B.A.R, 2014).

Por último, no 3º tópico é referenciado a organização do modelo pedagógico do ensino na UaB. De uma forma simplista, creio que o modelo divide-se em:

Organização do ensino e da aprendizagem; 2. A rede social da universidade (SOL); 3. Actividades de ensino e aprendizagem; 4. Plano curricular; 5. Avaliações; 6. Secretaria *online* (B.A.R, 2014).

O módulo de Ambientação ao regime de Ensino *Online* foi uma ótima experiência, pois adquiri conhecimentos e competências relativamente a este método de ensino. Ao longo deste módulo a monitora foi-nos dotando de ferramentas e informações essenciais à adaptação neste sistema de aprendizagem *online* (C.V, 2014).

O Módulo de ambientação On Line, embora desenvolvido em tempo breve, possibilita aos estudantes desenvolver muitas competências. Em meu caso explico de que modo considero tê-lo desenvolvido (TF, 2014).

A frequência do Módulo de Ambientação permitiu familiarizar-me com a plataforma de aprendizagem da UAb a vários níveis, desde a abertura, consulta e envio de documentos, até à colocação e resposta a mensagens nos fóruns. A falta de assiduidade referida anteriormente terá sido prendida com uma gestão do tempo e de organização pessoal menos eficientes do que seria desejável. No entanto, este período de ambientação foi essencial para me aperceber da importância desta questão e da necessidade de fazer um planeamento exequível do meu tempo dedicado aos estudos, bem como para reflectir sobre o meu grau de empenho neste novo percurso académico e, desde logo, no grau de “sacrifício” que estou disposta a fazer dos meus tempos livres (H.R, 2014).

Iniciei a participação no módulo de ambientação com a actualização de perfil, ao editar os dados do formulário e com uma nova foto, o que poderia parecer somente um detalhe, mas logo percebi que em um ambiente de interação remota é importante essa personificação (H.C, 2014).

Ao frequentar este módulo de ambientação proporcionado pela Universidade Aberta, verifiquei, que a comunicação em ambiente virtual para mim foi de fácil adaptação, pois até agora não senti qualquer

difficuldade na consulta de documentos e colocação de mensagens/respostas nos fóruns (I.S, 2014).

O MAO (Modulo de Ambientação *Online*) permitiu a aquisição das competências necessárias para o sucesso de um individuo enquanto estudante *online*, nomeadamente na correta utilização das demais ferramentas disponibilizadas pela UAb, na gestão do tempo (não só enquanto estudante, mas também em ambiente profissional, social e familiar) e na aplicação das regras de etiqueta *online*. O MAO facilitou também a aproximação dos estudantes recém-chegados à UAb, fomentando a participação de todos nos diversos temas e na partilha de conhecimento e experiencias vividas pelos demais. Numa opinião pessoal o MAO revelou-se muito importante pois permitiu conhecer a fundo as regras do modelo de ensino praticado pela UAb, compreender os pontos mais importante no e-learning, métodos de estudo e avaliação, gestão de tempo e organização pessoal. Este módulo permitiu e facilitou ainda o conhecimento e interação com todos os intervenientes no módulo, quer entre os alunos e professores como também entre os próprios alunos (H.V, 2014).

Penso que este módulo de ambientação foi muito útil para familiarização do modelo pedagógico aplicado pela Universidade Aberta (I.S, 2014).

Começando por agradecer a oportunidade que me foi concedida no espaço Ambiente *Online*, apesar de ser a minha primeira experiencia em estudos *online* este curso contribuiu para uma melhor percepção daquilo que é ser estudante *online*, sempre ouvi falar deste método de ensino mais nunca tive a curiosidade nem a oportunidade de poder ingressar em algum. Mas, portanto, é chegada a altura e é dada a oportunidade que as coisas aconteceram e cá estou eu a participar para alavancar os meus conhecimentos. Durante as duas semanas em que o curso decorria foi nos lançado vários desafios, ou seja, vários temas para contribuirmos com as nossas ideias. Para concluir, dizer que estou muito contente por ter frequentado este curso de ambientação *online*, pois foi muito útil para mim, palavras não cabem para fundamentar tudo aquilo que aprendi durante o curso. É de parabenizar a nossa formadora pela paciência e pelas abordagens e suas intervenções nos temas aonde fui contribuindo, repassando para mim um exemplo de como utilizar as ferramentas para ter um ano lectivo repleto de sucessos (L.L, 2014).

Ao decidir participar neste curso, uma das curiosidades que tive foi a forma como iria interagir com todo o universo a ele associado. Como seria a ligação à Universidade, a comunicação com os professores, a relação com os outros alunos. Tudo isso era para mim desconhecido e, portanto, levava a que me interrogasse da forma como seria feito. O Módulo de Ambientação esclareceu as minhas interrogações e satisfaz a minha curiosidade (L.F, 2014).

O Módulo de Ambientação *online* elaborado pela Universidade Aberta deveria permitir a estudante adquirir as competências em usar a plataforma de e-learning, familiarizá-lo com o modelo pedagógico e mostrar que a organização do tempo é o aspeto fundamental. A perguntas são: Consegui desenvolver todas estas competências? Adquiri o conhecimento adequado? A minha resposta é simples: sim, consegui desenvolver e conhecer tudo que é importante e necessário. Agora, graças ao Módulo de Ambientação, sei o que significa ser o estudante *online*, sei que a organização do meu tempo é fundamental e como é o modelo pedagógico. Sinceramente, estava com medo de estudar *online* porque não sabia o que esperar. Durante o Módulo de Ambientação tudo ficou claro e não posso esperar de começar a estudar. Ademais, acho que estudar na Universidade Aberta permitirá desenvolver as minhas competências linguísticas, porque o português não é a minha língua materna. Espero que não cometi muitos erros (M.K, 2014).

Não sei muito bem por onde começar, por um lado acho que não tirei o proveito que deveria ter tirado com este modulo de ambientação, por motivos vários, os afazeres foram mais do que muitos e o facto de não me sentir ainda muito a vontade com este ambiente E-learning também não ajudou, vem aí o fim de semana, vou tentar aproveitar o tempo e tentar fazer umas pesquisas, para já tudo é novidade para mim. De uma coisa estou certa, a minha vontade em aprender e conseguir integrar-me com todo este ambiente é muita, apesar de todas estas condicionantes posso concluir que aprendi que vai ser uma aprendizagem diferente pelo facto de não termos contacto com os formadores, os colegas. Contudo, fiquei a saber que estaremos sempre acompanhados por um ou mais tutor, que irá fazer um acompanhamento de cada grupo bem como do espaço virtual que nos permitirá uma aproximação, troca de experiências/aprendizagem e esclarecimento de duvidas (M.F, 2014).

Recuando algum tempo, quando me matriculei nas Unidades Curriculares pretendidas, senti que iria enfrentar um grande desafio.

Tudo me assustava quando pensava que o curso era *online*, nem imaginava que fosse possível, perguntava-me frequentemente, “onde?, porquê?, quando? e como?”, até que tomei conhecimento do Módulo de Ambientação 373 (MAO, Universidade Aberta). Neste momento tenho consciência da importância do Módulo de Ambientação, pois sem um treino prévio, o percurso seria menos fácil, e concluo que adquiri os conceitos com sucesso. As bases que foram abordadas neste Módulo, com o decorrer do curso que me propus a frequentar vão ser melhoradas ao longo da evolução do percurso académico. Neste momento, sinto-me preparada para iniciar este desafio! Os meus parabéns a todos pelo Módulo de Ambientação 373! (M.P, 2014).

A ambientação e experiência que me foram proporcionadas nestas duas semanas, foram decisivas para um enquadramento mínimo do que é estudar em formato virtual, vulgo *e_learning*. Interessa testemunhar que foi uma agradável adaptação, atendendo que já tive a oportunidade de “vivenciar” o estudo universitário em ambiente real e comparando os dois modelos de integração, verifico que a Universidade Aberta se apresenta na vanguarda do acolhimento aos seus alunos (N.A.P.P, 2014).

Este modulo de ambientação foi muito útil e fácil em usar. Eu nunca antes tive contacto com uns estudos *online* e graças a este curso posso ver como vai ser estudar desta maneira. Expressões como unidade curricular, cartão de aprendizagem, e-folio, etc. foram um mistério para mim e agora quando tudo foi esclarecido e explicado nos fóruns parece claro e fácil (P.S, 2014).

Este meu primeiro contacto no âmbito da ambientação não tem decorrido da forma que eu mais gostaria, mas tem significado para mim um sinal de alerta importante para que através do erro se chegue ao certo. Reconhecimento de pontos importantes dos quais saliento a Gestão do Tempo e a Comunicação Atempada como fatores críticos para o sucesso desta minha etapa. São sem dúvida pontos a melhorar. De qualquer forma conto convosco professores e colegas, os primeiros nos alertas e na definição dos objetivos e os segundos na discussão e entajada fundamentais para que este grupo que agora se inicia atinja todos os objetivos (J.P.G, 2014).

O Módulo de Ambientação apresentou-se como o primeiro desafio de muitos desafios que espero desta licenciatura (S.C.S.B, 2014).

Concluindo, este módulo foi bastante enriquecedor e essencial para um melhor desempenho durante as UC's e perceber como funciona o Modelo Pedagógico da Universidade Aberta (S.C.S.B, 2014).

O meu Percurso neste módulo de aprendizagem foi positivo pois colocou-me no caminho da comunicação *online* que já não fazia á muito tempo. Eu sou uma pessoa que gosto de comunicar, gosto de falar e consigo exprimir-me muito bem verbalmente, neste modelo a dificuldade é passar os pensamentos para o papel. Gostei muito da abordagem dos professores principalmente na motivação e estímulo virtuais que foram dando aos alunos, fique muito surpreendido e pela positiva pelas inúmeras nacionalidades dos colegas de curso. Não achei difícil o Modulo de Ambientação, creio que as dificuldades surgirão no planeamento e gestão do tempo a dispensar por cada disciplina. Tenho muita facilidade e conhecimento a trabalhar com vários programas de computador pelo que também não senti dificuldades na plataforma. Esperava já ter mais ferramentas disponíveis do curso, bem como as datas de exames e manuais. Em resumo o Modulo de Ambientação foi muito positivo e espero poder tirar o máximo partido desta aprendizagem (S.F, 2014).

Ao longo destas 2 semanas de ambientação on-line, fiquei bastante surpreendida com a plataforma de “e-learning”, sendo eu uma ‘caloira’ nestas andanças. Usando o ambiente virtual assiduamente por questões profissionais, não me foi difícil interpretar o acesso dos/aos diferentes “menus”. A plataforma está bem conseguida, sendo bastante objectiva e de fácil manuseamento. O MAO foi a chave que me abriu a porta para o universo estudantil (virtual). Através do mesmo e à medida que eram adicionados novos tópicos com prazos de resposta, fui ficando cada vez mais incentivada e a querer mais. Percebi a importância de ir todos os dias à plataforma, pois só assim será mais fácil a minha adaptação e a comunicação entre todos (estudantes e professores). Considero que a minha participação no MAO foi positiva e aguardo ansiosamente pelos próximos desafios (S.A, 2014).

Foi muito importante o módulo de ambientação, para me familiarizar com esta aprendizagem, que senti alguma dificuldade de adaptação, confesso, apesar de, no meu dia a dia, estar habituada a este tipo de ferramenta, porque já frequentei alguns cursos de formação em módulo *elearning*, mas não tinha experiência. Para desenvolver competências de comunicação *online* aqui foi muito útil o acompanhamento e orientação da professora. A maior dificuldade foi começar, desta forma virtual e não a presencial.

A apresentação dos trabalhos *online*, a consulta de documentos, achei muito interessante a aprendizagem e partilha, a participação nos fóruns, e comunicação *online* de outros estudantes de várias partes do mundo (S.M, 2014).

3.16 O Plano de Unidade Curricular – PUC

(...) Um aspecto que considero de extrema relevância e importância é a explicitação das competências no PUC, as quais o estudante deve atingir durante o módulo, pois estas o conduzem aos seus objetivos de aprendizagem (TF, 2014).

No tema 3 – Este tema foi muito importante e esclarecedor no que diz respeito ao porquê de um plano para cada unidade curricular, e como serei avaliada. Saber todos os passos que são necessários para cumprir um determinado trabalho é excelente e vai ajudar-me, com certeza, a elaborar-lo sem esquecer ponto algum. Também existem os docentes que estão sempre prontos a ajudar, bem como os outros colegas que são parte integrante neste processo. Apesar da comunicação não ser em tempo real, a informação consegue-se em tempo útil, utilizando os fóruns disponíveis para debate, discussão e partilha de ideias com os outros colegas e docentes. A importância de se cumprir algumas regras éticas, como por exemplo, sempre que se retirar um excerto de um livro, tem de se mencionar a fonte consultada. Esta experiência foi, de facto, muito boa, enriquecedora e essencial (E.A, 2014).

De igual modo, tive contacto com os instrumentos do Modelo de Aprendizagem da UAb, nomeadamente, o PUC – que se apresenta como um documento extremamente útil e orientador – e o e-fólio (H.R, 2014).

O Plano de Unidade Curricular, vai-nos permitir a elaboração desse mesmo plano atempadamente, sendo possível pequenos reajustamentos sempre que necessário (I.S, 2014).

Aderi ao Plano de Ambientação na data correspondida. Confesso que a informática era o meu maior receio, mas calmamente vou descobrindo e redescobrindo como usar com proficiência os instrumentos de comunicação em ambiente virtual. Com a ajuda da docente Maria João Spilker, tudo se está a tornar mais fácil, pois as suas instruções e algumas “dicas” são cruciais (M.P, 2014).

O plano de unidade curricular – PUC, serviu para ficarmos a saber os objetivos da Unidade Unidade Curricular - UC, quais as competências a desenvolver, como planear os estudos e gerir o tempo (S.M, 2014).

3.17 Os Documentos do MAO

Ao lermos o nosso KIT de Estudante Virtual, percebemos que existe quatro pilares, que são Principio da Aprendizagem Centrada no Estudante, Primado da Flexibilidade, o Primado da Interação e o Principio da Inclusão digital, em suma todos os objetivos são focados no estudante nos seus métodos de estudo e no seu tempo, assim como na sua capacidade de interação e conhecimentos das plataformas digitais que nos acompanham (A.C.A.C, 2014).

Os documentos disponibilizados foram muito uteis para a melhor compreensão desta aprendizagem, ficou claro que apesar da permissão de consulta seja ela em formato eletrónico suportes cd-rom e demais pesquisa na internet bem como em suporte de papel ou de outras fontes esta deverá ser feita sempre com indicação das fontes onde foram consultadas (S.M, 2014).

3.18 Planeamento dos Estudos

Ter um plano de estudos é fundamental, creio que todos os colegas de grupo e de curso apresentarão a mesma opinião, um planeamento dos estudos diários é uma maneira organizada de facilitar o conhecimento. Visto que temos que cumprir prazos na entrega de trabalhos, até mesmo leituras que devem ser priorizadas, a organização é de absoluta importância (A.R.F, 2014).

3.19 Ser Estudante *Online*

No tema 2 – Ser estudante *online*: foi um trabalho em que já exigia um pouco mais, quer individual quer em grupo. Sem dúvida que o “grande” obstáculo que tem de ser ultrapassado por todos e para que se obtenha o sucesso no final é ler. Ler os documentos que fazem parte de um determinado trabalho, são importantes para a resolução do mesmo. E, trabalhar em grupo é um pouco mais difícil no ensino a distância (na minha opinião), uma vez que existem prazos a cumprir, independentemente se o estudante dá ou não, o seu contributo. Este tema foi muito importante, porque clarificou alguns pontos essenciais para que pudesse conciliar toda a minha vida pessoal, profissional e académica e conseguir chegar ao final do dia com tudo a que me propôs fazer, ficar feito. É obvio, que na qualidade de mãe, profissional e ser dona de casa, já tenho que obrigatoriamente ter um plano traçado com essas tarefas. No entanto, terei de as reorganizar, pois tenho agora que incluir a minha vida académica. Tudo passa por saber gerir o tempo para cada uma das situações (E.A, 2014).

3.20 Os Fóruns

Não posso, de todo, descartar a importância dos fóruns que fizeram que conhecesse outros pontos de vista, apesar de maioritariamente nós estarmos todos de acordo.

Os fóruns, ajudaram a "comprovar" que precisamos de ser assíduos para termos capacidade de participação de forma produtiva, isto é, antes que já tenham sido referidos todos os pontos que se pensou em abordar. Com as dicas, dadas pelos colegas, nos fóruns relativamente à gestão de tempo e a qual o método de avaliação que se deve adoptar consoante o seu tempo disponível, o método de aprendizagem mais eficaz, etc., na minha opinião penso, foram bastante úteis. E tenho a certeza que as várias perspectivas me forneceram ferramentas para tomar uma decisão mais consciente porque tenho muitos mais pontos de vista. O Café Virtual que nos permite sentir todos os colegas e docentes mais próximos, por termos conversas um pouco mais descontraídas e, de facto colocar foto de perfil ajuda a que as imagens que criamos se tornem mais próximas da realidade e que não se sinta tanto a distância física (A.C, 2014).

Aprendi como entrar e comunicar num fórum, como colocar mensagens nos fóruns, como responder ou debater nos fóruns e como enviar documentos digitalizados nos fóruns (Leandro Lopes, 2014). Aprendi como tirar partido dum debate ou seja tirar partido dum fórum aonde os colegas partilham todas as suas ideias sobre os temas propostos pela Formadora. Nos seguintes Fóruns, como fórum duvidas, Café Virtual que foram ferramentas que ao nível de aprendizagem foram muito praticas e essências para a ambientação *online*. No fórum duvidas aprendia a expor e ser esclarecido sobre todas as duvidas que surgissem ao longo dos temas discutidos nos outros fóruns. Já no fórum Café Virtual este assemelha-se a outros grupos virtuais criados entre amigos, como por Exemplo: No Viber ou facebook que já me são familiares, aonde podemos falar de tudo um pouco nos conhecermos trocarmos email, telefones etc etc (L.L, 2014).

Sei que a minha participação nos foruns não foi ativa, mas isto não significa que o Módulo de Ambientação não me importa. Sou a pessoa concreta, não gosto de escrever milhão de mensagens sobre um assunto e por isso as minhas respostas nos foruns eram breves mas expressaram tudo o que acho. No entanto, li todas as mensagens das minhas colegas e estou feliz que cada um é inteligente e tem a sua própria opinião. Acho que no próximo futuro eu também vou ser mais „corajosa” em expressar as minhas opiniões e em partilhar todas as minhas dúvidas (M.K, 2014).

Todas as informações e instruções eram muito claras e as pessoas ajudaram uns aos outros sem problemas. Graças aos fóruns podemos conhecer outras pessoas que também vão estudar nesta universidade e o mais surpreendente (da forma positiva) para mim e o facto de que há pessoas de diferentes países e em diferentes idades. As conversas e troca de opiniões também muito ajudam em planear o tempo no todo o semestre. Começo a pensar sobre que método de estudar será mais apropriado e confortável para mim (P.S, 2014).

Confesso que de início estava bastante renitente relativamente ao acompanhamento do aluno por parte dos professores, mas os fóruns ajudaram-me bastante a dissipar essa ideia. Cheguei à conclusão que o ensino on-line dá-nos a possibilidade de a qualquer momento, tirarmos dúvidas, dar a nossa opinião, pedir ajuda a colegas de turma, etc (S.A, 2014).

3.21 Regras de Etiqueta *Online*

Para todas as instituições existe um código de ética, nele fala como devemos nos portar em determinadas situações e como devemos agir, foram apresentados documentos aplicativos e normativos, que explicaram claramente os princípios adotados pela instituição, foram fáceis de ser entendidos e bem elaborados (A.R.F, 2014).

Também neste tópico, foi discutido o respeito da interação entre utilizadores, pois mesmo sendo um ensino *online*, existem regras que utilização, quer de publicação de conteúdos, ideias e trabalhos na plataforma (B.A.R, 2014).

Contudo desconhecia algumas regras de etiqueta como a utilização de maiúsculas na comunicação online, pois esta deve ser de forma clara e assertiva para que não exista ambiguidades na interpretação (C.V, 2014).

Na elaboração de qualquer trabalho ou discussão *online*, não podemos nem devemos esquecer todas as questões de éticas inerentes (I.F, 2014).

Aprendi a respeitar as regras de etiquetas *online*, a ter em atenção tudo aquilo que escrevemos tudo aquilo que consultamos para melhor a compreensão dos restantes intervenientes do fórum, duma maneira mais clarificada aprendi que devemos sempre mencionar as fontes de pesquisas que na qual nos baseamos para apresentarmos as nossas ideias sobre uma determinada questão a ser debatida no fórum (L.L, 2014).

Assim as regras de ética devem ser respeitadas na realização dos trabalhos académicos, para que o trabalho do aluno não seja considerado “plágio” (S.M, 2014).

3.21 Sistema de Avaliação

Relativamente aos métodos de avaliação, o manual de aplicação do modelo pedagógico foi extremamente elucidativo, consigo perceber que optando pelo regime de avaliação contínua, temos 2 momentos de avaliação distintas que são constituídos pelos E-fólios (2 ou 3) e pelos P-fólios de avaliação presencial. A medida que realizamos os e-fólios em cada UC a avaliação é registada no nosso cartão de aprendizagem,

assim como no final também podemos consultar a nota final da Unidade Curricular. É também abordado os objetivos mínimos em termos de notas para os e-fólios e p-Fólios, como por exemplo se não atingirmos os objetivos mínimos de 3,5 valores na avaliação eletrónica ficamos impossibilitados de realizar os p-fólios (A.C.A.C).

O Cartão de Aprendizagem permite-nos ir conhecendo ao longo do semestre a classificação dos vários e-fólios elaborados. No meu caso a avaliação contínua é a melhor opção, uma vez que tem como obrigatoriedade a realização de vários e-fólios ao longo do semestre, reforçando assim que o plano de estudos esteja bem definido, assim como, a gestão de tempo bem elaborada (I.S, 2014).

Tomei conhecimento da forma em como será feita a nossa avaliação, da existência de um plano Curricular cada aluno terá que optar pelo que achar mais adequada, se a avaliação continua ou não. A avaliação através do método de e-fólios pelo que deparei irá facilitarmos na medida em que podemos fazer uma melhor gestão do nosso tempo, será uma avaliação muito ligada à utilização do fórum, na partilha de cruzamento de informação /conhecimentos e troca de impressões. Percebi o quanto irá ser importante à forma como escrevemos como nos expressamos, teremos que ter um cuidado acrescido com a escrita, aqui não podemos usar expressões faciais logo a nossa escrita será a única forma que temos disponível para expressarmos o que efetivamente queremos transmitir (M.F, 2014).

Depois da recrutação tive muitas dúvidas como funciona este tipo de estudos e se eu consegui perceber tudo, e acho que graças a este modulo agora quase todo foi esclarecido. Sabemos como vai ser a avaliação e o programa do ano letivo. Sinto-me bem preparada e sei que sempre pode contar com a ajuda das outras pessoas (P.S, 2014).

Considero que este módulo foi muito útil no sentido em que consegui perceber qual o melhor método de avaliação para o meu perfil, uma dúvida que persistia, e que neste momento está mais clara. Apesar de ter feito por participar na maioria dos desafios, ao que foi solicitado e proposto, chego à conclusão que o método de avaliação contínua não será o mais indicado. Penso que a minha participação foi um tanto ou quanto fraca, em relação aos meus colegas que pude verificar que têm mais facilidade em se exprimirem e até fomentarem uma discussão *online*. Em termos de organização pessoal e de conhecimento considero

que com no método de avaliação final terei melhores resultados (S.C.S.B, 2014).

Relativamente ao modelo de avaliação que escolhi (contínua) por enquanto, não tenho dúvidas, mas irão surgir com certeza ao longo das UC'S (S.A, 2014).

E- FÓLIOS

3.2.2 E-Fólios

Num método de autoavaliação, posso dizer que gostei bastante destas 2 semanas de ambientação e que consegui concluir todos os objetivos dentro do tempo estipulado, logo vejo com grande interesse este tipo de ambientação pois para mim esta é a primeira experiencia neste tipo de ensino. Em suma acho que correu tudo muito bem, a professora que coordenou o módulo foi muito importante para que tudo corresse bem (A.C.A.C, 2014).

Acho os e-fólios bastante enriquecedores pois proporcionam a reflexão acerca das temáticas abordadas, assim como perceber se foram atingidos os objetivos propostos pelo docente (C.V, 2014).

Por fim, os trabalhos de reflexão realizados no final de cada Tema, incluindo este e-fólio, revelaram-se essenciais para uma aprendizagem mais consciente. Assim, parece-me que as capacidades que desenvolvi neste âmbito deverão ser aplicadas ao longo de todo o curso, uma vez que me permitirão ir aferindo a eficácia da estratégia de estudo adoptada e, caso se revele necessário, tomar medidas para a sua redefinição, tendo em vista alcançar os objectivos que tracei para o meu percurso académico na UAb (H.R, 2014).

3.23 Participação

Neste módulo participei de forma ativa colaborando com o que era proposto pela monitora, dando sempre que possível a minha opinião nos fóruns de discussão, o que foi bastante útil para a interação e partilha de conhecimentos entre os colegas (A.R.F, 2014).

Em forma de resumo, e pelo que li nos vários documentos que nos foram disponibilizados será de extrema importância nesta aprendizagem, neste ambiente *online*, a nossa participação nas discussões/fóruns, teremos que saber trabalhar em grupo tanto quanto de forma individual (M.F, 2014).

3.24 Desempenho/Comprometimento

Estar comprometido com os estudos é muito importante para quem quer atingir objetivos e metas, tanto no ensino presencial como no ensino a distância, boa e grande parte do desempenho do curso depende de nós mesmos, da nossa determinação para alcançar bons resultados (A.R.F, 2014).

ANEXO III

E-Fólios

Módulo de Ambientação Online – o meu ponto de vista Estudante: A.C

Com módulo permitiu-me ganhar a percepção de como irá ser a nossa vida académica na Universidade Aberta, um método diferente do ensino tradicional (a gestão de tempo, a comunicação, convivência com os colegas, etc).

As grandes mais valias deste módulo, para mim que já tenho algumas noções de como trabalhar com documentos informáticos (abrir, guardar e enviar), foram, sem dúvida, os esclarecimentos quanto ao método de como mencionar a informação em que nos baseamos, bem como os métodos de avaliação aplicados nas Unidades Curriculares (e-fólios e os p-fólios).

Não posso, de todo, descartar a importância dos fóruns que fizeram que conhecesse outros pontos de vista, apesar de maioritariamente nós estarmos todos de acordo.

Os fóruns, ajudaram a "comprovar" que precisamos de ser assíduos para termos capacidade de participação de forma produtiva, isto é, antes que já tenham sido referidos todos os pontos que se pensou em abordar. E isto leva-nos ao ponto fundamental deste ensino a distância... a gestão de tempo! Esse vai ser o nosso grande desafio, encontrar formas eficazes de gerir o nosso tempo, de forma a que quando acedermos à plataforma estarmos capazes de ser produtivos e eficientes.

Com as dicas, dadas pelos colegas, nos fóruns relativamente à gestão de tempo e a qual o método de avaliação que se deve adoptar consoante o seu tempo disponível, o método de aprendizagem mais eficaz, etc., na minha opinião penso, foram bastante úteis. E tenho a certeza que as várias perspectivas me forneceram ferramentas para tomar uma decisão mais consciente porque tenho muitos mais pontos de vista.

O Café Virtual que nos permite sentir todos os colegas e docentes mais próximos, por termos conversas um pouco mais descontraídas e, de facto colocar foto de perfil ajuda a que as imagens que criamos se tornem mais próximas da realidade e que não se sinta tanto a distância física.

Em suma, todos os temas abordados e métodos aplicados neste Módulo de Ambientação permitiram-me que ganhasse consciência e algumas ferramentas que me vão ser bastante úteis nesta nova etapa, de forma a conseguir tirar o melhor aproveitamento possível.

Universidade Aberta Ano Letivos 2014/2015

Estudante: A.C.C Nº 1400903

E-Fólio Módulo de Ambientação - Ensino a Distância

O ensino a distância tem se revelado um projeto promissor, podemos mesmo dizer que com este método de aprendizagem encontramos diversos tipos de ensino, onde podemos desenvolver as nossas capacidades. Embora este tipo de ensino seja um tema muito abordado, nem todas as pessoas veem com bons. Porém antes de qualquer análise sobre este tema deveria ser efetuada uma pequena pesquisa, a fim de conhecermos melhor o mundo do EaD. O que muitos não sabem é que este método de ensino surgiu muito antes do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, como por exemplo o computador ou a internet.

(História do Ensino à Distância uma abordagem estruturada, Paulo Rurato e Luís Borges Gouveia)

Ao lermos o nosso KIT de Estudante Virtual, percebemos que existe quatro pilares, que são Princípio da Aprendizagem Centrada no Estudante, Primado da Flexibilidade, o Primado da Interação e o Princípio da Inclusão digital, em suma todos os objetivos são focados no estudante nos seus métodos de estudo e no seu tempo, assim como na sua capacidade de interação e conhecimentos das plataformas digitais que nos acompanham.

Objetivos do E-fólio

Num método de autoavaliação, posso dizer que gostei bastante destas 2 semanas de ambientação e que consegui concluir todos os objetivos dentro do tempo estipulado, logo vejo com grande interesse este tipo de ambientação pois para mim esta é a primeira experiência neste tipo de ensino. Em suma acho que correu tudo muito bem, a professora que coordenou o módulo foi muito importante para que tudo corresse bem.

Relativamente aos métodos de avaliação, o manual de aplicação do modelo pedagógico foi extremamente elucidativo, consigo perceber que optando pelo regime de avaliação contínua, temos 2 momentos de

avaliação distintas que são constituídos pelos E-fólios (2 ou 3) e pelos P-fólios de avaliação presencial. A medida que realizamos os e-fólios em cada UC a avaliação é registada no nosso cartão de aprendizagem, assim como no final também podemos consultar a nota final da Unidade Curricular. É também abordado os objetivos mínimos em termos de notas para os e-fólios e p-Fólios, como por exemplo se não atingirmos os objetivos mínimos de 3,5 valores na avaliação eletrónica ficamos impossibilitados de realizar os p-fólios.

Competências adquiridas

Estudante: A.R

O objectivo do módulo de ambientação *online* é facilitar aos estudantes competências para a frequência de um curso à distância, proporcionando assim aos mesmos a capacidade de utilização de instrumentos de comunicação em ambiente virtual; desenvolvimento de competências de comunicação e gestão do tempo *online* e de organização pessoal; a produtiva utilização e acesso ao modelo pedagógico da UAb e o desenvolvimento de capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas.

Na frequência deste módulo tentei realizar o máximo de tarefas possíveis, completei o tema 1, no tema 2 apenas li “ Guia do estudante *online*”; “Gerir o tempo”; “Gestão do meu tempo” e os resumos de alguns colegas. Não tive oportunidade de participar no fórum e no trabalho de grupo. No tema 3 apesar de não participar no fórum li “Aplicação do modelo pedagógico virtual da UAb” e “ Normas a observar”. No entanto já conclui que:

É muito importante a assiduidade e organização do nosso tempo, a participação nos fóruns na troca de impressões e opiniões entre colegas. Vou enviar este e-folio para ver se o faço correctamente. A troca de mensagens nos fóruns são básicos e penso que não haverá dificuldade em fazê-lo (troca de opiniões e respostas – como se faz) mas sim o benefício adquirido com esses contactos. Tive neste tempo a experiência menos boa da falta de tempo e pelo menos já percebi que tenho que organizar melhor todas as minhas tarefas.

Ensino Virtual – Principais Pontos

Estudante: A.R.F– 1400962

A minha avaliação sobre os principais pontos absorvidos até aqui, estão baseados em: comunicação, ler e entender, gerenciar o tempo, usar as ferramentas de tecnologia da informação, comprometimento e ética.

- Comunicação, essa ferramenta é de extrema importância para o dia-a-dia no ensino a distância, a partir daqui podemos entender e fazermos nos entender, além disso é um dos principais meios para estamos sendo avaliados permanentemente pelos nossos professores, quanto a escrita e concordância nos nossos textos e quanto a maneira de nos relacionarmos uns com os outros. Ao expressar de maneira clara e objetiva as nossas ideias. A comunicação escrita nos dá a vantagem de podermos refletir e repensar aquilo que será exposto.

- Ao receber uma tarefa, na qual as instruções foram dadas por escrito, temos a vantagem de ler e reler, se for necessário. Quando iniciei a vida escolar, o professor me deu a seguinte instrução: “se você não entendeu pergunte novamente, até estar entendido”, eu levo este princípio até os dias de hoje.

- Ter um plano de estudos é fundamental, creio que todos os colegas de grupo e de curso apresentarão a mesma opinião, um planejamento dos estudos diários é uma maneira organizada de facilitar o conhecimento. Visto que temos que cumprir prazos na entrega de trabalhos, até mesmo leituras que devem ser priorizadas, a organização é de absoluta importância.

- O sistema fornecido é muito mais claro e fácil de ser utilizado, as ferramentas de suporte a informação são simples de serem utilizadas, o sistema também conta com a utilização de emails, caso queiramos falar com os professores de maneira privada.

- Estar comprometido com os estudos é muito importante para quem quer atingir objetivos e metas, tanto no ensino presencial como no ensino a distância, boa e grande parte do desempenho do curso depende de nós mesmos, da nossa determinação para alcançar bons resultados.

- Para todas as instituições existe um código de ética, nele fala como devemos nos portar em determinadas situações e como devemos agir, foram apresentados documentos aplicativos e normativos, que explicaram claramente os princípios adotados pela instituição, foram fáceis de ser entendidos e bem elaborados.

Por fim, para melhor expressar o resumo da minha reflexão, os pontos citados acima são de extrema importância na vida acadêmica. Nessas duas semanas foi nos dada a oportunidade de conhecer estes e tantos outros aspectos, creio que para cada um de nós estudantes foi um período bastante produtivo, para nos conhecermos, tirarmos dúvidas e concluirmos as propostas do sistema pedagógico.

O que Aprendi

Aluno: 1400891 - B.A.R

É no módulo 373 de ambientação à plataforma de trabalho da Universidade Aberta, que aprendi vários conceitos e aplicações da gestão do tempo, metodologias de trabalho, utilização das ferramentas de trabalho, para frequentar um ensino *online*.

Começo por indicar que o respectivo módulo foi dividido em 4 tópicos, que passo a indicar:

1. Familiarização com o ambiente *online*; 2. Ser estudante *online*; 3. Estudar na Universidade Aberta; 4. Informações gerais.

Creio que os módulos de maior importância são 1 e 2, pois para mim foi dado a oportunidade rever alguns aspectos, que não relembra ou que não considerava no contexto do ensino *online*.

Para o módulo de familiarização com o ambiente *online*, recebi informação da estrutura da plataforma de e-learning (giro), indicando os passos da utilização da mesma, bem como, com a plataforma 360, que permite aos utilizadores disporem de ferramentas de trabalho para o seu percurso.

Já no tópico 2, fundamentou-se conceitos de gestão de tempo, e postura perante o percurso à qual estamos inscritos este ano. Creio que é de máxima importância poder existir este tópico, pois acaba no final, a criar metodologias de trabalho e organização diárias, no meu tempo enquanto pessoa, profissional e estudante. No entanto, para não se tornar apenas teórico este tópico, foi-nos dado a possibilidade de interação com outros alunos, o que para mim foi importante, pois foi discutido um tópico importante, que revejo na minha postura passada. Tópico esse, designado por: “Ser activo ou reactivo”, e será este o ponto de sucesso ou insucesso neste percurso.

Também neste tópico, foi discutido o respeito da interação entre utilizadores, pois mesmo sendo um ensino *online*, existem regras que utilização, quer de publicação de conteúdos, ideias e trabalhos na plataforma.

Por último, no 3º tópico é referenciado a organização do modelo pedagógico do ensino na UAb. De uma forma simplista, creio que o modelo divide-se em:

1. Organização do ensino e da aprendizagem; 2. A rede social da universidade (SOL); 3. Actividades de ensino e aprendizagem; 4. Plano curricular; 5. Avaliações; 6. Secretaria *online*.

Módulo de Ambientação *Online*

O que Aprendi

Estudante: C.V

O módulo de Ambientação ao regime de Ensino *Online* foi uma ótima experiência, pois adquiri conhecimentos e competências relativamente a este método de ensino. Ao longo deste módulo a monitora foi-nos dotando de ferramentas e informações essenciais à adaptação neste sistema de aprendizagem *online*. Relativamente aos instrumentos de comunicação em ambiente virtual foi fácil a minha adaptação pois utilizo diariamente o computador na minha vida profissional - como por exemplo o envio de email, troca de correspondência com clientes e outras entidades, utilização da internet e de um processador de texto entre outros softwares. Contudo desconhecia algumas regras de etiqueta como a utilização de maiúsculas na comunicação *online*, pois esta deve ser de forma clara e assertiva para que não exista ambiguidades na interpretação. Neste módulo participei de forma ativa colaborando com o que era proposto pela monitora, dando sempre que possível a minha opinião nos fóruns de discussão, o que foi bastante útil para a interação e partilha de conhecimentos entre os colegas. Para este tipo de ensino é necessário ser auto disciplinado em relação à gestão do tempo. Procurei planear e organizar o tempo, definindo prioridades nas tarefas que tenho a realizar no meu dia-a-dia, sendo elas mais ou menos importante, tendo em conta a minha vida pessoal e profissional.

Quanto ao modelo pedagógico adotado pela Universidade Aberta, o PUC ajudou-me a perceber quais os conteúdos a serem tratados assim como a metodologia e quais os objetivos que tenho que atingir ao longo do semestre. O PUC facultou ainda o calendário discriminado as atividades a serem realizadas na unidade curricular. Sendo todo este processo de aprendizagem de forma assíncrona, permite-me ter uma maior flexibilidade na hora de aceder aos conteúdos lecionados. Acho os e-fólios bastante enriquecedores pois proporcionam a reflexão acerca das temáticas abordadas, assim como perceber se foram atingidos os objetivos propostos pelo docente.

O que aprendi? (E-fólio A)**Estudante: T. F (201472015).**

O Módulo de ambientação On Line, embora desenvolvido em tempo breve, possibilita aos estudantes desenvolver muitas competências. Em meu caso explico de de que modo considero tê-las desenvolvido.

No quesito “usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho)”, acredito que tais interfaces de uso diário em outros espaços virtuais e redes sociais, em um ambiente virtual de ensino aprendizagem acadêmico ganha outra configuração, principalmente a submissão de trabalhos como o E-fólio.

Quanto a “desenvolver competências de comunicação *online* (aplicar as regras de etiqueta *online*, fazer uma apresentação *online*, participar numa discussão *online*, apresentar um ponto de vista fundamentado numa discussão)” foi possível vivenciar de forma interessante e interativa durante os fóruns e trocas de mensagens indicadas nas atividades durante todo o módulo.

Em relação a “desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal” considero um fator fundamental, pois aprender a acompanhar o plano do módulo como temporalizador do seu desenvolvimento foi o meu maior desafio, mas acredito que com planejamento consegue-se atingir este objetivo.

A possibilidade de “aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta (PUC, Cartão de Aprendizagem, e-fólio, participar numa consulta *online*)” foi proporcionada principalmente quando se discutiu as questões da avaliação da aprendizagem e com a entrega do e-fólio que remete a busca e conhecimento do modelo pedagógico da UAb.

Para fechar o arcabouço das competências, a última seria “desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas”, esta foi feita no decorrer do módulo com os retornos constantes e diários da monitoria, com a intervenção dos colegas e por meio desta reflexão (atividade final) sobre aquilo que aprendi durante o módulo.

E para finalizar, um aspecto que considero de extrema relevância e importância é a explicitação das competências no PUC, as quais o estudante deve atingir durante o módulo, pois estas o conduzem aos seus objetivos de aprendizagem.

E-fólio: A minha adaptação

Estudante: E.A n.º 1400931 – Licenciatura de Educação

Devo confessar que estava curiosa e ansiosa para começar, uma vez que este sistema de ensino é em quase tudo, novo para mim. Não tanto em utilizar as ferramentas básicas no computador, mas sim, o facto de comunicar com várias pessoas, de culturas, raças e credos diferentes e distantes sem ter visto ou falado pessoalmente.

No tema 1 – Familiarização com o ambiente *online*: foi sem dúvida muito curioso ver a quantidade de mensagens que chegavam, em que cada um fazia a sua apresentação de uma forma sucinta. Aprendi que também haviam outros fóruns destinados, cada um para o seu efeito.

No tema 2 – Ser estudante *online*: foi um trabalho em que já exigia um pouco mais, quer individual quer em grupo. Sem dúvida que o “grande” obstáculo que tem de ser ultrapassado por todos e para que se obtenha o sucesso no final é ler. Ler os documentos que fazem parte de um determinado trabalho, são importantes para a resolução do mesmo. E, trabalhar em grupo é um pouco mais difícil no ensino a distância (na minha opinião), uma vez que existem prazos a cumprir, independentemente se o estudante dá ou não, o seu contributo. Este tema foi muito importante, porque clarificou alguns pontos essenciais para que pudesse conciliar toda a minha vida pessoal, profissional e académica e conseguir chegar ao final do dia com tudo a que me propôs fazer, ficar feito. É obvio, que na qualidade de mãe, profissional e ser dona de casa, já tenho que obrigatoriamente ter um plano traçado com essas tarefas. No entanto, terei de as reorganizar, pois tenho agora que incluir a minha vida académica. Tudo passa por saber gerir o tempo para cada uma das situações.

No tema 3 – Este tema foi muito importante e esclarecedor no que diz respeito ao porquê de um plano para cada unidade curricular, e como serei avaliada. Saber todos os passos que são necessários para cumprir um determinado trabalho é excelente e vai ajudar-me, com certeza, a elaborar-lo sem esquecer ponto algum. Também existem os docentes que estão sempre prontos a ajudar, bem como os outros colegas que são parte integrante neste processo. Apesar da comunicação não ser em tempo real, a informação consegue-se em tempo útil,

utilizando os fóruns disponíveis para debate, discussão e partilha de ideias com os outros colegas e docentes. A importância de se cumprir algumas regras éticas, como por exemplo, sempre que se retirar um excerto de um livro, tem de se mencionar a fonte consultada.

Esta experiência foi, de facto, muito boa, enriquecedora e essencial.

E-Fólio A: O que aprendi?

Estudante: H.R

A frequência do Módulo de Ambientação permitiu familiarizar-me com a plataforma de aprendizagem da UAb a vários níveis, desde a abertura, consulta e envio de documentos, até à colocação e resposta a mensagens nos fóruns.

Paralelamente, foi-me oferecida a oportunidade de desenvolver competências de comunicação *online*. Neste aspecto em particular, julgo que a minha participação poderia ter sido mais assídua e abrangente (participação não só nos fóruns mas também no Café Virtual), pelo que o desenvolvimento das minhas competências poderá ter ficado aquém do pretendido.

A falta de assiduidade referida anteriormente ter-se-á prendido com uma gestão do tempo e de organização pessoal menos eficientes do que seria desejável. No entanto, este período de ambientação foi essencial para me aperceber da importância desta questão e da necessidade de fazer um planeamento exequível do meu tempo dedicado aos estudos, bem como para reflectir sobre o meu grau de empenho neste novo percurso académico e, desde logo, no grau de “sacrifício” que estou disposta a fazer dos meus tempos livres.

De igual modo, tive contacto com os instrumentos do Modelo de Aprendizagem da UAb, nomeadamente, o PUC – que se apresenta como um documento extremamente útil e orientador – e o e-fólio.

Por fim, os trabalhos de reflexão realizados no final de cada Tema, incluindo este e-fólio, revelaram-se essenciais para uma aprendizagem mais consciente. Assim, parece-me que as capacidades que desenvolvi neste âmbito deverão ser aplicadas ao longo de todo o curso, uma vez que me permitirão ir aferindo a eficácia da estratégia de estudo adoptada e, caso se revele necessário, tomar medidas para a sua redefinição, tendo em vista alcançar os objectivos que tracei para o meu percurso académico na UAb.

E-fólio: O que aprendi?**Estudante: H.C**

Iniciei a participação no módulo de ambientação com a atualização de perfil, ao editar os dados do formulário e com uma nova foto, o que poderia parecer somente um detalhe, mas logo percebi que em um ambiente de interação remota é importante essa personificação.

Com relação aos instrumentos de comunicação acredito não ter tido maiores dificuldades, pois tive a oportunidade de acessar vários tópicos de discussão, e pude registrar minha participação em alguns. Além disso, consegui efetuar o *login* no e-mail institucional e observei que a princípio o mesmo está a funcionar corretamente. Pude perceber uma diferença na dinâmica do contacto entre o e-mail e a plataforma, sendo o fórum certamente o meio mais apropriado para comunicação diária. Também tive acesso aos materiais do módulo de forma relativamente tranquila.

Logo resolvi inserir uma curta apresentação no tópico criado para este fim. Não poderia deixar de registrar que não participei das interações anteriores devido à impossibilidade de acessar a turma do módulo de ambientação, durante vários dias mesmo com o meu *login* de aluno ativo, por quais motivos técnicos realmente não sei responder. O que acabou por prejudicar de certa maneira minha avaliação em relação à gestão do tempo *online* e organização pessoal, que para mim é algo completamente novo por tratar-se de *e-learnig*.

Ainda precisarei trabalhar melhor com as ferramentas pedagógicas, como o Cartão de Aprendizagem, e os próprios e-fólios como este que estou a redigir agora, por isso considerarei qualquer *feedback* de grande importância e muito útil. Importante também a indicação do modo correto de citar as referências bibliográficas, visto que em algum momento será necessário embasar-se em publicações diversas, o que é fundamental e cotidiano em um ambiente acadêmico.

Espero poder adaptar-me o quanto antes a todos os recursos disponíveis, e estou com boas impressões do ambiente de aprendizagem de modo geral.

Módulo de Ambientação Online**E-fólio: O que aprendi?****Estudante: H.V, nº1400935**

O MAO (Modulo de Ambientação Online) permitiu a aquisição das competências necessárias para o sucesso de um individuo enquanto estudante online, nomeadamente na correta utilização das demais ferramentas disponibilizadas pela UAb, na gestão do tempo (não só enquanto estudante, mas também em ambiente profissional, social e familiar) e na aplicação das regras de etiqueta online.

O MAO facilitou também a aproximação dos estudantes recém-chegados à UAb, fomentando a participação de todos nos diversos temas e na partilha de conhecimento e experiencias vividas pelos demais.

Numa opinião pessoal o MAO revelou-se muito importante pois permitiu conhecer a fundo as regras do modelo de ensino praticado pela UAb, compreender os pontos mais importante no e-learning, métodos de estudo e avaliação, gestão de tempo e organização pessoal. Este módulo permitiu e facilitou ainda o conhecimento e interação com todos os intervenientes no módulo, quer entre os alunos e professores como também entre os próprios alunos.

Reflexão sobre o módulo de ambientação

Estudante: I.S

Ao frequentar este módulo de ambientação proporcionado pela Universidade Aberta, verifiquei, que a comunicação em ambiente virtual para mim foi de fácil adaptação, pois até agora não senti qualquer dificuldade na consulta de documentos e colocação de mensagens/respostas nos fóruns. A comunicação *online*, permite-nos participar nos temas abordados, sem um horário rígido, o que não me seria possível presencialmente, devido às restantes atividades do meu dia-a-dia. A organização pessoal é um ponto-chave para se conseguir fazer uma aprendizagem através do método de e-learning, bem como, a elaboração de um plano com a gestão de tempo bem definida é fundamental. O Plano de Unidade Curricular, vai-nos permitir a elaboração desse mesmo plano atempadamente, sendo possível pequenos reajustamentos sempre que necessário. O Cartão de Aprendizagem permite-nos ir conhecendo ao longo do semestre a classificação dos vários e-fólios elaborados. No meu caso a avaliação contínua é a melhor opção, uma vez que tem como obrigatoriedade a realização de vários e-fólios ao longo do semestre, reforçando assim que o plano de estudos esteja bem definido, assim como, a gestão de tempo bem elaborada. Na elaboração de qualquer trabalho ou discussão *online*, não podemos nem devemos esquecer todas as questões de éticas inerentes. Em jeito de conclusão, penso que este módulo de ambientação

foi muito útil para familiarização do modelo pedagógico aplicado pela Universidade Aberta.

Tema: O que aprendi?

Estudante n:1400997 – L.L

E-fólio

Começando por agradecer a oportunidade que me foi concedida no espaço Ambiente *Online*, apesar de ser a minha primeira experiência em estudos *online* este curso contribuiu para uma melhor percepção daquilo que é ser estudante *online*, sempre ouvi falar deste método de ensino mais nunca tive a curiosidade nem a oportunidade de poder ingressar em algum. Mais portanto é chegada a altura e é dada a oportunidade que as coisas aconteceram e cá estou eu a participar para alavancar os meus conhecimentos.

Durante as duas semanas em que o curso decorria foi nos lançado vários desafios, ou seja vários temas para contribuímos com as nossas ideias

Aprendi como entrar e comunicar num fórum, como colocar mensagens nos fóruns, como responder ou debater nos fóruns e como enviar documentos digitalizados nos fóruns.

Ainda aprendi que durante o curso com a participação e as ideias dos colegas algumas praticas sobre gerir o meu tempo, como por exemplo, métodos que irei realizar ao longo do ano académico de modos a facilitar a minha aprendizagem e melhor organização.

Aprendi como tirar partido dum debate, ou seja, tirar partido dum fórum aonde os colegas partilham todas as suas ideias sobre os temas propostos pela Formadora.

Aprendi a respeitar as regras de etiquetas *online*, a ter em atenção tudo aquilo que escrevemos tudo aquilo que consultamos para melhor a compreensão dos restantes intervenientes do fórum, duma maneira mais clarificada aprendi que devemos sempre mencionar as fontes de pesquisas que na qual nos baseamos para apresentarmos as nossas ideias sobre uma determinada questão a ser debatida no fórum.

Aprendia a familiarizar-me com as ferramentas que na qual em principio pensei que seria um bicho de sete cabeças, foi preciso estar atento a todos os temas e a todas as intervenções dos colegas que me foi ajudando a dar um avanço significativo para entendimento desta ferramenta.

Nos seguintes Fóruns, como fórum dúvidas, Café Virtual que foram ferramentas que ao nível de aprendizado foram muito praticas e essências para a ambientação *online*.

No fórum dúvidas aprendia a expor e ser esclarecido sobre todas as dúvidas que surgissem ao longo dos temas discutidos nos outros fóruns.

Já no fórum Café Virtual este assemelha-se a outros grupos virtuais criados entre amigos, como por Exemplo: No Viber ou facebook que já me são familiares, aonde podemos falar de tudo um pouco nos conhecermos trocarmos email, telefones etc etc.

Para concluir, dizer que estou muito contente por ter frequentado este curso de ambientação *online*, pois foi muito útil para mim, palavras não cabem para fundamentar tudo aquilo que aprendi durante o curso.

É de parabenizar a nossa formadora pela paciência e pelas abordagens e suas intervenções nos temas aonde fui contribuindo, repassando para mim um exemplo de como utilizar as ferramentas para ter um ano lectivo repleto de sucessos.

Obrigado.

Universidade Aberta - M.A.O.

E-fólio A

Estudante: L.B

Comentários às competências desenvolvidas neste módulo.

Usar com proficiência instrumentos de comunicação em ambiente virtual: ao ter experiência no e-learning, não tive problema nenhum e a adaptação foi agradável no seu conjunto.

Desenvolver competências de comunicação *online*: neste aspecto posso dizer que a apresentação e a etiqueta dos participantes foi mais elaborada do que eu conhecia doutras experiências anteriores e, seguindo as instruções dadas por D^a Maria João Spilker, não tive problema.

Desenvolver competências de gestão do tempo *online* e de organização pessoal: quanto a isto já verifiquei que devo trabalhar na procura de tempo diário para o estudo; até agora estudava ao meu ritmo, agora há obrigações e prazos a cumprir.

Aprender a usar instrumentos inerentes ao modelo pedagógico da Universidade Aberta: não tive problemas, só um pouco de medo ao princípio porque nunca tinha tido esta experiência numa segunda língua.

Desenvolver capacidades de reflexão sobre aprendizagens realizadas: apenas hei de dizer que descobri que a autocrítica é uma tarefa delicada e que no acaba nunca e que às vezes sou um pouco parco em palavras.

O que aprendi?

Aluno nº 1400929 – L.F

Ao decidir participar neste curso, uma das curiosidades que tive foi a forma como iria interagir com todo o universo a ele associado. Como seria a ligação à Universidade, a comunicação com os professores, a relação com os outros alunos. Tudo isso era para mim desconhecido e, portanto, levava a que me interrogasse da forma como seria feito. O Módulo de Ambientação esclareceu as minhas interrogações e satisfaz a minha curiosidade.

Para além disso, este módulo inicial serviu também para melhor perceber as minhas competências de comunicação *online*, na utilização de instrumentos de comunicação em ambiente *online* e na gestão do tempo.

Atualmente, grande parte das nossas atividades diárias, no trabalho, nos assuntos domésticos e familiares, na relação com os amigos, são efetuadas *online*. Isso leva a que tenhamos desenvolvido capacidades e competências nesta matéria que fazem que o consigamos fazer com alguma facilidade. O mesmo se aplica à utilização de instrumentos de comunicação em ambiente *online*. Quem é que nunca respondeu a uma mensagem num qualquer fórum *online*? Enviar ficheiros através de email ou submeter um documento num site é também, e cada vez mais, uma tarefa usual no nosso dia a dia. A participação neste módulo fez-me ter mais consciência de toda esta matéria.

Foi relativamente à utilização de instrumentos inerentes ao modelo pedagógico que, na minha opinião, este módulo foi mais útil. Foi “navegando” pelo sítio da Universidade que fui conhecendo melhor esses instrumentos que irei necessitar no decorrer das atividades letivas.

Outro ponto que considero positivo foi à consciência de que é necessário melhorar a gestão do tempo. Os nossos dias passam e ficamos com a ideia que não temos tempo para nada. Com este módulo concluí que não é bem assim. Com disciplina e organização, se pararmos um pouco para refletir sobre o modo como utilizamos o nosso tempo, conseguimos geri-lo melhor fazendo com que tenhamos tempo “livre” que antes não tínhamos.

Concluo dizendo que considero este primeiro contacto bastante positivo e que fico agora a aguardar com expectativa o início oficial do curso.

E-fólio : O que aprendi?

Estudante: M.K

O Módulo de Ambientação *online* elaborado pela Universidade Aberta deveria permitir a estudante adquirir as competências em usar a plataforma de e-learning, familiarizá-lo com o modelo pedagógico e mostrar que a organização do tempo é o aspeto fundamental. A perguntas são: Consegui desenvolver todas estas competências? Adquiri o conhecimento adequado?

A minha resposta é simples: sim, consegui desenvolver e conhecer tudo que é importante e necessário.

Sei que a minha participação nos foruns não foi ativa, mas isto não significa que o Módulo de Ambientação não me importa. Sou a pessoa concreta, não gosto de escrever milhão de mensagens sobre um assunto e por isso as minhas respostas nos foruns eram breves mas expressaram tudo o que acho. No entanto, li todas as mensagens das minhas colegas e estou feliz que cada um é inteligente e tem a sua própria opinião. Acho que no próximo futuro eu também vou ser mais „corajosa” em expressar as minhas opiniões e em partilhar todas as minhas dúvidas.

Agora, graças ao Módulo de Ambientação, sei o que significa ser o estudante *online*, sei que a organização do meu tempo é fundamental e como é o modelo pedagógico. Sinceramente, estava com medo de estudar *online* porque não sabia o que esperar. Durante o Módulo de Ambientação tudo ficou claro e não posso esperar de começar estudar.

Ademais, acho que estudar na Universidade Aberta permitirá desenvolver as minhas competências linguísticas, porque o português não é a minha língua materna. Espero que não cometi muitos erros.

Com os melhores cumprimentos,

Competências adquiridas

Estudante: M.F

Não sei muito bem por onde começar, por um lado acho que não tirei o proveito que deveria ter tirado com este modulo de ambientação, por motivos vários, os afazeres foram mais do que muitos e o facto de não me sentir ainda muito a vontade com este ambiente E-learning

também não ajudou, vem aí o fim de semana, vou tentar aproveitar o tempo e tentar fazer umas pesquisas, para já tudo é novidade para mim.

Por outro lado, tenho imensa vontade em começar com esta formação, sempre gostei muito desta área (Psicologia, Serviço Social), espero conseguir com sucesso ambientar-me rapidamente a este ambiente de ensino *online*, acredito que não vai ser fácil conseguir gerir o tempo entre as obrigações profissionais, a família etc.

Tenho contactado alguns colegas que já frequentaram a Universidade aberta no sentido de perceber se as dificuldades pelas quais estou a passar se são comuns e qual a opinião deles em relação a este assunto.

De uma coisa estou certa, a minha vontade em aprender e conseguir integrar-me com todo este ambiente é muita, apesar de todas estas condicionantes posso concluir que aprendi que vai ser uma aprendizagem diferente pelo facto de não termos contacto com os formadores, os colegas. Contudo, fiquei a saber que estaremos sempre acompanhados por um ou mais Tutor, que irá fazer um acompanhamento de cada grupo bem como do espaço virtual que nos permitirá uma aproximação, troca de experiências/aprendizagem e esclarecimento de dúvidas.

Tomei conhecimento da forma em como será feita a nossa avaliação, da existência de um plano Curricular cada aluno terá que optar pelo que achar mais adequada, se a avaliação continua ou não.

A avaliação através do método de e-fólios pelo que depreendi irá facilitarmos na medida em que podemos fazer uma melhor gestão do nosso tempo, será uma avaliação muito ligada à utilização do fórum, na partilha de cruzamento de informação /conhecimentos e troca de impressões.

Percebi o quanto irá ser importante a forma como escrevemos como nos expressamos, teremos que ter um cuidado acrescido com a escrita, aqui não podemos usar expressões faciais logo a nossa escrita será a única forma que temos disponível para expressarmos o que efetivamente queremos transmitir.

Em forma de resumo, e pelo que li nos vários documentos que nos foram disponibilizados será de extrema importância nesta aprendizagem, neste ambiente *online*, a nossa participação nas discussões/fóruns, teremos que saber trabalhar em grupo tanto quanto de forma individual.

O que aprendi?**Estudante: M.P**

Recuando algum tempo, quando me matriculei nas Unidades Curriculares pretendidas, senti que iria enfrentar um grande desafio. Tudo me assustava quando pensava que o curso era online, nem imaginava que fosse possível, perguntava-me frequentemente, “onde?”, “porquê?”, “quando?” e “como?”, até que tomei conhecimento do Módulo de Ambientação 373 (MAO, Universidade Aberta). Aderi ao Plano de Ambientação na data correspondida. Confesso que a informática era o meu maior receio, mas calmamente vou descobrindo e redescobrindo como usar com proficiência os instrumentos de comunicação em ambiente virtual. Com a ajuda da docente Maria João Spilker, tudo se está a tornar mais fácil, pois as suas instruções e algumas “dicas” são cruciais. Aprendi a comunicar virtualmente, o que me permite desenvolver as competências de comunicação online, embora, ainda me sinta insegura em certos contextos, como por exemplo, a participação numa discussão de um determinado tema, num fórum, pois por vezes não consigo aplicar toda a ética que seria de esperar para fundamentar uma discussão. Para melhorar esta competência tenho vindo a gerir o meu tempo, o que me tem facilitado na conclusão das minhas tarefas diárias. Tirei como experiência, que basta um dia sem consultar a plataforma para perder um pouco sobre a sequência da discussão. Neste momento tenho consciência da importância do Módulo de Ambientação, pois sem um treino prévio, o percurso seria menos fácil, e concluo que adquirir os conceitos com sucesso. As bases que foram abordadas neste Módulo, com o decorrer do curso que me propus a frequentar vão ser melhoradas ao longo da evolução do percurso académico. Neste momento, sinto-me preparada para iniciar este desafio! Os meus parabéns a todos pelo Módulo de Ambientação 373!

E-fólio: O que aprendi**Estudante: M.S.G - 1400932, LLA**

Aprendi que, devemos saber gerir de forma eficaz o nosso tempo, bem como organizar e planear o nosso trabalho, para que todas as tarefas sejam cumpridas nas datas estabelecidas. No âmbito do Ensino a Distância, torna-se imprescindível administrarmos eficazmente o nosso tempo, a fim de torna-lo um aliado para alcançarmos os objetivos e metas a que nos propusemos e cumprirmos com os nossos compromissos de forma a obtermos os resultados pretendidos. Os

conceitos tradicionais de administração do tempo, nomeadamente o planejar de decisões, definir de prioridades, estipular prazos e analisar resultados, devem estar mais presentes no cotidiano do estudante. Relativamente aos instrumentos de comunicação em ambiente virtual, e considerando todas os conhecimentos adquiridos, não encontrei qualquer dificuldade no processo de ambientação *online*. No desenvolvimento de competências de comunicação, entre as questões importantes que foram abordadas, figuram as aplicações das regras de etiqueta, bem como as regras de ética que devem ser respeitadas. As regras são importantes na medida em que ajudam, a orientar-nos na nossa acção e a relacionarmo-nos melhor com o outro. Por fim, considero a aplicação do Modelo Pedagógico Virtual da UAb, um excelente guia para nos instruir no percurso académico, pois esclarece todas as dúvidas em volta deste modelo de ensino. De seguida em formato resumido, as características principais de cada um, dos três dispositivos pedagógicos estruturantes: - O Plano de Unidade Curricular (PUC): É elaborado pelo professor, para cada Unidade Curricular (UC) um plano que define o percurso de aprendizagem, a ser seguido pelos estudantes, ao longo do semestre. - Cartão de Aprendizagem (CAP): é um dispositivo pessoal inerente à modalidade de avaliação contínua, para cada unidade curricular. - Plano de Atividades Formativas: Estas atividades são diversificadas e não classificadas, pois servem para auxiliar o estudante na sua autoavaliação, levando-nos a identificar os nossos pontos fortes e fracos. Para fechar, deixo uma frase de Lévy, com a qual me identifico momentaneamente: "Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos" (LÉVY, 1999, p.157).

O que aprendi? (E-fólio A)

Estudante: N.A.P.P

A ambientação e experiência que me foram proporcionadas nestas duas semanas, foram decisivas para um enquadramento mínimo do que é estudar em formato virtual, vulgo *e-learning*.

Interessa testemunhar que foi uma agradável adaptação, atendendo que já tive a oportunidade de "vivenciar" o estudo universitário em ambiente real e comparando os dois modelos de integração, verifico que a Universidade Aberta se apresenta na vanguarda do acolhimento aos seus alunos. Reforço e sublinho que estou neste momento melhor preparado para utilizar as ferramentas da

plataforma eletrónica, não me considerando nesta fase inicial do curso um “estranho” com os meios disponíveis, docentes e/ou colegas.

Não senti dificuldade em adaptar-me à utilização dos instrumentos de comunicação em ambiente virtual (abrir documentos, colocar uma mensagem nos fóruns, responder a mensagens nos fóruns, enviar ficheiros, documentos e submeter um trabalho), atendendo a que na minha atividade profissional, o ensino através de *e_learning* é periódico e recorrente. Desconhecia, no entanto, como deveria aplicar as regras de etiqueta que se exige na comunicação *online* (apenas me baseava no “bom senso”).

Constatai, por outro lado, que para atingir o sucesso pretendido, no curso em que fui integrado, é necessário manter uma disciplina rigorosa na gestão do tempo e prioridades. Este facto também reforçou a minha intenção inicial de optar por uma avaliação contínua que me mantenha em maior contacto com a Universidade, docentes, colegas e restantes estruturas da organização.

Aprendi a utilizar instrumentos que fazem parte do modelo pedagógico da Universidade Aberta, tais como o PUC, o Cartão de Aprendizagem, *e-fólio*, bem como a importância da avaliação presencial, categorizada por *p_fólio*.

Uma nota final de agradecimento aos docentes desta Universidade, com especial enfoque para a Prof. Dra. Maria João Spilker, que foi indubitavelmente um fator decisivo para a minha integração e apreensão do Programa de Ambientação!

Agora estou ainda mais expectante e motivado para o início do semestre escolar! Obrigado!

Boa noite,

Estudante: O.A

Lamento mas estou com muito pouco tempo.

Gostava de ter dedicado mais tempo ao módulo de ambientação, mas não me foi possível.

Gostei.

Cumprimentos,

O que Aprendi

Estudante: P.S

Este modulo de ambientação foi muito útil e fácil em usar. Eu nunca antes tive contacto com uns estudos *online* e graças a este curso posso ver como vai ser estudar desta maneira. Expressões como unidade curricular, cartão de aprendizagem, e-folio, etc. foram um mistério para

mim e agora quando tudo foi esclarecido e explicado nos fóruns parece claro e fácil.

Todas as informações e instruções eram muito claras e as pessoas ajudaram uns aos outros sem problemas. Graças aos fóruns podemos conhecer outras pessoas que também vão estudar nesta universidade e o mais surpreendente (da forma positiva) para mim é o facto de que há pessoas de diferentes países e em diferentes idades. As conversas e troca de opiniões também muito ajudam em planear o tempo no todo o semestre. Começo a pensar sobre que método de estudar será mais apropriado e confortável para mim.

Depois da matrícula tive muitas dúvidas como funciona este tipo de estudos e se eu consegui perceber tudo, e acho que graças a este módulo agora quase todo foi esclarecido. Sabemos como vai ser a avaliação e o programa do ano letivo. Sinto-me bem preparada e sei que sempre pode contar com a ajuda das outras pessoas.

O que aprendi

Estudante: J.P.G

Durante este período, apesar de algumas dificuldades em termos de gestão de tempo, consegui, embora não a cem por cento, integrar-me neste contexto de aprendizagem em ambiente online e gradualmente também familiarizar-me com o modelo pedagógico adotado pela UA.

Iniciei a minha utilização dos instrumentos de comunicação, colocando e respondendo a mensagens, apresentando as minhas ideias e opiniões de forma objetiva e participativa. Consigo entrar nos fóruns, comunicar com colegas e professores, responder a inquéritos, consultar todas as áreas da UA.

Consegui fazer a minha apresentação pessoal, responder ao Questionário Diagnóstico, Atualização do Perfil (falta foto), participei no fórum de discussão Ser Estudante Online, efetuei leitura dos documentos Aplicação do Modelo Pedagógico e Normas a Observar e naveguei nos diversos links de apoio.

Este meu primeiro contacto no âmbito da ambientação não tem decorrido da forma que eu mais gostaria, mas tem significado para mim um sinal de alerta importante para que através do erro se chegue ao certo. Reconhecimento de pontos importantes dos quais saliento a Gestão do Tempo e a Comunicação Atempada como fatores críticos para o sucesso desta minha etapa. São sem dúvida pontos a melhorar.

De qualquer forma conto convosco professores e colegas, os primeiros nos alertas e na definição dos objetivos e os segundos na

discussão e entreaajuda fundamentais para que este grupo que agora se inicia atinja todos os objetivos.

Cumprimenta,

E-fólio A O que aprendi?

Estudante: S.C.S.B – 1400925

Licenciatura em Ciências Sociais

O Módulo de Ambientação apresentou-se como o primeiro desafio de muitos desafios que espero desta licenciatura.

Relativamente ao objetivo de usar com eficácia os instrumentos de comunicação, considero que foi superado, as dificuldades que senti não foram ao nível funcional, mas sim em expor as minhas opiniões ou defender uma ideia num ambiente virtual.

Cheguei rapidamente à conclusão que a minha maior dificuldade é a comunicação em si, participar numa discussão ou intervir.

Quanto à gestão do tempo online, não tenho muita opção, o horário disponível entre um trabalho a tempo inteiro e um filho não me deixa muito tempo livre, mas gerindo e aproveitando bem cada hora disponível, espero conseguir atingir os meus objetivos. Mantenho-me otimista.

Considero que este módulo foi muito útil no sentido em que consegui perceber qual o melhor método de avaliação para o meu perfil, uma dúvida que persistia, e que neste momento está mais clara.

Apesar de ter feito por participar na maioria dos desafios, ao que foi solicitado e proposto, chego à conclusão que o método de avaliação contínua não será o mais indicado. Penso que a minha participação foi um tanto ou quanto fraca, em relação aos meus colegas que pude verificar que têm mais facilidade em se exprimirem e até fomentarem uma discussão online. Em termos de organização pessoal e de conhecimento considero que com no método de avaliação final terei melhores resultados.

Concluindo, este módulo foi bastante enriquecedor e essencial para um melhor desempenho durante as UC's e perceber como funciona o Modelo Pedagógico da Universidade Aberta.

Bom dia,
Estudante: S.F

O meu Percurso neste módulo de aprendizagem foi positivo pois colocou-me no caminho da comunicação online que já não fazia á muito tempo. Eu sou uma pessoa que gosto de comunicar, gosto de falar e consigo exprimir-me muito bem verbalmente, neste modelo a dificuldade é passar os pensamentos para o papel. Gostei muito da abordagem dos professores principalmente na motivação e estímulo virtuais que foram dando aos alunos, fiquei muito surpreendido e pela positiva pelas inúmeras nacionalidades dos colegas de curso. Não achei difícil o Modulo de Ambientação, creio que as dificuldades surgirão no planeamento e gestão do tempo a dispensar por cada disciplina. Tenho muita facilidade e conhecimento a trabalhar com vários programas de computador pelo que também não senti dificuldades na plataforma. Esperava já ter mais ferramentas disponíveis do curso, bem como as datas de exames e manuais. Em resumo o Modulo de Ambientação foi muito positivo e espero poder tirar o máximo partido desta aprendizagem.

O que aprendi?
Estudante: S.A

Ao longo destas 2 semanas de ambientação on-line, fiquei bastante surpreendida com a plataforma de “e-learning”, sendo eu uma ‘caloira’ nestas andanças. Usando o ambiente virtual assiduamente por questões profissionais, não me foi difícil interpretar o acesso dos/aos diferentes “menus”.

A plataforma está bem conseguida, sendo bastante objectiva e de fácil manuseamento.

Confesso que de início estava bastante renitente relativamente ao acompanhamento do aluno por parte dos professores, mas os fóruns ajudaram-me bastante a dissipar essa ideia.

Cheguei à conclusão que o ensino on-line dá-nos a possibilidade de a qualquer momento, tirarmos dúvidas, dar a nossa opinião, pedir ajuda a colegas de turma, etc.

O MAO foi a chave que me abriu a porta para o universo estudantil (virtual).

Através do mesmo e à medida que eram adicionados novos tópicos com prazos de resposta, fui ficando cada vez mais incentivada e a querer mais. Percebi a importância de ir todos os dias à plataforma,

pois só assim será mais fácil a minha adaptação e a comunicação entre todos (estudantes e professores).

Relativamente ao modelo de avaliação que escolhi (contínua) por enquanto, não tenho dúvidas, mas irão surgir com certeza ao longo das UC'S.

Julgo que a única dificuldade que ainda apresento, é na gestão do tempo, dado que tenho uma vida profissional muito activa e duas filhas pequenas em idade escolar. Mas, nada que não se resolva com organização e força de vontade!

Considero que a minha participação no MAO foi positiva e aguardo ansiosamente pelos próximos desafios.

Saudações estudantis!

E-fólio modulo de ambientação – o que aprendi.

Estudante: S.C

Na universidade aberta, encontrei a possibilidade através desta experiencia de ensino a distancia, poder usufruir diariamente, do espaço de comunicação virtual, que me permite como estudante frequentar em ambiente *online* o curso a que me propus.

Foi muito importante o módulo de ambientação, para me familiarizar com esta aprendizagem que senti alguma dificuldade de adaptação confesso, apesar de no meu dia a dia estar habituada a este tipo de ferramenta, porque já frequentei alguns cursos de formação em módulo elearning, mas não tinha experiencia desenvolver competências de comunicação *online*, aqui foi muito útil o acompanhamento e orientação da professora. A maior dificuldade foi começar, desta forma virtual e não a presencial.

A apresentação dos trabalhos *online*, a consulta de documentos, achei muito interessante a aprendizagem e partilha a participação nos fóruns, e comunicação *online* de outros estudantes de várias partes do mundo.

A gestão do tempo e a organização pessoal foi o tema de maior importância para a progressão e sucesso deste curso. Este será um grande desafio e uma aprendizagem diária, distinguir o que é prioritário e urgente para poder cumprir com os estudos, a realização das tarefas que me são propostas ao longo do curso. E por sua vez conjugar a minha vida pessoal e profissional.

O plano de unidade curricular – PUC, serviu para ficarmos a saber os objetivos da Unidade Curricular - UC, quais as competências a desenvolver, como planear os estudos e gerir o tempo.

O modelo de aprendizagem continua é o mais eficaz. Este modelo de aprendizagem fica registado no cartão de aprendizagem – CAP, bem como os e-fólios, avaliação eletrónica de acordo com o calendário são submetidos à apreciação e classificação do professor no espaço virtual de cada unidade curricular e o p-fólios avaliação presencial, prova escrita que vai completar a avaliação realizada eletronicamente. A classificação fica registada e permite no final do semestre aceder ao cartão de aprendizagem ficando assim a saber qual a classificação obtida na unidade curricular.

Os documentos disponibilizados foram muito uteis para a melhor compreensão desta aprendizagem, ficou claro que apesar da permissão de consulta seja ela em formato eletrónico suportes cd-rom e demais pesquisa na internet bem como em suporte de papel ou de outras fontes esta deverá ser feita sempre com indicação das fontes onde foram consultadas.

Assim as regras de ética devem ser respeitadas na realização dos trabalhos académicos, para que o trabalho do aluno não seja considerado “plágio”.

Resta acrescentar que tive alguma dificuldade em apresentar o trabalho que vou colmatar esta falha este fim de semana porque tive dificuldade na instalação do Word.

Consulta dos manuais Plano do Módulo de Ambientação. Módulo de ambientação *online* questões de ética e referencias.

Consulta de trabalhos na internet.